Jan. 1921
Mai 1921

ALBUM

"O Jornal" — 11 Jan. 1927

AS MULHERES E AS CABEÇAS CORTADAS

Ha, sem que pareça, uma estranha e mysteriosa attracção entre a alma das mulheres e as cabeças decepadas de que ellas odeiam. Pelo menos é essa a lição que nos dá a historia, muito curiosamente, sem que para ella se encontre explicação plausivel...

Mas o facto não deixa por essa razão de ser facilmente constatado.

E' até sobremaneira interessante a volupia das creaturas femininas deante da cabeça cortada daquelles ou daquellas que cruelmente odiaram.

Parece que isso lhes dá uma sensualidade infernal e tão poderosa que a ella se não podem esquivar e antes a procuram, pondo em jogo todos os meios possiveis para obtel-a.

A Biblia nos fornece um exemplo admiravel. A morena e formosa Judith vae á tenda de Holopherne, que sitiára a sua cidade, e capitosamente envolve o sar assyrio com a sua tentação voluptuosa. Embebeda-o com o vinho das krateras e dos rhytons; embebeda-o com a luz estonteante dos seus olhos. E o chefe barbaro adormece no leito a cuja cabeceira pende o seu gladio nú. Logo ella lhe decepa a cabeça e com ella apertada sobre o seio, ainda quente, rangendo os dentes, corre para os muros do seu povo. Não ha nesse episodio sómente patriotismo feminino, dosado de um pouco de ferocidade. Não. Ha, em alta percentagem, essa profunda e mysteriosa attracção das mulheres pelas cabeças decepadas, documentada através de dezenas de seculos, que vem do Oriente lendario á praça da Gréve, em Paris, onde, durante o Terror, as megeras "lambedeiras" da guilhotina insultavam as cabeças que os carrascos amostravam do alto do tabosdo sangrento.

São duas mulheres ligadas á historia do povo de Israel, as duas cujas figuras se perpetuaram por causa da cabeça de Iokanan. Herodiade, cheia de odio, soprou á filha a idéa de pedil-a. Salomé dansa semi-nûa deante do tetrarcha e dos romanos, para obtel-a. E o odio da concubina de Herodes prolonga-se na memoria dos homens como o sensualismo ardente da dansarina magnifica. A cabeça sem vida do Baptista deu vida a essas figuras femininas sinistras e ao mesmo tempo attrahentes. E a Salomé da téla de Regnault e a Salomé das paginas de Wilde dão-nos ás vezes até o desejo de termos um dia a nossa cabeça entre mãos assim, errantes, quentes e deliciosas...

As mulheres de Israel não são as unicas que têm o privilegio de amar o contacto frio das cabeças decepadas. Essa inclinação é de todas as mulheres que odeiam em qualquer parte do mundo. E se no presente os factos semelhantes não mais se repetem é que os serviços de policia e o receio das punições os impedem. Se assim não fôra, as mulheres que pudessem continuariam a cortar cabeças de homens e mesmo de outras mulheres. Ora, se não.

Os historiadores antigos narram que Cyro, fazendo guerra aos scythas foi derrotado e morto no campo de batalha. Os guerreiros inimigos apoderaram o seu corpo e levaram-n'o á sua rainha Thomyris. Esta logo ordenou que cortassem a cabeça do Rei dos Reis. Tendo-a na mão, disse-lhe injurias crueis; depois, metteu-a num odre de sangue, para que se fartasse morto desse liquido que tanto gostava de derramar, quando vivo. E não a mandou jogar fóra, guardando-a comsigo o mais que pôde como as outras tinham conservado a cabeça hirsuta de S. João.

Quando o consul Manlio fez a accidentada campanha da Syria, derrotou completamente os gallo-gregos, os celebres galatas, descendentes degenerados dos gaulezes de Brennus que após os acontecimentos de Epheso se tinham fixado na Asia Menor e se tinham amollecido ao contacto da deleitosa civilização oriental. Um dos centuriões de Manlio, segundo diz Valerio Maximo, fez prisioneira a mulher de Ortiagon, rei desse povo, que se chamava Chiomara e era de rara belleza. Não se conteve á espera do resgate que por ella pediu, e violentou-a.

Os galatas trouxeram a um logar esquivo o ouro do resgate. O centurião ali a levou, para recebel-o. Então, ella ordenou aos seus patricios que o matassem e lhe decepassem a cabeça. Della novamente se apoderou e, apertando-a, como Judith fizera a Holophernes, de encontro ao peito, subiu as altas montanhas onde seu esposo e rei estava refugiado, indo depositar-lhe aos pés o ensanguentado trophéo.

O historiador Florus consubstancía o facto neste curto periodo final do paragrapho XI do livro II:

"Nam Orgiaguntis regis uxor, a centurione stuprum passa, memorabili exemplo custodiam evasit, revulsumque militis caput ad maritum suum retulit".

Os chronistas da epopéa do Islam narram outro caso comprobatorio da ferocidade do odio feminino e dessa sua proverbial paixão pelas cabeças separadas do tronco. A amazona persa Homai, na guerra entre os persas e os arabes, entre os adoradores do fogo, sectarios de Zoroastro, e os adoradores de Allah, sectarios de Mahomet, corta a cabeça altiva dum grande emir sarraceno, põe-n'a dentro de um sacco e galopa pelos areaes do deserto com ella pendurada assim do arção da sella, como uma provisão de viagem. E é o sol que a resecca e mumifica desta sorte, com o correr do tempo. Nas noites enluaradas e serenas, a amazona deita-se, com a sua cabeça repousando sobre esse travesseiro sinistro, o olhar perdido na amplidão estrellada do céo. E, depois, dorme serenamente.

Até na hagiographia christã, nas linhas iniciaes da creação dos santos e dos milagres, as mulheres surgem, demonstrando essa mysteriosa e profunda attracção.

O chefe normando Hauk, um dos primeiros descendentes dos conquistadores escandinavos do norte da França, irritado, segundo narra Schuré, com os milagres realizados pela cabeça de Santo Hildeberto, que se achava na egreja de Gouvray, ordena que a queimem. Prepara-se a fogueira. O soberano pagão e sua mulher, uma loura filha de Vikings, sentam-se defronte da pyra. As labaredas crepitam e ao meio dellas os soldados selvagens atiram a cabeça do santo. Logo, deante do espanto de todos, a cabeça fica suspensa no ar e vae pousar nos joelhos da mulher do chefe norueguez, que se converte e converte o seu marido e o seu povo, qual uma outra Clotilde.

Apesar das mulheres odiarem mais fortemente outras mulheres, inimigas ou rivaes, do que os homens, ellas gostam mais das cabeças destes do que das daquellas. O certo é que são muito mais raros os casos semelhantes aos já narrados acontecidos com cabeças de mulher. A historia antiga só registra um. E' Tacito quem o descreve nos Annaes, quando historia o reinado enlameado e ensanguentado de Nero. Depois de a terem morto, cortando-lhe as veias e afogando-a num banho muito quente, os assassinos de Octavia, que o imperador repudiára, decepparam-lhe a cabeça e levaram-n'a a Poppéa, que a recebeu no seu jardim, sentada á sombra dos myrtos e dos lentiscos, sorrindo de prazer...

No nosso paiz occorreu quasi o mesmo. A celebre Xica da Silva, amasia do poderoso contratador de minas, nos tempos coloniaes, João Fernandes, foi uma verdadeira Salomé do Sertão. Pela sua dansa lasciva conquistou aquelle magnate matuto e mandou uma feita cortar a cabeça duma rival, conservando-a, salgada, dentro de uma mala de couro.

Fóra desses dois exemplos, sempre se viram mulheres guardando ou apreciando cabeças de homens. E os casos tanto se repetem que a gente no intimo pergunta a si mesmo se em cada mulher não ha no fundo algumas parcellas de Herodiade, de Salomé ou de Thomyris.

Entretanto, os homens nunca apreciaram dessa maneira constante e forte as cabeças mortas das mulheres amadas ou odiadas. E um unico homem poz sobre a sua lyra, para cantar a sua saudade immensa, a cabeça daquella que procurára em cima e debaixo da terra, cheio de amor e de desconsolação. Mas os olhos vivos de Orpheu, fitos nos olhos mortos de Eurydice, não a fuzilavam de odio nem de sensualismo, porém se enchiam de lagrimas.

Afinal de contas, não ha duvidas, embora a todo o mundo se afigure o contrario, que os homens são menos crueis do que as mulheres.

João do NORTE.

"O Jornal" — 14 Janeiro 1927

Os ponchos e uma carta do sr. Gustavo Barroso

Do sr. Gustavo Barroso recebemos a seguinte carta:

"Sr. redactor — Peço-vos, para esclarecimento do publico, a publicação da seguinte rectificação:

Tendo o "Correio da Manhã" de ante-hontem publicado um "suelto" no qual dizia ter eu vendido ao Ministerio da Guerra cem ponchos por doze contos de réis, cumpre-me declarar que nada disso é verdade. As minhas relações com o referido ministerio são inteiramente de outra natureza. O excellentissimo sr. Pandiá Calogeras, honrado titular daquella pasta, resolveu adquirir ao pintor paulista senhor José Washt Rodrigues cento e vinte "planches" a aquarella, com uniformes historicos do Exercito brasileiro, desde a Independencia até hoje, trabalho de alto valor historico e artistico, ao preço de cem mil réis cada "planche", o que produz a somma de doze contos de réis. E eu, como procurador do referido sr. José Washt Rodrigues, morador á rua Cubatão 115, em São Paulo, com procuração bastante passada no cartorio do tabellião Felinto Lopes, naquella cidade, limitei-me a receber na Contabilidade da Guerra a referida quantia de doze contos de réis, remettendo-a ao seu proprietario por intermedio da casa bancaria Martinelli.

Ser-lhe-ia, sr. redactor, muito grato pela publicação desta.

Amigo, confrade e admirador, — Gustavo Barroso."

"Correio da Manhã" — 12 Janeiro 1927

Dos jornaes:

"O ministro da Guerra adquiriu ao dr. Gustavo Barroso 100 ponchos para o serviço do Exercito, pelo custo global de 12:000$000."

Ahi está, nas suas pequenas proporções, um negocio que nos parece suspeito. Se o Ministerio da Guerra precisava de ponchos, era mais natural que os fosse procurar em uma casa de commercio idonea, ou, directamente, em alguma fabrica de tecidos. Esta compra, em tão pequena quantidade e á razão de 120 mil réis o poncho de soldado, tem toda a apparencia de um favor especial, feito a quem ultimou a venda. Deve ser algum cidadão bem amparado por fortes protecções.

Mas ha, no caso, uma coincidencia curiosa: o vendedor de ponchos chama-se Gustavo Barroso. Ora, quem não sabe que esse é tambem o nome do inspector escolar, literato fino, que se abriga sob o pseudonymo de João do Norte? Comtudo, não póde occorrer a ninguem que o joven ex-deputado cearense esteja a tirar partida das suas relações de amizade com o sr. Calogeras, para se metter em negociozinhos de fornecimentos ao governo...

Convém, quanto antes, desfazer o equivoco.

Do sr. Gustávo Barroso, inspector escolar, recebemos hontem a seguinte carta:

"Peço-vos, para esclarecimento do publico, a publicação da seguinte rectificação:

Tendo o *Correio da Manhã* de hoje publicado um *suelto* no qual dizia ter eu vendido ao Ministerio da Guerra cem ponchos por doze contos de réis, cumpre-me declarar que a informação chegada ao vosso conhecimento não é verdadeira. As minhas relações com o referido Ministerio são inteiramente de outra natureza. O exmo. sr. Pandiá Calogeras, honrado titular daquella pasta, resolveu adquirir ao pintor paulista sr. José Washt Rodrigues cento e vinte *planches* a aquarella com uniformes historicos do Exercito brasileiro, desde a Independencia até hoje, trabalho de alto valor historico e artistico, ao preço de cem mil réis cada *planche*, o que produz a somma de doze contos de réis. E eu, como procurador do referido sr. José Washt Rodrigues, morador á rua Cubatão, 115, em S. Paulo, com procuração bastante passada no cartorio do tabellião Felinto Lopes, naquella cidade, limitei-me a receber na contabilidade da Guerra a referida quantia de doze contos de réis, remettendo-a ao seu proprietario por intermedio da casa bancaria Martinelli."

O sr. Gustavo Barroso esclareceu, assim, o facto que motivou o nosso commentario, despertado por uma noticia da *Noite*.

"Fon-Fon" 15 Janeiro 1921

COLLABORAÇÃO FEMININA

Fon-Fon *começa a publicar hoje uma serie de pequenas notas, trechos de cartas e impressões interessantissimas e bem escriptas, da lavra duma sua collaboradora, uma das mais bellas e encantadoras senhoritas que se occupam de litteratura entre nós. Chamamos para essa colloboração iniciada hoje a attenção dos nossos leitores, sentindo, no emtanto, sermos obrigados a guardar sigillo sobre o verdadeiro nome da linda e intelligente pessoa que se occulta sob o pseudonymo discreto de* Mariette.

31 de Dezembro de 1920

(Collaboração feminina)

Não quero que este anno de 1920 finde sem te escrever uma palavrinha, este anno que me deu a alegria de te haver conhecido e tambem a tristeza de te perder! Eis todas as nossas recordações postas atraz da porta que o anno moribundo vae fechar. O enterro dum anno é mais triste do que a morte. Elle mergulha na treva do passado uma alluvião de coisas admiraveis! Torna-as todas nessa synthese triste — o passado.

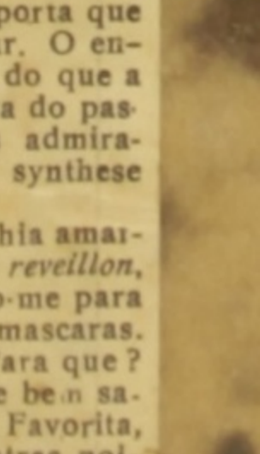
Faço um pouco de philosophia amarga, preparando me para ir ao *reveillon*, onde se dansará, preparando-me para ir dansar. E o baile é de mascaras. Vou fantasiada de sultana. Para que? Para passar o tempo. Porque bem sabes de quem desejaria ser a Favorita, tanto esta como todas as outras noites. E nenhum *lenço* receberei, porque só receberia com prazer o lenço atirado pelas tuas mãos de Meu Sultão.

Nas ultimas horas deste anno, mando te a minha saudade

Mariette

Copiar o Exercito Sempre houve no Brasil a mania de copiar o que usa o Exercito. Quando este adopta um uniforme duma certa côr logo, todos os uniformes passam a ser desta côr, especialmente nas policias estadoaes, que até hoje nada mais fazem do que imitar o fardamento da tropa federal num verdadeiro *steeple chase*, que ninguem sabe como acabará.

A MODA



Ultimamente, influenciado pela grande guerra, o nosso Exercito resolveu admittir para os seus officies o uso do talabarte de couro pardo. E logo não houve policia dos Estados que se não achasse com direito ao mesmo correame, embora de sola negra.

O que é mais extraordinario é que os nossos collegios particulares, tão ridiculamente uniformisados de tropa de linha, dos quaes alguns têm até officiaes com laço hungaro no braço, acharam que tambem deviam ter talabarte. Falta-nos vêr sómente com o *baudrier* de official os chauffeurs e os fiscaes da Municipalidade...

A oppressão hungara Peor que a tyrannia austriaca sobre os paizes de outras raças do fallecido imperio dual da *Mittel-Europe* foi a oppressão hungara, todas as vezes que nessa curiosa monarchia elles tiveram o poder nas mãos. Gambetta chamou os hungaros «barbaros chauvinistas» e Bismarck violentamente atacou sua politica. E essa politica sempre tendeu ao esmagamento dos slavos postos pelo destino debaixo de suas garras. Por isso elles tiveram a maior parte nas intrigas que se teceram nos Balkans, quando foi da guerra dos bulgaros contra os servios e quando foi dos acontecimentos que determinaram a grande guerra contra a Allemanha. A sua grande idéa era a dominação geral dos germanos-tartaros: allemães e austriacos, os primeiros; hungaros, bulgaros e turcos, os segundos. Mas a oppressão dos mongóes não subverteu as altas qualidades dos slovenos e dos slovacos. Elles mostraram com a guerra quanto direito têm á liberdade e ao respeito de todos os povos civilisados. Desse respeito vivem hoje rodeados.

A Moda

"O Jornal" 14 - Janeiro - 1921

ANGEOLOGIA

Em todas as religiões da humanidade, sempre houve a crença em espiritos intermediarios entre o homem e os deuses, uns mais perto dos deuses e outros mais perto dos homens.

O espirito humano jamais pôde comprehender um vacuo entre a divindade e os habitantes do mundo, sempre entendeu necessario povoal-o de entes sobrenaturaes intermedios. E foi dessa necessidade que nasceu o culto dos anjos.

Elle vem, como toda e qualquer tradição do homem, do oriente longinquo e mysterioso, e nós, remontando a volumosa caudal dos seculos, vamos encontrando-o facilmente aqui e ali.

Nas velhas leis de Manú, dadas á luz na India Vedica, o Senhor diz no paragrapho 34 que, ao crear as coisas, antes de tudo produziu dez santos eminentes, os quaes crearam os sete Manús. Estes deram origem aos sete Devas, paes dos Maharchis.

Após esses grandes espiritos de eleição, Deus creou mais varios outros de menor importancia, tendo inventado o homem, quando todos esses já existiam. Elles são, assim, os intermediarios, os anjos, enquadrados numa hierarchia curiosa, que mais tarde prolongou sua sombra sobre os dogmas da angeologia catholica.

O papel de intermediario entre os desejos dos homens e o poder dos deuses, de portadores das ordens e annuncios destes, os anjos jamais perdem em qualquer religião, para que tenham sido transplantados das leis religiosas dos aryas. São desta sorte os ferner e os djinns persas, os kerubs e os seraphs chaldeus, os genios latinos.

Ha todo um povo de anjos, hierarchicamente escalonados entre a nossa pobre vida mortal e a immortalidade divina. Todas as theogonias consagram profundamente este principio, assim como o da revolta duma parte desses altos espiritos, que foram vencidos e transformados em demonios, que, se ha dogmas em que se deva de verdade acreditar, são o dos anjos e o da sua quéda.

Estudemos primeiramente a divisão dos espiritos intermediarios. Já a vimos no codigo indiano, no Manava Dharma Sastra. Os assyrios e babylonios possuiam tres ordens de anjos: os Ophanium, que se pareciam com os homens; os Seraphins, que lhes eram superiores e tinham a fórma de gafanhotos gigantescos; e os Kerubins, que eram os touros alados, sustentaculos do throno de Deus, os mais altos e poderosos de todos. Os persas punham os Djinns abaixo dos Feroners.

Os hebreus adoptaram a hierarchia angeologica dos chaldeus, modificando-a um pouco. Os quatro kerubs de ouro que flanqueavam a arca do povo de Deus, tinham cada um, segundo diz Schuré nos "Grands Initiés", a cabeça dum animal differente. Delles é que se originaram as figuras do tetramorpho judaico-christão: os quatro animaes da visão de Ezequiel e os quatro animaes dos Evangelistas. Por isso, esses quatro kerubs israelitas tinham um a cabeça de homem, outro a face de leão, o terceiro bico de aguia e o quarto chifres de touro. São, assim, antigos e mysteriosos todos os symbolos das religiões. Elles representavam os quatro elementos dos antigos: agua, fogo, terra e ar.

Santo Ignacio de Loyola confessou que não entendia nem a razão nem o fundo da classificação hierarchica dos anjos do christianismo. E' que no seu tempo os estudos de exegese historica e religiosa, de archeologia e de linguistica ainda não tinham levantado a ponta do véo que encobre os mysterios do Oriente e faltava-lhe comparar o dogma da sua religião com as concepções theogonicas que a precederem e de onde ella se originou. A hierarchia dos anjos industanicos e chaldeus explica perfeitamente a dos anjos hebreus e catholicos. Esta é, unicamente, mais complicada, porque se adaptou á nova religião e aos povos que a adoptaram.

Diniz, o Aeropagita, divide desta maneira os anjos que povoam o céo: Anjos, Archanjos e Archeus, os que formam o primeiro degrão da série; Virtudes, Dominações e Principados, os do meio; Thronos, Seraphins e Cherubins, os que chegam perto do Senhor.

Commentando a classificação Shuré diz na "Evolution Divine" que, esotericamente, a primeira triade — a dos "filhos da vida", dos espiritos de iniciativa e de combate, equivalentes aos Asuras, da India. A segunda, egual aos Devas, é a dos espiritos conservadores e a terceira a dos inspiradores.

Entre a hierarchia do Aeropagita e a do christianismo existe uma pequena differença. Nesta os Archeus desapparecem são substituidos pelos Principados, de modo que a verdadeira divisão da Egreja é esta: 1ª triade: Anjos, Archanjos e Principados; 2ª Dominações, Virtudes e Potencias; 3ª Seraphins, Cherubins e Thronos. Dahi o verso de Luiz Delfino:

"Anjos e Thronos pelo espaço infindo..."

Na symbolica do christianismo, tanto na romana inicial, como na byzantina e na gothica, que lhe succederam, o que se póde verificar nas cathedraes de França, nas egrejas de Ravenna ou em São Marcos de Veneza, os anjos da primeira triade têm as mãos vasias, sendo que os Principados trazem capacetes; os da segunda tocam instrumentos musicaes, e os da terceira usam espadas, como os Seraphins, ou empunham sceptros terminados em flor de liz, como os Thronos. As suas azas e as suas roupagens esvoaçantes vêm das Victorias pagãs, assegura Brehier, na "Art Chrétien".

Mas os doutores da Egreja não se conformam todos com essa unica

classificação. Cream ás vezes as suas divisões hierarchicas pessoaes. Jacques de Voragine, na "Legenda Aurea", quando faz a agiographia de S. Miguel, diz que os anjos são primeiramente guardas; depois, mensageiros; em terceiro logar, irmãos; em quarto, conductores de almas para o céo, assim como levaram as de Lazaro e de S. Lucas; em quinto, representantes das orações dos homens aos pés do Todo Poderoso, o que está de accordo com Tertuliano; emfim, consoladores dos nossos males e afflicções. Santo Agostinho, chega mesmo a affirmar, no livro XVIII, paragrapho XXXV da "Cidade de Deus", que o proprio Jesus Christo foi um anjo, porque anjo é mensageiro e o crucificado foi o mensageiro da misericordia divina entre os homens.

Dos anjos do catholicismo os que têm mais importancia são os anjos da guarda, que nos acompanham, nos defendem, nos guiam e só nos abandonam quando nós nos entregamos de todo aos anjos malditos. A crença é quasi tão velha quanto o mundo. Os gregos e romanos já a tinham herdado do Oriente. Ammiano Marcellino cita um verso de Menandro, em que o poeta diz que todos têm um genio familiar que os conduz na vida.

A kabbala dos velhos rabbinos registrava a mesma coisa e queria até que Adão tivesse tido o seu anjo da guarda. Na sua curiosa "Science Cabbalistique", Lenain affirma que o anjo da guarda do primeiro marido de Eva se chamava Raziel e lhe trouxe da parte de Deus, o livro da Sabedoria. Os musulmanos não se contentam com um só anjo da guarda, possuem dois para cada pessoa.

Assim, o culto dos deuses inferiores, proprio de toda e qualquer religião, se traduz no christianismo pelo culto dos anjos, espiritos intermediarios que Annie Besant chama, na sua linguagem theosophica "elementos inferiores".

O islamismo, que se constituiu de farrapos do judaismo e do christianismo, tambem não dispensou a hierarchia dos anjos. O Koran fala até de alguns que são interessantissimos: de Malek, que guardava o inferno; no versiculo 96, de Harut e Marut, que julgavam as almas em Babylonia. As glozas accrescentam que esses dois anjos muito bem se portaram durante todo o julgamento, até que Venus appareceu e elles por ella se apaixonaram, sendo, então, amaldiçoados por Allah. Ainda é o grande livro de Mahomet quem se refere aos dois anjos Nekir e Monkir, que pesam as almas, para condemnal-as ou salval-as.

Os anjos mahometanos são mais asperos do que os dos christãos. Estes, quando trazem mensagens ou alimentos aos eremitas, quando apparecem ás freiras, quando são nuncios de glorias, não atemorisam com a sua luz suave e a sua voz branda. E a sua espada só flammeja contra os demonios e os monstros, á porta vedada do paraiso ou no calor das refregas, ajudando os cavalleiros da cruz. O anjo arabe é mais duro. Gabriel, para ensinar Mahomet, puxa-lhe os cabellos e dá com elle em terra, brutalmente. Azrael ri, quando leva as criancinhas mortas e deixa as mães cobertas de lagrimas!

Para os mahometanos, segundo o erudito orientalista Mardrus, autor da "Reine de Saba", ha, em primeiro logar, os sete grandes anjos, Reis Sagrados, Servidores do Bem, Serva de El: Israfael, que é o nosso S. Raphael; Azrael, Amiael; Gibrael, que é o nosso S. Gabriel; Hebrael, Deniael e Mikael, que é nosso S. Miguel. Além desses, Guillen Robles, o notavel estudioso das lendas mouriscas da Hespanha, registra mais os seguintes: Semhael, que governa o sexto céo; Salsael, que governa o quarto; Sadiel, que governa o terceiro e Israfil, que tocará a trombeta do juizo final.

O anjo caido, o velho Lusbel invejoso e perfido dos judeus, é conhecido entre os sectarios do Islam, por uma série curiosa de alcunhas; Iblis, que quer dizer desesperado; Xaitan (satan?), calumniador; Ibla, revoltoso; Arrachim, apedrejado; Haret, maldito.

Os arabes conhecem mais alguns anjos pelos seus nomes de baptismo: Sebel, que lerá as acções dos homens no dia do Juizo Final; Senoi, Sansenoi e Sanrangelef. E' for certamente em livros de procedencia arabe que Voltaire achou os nomes dos anjos que se misturam aos personagens dos seus romances: Ituriel e Iesrão. Porque o de Mosasor elle o foi buscar no velho livro indiano "Antorashata". Anatole France, ao contrario, para o anjo-personagem principal da sua "Revolte des Anges", arranjou um nome chaldeu: Mirar.

Dos quatro kerubs de oiro da arca dos hebreus se originaram os quatro archanjos principaes do christianismo primitivo, dos quaes unicamente tres conseguiram sobreviver ás successivas transformações da religião, sendo hoje venerados como santos: Gabriel, que annunciou o Nascimento á Virgem; Raphael, que deu vista ao velho Tobias; e Miguel, que derrotou o diabo. Mas na velha angeologia de Henoch, estes tres apparecem acompanhados do Phanuel, que é o mesmo Uriel de que nos fala o livro de Esdras. São os quatro enumerados por Deschamps á pagina 64, do 1º tomo da sua obra "Societés Secrétes": Zapkiel, Camael, Anael e Zaphriel.

Seria materia para um livro o estudo minucioso dos anjos que os rabbinos talmudistas dizem sair aos enxames do rio celestial Dinor, que a "Summula" de S. Thomaz, estatuindo que eram incorporeos em relação aos homens, porém corporeos em relação a Deus, achava mais que numerosos: "Numerus angelorum excedit omnem numerum corporalium".

Raphael deu aos anjos do catholicismo a physionomia de crianças louras e rechonchudas, transformando os vetustos kerubs ou touros alados da Mesopotamia nos cherubins frisados, destinados a encher de ornatos o estylo barrôco. E sómente nos archanjos dos frescos de Miguel Angelo, se sente a força e se vê a espada dos antigos mensageiros de Deus, que sustinham o cutello levantado, ameaçador de Abrahão ou lutavam á noite, corporalmente, com Jacob.

Os velhos anjos desappareceram da arte. Deixaram de ser as "creaturas bellas, vestidas de branco" ou os "serviços celestiaes" do Dante, para se fazerem meninos risonhos e innocentes. Assim é que chegaram até nossos dias. E ninguem talvez se detenha a pensar que os anjinhos bellos, vistos nos retabulos das egrejas são a ultima transformação, na imaginação humana, daquelles pesados touros alados, mysteriosos e brutaes, que sustentam o tecto do restaurante Assyrio...

No paragrapho 11, do capitulo VIII do livro II da sua obra, "De Bello Judaico", Flavio Josepho nos conta que, entre os Essenios, os iniciados juravam nunca pronunciar o nome dos anjos (...quæ Esseni de anima divinitus... etc., edição Firmin Didot). Hoje, esses nomes sagrados e poderosos valem tão pouco que um simples jornalista os enumera fartamente aos olhos do publico. E' que, como a Demonologia, a Angeologia, é uma sciencia morta.

João do NORTE.

"Fon-Fon" — 15-Jan°. 1921

A MODA

Incrivel! Para que serve a nossa commissão de diplomacia da Camara dos Deputados?

O leitor certamente não extranhará a pergunta quando souber que no orçamento brasileiro de 1921 continua a figurar a Austria-Hungria, monarchia dual, côlxa de retalhos, que desde o tratado de paz, approvado pela referida Camara, não existe mais. E a tal commissão parece, assim, ignorar os effeitos do tratado de Saint Germain, publico e notorio. Peior ainda é que nesse mesmo orçamento não se menciona a Tcheco-Slovaquia nem a Polonia, como se essas nações não existissem. Entretanto, o Brasil as reconheceu e ellas têm representantes acreditados junto ao nosso Governo. Até mesmo o conselho municipal de Praga, capital dos Tcheques, enviou ao seu homonymo desta cidade um honroso convite para visitar a velha cidade da Bohemia, por occasião da proxima grande feira universal que alli se realizará.

E' o cumulo este descaso, que o governo deve fazer cessar! Para que serve a commissão de diplomacia?

"Correio Paulistano" 15 Janeiro 1921

Os povos phantasticos

Todo viajante mente. E os viajantes antigos ainda mentiam mais do que os modernos, por ser na sua época mais difficil verificar a verdade ácerca do que relatavam. Mentiam pelo prazer de chamar sobre si a attenção, de se mostrarem como pessoas que haviam visto cousas assombrosas; mentiam por ignorancia, porque muitas vezes não podiam explicar certos aspectos mal entrevistos ou certas fórmas bizarras dos homens e dos bichos das terras desconhecidas; e mentiam ás vezes por interesse, para amedrontar os outros, tornar diminuto o numero dos que viajavam e evitar concorrencia no seu commercio ou na sua notabilidade. Dessa mentiralha dos viajantes de todos os tempos nasceram para a humanidade as crenças velhas e já profundamente combatidas dos povos phantasticos, habitantes de regiões ignotas e mysteriosas.

Essas narrações começam com os rhapsodos da Hellade antiga. Homero é o primeiro poeta que lhes dá curso. Elle nos conta dos hippelmogos, povo que era o mais justo de todos e que só se alimentava de leite. E' elle ainda quem nos descreve os macrobios da Ethiopia, que, graças ao mesmo álimento, conseguiam uma extensa vida. No fundo de todas as exaggerações e de todas as mentiras, ha sempre um pouco de verdade. Esses hippelmogos, que só tomavam leite, habitavam a Thracia superior. Pois nesse territorio, todos os habitantes ainda hoje usam o leite como base de sua alimentação. Todo o mundo sabe que os bulgaros não vivem de outra cousa.

Na Odysséa, quando Ulysses erra pelo Mediterraneo, em busca da sua pequenina ilha de Ithaka, Homero o leva uma feita ás praias dos comedores de lotos, dos lotophagos. Grande parte da Rhapsodia IX do poema é gasta na descripção dessa gente e do seu alimento — o lotos. E essa comida era tão deliciosa que o astucioso marido de Penelope custa a arrancar os seus companheiros á acolhida do povo fabuloso.

Todos os antigos viajantes gregos encontraram nas suas peregrinações varias especies de povos phantasticos. E delles, poetas, escriptores, oradores, tragicos, todos falavam nos seus trabalhos, perpetuando assim a sua lembrança. Hesiodo refere-se aos hemycinios e aos macroscelos, que eram absolutamente

deformados. Eschylo não esquece os sternophtalmos, que tinham os olhos, nos hombros, os monommates, de orelhas de cão e um pé unico, os astomos, os arrhinos, os monophtalmos dum olho só, os opistodactylos e os pans-sphenocephalos. Todos esses se distinguiam por particularidades curiosissimas, impossiveis de existencia real.

Ctesias viaja até á India e volta narrando ter visto os celebres sciapodos, de que fala Aristophanes nos **Passaros**, e que Plinio incluiu entre os prodigios de sua prodigiosa **Historia Natural**. Esses sciapodos tinham um pé só e não podiam dobrar a perna no joelho. No emtanto, pulavam e corriam com incrivel velocidade. Quando o sol esquentava, deitavam-se de costas, e da planta do pé faziam uma barraca, para se protegerem do calor. E' assim que estão representados nos baixos relevos da cathedral de Sens.

Herodoto, sorrindo scepticamente como bom observador, fala-nos de todos os povos lendarios, cuja existencia era assegurada pelos viajantes, cantada pelos poetas, mas negada por elle, historiador sério, embora profundamente agradavel. Mostra-nos os arimaspes hyperboreos, de um olho unico, que roubam sob a neve o ouro guardado por ferozes grifos; os issedontes, scythas, que nascem e vivem inteiramente calvos; os scythas androgynos ou ennareus, que têm um seio de homem, outro de mulher, que soffrem mensalmente incommodos femininos e podem tanto gerar como conceber; nos androphagos, que se alimentavam de mulheres; as Amazonas, que guerreiam os homens; nos neuros, que se trasnformavam em lobos durante alguns dias do anno, voltando após á fórma primitiva; e nos troglodytas do interior da Lybia, que gritavam como morcegos e comiam lagartos e serpentes.

Aos viajantes da antiguidade bastavam muitas vezes simples informações desnaturadas ou simples observações mal feitas para que logo inventassem esta ou aquella fabula. E dahi a quantidade delias, a respeito de povos longinquos, registada pelos historiadores e pelos geographos.

Deodoro de Sicilia escreve que os ichthyophagos da Lybia, como seu proprio nome indica, sómente se alimentavam de peixe e bebiam agua de cinco em cinco dias, pois os poços que os desalteravam ficavam no interior das terras e não podiam ir diariamente até elles. Desta sorte, levavam cinco dias comendo peixe e um dia inteiro bebendo agua. Bebiam até ficarem cahidos, sem fala, sobre a areia! Ichthyophagos os antigos viam por toda a parte. As cartas de **Geographia**, de Ptolomeu, o demonstram. Ellas os apontam na Cyrenaica e na Gedrosia, nas costas da Arabia, da Ethiopia e da Africa meridional conhecida na época.

Megasthénes e Deiniaco foram dos que maiores pêtas prégaram ao mundo sobre a existencia de povos verdadeiramente nascidos de sua aquecida imaginação, Strabão, combatendo as suas fabulas, faz um resumo dellas. E é no velho geographo que encontramos os enotocetos, que possuiam os pés voltados para trás, ao contrario de todo o mundo; os okypodes, que comiam mais do que os cavallos; e outros, que não tinham bocca e se alimentavam pelo olfacto.

Muitas dessas raças curiosas, bizarras, exquisitas, descommuns, em que acreditaram os homens durante seculos, existiram ou existem de verdade. Entre ellas, aquelle povo de cynocephalos, a que allude Eschylo, e que era simplesmente uma tribu de simios dessa especie, olhados de longe e tomados por gente, ou os proprios pygmeus de Hesiodo, de Homero e de Herodoto, que as cegonhas iam todos os annos devorar na Lybia interior. Maspero encontrou-os esculpidos nos monumentos do Egypto pharaonico e, depois de Strabão ter negado sua existencia e de cem outros a haverem discutido, os missionarios e exploradores modernos os acharam, pequeninos, infelizes e ageis, no coração das terras africanas, levando a vida mais primitiva, mais rude possivel. São os anões, de Stanley, os dokkos comedores de insectos, de Jonathas e Donaldson Smith.

Todo o continente negro sempre espantou o mundo com os seus mysterios profundos. Lá é que Herodoto dizia existirem os Blemmuyes, presos aos rochedos como os polypeiros, e arregalando os olhos curiosos. Lá é que o mesmo autor localizou os psyllos, cujo odor natural, affirma Plinio, espantava as serpentes. Os psyllos, segundo Aulo Gelio, declararam um dia guerra ao vento e foram por elle submergidos sob montanhas de areia. Ptolomeu fala delles no livro IV da sua **Geographia**. Lá é que viviam em furnas os celebres arembes; que se multiplicavam os latroás, filhos de tigres e de gente, como os hunos, segundo Jornandés, eram filhos de mulheres e de demonios errantes; que nasciam os agazombas da cabeça de cachorro, e os sibans, dos pés de cavallo. Porém, o povo mais curioso dentre os creados pela imaginativa de viageiros e cosmographos, afim de povoar o continente lybico, é, certamente, o dos Magades. Todos os individuos dessa especie nasciam velhos, com oitenta ou noventa annos, e, á proporção que o tempo ia passando, iam remoçando, chegavam á juventude, á infancia, aos cueiros e morriam quando vinha o dia em que deveriam ter nascido. Viviam uma vida ás avessas.

Os poetas não escaparam a essas lendas curiosas. Ovidio, na **Metamorphoses**, conta dos Laestrygons antiquissimos, que eram gigantes formidaveis e habitavam a costa da Campania, assim como dos myrmidontes, que vêm das rhapsodias de Homero e tráem a revivescencia dum totemismo primitivo. Os myrmidontes, dos quaes Achilles foi rei, eram formigas que se tinham transformado em homens. Luciano de Samosata ridiculariza-os no seu **Icaromenippo**.

Os arimospes de Herodoto, que roubavam na zona onde "chovem plumas brancas do ar" o ouro guardado pela vigilancia feroz dos grifos, vêm até aos dias de Juliano, o Apostata. Ammiano Marcellino fala delles na sua descripção da Scythia, mas não diz que, como os Cyclopes, só tinham um olho, nem que eram zarolhos e crueis. Os outros povos fabulosos da antiguidade não viveram tanto tempo. Foram morrendo pelo caminho dos homens, através os tempos, e ficando sepultados sob a poeira do esquecimento.

Santo Agostinho veiu lembral-os para condemnal-os, embora no seu trigesimo setimo sermão affirme saber da existencia dum povo acephalo, certamente o dos sternophtalmos, cujos olhos reabriam nos hombros. O grande doutor da Egreja faz dos povos phantasticos argumentos religiosos.

Com a época dos descobrimentos e das aventuras lusitanas e hespanholas, novamente a mania de ter visto gentes fóra do commum, monstruosas, prodigiosas, se apodera dos que viajam e dos que navegam. Elles voltam á terra natal, enriquecidos ou desilludidos, porém, sempre narrando acontecimentos estupendos e miragens allucinantes. Pero da Covilhã chega a jurar que viu um homem que tinha metade do corpo de homem e metade de peixe, na côrte do Preste João. Muito mais tarde, o inglez Hunter garantiu ter visto o mesmo phenomeno em outro individuo. Esse de Covilhã assegurou, tambem, ter conhecido tribus de homens de cauda, como os cynocephalos de Eschylo. E Fernão Mendes Pinto, descendo um rio do Oriente, avistou os calogens e os tungãos, homens das mãos cabelludas e dos pés redondos, como os dos bois!

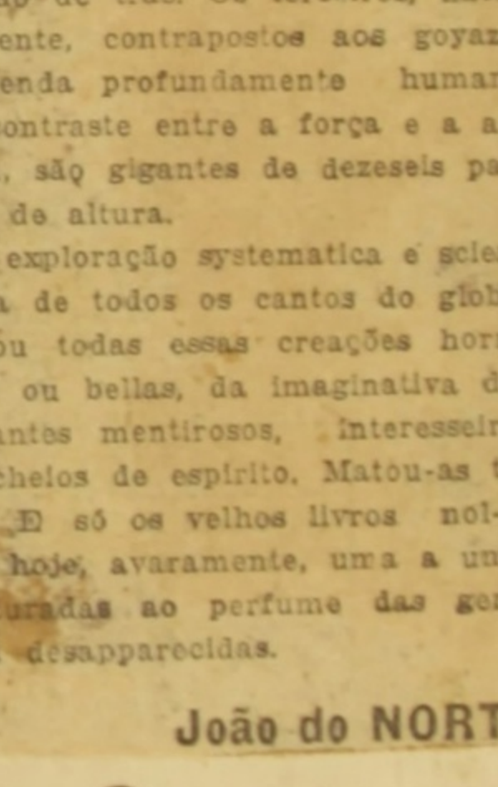
A influencia dessas fabulas chega até ao nosso paiz e impressiona os chronistas dos primeiros tempos. Vasconcellos, nas suas chronicas, relata que havia no Brasil tres curiosissimas tribus indigenas: os goyazis, os matuyu's e os curiquecanos. Os primeiros eram anões feios e perigosos, dos quaes si existiram como os de Herodoto, os dokkos da Africa, talvez se originem as lendas dos sacys e dos caaporas ou curupiras. Os segundos são os enotocetos, de Megasthenes e de Strabão: têm os pés voltados para o lado de trás. Os terceiros, naturalmente, contrapostos aos goyazis na lenda profundamente humana do contraste entre a força e a astucia, são gigantes de dezeseis palmos de altura.

A exploração systematica e scientifica de todos os cantos do globo matou todas essas creações horriveis, ou bellas, da imaginativa dos viajantes mentirosos, interesseiros ou cheios de espirito. Matou-as todas. E só os velhos livros nol-as dão hoje, avaramente, uma a uma, misturadas ao perfume das gerações desapparecidas.

João do NORTE

1 Fev. Fm°. 22. jan°. 1921

UMA CONFERENCIA NOTAVEL



O nosso confrade de imprensa Carlos Malheiro Dias, illustre director do brilhante semanario *Revista da Semana*, realizou em dias da semana passada uma bella conferencia de arte no salão do *Club dos Diarios*, onde actualmente está aberta ao publico com real successo, a Exposição de Arte Retrospectiva.

O notavel romancista da *Paixão de Maria do Céo*, discursou proficientemente perante grande e escolhido auditorio sobre a personalidade curiosa de D. João VI, a quem devemos os primeiros passos em materia de bellas artes e de desenvolvimento intellectual. Soube o fino litterato dar á sua palestra o valor erudito e elegante dos seus escriptos e conquistou os mais sinceros applausos dos que o ouviram. Foi uma conferencia, folgamos dizer — excepcionalmente notavel.

MUSEU HISTÓRICO NACIONAL
BIBLIOTECA
Nº Registro 480/2005 | Patrimônio 63.811 | Origem D

GB
AUTORIA
RECORTES
8

"O Jornal" - 20 Janeiro - 1921

O AMIGO FIEL DO HOMEM

Affirmam os sociologos que o primeiro animal que o homem domesticou foi o cão. Os cães selvagens vinham rondar-lhe a caverna, a tenda de couro,, a aldeia lacustre ou a cabana, aproveitando os detrictos alimentares que atirava fóra. Dahi as primeiras relações de amizade, geradoras da associação de interesses que ainda hoje existe entre os dois animaes. No fundo mesmo ha uma grande inclinação natural entre ambos. Santo Agostinho, que ás vezes era um optimo observador, diz que só a lingua torna impossivel a troca de pensamentos dos dois amigos, comtudo o homem prefere sempre a companhia do seu cão á de um homem desconhecido.

Do cruzamento dos cães primitivos com os lobos sairam os lobecães, os primeiros animaes de caça de que o homem se serviu e que chegaram aos nossos dias na degenerescencia bella e amavel dos lulús ou "loups-loups", tão queridos das damas. Depois, cada raça de homens creou para si uma raça de cães e por tal motivo os nomes destes sempre foram gentilicos. O perro dos hespanhoes vem da corrupte-la de "patrius", cão patricio, cão da terra. Os francezes ainda hoje chamam aos fraldeiros "epagneuls", hespanhoes. Os allemães appellidam o mastim—ulmer, do nome das antigas tribus do Mecklenburgo. Os gregos davam o appellido de molossos aos grandes cães de guarda ou de ataque, porque eram originarios da Molossia. Em portuguez, chamamos "gozo" o antigo cachorro dos godos; alão, o que nos veiu dos alanos, quando das invasões; sabujo, o farejador de raça saboyana; galgo, o cão gallico, dos gaulezes, tão afamado na antiguidade que no "Satyricon" de Petronio o epitaphio duma cadella de caça começa assim: "Gallia me genuit". Outros nomes de cães na nossa lingua traem as suas aptidões: rateiro, veadeiro, fraldiqueiro, rasteiro (optima traducção de "basset"), perdigueiro, rafeiro, lebreu e podengo. Além dessas ha outras denominações de qualidade, que bem exprimem as varias familias de cães: regougado, apodengado; o primeiro parecido com a raposa; o segundo, com o podengo; cão dos caniços, cão de fila. Ou então, termos adoptados de linguas estrangeiras como dogue, que vem do saxonio, e braco, que vem do francez e é o "canis sagax" de Aldovrando.

Muitos escriptores têm atacado os cães, achando que lhes falta personalidade lhes sobra senilismo. Outros os têm defendido vehementemente. Ovidio pergunta nas "Helieuticas": "Quæ laus prima canum ?" E mais perto de nós Emile Gebhart fez-lhes a apologia.

O cão tem prestado taes e tantos serviços á humanidade sobre a terra que a sua fama se escreve nos luzeiros do céo, onde elle tem tido entrada como deus e como cão, e nas obras variaveis, passageiras dos homens. Todo um povo, durante seculos, adorou Anubis. Os aryas, quando olhavam á noite, da vastidão do seu planalto nativo, as luminarias do firmamento, viam o mysterioso e divino galgo Samavá guardando os incontaveis rebanhos de estrellas. Ainda lá rebrilham as constellações e as estrellas dos cães: uma perpetuando Sirius, o cão de Actéon; outra, Orthros, o cão de Orion; ainda outra, Icarius, o cão celeste, que na vida terrena foi a celebre cadella Maira, a que descobriu o cadaver do seu amo morto pelos pastores bebedos.

Na opinião de Michelet, se não fôra o cão primitivo, o dogue colossal da Prehistoria, a terra seria inhabitavel para o homem. Foi esse animal, terrivel e docil ao mesmo tempo, que estrangulou as feras e os monstros. Menos synthetica e mais positiva, no emtanto, é a opinião de Buffon. Maior ainda a opinião de Brehm.

Quando Dionysos, Bacho, fez pelo Oriente a sua dilatada e lendaria peregrinação civilizadora, vae seguido fielmente do seu cão. E desde então nenhum guia de povos deixou de ter a acompanhal-o esse animal fiel. O proprio Moysés tem sempre a seguil-o um chefe, cujo nome Caleb, que em hebraico quer dizer cão, o que mostra a profunda analogia entre o seu papel de iniciador intelligente, terminando no Sinai, e o papel identico de Baccho, appellidado Mosa, findando em Nisa...

Um unico cão entrou com vida no Paraiso. Foi o que fielmente acompanhou os sete dormentes musulmanos de Mecca, copiados dos sete dormentes christãos de Epheso. Quando seus amos penetraram na bem aventurança, esse se pendurou pelos dentes á fimbria do manto de um delles e lá foi tambem. Até hoje parece que foi o unico cachorro que conseguiu fazer parte da Casa Celestial. Outros, mais antigos e mais nobres do que elle, contentaram-se em verem seus nomes escriptos com estrellas na abobada infinita. Nenhum animal ainda logrou mais alto destino. Deu-lh'o a amizade do homem. Sem ella, os chacaes e os lobos até hoje nada conseguiram.

Se a humanidade pôz Cerbero á porta do inferno e deu ás Erymnies fórmas de cadeilas, tem coberto de gloria o nome canino neste valle de lagrimas. A Historia mistura aos nomes dos maiores homens os nomes dos maiores cães. Spaco, uma cadella, amamenta Cyro, rei dos reis. Xenophonte celebrisa os cães de Creta como os melhores matadores de javalis. O Radon de Carlos V tem um mausoleo em Pisa. A memoria de Beatriz d'Este evoca a da sua cadella Fontinna, descendente daquelles cãosinhos de Melilla ou Meléda, delicias das damas da antiguidade classica. Hurdent acompanha Tristão e Isolda. Bucco tem o seu nome nas "Memorias" do amo: Benevenuto Cellini.

Mesmo soberanos outr'ora houve que preferiram uma guarda de cães a uma de soldados. Massinissa, rei da Numidia, amigo dos romanos, foi um delles. Outro foi o Grão Mogol das Indias, cujos dogues de Monomopata o defendiam melhor do que os archeiros malabares. Já em recuados tempos, um soberano indú Sopithés offerecera a Alexandre Magno uma guarda semelhante. Conta Deodoro da Sicilia que elle dera ao heroe macedonio cento e cincoenta desses animaes, filhos de grandes mastins com tigres-femeas, dos quaes quatro bastavam para matar um leão e que, estando de dentes ferrados na presa, se poderia cortar-lhes as pernas que a não largariam.

O cão está na Biblia. Kyne, o de Tobias, não tinha nome, porque Kyne em grego é cão e este lhe veiu não do hebraico, mas da traducção grega do Antigo Testamento. O sangue de Jezabal é lambido pelos cães ás portas do paço de Achab.

Toda a celebridade de um homem póde provir do seu cão. E' talvez o caso de Alcebiades. O seu custou-lhe sete mil drachmas, porém foi o melhor reclame que o amo poderia ter. Desde o dia em que lhe cortou o rabo, o formoso e audaz atheniense se viu, como desejava, alvo da curiosidade de toda a população.

Sem excepção, poetas e prosadores antigos se occuparam do amigo fiel do homem. As rhapsodias homericas guardam a lembrança de Argos, cão de Ulysses, que o reconhece quando voltou de Troya e morreu de alegria. Aristophanes dá ingresso ao cão na scena, preparando o Patou de Rostand com o seu Labés. Theocrito fala de Lampouros nos seus idyllios. Gratio Felisco, inspirado em Ovidio, escreve um grande poema sobre a caça, onde divide os cães em tres especies: domestica, caçadora e guerreira. Entre os poetas menores, Nemesiano repete esse assumpto de caça e Frascator escreve em versos as melhores receitas de remedios para cães. Marcial produz um epigramma sobre a famosa cadella Issa e um epitaphio para a cadella celebre do seu amigo Erigone. Lydia. Petronio, refere-se a Scylax, cão de Trimalcião. Srabão conta dos cães da Bactriana, que eram tão nobres que os habitantes do paiz lhes davam os seus defuntos a comer, certos de que nenhuma sepultura mais honrosa do que os seus ventres de coveiros.

Os celtas, que possuiam os melhores cães da antiguidade, os Vertagus ou Vertraham, não os esqueciam nos seus poemas. Ossian canta Luath, que pertencia a Cuchullin, Runaro, que era dos filhos do rei de Inistona, e Branno, de Firigal, que este encontrou deitado sobre o escudo de Fillan, seu filho, morto em combate.

A historia da ensanguentada conquista da America hespanhola conhece o nome temivel de um cão. Era o Leoncino de Bovadilla, que recebia soldo como um soldado e caçava nas mattas os indios fugitivos. Os hespanhoes com esse systema imitaram os inglezes. Foram estes os primeiros que caçaram homens com cães, lançando as suas matilhas esfaimadas na pista de Roberto Bruce, rei da Escossia fugitivo.

Houve mesmo uma capital que patrocinou os cães e a elles se entregou, como outr'ora Memphis aos crocodilos e hoje Paris aos pardaes. Foi Constantinopla, a Stambul dos sultões, que depois os exilou cruelmente para a fome e a solidão da ilha de Prinkipo, onde outr'ora os basileus gregos exilavam as princezas ambiciosas.

Não participam da felicidade universal dos cães os pobres cachorros do Nordéste brasileiro, sequiosos e famintos, obrigados á mais rude vida deste mundo, tão soffredores que mereciam ser canonizados, se se canizassem os cães. Doentes, não têm receitas em verso cantados por Frascator, mas lhe penduram ao pescoço um collar de sabugos de milho, como em antigos tempos os pastores da Campania punham ao pescoço dos seus grandes cães de gado adoentados uma colleira de conchas ou de hervas magicas.

Os cães estão nos museus. No dos Invalidos, em Paris, se vê o de Napoleão, companheiro fiel do desterro de Santa Helena. Aqui mesmo no Rio de Janeiro, a Brigada Policial guarda empalhado o celebre Bruto, que fez a guerra do Paraguay, com patriotismo.

O patriotismo dos cães é um facto sério. René Fauchois, poeta da Grande Guerra, documenta-o nos seus versos postos á boca de um cão errante no "front":

J'ai faim. Soubre maigreur de mes flancs tu me navres !
Autour de leurs repas je rôde sans succès.
Les autres chiens sont gras, ils mangent des cadavres.
Mais moi, je ne peux pas, je suis un chieu français !

Leonardo de Vinci não acreditava no bom caracter dos cães e escreveu nos seus manuscriptos que se cheiram para saberem o que comeram, e pelo cheiro da comida verificam se o cão cheirado é de casa pobre ou rica. Então, o mordem ou o adulam. Discordamos da opinião do grande artista e estamos com Rousseau, que achava o seu Duc superior a todos os duques. E antes acreditariamos que para aquelle fim os homens se cheirassem mais do que os cachorros...

João do NORTE.

"Illustração Brasileira" - Dezembro - 1920 AFN 918

Heraldica Brazileira

NO BRAZIL, nos tempos da monarchia, havia fidalgos de duas especies: os que descendiam de nobre familias de Portugal e de outras nações, estes mais raros, e os que o Imperador fazia por decreto, afim de premiar os seus serviços. Não seria difficil conhecer a genealogia e os brazões dos primeiros descendentes legitimos dos que fundaram a patria lusitana, dos que combateram no Salado e no Toro, dos que acompanharam o Mestre de Aviz e dos que se lançaram á aventura brilhante das navegações e das conquistas; esses tinham as suas emprezas e armas no tecto da sala nobre

CASTELLO.

CAMBAHY.

do velho paço de Cintra, e em muito solar portuguez, á entrada, com paquife, timbre e lambrequim lá estariam os seus escudos antigos, os seus cunhaes de armas.

A heraldica dos nobres brazileiros descendentes de velhas raças francezas, polonezas, inglezas, hollandezas, italianas ou allemãs, como os Escragnolle-Taunays, os Huets, os Beaurepaire-Rohans, os Trompowskys, os Cochranes, os Cavalcantis, os Von Hoonholtz, estaria na "Science des Armoiries" de Maigne, na "Histoire compléte de la Noblesse de France" de Batjin, ou no "Dictionnaire de la Noblesse" de D'Eschavannes. Nada mais facil do que copiar suas descripções.

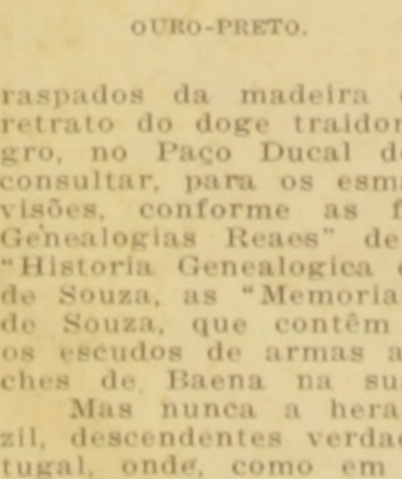
Para os brazões dos descendentes da velha fidalguia portugueza, ainda existiram outras fontes, além da citada e celebre sala de honra do velho paço luso-mourisco de Cintra, onde se vêm ao peito dos veados as cunhas azues em fundo de ouro dos Cunhas, as estrellas de cinco pontas do Tavares e as de sete dos Coutinhos, as cabras dos Cabraes, as arruelas dos Castros, os lobos dos Lobos e os lizes dos Mattos e o xadrez dos Sás, além dos escudos do duque de Aveiro e do marquez de Tavora, traidores á patria,

OURO-PRETO.

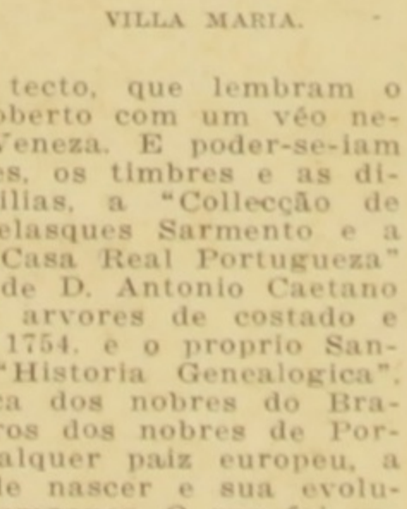
VILLA MARIA.

raspados da madeira do tecto, que lembram o retrato do doge traidor coberto com um véo negro, no Paço Ducal de Veneza. E poder-se-iam consultar, para os esmaltes, os timbres e as divisões, conforme as familias, a "Collecção de Genealogias Reaes" de Velasques Sarmento e a "Historia Genealogica da Casa Real Portugueza" de Souza, as "Memorias" de D. Antonio Caetano de Souza, que contêm as arvores de costado e os escudos de armas até 1754, e o proprio Sanches de Baena na sua "Historia Genealogica".

Mas nunca a heraldica dos nobres do Brazil, descendentes verdadeiros dos nobres de Portugal, onde, como em qualquer paiz europeu, a nobreza teve sua razão de nascer e sua evolução, mereceu duvidas ou remoques. O que foi engraçado e ridiculo mesmo foi todo o mundo no Brazil dizer-se, por ter o mesmo nome, passado ás vezes através do cadinho da mestiçagem ou espalhado profusamente pelo habito dos escravos e clientes tomarem o appellido do senhor e do patrono, descendente de grada estirpe, herdeiro de gente de prol que fez o reino, combatendo o leonez, o agareno e o castelhano, que fez o maior imperio colonial pela força do seu braço e da sua fé, até esgotar a metropole exhausta de sustentar o mundo nos hombros.



CAIARÁ.

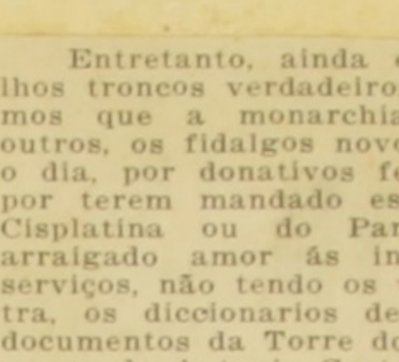


ARIRÓ.

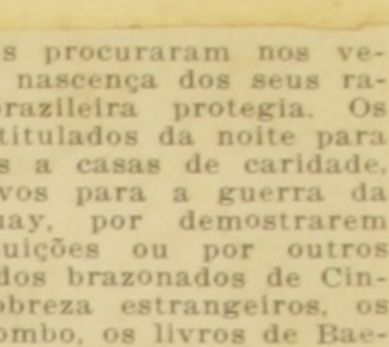
Entretanto, ainda esses procuraram nos velhos troncos verdadeiros a nascença dos seus ramos que a monarchia brazileira protegia. Os outros, os fidalgos novos, titulados da noite para o dia, por donativos feitos a casas de caridade, por terem mandado escravos para a guerra da Cisplatina ou do Paraguay, por demostrarem arraigado amor ás instituições ou por outros serviços, não tendo os veados brazonados de Cintra, os diccionarios de nobreza estrangeiros, os documentos da Torre do Tombo, os livros de Baena ou de Antonio Caetano, resolveram crear uma heraldica sua. Essa foi impagavel. Não houve barão de Ibiapaba, visconde de Abaeté ou marquez de Sapucahy, titulares não de feudos livres, francos ou rectos, com seus direitos de alcávola, sizas, lutuosas ou primariças, com suas pradeliças, seus allódios e coutados, porém de pobres villas do interior ou de suas proprias fazendas, estancias, sitios e engenhos, que não creasse, para si e para sua familia, armas curiosas. E é essa a heraldica que chamo brazileira.

Alguns dos nossos fidalgos fizeram combinações: misturaram armas pessoaes suas, inventadas, com velhas armas portuguezas de familias cujos nomes possuiam.

Neste artigo, citaremos unicamente os bra-



ANGRA.

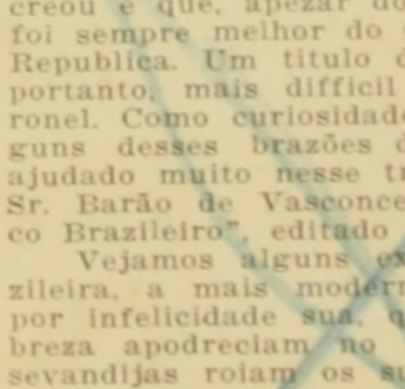


HERVAL.

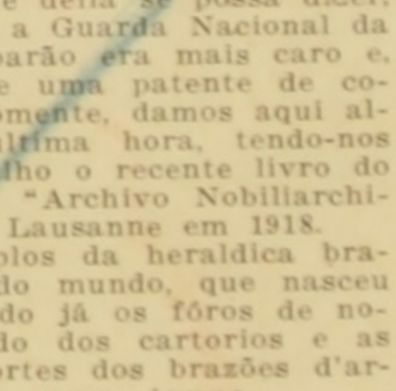
zões verdadeiramente brazileiros, nascidos ao nosso sol, sahidos da nobreza que o imperio creou e que, apezar do que della se possa dizer, foi sempre melhor do que a Guarda Nacional da Republica. Um titulo de barão era mais caro e, portanto, mais difficil que uma patente de coronel. Como curiosidade sómente, damos aqui alguns desses brazões de ultima hora, tendo-nos ajudado muito nesse trabalho o recente livro do Sr. Barão de Vasconcellos "Archivo Nobiliarchico Brazileiro", editado em Lausanne em 1918.

Vejamos alguns exemplos da heraldica brazileira, a mais moderna do mundo, que nasceu por infelicidade sua, quando já os fóros de nobreza apodreciam no fundo dos cartorios e as sevandijas roiam os supportes dos brazões d'armas. Tambem viveu muito pouco tempo...

O visconde de Abaeté brazonava em campo azul uma asna de prata acompanhada, em chefe, de duas estrellas de ouro, e em ponta de uma palmeira do mesmo sobre um monte de sinopla, tudo com a divisa — "Consilium in providendo, celeritas in conficiendo". O escudo do barão de Amarag traz em campo de prata um leão rompente, de purpura; bordadura de gôles carregada de tres gafanhotos de ouro, e uma estrella de ouro, de cinco raios, em chefe. O chefe de esquadra Elisiario Antonio dos Santos, barão de



CRUZEIRO.



ITAQUATIÁ.

Angra, usava um escudo esquartellado em aspa, bastante complicado. No primeiro quartel, de gôles, uma mão empunhando uma espada; no segundo, de ouro, duas estrellas de blau e um facho acceso, posto em roquete; no terceiro, de gôles, a esphera armillar de ouro entre as pontas de um compasso aberto do mesmo metal, tendo á sinistra o lemma "Ins polit"; no quarto, em campo de ouro, uma angra ou enseada e uma ancora.

Está nesse brazão hierogliphico a vida, a alma e o nome do seu possuidor. A ancora, a esphera manuelina, o compasso indicam o navegador; as estrellas, o contra-almirante; o facho e a espada, os bombardeios e as abordagens commandados por elle, durante a Independencia, na Bahia, durante cinco annos, no Paraguay. E a angra era o appellido do seu baronato.

Outro escudo complicado o do visconde de Ariró: aquartelado: o primeiro e quarto, de ouro, com um leão rompente de purpura, tendo na dextra um ramo de cafeeiro ao natural; no segundo e terceiro, em campo de sinopla, um rio

de prata ondeado de azul entre seis besantes de ouro, com um chefe de prata carregado de duas cabeças de indios affrontados.

Augusto de Souza Leão, barão do Caiará, sómente por ter o nome de Souza Leão, mette no seu brazão esquartejado de ouro e prata as quinas de Portugal, alternando com os leões rompentes de gôles, de Leão. O barão de Cambahy põe, em campo de blau, um cavalleiro armado de prata e, no chefe de ouro, uma cruz florida de gôles, vasia do campo.

Mais simples e mais nacional é Manoel Luiz

ABAETÉ

GUARATIBA.

Ribeiro, barão do Castello, que usa em fundo de prata um castello vermelho entre dois ramos patriotas de tabaco e de café. Nacionalista tambem é o barão de Catú. O seu escudo partido de blau e sinopla, isto é, de azul e verde, traz no alto dois colheireiros de prata, affrontados; em baixo, uma onça sussuarana de ouro, tranquillamente deitada... O visconde de Cruzeiro prende-se do mesmo modo a esse ramo de nobreza patriotica. A sua idéa heraldica antecedeu a dos positivistas que estragaram a Republica no Brazil, começando por estragar-lhes a bandeira. As suas armas são: em campo azul o cruzeiro do sul de prata, o mesmo que está no globo central do pavilhão brazileiro.

O lendario general Osorio, heróe do Paraguay, tambem teve o seu brazão e nacionalista como os citados. Como marquez do Herval, o general brazonalza em campo sanguineo, um leopardo de prata batalhante, brandindo uma espada; no chefe de blau, tres estrellas de prata. Armas de um guerreiro e de um general de divisão.

O barão de Guaratiba, antigo official de ordenanças e de milicias, tinha o escudo de prata e azul, cortado por uma faixa arqueada de ouro,

IPANEMA.

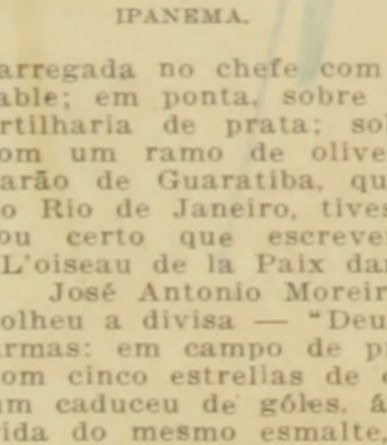
CATÚ.

carregada no chefe com uma aguia estendida de sable; em ponta, sobre um monte, uma peça de artilharia de prata; sobre a peça uma pomba com um ramo de oliveira no bico. Se o velho barão de Guaratiba, que deu nome a uma rua do Rio de Janeiro, tivesse lido Victor Hugo, estou certo que escreveria debaixo do brazão: "L'oiseau de la Paix dans la gueule de la Bête!"

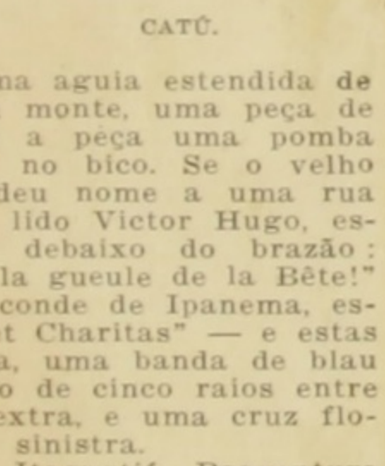
José Antonio Moreira, conde de Ipanema, escolheu a divisa — "Deus et Charitas" — e estas armas: em campo de prata, uma banda de blau com cinco estrellas de ouro de cinco raios entre um caduceu de gôles, á dextra, e uma cruz florida do mesmo esmalte, á sinistra.

A divisa do barão de Itaquatiá, Boaventura Gomes, agricultor, é a mais patriota de todas. Começa por ser em vernaculo e não em latim, segundo o costume heraldico, e acaba por ser a seguinte: "Patriotismo". As suas armas são as mais curiosas e as mais expressivas de todas. Numa contrabanda de gôles, um feixe de instrumentos agrarios e uma colmeia; na outra, uma paizagem onde pastam gados...

O visconde de Ouro Preto, estadista, é mais sobrio e mais heraldico: puzera, em fundo de ouro, tres triangulos equilateraes de saibro, em roquete. (*Conclúe no fim deste numero.*)



AMARAGY.



PASSAGEM.

— Outro marinheiro batalhador como o barão de Angra, foi Delfim Carlos de Carvalho, barão da Passagem. Seu escudo reflecte sua vida: em campo de ouro, um encouraçado negro, fumegante, navega sobre um rio azul, passando sobre uma grossa corrente, a celebre corrente que fechava o rio Paraguay em Humaytà; no chefe de blau, um delfim, um «carolus» de ouro e uma bolota de carvalho, o enigma do seu nome. A divisa: «Avante!»

Na heraldica brasileira, em muitos casos, póde-se parodiar o ditado popular: dize-me o teu brazão e eu te direi quem és.

O escudo do barão de Villa Maria tambem possue grande cor local: em fundo de ouro ou jalne, um indio ao natural corta a canna de assucar; na ponta de blau ou de azul, nada um peixe de prata.

A fidalguia medieva, ao tomar os seus brazões, escolhia emprezas e signos que reflectissem seus nomes e suas glorias, suas acções e suas inclinações ou aspirações. Usavam conchas ou vieiras os que tinham feito romagens, cruzes os que haviam ido nas Cruzadas, basantes os que tinham trazido ouro bysantino, cabeças de mouro os que tinham combatido o sarraceno, galeões os que haviam navegado, golphinhos os que tinham naufragados porque esse animal chimerico, salvava os naufragos como salvara Arion. Os monteiros e caçadores usavam encontros de veados, «hures» de javalis ou milhafres, gerifaltes e esperaveis; os de alta estirpe e prosapia tinham o campo de ouro liso; os que eram protegidos por fadas timbravam as armas com a figura dessas, como a familia de Lusignan, que Melusina protegia.

Na creação da nossa heraldica, o fidalgo brazileiro, homem do campo ou da cidade, seguiu, instinctivamente, essa regra. Os soldados tiveram espadas e estrellas como Osorio ou nome das victorias como o general Camara, visconde de Pelotas, que escreveu debaixo do seu brazão: «Aquidaban,» arroio a cuja margem seus soldados mataram o dictador Lopez. O proprio barão de Itaguahy, militar na mocidade, commerciante opulento da velhice, pintara no seu escudo um pavão sobre duas espadas. Seu nome de familia era Pavão. Bem expressivo!

Geralmente, porém, os commerciantes enriquecidos que adquiriam um barduato não esqueciam de gravar nas suas armas o caduceu da profissão, como o fizeram os barões de Silveiras e de Nazareth. Já o agricultor gostava que a canna de assucar que lhe déra a fortuna figurasse nas suas armas: cannas e flores de canna havia nos brazões do barão de Jacuhype, nos do visconde de Maranguape, nas dos barões de Villa do Conde, de S. Fidelis e de S. Thomé. A ancora era privativa dos lobos do mar; teve-a o barão de Angra, teve-a o barão de Laguna. Os creadores escolham a cabeça ou encontro de boi, como o fez o barão de Mecejana ou a abelha, como o fez o barão de Mercety.

O visconde e, posteriormente, o barão do Rio Branco, tinham, no escudo, um rio de prata, o que lembrava o nome de seu titulo. O visconde de Mauá, que deu o primeiro impulso á viação publica no Brasil, deixou isso gravado nas suas armas, onde se vêm um vapor sulcando as aguas e um caminho de ferro cortando a terra.

Morreu com a monarchia a nobreza que ella titulava. Raros são os que ainda restam. Não morreu, porém, a heraldica dos que pretendem fóros muito vagos de fidalguia. Já o cartorio da Nobreza não concede mais brazões como outr'ora. E a heraldica brazileira morreu com os titulares que a inventaram. Entretanto, não ha rapaz elegante que não queira ser moço nobre e não traga no dedo um annel com pedra d'armas. Então, para telas, vae buscal-as em Portugal. Se é Silva, nome que não ha hoje mestiço no Brazil que o não possua, tanto o povileu o foi tomando a torto e a direito, usa o leão tradicional; se é Oliveira, a sagrada arvore de Minerva e da familia; se é Albuquerque, as flores de liz ou fróes de liz em campo sanguineo; se é Araujo, a aspa familiar; se é Barros, as bandas; se é Monteiro, as buzinas; se é Costa, outro nome no Brazil tão commum como o de Silva, as costas; se é Velloso, o açor das antigas montarias; se é Paes, as lisonjas, e assim por deante.

E não contentes com isso, outros decompõem os nomes, para lhes darem ares ainda mais afidalgados: ha simples Maias, que se transformaram em "de Maia"; ha pobres Lacerdas, que viraram "de La Cerda"; ha outros que de Roxo Rodrigues ficaram por conveniencias genecologicas Roxo-Roizes...

Ainda outros foram buscar na Hollanda e na Inglaterra pergaminhos, brazões e arvores de costado, tornando-se, de um momento para outro, de filhos de paes ricos ou de negociantes aposentados, principes e duques!

No Brazil, desde que me entendo, sómente conheci tres brazões na porta de moradas particulares: o do visconde de Cauhype, na sua villa do Alagadiço, no Ceará; o de um filho do visconde de Ouro Preto, na sua casa da Gloria, no Rio de Janeiro, e o do barão de S. Joaquim, na fachada do seu palacete, á praia de Botafogo, nesta ultima capital.

Pois bem, um desses principes milagrosos de opereta fez pintar com seus esmaltes e metaes, pellos e emprezas, coroas e divisas, sob as ameias do seu castellote de pedra em Petropolis, não sómente as suas armas, mas as de seus ascendentes. E ainda hoje ali se vêm a torre de ouro em fundo vermelho de Castella, os leopardos possantes da Inglaterra, as flores de liz de ouro sobre campo de blau da França real e os aureos feixes de aveia em fundo negro dos Beaurepaire-Rohan...

Esse descendente de tantas casas coroadas era bastante rico; porém a maioria dos que apregoam titulos e ostentam brazões não pos ue chêta: e fidalgo sem renda, o diabo que os entenda...

JOÃO DO NORTE

"Illustração Brasileira" Dezembro 1921

Museu historico brazileiro.

UM unico paiz no mundo não possue um museu historico. E' o Brazil. Até hoje o descuido nacional tem consentido que os objectos do passado, lembranças da vida e dos feitos de nossos avós, se tenham perdido, ou nos leilões de antiguidades tenham passado ás mãos de compradores estrangeiros.

Quasi que, custodiadas em parte alguma, não restam reliquias dos primeiros tempos da nossa vida nacional. Não se conhece no paiz um objecto contemporaneo da guerra hollandeza ou da luta dos mascates. Recordações mais recentes vão se perdendo. Raras coisas estão guardadas no Archivo Nacional, numa sala do antigo Arsenal de Guerra ou no Museu da Marinha. Assim mesmo, essa salvação se deve mais a iniciativas particulares do que a uma acção do Governo.

Nesse sentido, este jamais deu um passo. Diariamente, os jornaes annunciam a venda publica de peças do mobiliario e da baixella do paço imperial, de objectos que pertenceram a vultos eminentes do paiz, pedindo a attenção dos poderes publicos para as obras de arte e as lembranças historicas que emigram. O Governo não ouve, não vê e não pensa nisso. A sua preoccupação maior é o «deficit»...

Entretanto, ainda era tempo duma acção salvadora, de se realisar a fundação dum verdadeiro museu historico, no qual se pudessem reunir, para ensinar o povo a amar o passado, os objectos de toda a sorte que estes representam.

Os que se preoccupam com essas coisas, raros e criticados, sabem que, no Archivo Nacional, ha a cadeira em que o Imperador se sentava no Senado, um capacete da Guarda de Honra de D. Pedro I e outras coisas; que, na Egreja da Cruz dos Militares, se acham feixes de bandeiras tomadas aos paraguayos; que, no Museu Naval, estão os canhões grossos do forte do Principe da Beira; que, nas estrebarias do Ministerio da Guerra, existe o velho «coupé» em que Osorio fazia suas campanhas, irmão do carro de vime do marechal de Saxe e da caleça em que Massena passeava ferido, em Esling...

Mas quem não se prende a essas niquices ignora tudo isso é rir, alvarmente, quando se vem lembrar as reliquias esquecidas...

Toda a nossa costa foi povoada de fortes, antigamente. Não havia entrada de bahia ou de rio que não estivesse defendida. Hoje, a maioria dessas fortificações jaz em ruinas. Outras foram modificadas, adaptadas aos systemas scientificos modernos. E que fim levou a artilha ia dessas fortalezas? Por que não foi recolhida a um museu? Bombardas portuguezas com as quinas em relevo; colubrinas castelhanas com as columnas de Hercules unidas por uma fita; falconetes com os lizes de França, de Villegaignon e de S. Luiz do Maranhão; pedreiros com o leão arremetente das Provincias Unidas, que estavam nos fortes do Brum, de Orange e do Rio Formoso; outras peças ainda, provenientes de compras ou de naufragios, tendo os leopardos inglezes; tudo isso que fim levou? Ninguem sabe. Sabe-se unicamente que o Governo brazileiro mandou vender em hasta publica, como metal velho, os antigos canhões do historico forte de Cabedello, tão celebres nas lutas contra os Flamengos!

Nada se guarda. Nada se conserva. Um pouco

MUSEU DA MARINHA — SALA DAS BANDEIRAS

caso criminoso. E isto não vem do facto de ser o Brazil uma nação nova, ainda em formação, caldeando-se na fusão de muitas raças. Não. Os Estados Unidos são mais eivados de cosmopolitismo do que o Brazil. Entretanto, possuem museus, conservam costumes e uniformes, fazem cortejos historicos, realisam festas nacionaes e guardam com carinho, mobiliados como eram outr'ora, as casas de Washington, de Grant e de Longfellow.

Peor será se um dia vencer a idéa *positivista* de alguns brazileiros que querem restituir ás nações que vencemos os tropheus conquistados pelos seus avós.

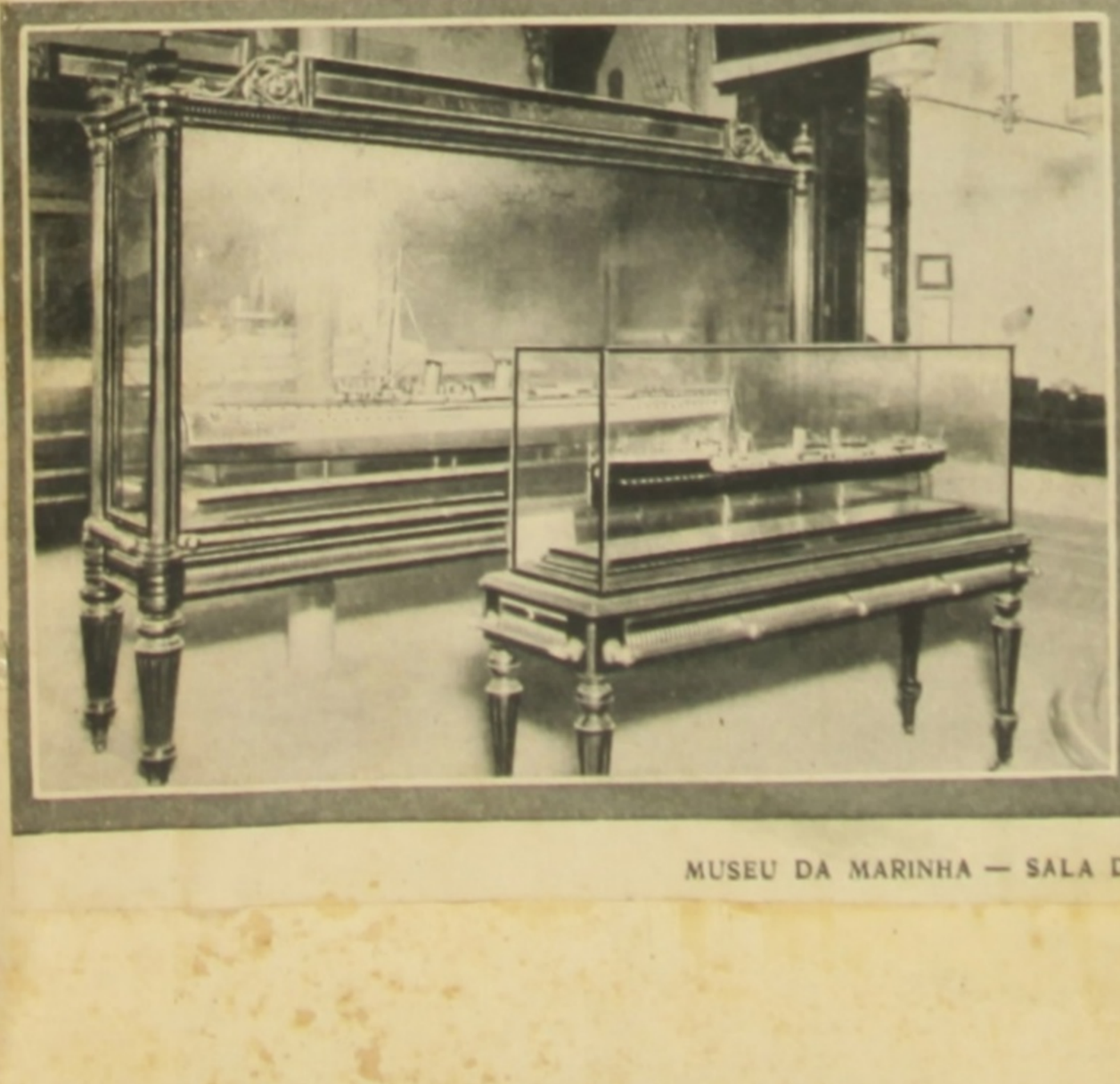
Bastaria um pequeno gesto governamental creando um museu historico no Rio de Janeiro e entregando sua organisação á pessôa activa e organisadora, para que, dentro em pouco, nelle se reunissem reliquias veneraveis, esparsas em varias repartições publicas ou doadas por particulares, que as não offerecem ao poder publico por conhecerem em demasia seu descaso proverbial.

Haveria muito que colher daqui e dalli. Quadros, urnas, vestimentas, lapides, no Instituto Historico Pernambucano. Uma regular collecção de coisas antigas no Instituto Historico da Bahia. Fardas, espadas, objectos interessantissimos no Museu Dias da Rocha, no Ceará, e em outros muitos pequenos museus particulares do paiz. Canhões de todas as épocas, com as armas de diversos paizes no forte de Obidos, no de Tabatinga, no de Nossa Senhora da Assumpção, no das Cincos Pontas, no dos Tres Reis Magos, no do Buraco, no da Bôa Viagem e em dezenas ainda. Bandeiras argentinas, uruguayas e paraguayas na Cruz dos Militares, na Cathedral. A espada de Lopez, no Collegio Militar do Rio. A carruagem de Osorio nas cocheiras do ministerio da Guerra. Lanças e sabres veneraveis, bandeiras mais veneraveis ainda no Museu Naval e no velho Arsenal de Guerra. Varias outras coisas de valor no Archivo Nacional. E além disso, autographos, pennas, tinteiros, moveis, estatuetas.

Não entra em conta até agora o que se pode recolher, percorrendo o interior, appellando para a generosidade particular. Poder-se-iam obter verdadeiros thesouros referentes á vida antiga no campo e na cidade, á architectura, á ceramica, á marcenaria, aos costumes dos tempos idos. Que immensa copia de objectos sabemos todos que estão perdidos pelas fazendas antigas do sertão: louças de Macau e de Camp-lide, faianças da India, pintalgadas de azul, porcellanas de Bourg-la-Reine, trazidas pelos que acompanharam D. João VI; joias velhas; baixellas de prata portugueza; crystaes da Bohemia que eram um dos luxos dos antigos capitalistas; mosaicos, bufetes mouriscos de pregaria arabescada, bahús antiquissimos; arquibancos; arreios ajaezados de oiro e prata; armas raras, espadões de milicianos e ordenanças, rapieiras e chilfarotes de bandeirantes; empoeirados uniformes dos Dragões de Minas e da velha Guarda Nacional; tudo quanto se possa imaginar.

A esperança, porém, dum museu historico no Brazil não sorri a ninguem que se prese de ter um pouco de intelligencia. Não temos sido educados no culto da saudade. Não o poderemos ter tão cedo.

G. B.



MUSEU DA MARINHA — SALA DOS NAVIOS E SALA DOS CANHÕES

"Fon-Fon" Janeiro - 1921

A LEGAÇAO DA BELGICA

Entre todas as representações estrangeiras que honram com a sua presença a nossa bella capital, nenhuma poderá prender mais a nossa attenção do que a da Belgica, em vista dos grandes laços que nos unem pelo espirito e pelo coração áquelle grande povo.

Desde muito tempo as nossas relações com a Belgica, cuja independencia nos encheu de jubilo em 1830, são as mais amigaveis possiveis.

Um soberano belga, arbitro de importante questão internacional em que tinhamos grande interesse, deu em nosso favor a mais justa das sentenças. E, quando foi da violação do territorio da patria de Maeterlinck pelas barbaras tropas allemãs, foi o Brasil, felizmente, o primeiro paiz do mundo a protestar por intermedio dum dos seus poderes governamentaes contra essa rude affronta ao Direito das Gentes.

Cada uma dessas etapas mais approximou através os tempos os dois paizes, unidos já pelos laços da latinidade, das aspirações pacificas e das trocas commerciaes e industriaes.

Estando na Europa o Presidente eleito do Brasil, Dr. Epitacio Pessôa, foi pelo governo de S. M. o Rei dos Belgas convidado a visitar o seu admiravel paiz, que então iniciava a sua reconstrução, evacuado pelas hordas prussianas. Todos os brasileiros sabem que magnifica recepção lhe foi feita e todos os brasileiros jamais esquecerão as honras tributadas ao eminente homem de Estado que as representava.

Em retribuição a essa visita, o grande rei dos Belgas, o Heróe da Grande Guerra e a generosa e devotada Rainha Elisabeth vieram ao Brasil, a bordo de um navio brasileiro. Essa visita foi de hontem e a lembrança do nosso enthusiasmo pelos Reis-Heróes e Santos demonstra o quanto se apertaram com essas duas visitas pessoaes dos chefes das duas nações os laços que moralmente, as uniam no passado e que mais affectivamente ainda as unirão no futuro. Mesmo do ponto de vista material e pratico, nós nos unimos á Belgica por um intimo tratado commercial. E assim os dois povos de amigos se têm tornado irmãos.

Muito contribue presentemente para o desenvolvimento dessa grande amizade a acção cordata, discreta, sincera, infatigavel do actual representante diplomatico de S. M. o Rei dos Belgas no Brasil, S. Ex. o Sr. Ministro Plenipotenciario e Enviado Extraordinario Robyns de Schneidauer, um apaixonado estudioso das nossas coisas e dos nossos homens, diplomata de fino tacto e cavalheiro duma cultura fora do commum. Augmenta mais a amizade do ministro belga pelo nosso paiz o facto de ser casado com uma respeitavel, virtuosa e intelligente senhora de familia brasileira educada na Europa. E dahi o amor que á nossa cara patria tributam todos os que formam o lar encantador do Sr. de Schneidauer.

O Sr. Robyns de Schneidauer, muito digno ministro da Belgica no Brasil, no seu gabinete de trabalho.

A fachada da Legação da Belgica no Rio de Janeiro, á Praia de Botafogo.

O salão principal da Legação da Belgica no Rio de Janeiro.

As qualidades pessoaes do Sr. Ministro, a sua intelligencia e a sua clara visão dos factos, o seu conhecimento da nossa vida e dos nossos homens, da nossa litteratura e da nossa arte, tornam cada vez maior a velha amizade que liga os dois paizes néo latinos, um aquem e outro além mar, para os quaes o futuro olha com benevolencia.

Publicando algumas photographias da Legação da Belgica nesta capital, do Sr. Ministro Robyns de Schneidauer e de sua excellentissima familia, *Fon-Fon* rende um preito á heroica nação irmã e ao seu illustre Embaixador no Brasil.

O ministro da Belgica no Brasil, Sr. Robyns de Schneidaeur, em companhia de sua senhora e gentilissimas filhas, na varanda da legação belga, á praia de Botafogo.

Para Elle...

(Collaboração feminina)

A vida duma moça é feita de paginas brancas. Severamente guardada até certo tempo, nem mesmo o namoro banal de salão me era permittido. Depois, comecei a tomar uma certa liberdade, devido a novas circumstancias de vida. Mas conservei sempre os velhos principios inculcados. A gente não se desembaraça facilmente de semelhantes couraças.

Foi preciso encontral o para que tudo isso se evaporasse. Ha encontros que se não podem evitar. São fataes. Fui um tanto leviana e nesse *flirt* vivo, desconhecido até então.

O seu primeiro, embriagador, estonteante beijo queima-me ainda, ás vezes!...

Querido amigo, porque será que muitas e muitas vezes as coisas são assim, ao mesmo tempo, horriveis e deliciosas?

Mariette

"Correio Paulistano" - 20 Janeiro 1924

As mulheres-animaes

As theogonias e as lendas creadas pela inventiva intelligencia dos homens sempre deram ás mulheres, mesquinhamente, em vez de fórmas suaves e perfumadas de flôres, feios attributos de animaes. Todas as religiões consagraram esse antigo uso e todas as literaturas e todas as artes o immortalizaram. A sua origem veiu dos mythos gerados nos totemismos iniciaes das tribus e das raças, como tambem da interpretação da linguagem symbolica dos primeiros sacerdotes e poetas; outras vezes, de traducções erradas e de transposições erroneas duma lingua para outra. E assim se crearam as fabulas de varias mulheres que eram certos animaes ou que nelles se metamorphoseavam.

Essas transformações extraordinarias enchem todo o inicio da vida da humanidade. São tão abundantes, que o sceptico e sorridente Luciano de Samosata disse que, se se acreditasse nos poetas, no mundo só haveria prodigios e metamorphoses. Ovidio sobre estas escreveu quatorze livros!

Nas religiões primévas, as mulheres semi-divinas apparecem sob fórmas meio femininas, meio animaes. Derceto, a deusa dos assyrios, é metade pomba, metade mulher. As sereias dos navegadores hellenos têm meio corpo de aves marinhas. As ondinas, as nixes dos velhos germanos e scandinavos, são peixes da cintura para baixo. Toda a mythologia grega se povôa de criaturas femininas transmudadas em bichos. Jupiter faz de Callisto uma ursa e prega a sua pelle com os cravos de ouro duma constellação no vasto corpo azul de Urano. Euripedes diz que Zeus della fez uma leôa. Mas, a sua opinião isolada não prevaleceu. E a gente tem de ficar mesma certa de que ella foi metamorphoseada em ursa.

Cousa semelhante ao que Zeus fez por amor, Pallas Athena realizou por vingança. A deusa dos bracos brancos e dos olhos de ouro tornou Arachné, a tecelona admiravel, na nojenta aranha, a quem só restou das antigas virtudes femininas a arte insuperavel de tecer. A vingança de Minerva nasceu da inveja. Juno vingou-se por ciume e mudou a pobre Io, filha querida do rio Inachus, numa mansa novilha.

Os deuses eram crueis nas suas vinganças contra as pobres mulheres. As filhas de Mineu desprezam Baccho e logo os celestes protectores de Dionysos lhes dão corpo, azas e olhos redondos de corujas. As mulheres passaros abundam na mythologia. Philomela passa a ser o rouxinol mavioso e encantador. Procné vôa como as aves mais ligeiras. Alcyonea geme entre as gaivotas, roçando a ponta fina das azas na espuma branca do mar. E todas as irmãs de Meleagro saltitam, cantando, nos bosques, de ramo em ramo.

Mas a peor das vinganças divinas é a que os habitantes do Olympo tomaram contra a desgraçada viuva de Heitor, morto na tomada sangrenta de Troya. A infeliz Hecuba, que na tragedia antiga sinistramente nos apparece envolta na sua dôr sinistra, acaba seus dias da maneira mais triste possivel. A crueldade dos deuses, que no seu infortunio amaldiçoára, fêl-a dum momento para outro sahir a ladrar pelos promontorios asperos da Thracia, mudada numa grande cadella feroz.

Nenhuma iniquidade maior poderia cahir do céo sobre a cabeça de um mortal infeliz. E o latido lendario dessa mulher-cadella écôa pelos seculos, apregoando a inexoravel fatalidade dos maus destinos.

Muitas e muitas vezes a imaginação popular transformava uma mulher em animal, afim de confundil-a com um mytho religioso e debaixo dessa nova fórma adoral-o fervorosamente. Foi isto o que aconteceu com a grande Semiramis, a rainha dos jardins suspensos, que Theodoro de Banville esculpiu num dos eburneos sonetos das **Princesses**. Depois que morreu, o seu povo affirmou que se virára numa pomba e voára para o céo. Então a consagraram como divindade, confundindo-a no correr dos tempos com as deusas-pombas de origem chaldaica: Derceto, Astartéa, Mylitta, Tanit.

Um erro de traducção, segundo Strabão o affirma, ou de interpretação symbolica, conforme lembra Herodoto, deu á humanidade mais duas mulheres, que eram pombas, ao mesmo tempo que mulheres. São as sacerdotizas fundadoras dos oraculos de Dodona e de Jupiter-Ammon. Contam os antigos classicos que navegantes phenicios raptaram da cidade egypcia de Thebas duas mulheres consagradas ao culto. Venderam uma na Lybia e outra na Grecia. A primeira, que se chamava Timarete, deu origem ao oraculo de Ammon; a segunda, que se appellidava Promenia, ao do carvalho celebre. A lenda vetusta reza que de Thebas voaram um dia duas pombas negras, tendo uma ido pousar num dos galhos da arvore prophetica de Dodona, e outra na estatua do deus do deserto. Ambas falaram e ambas prophetizaram. Dahi surgiram os dois oraculos.

Herodoto narra o acontecimento e opina pela linguagem figurada: pombas, no sentido de mulheres; negras, porque eram de origem egypcia.

Strabão, que não admitte historias maravilhosas, nem prodigios de especie alguma, procurando, por todos os meios, reduzil-os ás suas justas proporções, escreve nos curiosos fragmentos do seu livro setimo que, na lingua dos Molossos e Thesprotos, habitantes dos arredores de Dodona, a palavra **peleiades**, que em grego significa pombas, quer dizer mulheres velhas.

Do erro da traducção resultou a lenda. E eis ahi como o frio geographo apunhala a tradição mysteriosa dos grandes oraculos.

Muitas outras vezes corre mundo a historia maravilhosa dum animal fabuloso, lendario, divino, ou destinado a desempenhar um grande papel nos destinos dum povo. E verifica-se, depois, que esse animal jámais existiu, e que toda a fabula decorreu do facto de haver uma mulher com o mesmo nome dum bicho. Assim é que se espalhou a crença de que o grande Cyro, rei dos reis, abandonado, quando pequeno, no campo, foi alimentado por uma cadella. Tudo nasceu do nome da mulher do vaqueiro que o salvou do abandono e o deu para criar. Essa camponeza chamava-se Spaco, que em lingua persa quer dizer cadella. O mesmo aconteceu nas origens semi-nebulosas de Roma. Os filhos da vestal Rhéa Sylvia, filha de Numitor, expostos aos animaes bravios, são milagrosamente amammentados por uma loba, cuja effigie de bronze o Capitolio perpetua. Nada disso. O bom senso se encarrega de demonstrar que o nome da mulher do pastor que os adoptou era, no idioma local, o mesmo que o da femea das feras, que em alcatéas famintas, frequentavam os mattos das sete collinas, sobre as quaes um dia se ergueria a Cidade Eterna.

A mania de comparar as mulheres com certos animaes não se detem ahi. Ella continua pelos tempos em fóra. Vemos na decadencia greco-latina o sceptico Luciano appellidar uma lagarta de mosca, porque ella era inconstante e talvez importuna, tambem como este insecto. Já muito anteriormente, quando os deuses do paganismo ainda não tinham morrido, Diana transformara em mosca zumbidora e impertinente, a mulher que lhe roubava o coração de Eudymião.

Nasce o christianismo e se divide em seitas inimigas. Uma dellas, a dos montanistas cophtas, arranja uma prophetiza milagrosa, que é logo alcunhada de pomba-celeste, como Semiramis ou a Rabettna de Carthago. Emfim, sempre é melhor ser pomba-celeste do que mosca-mystica, conforme o padre Theophilo Raynaldo, zurzido pela ironia impiedosa de Camillo, chamou a uma santa do catholicismo.

Felizmente, a mania dessas comparações e dessas metamorphoses desappareceu do seio da humanidade. Ellas até pareciam vinganças pequeninas dos homens contra as mulheres, porque as theogonias, as lendas e as mythologias foram feitas pelos homens. A sua crueldade foi terrivel: fizeram de bellas, doces, tristes ou infelizes criaturas femininas — moscas, pombas, cadellas, ursas, corujas e novilhas. Entretanto, quando metamorphosearam homens, lhes deram a fórma de flôr: Jacyntho e Narciso, por exemplo. Eterna injustiça a do sexo forte contra o sexo fraco. Eterno e cruel o egoismo dos homens.

João do NORTE

"Fon Fon"
20 - Janeiro - 1924

TYPOS DE LAUSANNE

PRINCIPE CHRISTOFOR DA GRECIA

RIAN é o pseudonymo bem conhecido da Ex.ma Sra Nair Hermes da Fonseca, que tão applaudida sempre foi pela nossa sociedade como magnifica caricaturista. Todo o Rio-social está positivamente lembrado das suas victoriosas «charges» estampadas em jornaes e revistas ha alguns annos, e muito especialmente da brilhante exposição que realisou no salão nobre do «Jornal do Commercio». Essa constituio um verdadeiro acontecimento na epoca, e della ainda guardamos uma duradoura impressão.

A Sra Nair Hermes da Fonseca, apezar do seu casamento com o Marechal Hermes da Fonseca, ex-presidente da Republica e reorganisador do nosso Exercito, apezar do tempo que passou no estrangeiro, não abandonou o gosto pela arte e muito menos o seu «penchant» particular pela caricatura. De volta da Europa, trouxe uma nova e interessantissima collecção de «charges», feitas em hoteis, passeios e viagens, das quaes publicamos nesta nossa capa uma curiosissima. Ella é uma amostra admiravel da ironia de espirito e do traço de RIAN, ironia e espirito estes que «Fon-Fon» sempre teve grande prazer em tornar conhecidos.

A caricatura de RIAN que hoje publicamos representa um type muito conhecido em Lausanne: o principe Christofor da Grecia, irmão do rei Constantino, que hoje está na ordem do dia. Apezar desse alto parentesco, elle não escapou ao lapis encantador da nossa talentosa patricia.

10

"Fon Fon" 22 Janeiro 1921

Um escriptor argentino

Enrique Richard Lavalle é um dos mais interessantes escriptores da Argentina actual. Dotado de raro talento de observação e duma clareza attica de estylo tem capacidade bastante para produzir uma immensa obra. Ademais, elle demonstra nas suas producções esparsas uma notavel capacidade de tra-

Enrique Richard Lavall

balho. Enrique Lavalle é um dos directores da Novela Semanal e do Supplemento, publicações de grande tiragem em Buenos Aires. A primeira fez tão ruidoso successo que a casa Olegario Ribeiro, de S. Paulo, já a está imitando entre nós.

Por ser obrigado a contentar o publico da Novela Semanal, que exige nesses folhetins hebdomadarios certas e determinadas coisas, o escriptor Lavalle queixa-se numa carta ao nosso companheiro João do Norte de estar quasi deixando a litteratura de verdade. Eis as suas proprias palavras: «me temo que me estoy alejando demasiado de la litteratura».

Os receios do litterato argentino, são infundados. Lemos com real prazer suas ultimas novellas e se elle, em «Alexo el Conquistador», em «Amadis de las Indias» e em «Entre togas y tizanas», cultivou o gosto romantico popular mostrou altas qualidades de estylista e de estheta verdadeiro no «El crimen de la mosca azul», na «La expulsion de los doctores», na «Flor del Aire» e em «Fray Matacandelas». Para demonstração irrefragavel de sua alma de eleição e de sua encantadora cultura basta o seu lindo, subtil, fino e rendilhado poema romantico Claror de Luna, que foi musicado por Armando Chimenti.

Enrique Lavalle é ainda por cima o autor victorioso dos bellos livros de poesias, cujas edições foram inteiramente esgotadas em Buenos Aires «M Canciones» e «Poemas Sentimentales», e mais dos seguintes livros de prosa tersa, todos quasi em segunda edição: «Lavalle», «Paginas Juveniles», «Sarmiento», «Maipú», «En el otoño», San Martin» e «En la paz de la aldea». Nessas obras todas apparece como autor theatral e historiador, novellista e biographo. Dentro em pouco publicará mais: «Cuentos de Color», Mariela de Brandam» e «La encrucijada».

E', emfim, um dos mais fecundos e interessantes autores argentinos modernos.

As mulheres na Bohemia

A Theco Slovaquia é um dos paizes da Europa em que as mulheres são mais livres e têm seus direitos mais bem garantidos. E' digna de menção especial a bella posição economica das mulheres bohemias, habitantes dum paiz cuja independencia economica foi habilmente realisada antes da independencia politica.

Ademais, as mulheres sempre desempenharam alto papel na historia da bella nação dos Przemysls. O seu lendario e primitivo rei Krok teve tres filhas celebres: Libusa, que foi prophetiza e que fundou a cidade de Praga; Teia, que foi sacerdotisa e Kozi, que era physica. O christianismo entrou na Bohemia pelos labios duma mulher — Santa Ludmila, e sua irmã Dubraska, princeza tcheque casada com um soberano polonez, levou a mesma religião á Polonia.

Com essas e outras admiraveis tradições femininas de bondade e de valor, não era possivel ás mulheres da Bohemia deixarem de ser no mundo o que são: modelos de mulheres modernas, sabendo agir em linha recta e sabendo ganhar a sua vida, admiravelmente. Dahi a sua maravilhosa posição economica e social, talvez até mesmo superior á das mulheres da Escandinavia.

A morte do catalão

A lingua romana, o baixo latim, o latim barbaro, dividio-se em cada uma das nações européas que o falavam em muitas e muitas linguas ou melhor dialectos, que depois se juntaram, formando quasi sempre nm idioma unico. Assim aconteceu nas Gallias, onde viveram seculos a lingua d'oc e a lingua d'oil até se reunirem. Assim aconteceu na Italia, onde varias formas dialectaes profundamente differenciadas da lingua basica, como o sardo e o siciliano, o demonstram. Assim, aconteceu nas Hespanhas, onde, segundo o chronista catalão Muntaner, que escreveu no decimo terceiro seculo, «cada provincia fala a sua lingua».

Com effeito, nessa recuada época cada provincia hespanhola falava um dialecto especial: o catalão, o castelhano, o gallego, o leonez, o portuguez. E cada um delles teve o seu destino diverso. O portuguez evoluio, accentuou-se, tomou caracteristicas individuaes fortissimas, constituio-se em lingua independente e forte. O gallego ficou restringido a um mouchão de terra e a dialecto da lingua portugueza. O leonez morreu. O castelhano foi a base sobre que se ergueu o monumento da lingua hespanhola. O catalão, que foi nobre e litterario, no qual São Vicente Ferrer pronunciou seus sermões, no qual Muntaner e Esclot escreveram as suas chronicas admiraveis, esse por infelicidade não poude chegar a ser lingua e ficou sempre reduzido a dialecto. Talvez porque o seu reino, o Aragão, não poude desempenhar no Mediterraneo o alto papel que pretendia e que brilhantemente iniciou. E, como a unidade italiana matou o siciliano, o florentino, o veneziano e o genovez, a unidade hespanhola acabada por Fernando e Isabel matou o catalão.

O dragão

O dragão é um symbolo universal. Encontra-se nas bandeiras chinezas e nas lendas dos aborigenes americanos. Está em todas as tradições e em todas as theogonias. Todas as religiões falam delle: o paganismo, do que defendia o pomo das Hesperides, o christianismo, do que São Jorge matou. Na Biblia elle é Leviathan e nas crenças dos negros da Africa a grande serpente devoradora.

Pois corre agora que o dragão das velhas fabulas orientaes e dos contos da idade-média viveu de verdade. Um jornal francez diz que a gente é levada a acreditar nisso, porque se acaba de descobrir na China, nas asperas gargantas do Yi-Chang esqueletos prehistoricos de 25 a 30 metros de comprimento, cujos ossos da cauda e cujas azas membranosas fazem pensar no monstro fabuloso. A natureza nas suas creações tem, parece, tanta imaginação quanto os poetas antigos.

O certo, porém, é que todos os dinosaurios, plesiosaurios e icthyosaurios antigos não passavam de verdadeiros dragões.

UMA THESE

Para o concurso da cadeira de Historia do Collegio Militar do Ceará, o reverendo Misael Gomes da Silva, virtuoso sacerdote cearense, laureado pela Universidade Gregoriana de Roma, apresentou uma optima these, que lemos com real prazer.

O seu titulo é «As mais fortes caracteristicas do povo romano» e nella o seu autor estuda com erudição e elevação de vistas o caracter e a formação do povo por quem se apaixonaram os espiritos de Mommsen e de Gaston Boissier. E' um trabalho minucioso e bem feito, vasado em linguagem clara e correcta, que dá uma magnifica amostra da cultura e do talento do seu autor.

Assim, não podemos deixar de enviar ao seu joven autor a expressão sincera do nosso contentamento em lêl-o e dos nossos parabens.

Magyares e Tcheques

Os maiores inimigos dos tcheco-slovacos são, depois dos allemães, os hungaros. Acclimatados de longa data na Europa Central, os magyares nunca perderam os seus caracteristicos hunicos de povo de raça amarella e não perdôam a sombra que lhe fazem as raças slavas da visinhança. E contra a Bohemia a inimizade hungara data do decimo seculo, quando as tribus errantes de hunos, avaros e magyares impediram a eclosão do grande imperio slavo da Moravia, em formação.

A MODA

A superioridade de cultura dos slovenos e slovacos influenciaram profundamente os hungaros estabelecidos na Pannonia e o imperio christão de Santo Estevam foi baseado mais sobre influencias de forças tudescas e slavas do que sobre a bruteza já enfraquecida dos verdadeiros hungaros. Entretanto, os kumanes, bissénos, tartaros e kazars que formaram a nação e a nobreza hungara jamais olharam com bons olhos a franqueza de caracter e o espirito superior dos povos do grande imperio moravio que morrêra.

As inimizades entre povos na Europa são tão velhas quanto esses povos.

As mulheres e Nossa Senhora

A Moda

E' verdadeiramente interessante o modo por que as mulheres interessam Nossa Senhora, que tambem é mulher, nas coisas de sua vida. No Ceará conta-se duma a quem um sachristão pregou a bôa peça de fazer mexer a cabeça do menino Deus do altar, dizendo não, quando ella supplicava a Virgem de fazer com que achasse casamento. E a supplicante exclamou:

— Eu não estou pedindo nada a você, menino; mas á sua máe, que é mulher como eu...

O mesmo caso conta-se na Italia sobre a Incoronata, a Madre di Dio, a Madona, segundo o repete Anatole France nas primeiras paginas do «Sur la Pierre Blanche».

Mas o pedido mais interessante feito por uma mulher á Nossa Senhora é aquelle da raparjga Genoveva, que lhe gritou ajoelhada diante do seu altar:

— Santa mãe de Deus, tem pena de minha vida e como tu concebeste sem peccar faz com que a mim me aconteça sempre o contrario...

O pedido é tão justo que, parece, a Madona não tinha razão alguma para o não attender...

A heraldica

A heraldica não é como geralmente se pensa uma creação medieval. O habito de figurar emblemas familiares ou pessoaes sobre os escudos de guerra é instinctiva em qualquer povo. Tanto assim que os europeus encontraram no Japão, nos broqueis dos antigos Samurais, toda uma curiosa heraldica desconhecida.

E esse costume é antiquissimo. Elle vem da mais alta antiguidade. Na Grecia, nós o encontramos com os argonautas e Jasão, na aventura maravilhosa da caça ao vellocinio de oiro da Colchida.

Valerius Flaccus, descrevendo-a, fala-nos dos guerreiros Bisaltes, semi barbaros, semi ferozes, que usavam sobre o escudo a imagem dum raio alado de tres pontas, imagem essa que depois foi gravada no broquel dos legionarios romanos. E a tatuagem colorida dos indigenas americanos nada mais era do que uma heraldica barbara, mas tão legitima quanto a do feudalismo.

11

"O Jornal" 29 Janeiro 1921

O COMPANHEIRO DOS HERÓES

Depois de haver domesticado o cão, o homem primitivo, auxiliado por elle, se apoderou do cavallo. E, montado sobre esse nobre animal, se tornou o grande pastor, o grande caçador e o grande pelejador. Da associação do homem e desses dois animaes resultaram as primeiras conquistas para a civilização. O segundo delles de tal modo se fez o companheiro de todas as lutas humanas, que a mythologia creou a lenda dos centauros para symbolisar a união indissoluvel do homem e do cavallo.

Se os cavallos, na sua muda admiração da humanidade, porventura povoaram o seu céo de homens, a humanidade, no seu preito de gratidão á raça equina, encheu o seu céo de cavallos, desde aquelles que puxam o carro dos deuses áquelles que pór si proprios são divindades. Os indús acreditavam que o deus Amrita era o pae do cavallo divino Uchchhaishrava, de que fala o "Baghavad-Gita", montada preferida de Indra, assim como a montaria predilecta de Vishnú era o corcel celeste Pandara. Os carthaginezes davam ao deus Eschmun, que se póde assimilar a Esculapio, Iolaus ou Appollo, uma guarda de honra equina. Por isso as suas tropas e as suas moedas tinham cabeças de cavallo como insignias. Pausanias e Xenophonte asseguram que os persas, para honrar esse quadrupede, o sacrificavam ao sol. E ainda hoje o estylo architectural persa se distingue pelas cabeças de cavallo nos capiteis das suas esbeltas columnas, como a ordem jonica se reconhece pelas volutas e a ordem corinthia pelos acanthos.

Para os hellenos, quatro corceis brancos puxavam o carro de Phebo-Appollo e, por não saber dirigil-os, Phaetonte, seu filho, queimou a pelle dos africanos e pereceu. Ovidio dá-lhes estes nomes: Pyrois, o Inflammado; Eús, o Oriental; Ethon, o Annual; e Phlegon, o Ardente. Outros poetas e mythographos diversamente os appellidam: Erythreu, o Vermelho; Acteon, o Luminoso; Lampos, o Esplendoroso; e Philogeu, o Terrestre. Camões segue de preferencia as pégadas de Ovidio: "Mas já Phlegon e Pyrois com os outros dois..."

Os gregos, que esculpiram os admiraveis cavallos da frisa de Parthénon, davam-lhes tão alto valor que, além dos de natureza divina, como os quatro do Sol e os quatro de Neptuno — Orphneu, Ethon, Nyoteu e Alastor, perpetuaram nos seus poemas, como semi-divinos, os corceis dos seus heróes. Homero conta que Xanthos, Balios e Pedaso, que formavam a triga de Achilles e entendiam as suas palavras, eram filhos da harpeja Podargé e do deus Zephyro.

Xanthos, o louro, o gazeo, depois de morto, deu até seu nome a um rio da Asia Menor, que figura na enumeração geographica mediocre de Villius Sequester. As Nereidas tiveram um cavallo marinho chamado Arion, que Poseidon fez sáir da terra a um golpe do seu magico tridente. E Castor, filho de Jupiter e Leda, teve um cavallo quasi divino: Cyllaro.

Não sómente os argivos assim divinizaram os cavallos, creando mais o proprio Pegaso para montada dos poetas e dos deuses, cujo casco fazia brotar fontes maravilhosas e cantantes entre as pedras brutas. Os magos criam que Zoroastro subira ao céo em um carro tirado por palafrens rodeados de labaredas e os hebreus narram que do mesmo modo Elias foi arrebatado por Jehovah. Os syrios iam além: adoravam o deus Aramalek, o Sol, em figura de cavallo.

Todas as glorias divinas e todas as glorias humanas envolvem a historia que Ovidio exclama: "Hic generosus duvida, e menos sangrenta que a historia dos homens, embora a ella intimamente ligada. E é por essa razão que Ovidio exclama: "His generosus honos, et gloria major equorum!" Dahi os arranjos lendarios, afim de explicar a genese das melhores raças de cavalgaduras que os antigos apreciavam. Não era possivel dar-lhes um nascimento commum, banal, ou qualquer região de pastagens ferteis. Arranjavam-se genealogias como a dos corceis de Achilles. Creou-se a heraldica e a fidalguia cavallinas.

Os da Thessalia, de que nos fala Aristophanes nas "Nuvens", chamavam-se Centauridos e descendiam dos antigos centauros vencidos por Hercules. Justino affirma que as eguas das planicies do Tejo eram fecundadas pelo vento. A mesma lenda se encontra em innumeros classicos greco-latinos, referente ás eguas thracias de Diomedes. Dellas se originou aquelle celebre cavallo de Seins, que Erasmo, no "Elogio da Loucura", chama "cavallo sejano" e ao qual Aulo Gello se refere nas "Noites Atticas", descrevendo a má sorte que o acompanhava. Era um garanhão baio que os antigos denominavam "spadice" e causou a desgraça e a morte de tres donos consecutivos: Dolabella, Cassius e Marco Antonio.

A tudo quanto os homens podem aspirar á face da terra os cavallos têm chegado. O Incitatus de Caligula foi consul tão facilmente quanto muitos dos nossos politicos têm sido congressistas ou ministros. O Imperador Commodo sustentava o seu cavallo Volucris unicamente com tamaras e pistaches, assim como Caligula só dava ao seu as excellentes passas de Apamêa, e usava, no circo, o seu retrato pintado ao peito da toga imperial. O grande Adriano fez elevar um mausoléo sumptuoso ao seu amado Borysthenes. Todo cavallo de gente rica, em Roma, alimentava-se por uma "tabella devotionis" que imitava aquella por que se regia a mordomia imperial, á mesa dos Cesares. E o povo de Bysancio decadente, alcunhou o seu basileus Constantino V — o Cavallino!

Mais alto ainda subiu o cavallo de Alexandre Magno, Bukephalo, o da cabeça de touro, que, segundo Charés, custou a respeitavel somma de treze talentos cubicos, isto é, trezentos mil e doze sestercios romanos. Salvou a vida ao conquistador macedonio numa furiosa peleja, cobrindo-o com o seu vasto corpo e recebendo os golpes que lhe eram destinados. No logar onde caiu morto, o amo, reconhecido, fundou uma cidade: Bukephalia!

O cavallo mais celebre da historia foi, no emtanto, de páo. Nelle os argivos se esconderam para se apoderarem de Troya. Timeu dá-lhe o nome de Durius. Durante seculos, os habitantes de Metaponto religiosamente guardaram as ferramentas do carpinteiro Epeos, que o construira e viera acabar seus dias nessa cidade da Grande Grecia.

Por toda a antiguidade resôa a fama dos cavallos. Strabão descreve os melhores que conhecia, os celebres cavallos cytrinos das planicies de Genova, que eram denominados "ginnes". Talvez desse nome se originem as palavras da nossa lingua: ginete, gineta, ginetaria, ginetario, ginetear. Refere-se mais aos admiraveis "haras" de Dionysio de Syracusa e aos corredores henetes da Paphlagonia. Posidonius conta dos póros iberos de pello espelhante, que mudam de côr quando mudam de terra. Luciano de Samosata elogia os Coppaphoros. Eram os animaes de alto preço, marcados a ferro quente na coxa com o "coppa" grego, o numero noventa, que indicava o seu custo. Maiores elogios Herodoto tecera ao cavallo de Dario e aos ginetes helladicos de Niséa, destinados aos soberanos orientaes.

Gratius Faliscus celebrou em versos a nobre raça equina de Cirrha, dedicada a Apollo; Nemesiano os garanhões da Cappadocia, Flavio Josepho lembrou as duzentas eguas do tetrarcha Herodes, brancas como leite, que comiam em mangedouras de cedro odorante e viviam nas estrebarias subterraneas da cidadella de Makeros. Suetonio descreve de modo inacreditavel o animal que Julio Cesar foi o primeiro a cavalgar e que teve uma estatua deante do templo de Venus Genitrix. Tinha os pés fendidos em diversos dedos! O divinó Julio teve, porém, outro em que atravessou o Rubicon e que possuia cascos communs: Asturcon. Ammiano Marcellino não esqueceu o Babylonio em que Juliano, o Apostata montava, quando foi guerrear os persas. Na ultima etapa da guerra contra Chosroés, morreu sob Heraclium victorioso, o seu fiel cavallo Bralbas.

Auxiliado pelo cavallo, o homem apanhou as caças mais velozes, guardou melhor os rebanhos e manadas, encurtou as distancias, venceu obstaculos e derrotou inimigos. Mesmo quando o vapor veiu substituir nos transportes o cavallo, fez-se a derradeira homenagem: calcular a força das machinas pela força dos cavallos.

Esse poderoso auxilio fez com que os poemas de todas as raças e as lendas de todos os povos e as religiões de todas as gentes rendessem homenagem ao nobre e magnifico animal.

Os germanos e scandinavos dedicaram-lhe o mesmo culto que os civilizados do Oriente e do Mediterraneo. As sagas de Odin falam de Sleigner, o corcel-relampago, que o deus cavalgava rodeado de Walkyrias cavalleiras.

São ainda as sagas que celebrizam o Graminund do conde Dietrich, o Vigbloer, das rédeas de oiro, do rei Helgé, o Gedefar de Goneland, o conde-errante, o Scheming de Wieland e o encantado Hisil, das crinas negras, em que galopava o violeiro Wainamoinen. Os Eddas elogiam o Grani e Sigurd, que é o Siegfried allemão.

O mesmo facto se observa nas poesias tradicionaes dos celtas. Ellas guardam o nome de Mohavk, pertencente ao rei bretão Gradlon, que só mente o dono montava e cuja alma, montada pela alma do rei, ainda hoje corre pelas landes selvagens nas noites de lua. E Ossian canta Siffada e Durosual, que pertenciam ao heroe Cuchullin.

Todo o mundo sabe do amor dos arabes pelos seus ginetes. A sua religião, a sua historia e o seu "folklore" estão cheios de nomes celebres de alfarazes guerreiros e valorosos: do Abser do guerreiro persa Antar, dos ginetes do Nedjeb, do Zephyro do rei Salomão do Haisum emem que viajava o anjo Gabriel, do Rakside do batalhador persa Rustan, de Elborack, a egua branca de Mahomet, e o proprio Koran tem o seu capitulo bem cheio de juramentos pelos "cavallos que correm até perder o folego, pelos que tiram fagulhas com os cascos, pelos que respiram a poeira das batalhas!"

Mas a celebridade do companheiro dos heroes chega ao seu apogeu com a edade média, quando as esporas dão nobreza e só monta, portanto, a cavallo quem tem brazões e sangue velho. Crêa-se até a aristocracia cavallar. Os ginetes, os corceis, os alfarares e os palafrens servem aos cavalleiros, as facas e hacanéas ás damas, os rendeiros, os quartáus, os rocins aos villões, para tiro e carga. E' a epoca em que se glorificam os murzellos e os alfarios, os doradilhos e os zebrunos, os estrelleiros e os trastavados, os velhoris e os argeis.

Todas as gestas se povôam de guerreiros lendarios e de corceis ainda mais lendarios. Roldão monta Brida de Oiro, Vaillantif e Millenaie; os quatro filhos Aymon e entre elles, preferentemente, Reynaldo de Montauban, o encantado Bayard; Ogeris, Frontino, Brossart e Rinchaforte; Ajol, o agil Marchalegre; Palante, o galopeiro Eto; Astolfo, Rabicano, filho do fogo e do vento; Bandimarte, o fiel Bartholdo; Roderico, a egua Orelia; Bemvenuto, o veloz Tournon; Game, o ardego Manchaparda; Gerer, o ligeiro Passaveado; e o Valentim do romance celebre, um de páo, encantado—Pacolet. Não lhes ficam atraz em qualidades marciaes os dos guerreiros da peninsula iberica que se bateram contra os pares de França: Barbamosca de Climorino, sultão de Saragoça; Graminon de Valsebruno; Salto-perdido de Malaridant o Africano; Marinon de Grandogne, filho do rei da Cappadocia; Guignon, d'El Rei Marsilio; mesmo a Babieca do Cid, que um poeta hespanhol faz conversar com Rocinante, tão celebre quanto d. Quixote.

"Correio Paulistano" 5-Fev.º 1924

Para comprehender o valor desses nomes de cavallos é necessario bem comprehender o espirito da sociedade medieval e estar de accordo com aquelle chronista de Guilherme, o Conquistador, duque da Normandia, quando se refere aos cavallos celebres desse duro guerreiro "Qui nominibus propriis vulgo sunt nobilitate..."

E pela historia afóra os homens vão carinhosamente conservando a memoria dos cavallos leaes: o Gianino, de Leonardo da Vinci, citado nos seus manuscriptos; o Numida do sultão Amurat; o Shabrak, do heróe servio da batalha de Kossovo — Marko Kvalliewitch; o Vizir de Napoleão, que era de côr isabel e não branco, conforme se pensa, pois Hoffmann affirma nas suas "Memorias" têl-o visto montado pelo Imperador em Dresde e diz que era amarellado; emfim, o Bengali do Marechal Joffre, vencedor do Marne, como Aecio e como Theodorico ou Meroveu.

No nosso paiz, especialmente no Nordeste, não se estimam, como na Europa, os corredores ou os trotadores. E, como o sertão ficou estacionario na civilização do seculo dezesete, os vaqueiros e alquiladores ensinam aos seus animaes varios passos e andaduras a estrada, o meio, a marcha, a baralha e o esquipado, que estragam os cavallos, porém tornam suaves as longas viagens. São as mesmas andaduras que Rabelais documenta na sua obra e que no seu tempo estavam em moda na França: "pas, entrepas, amibles, hobin, traquenard". Tambem a maneira de marcar a fogo nas coxas os cavallos, tão usada entre nós, vem de remota antiguidade: uma de suas odes, Anacreonte diz que o amor marca a ferro quente os corações, como a ferro quente se marcam nas coxas os cavallos parthas.

A gloria dos cavallos nos tempos modernos não se acabou. Modificou-se sómente. Raros os corceis de pelejas que a attingem. Mas ella cobre generosamente os cavallos de corridas, que têm "pedi-gree", luxo, ovações, nomes celebres e fóros da mais alta nobreza, dependendo do seu folego e das suas canellas o ganho ou perda de sommas espantosas nas grandes corridas dos mais celebrados "derbys". Não são raros os corredores puro-sangue semelhantes ao "Eclypse", de que nos fala Michelet, que corria "mais do que a voz e do que o olhar", e que deixou quatrocentos filhos identificados!

Em todo caso é uma diminuição de gloria passar de companheiro de heróes a ganhador de pareos. Por isso, se os cavallos têm ainda hoje estatuas e mausoléos, não logram mais cidades que os perpetuem e poemas que os cantem. Quanto aos logares de consules e de senadores tambem não os obtêm mais, embora mais os mereçam do que muitos homens. Falando francamente, os homens de caracter devem achar mais justas as homenagens tributadas aos cavallos do que a muitos dos seus semelhantes. "Et pour cause"...

João do NORTE.

"Fon-Fon" 29-Janeiro 1921

A ultima e não a derradeira

(Collaboração feminina)

Acabo de lêr, neste abandono em que me deixas, todas as tuas cartas—todas —todas — todas — cento e tantas! Não me posso habituar ao abandono. Procuro e não vão as razões do teu silencio. Que aconteceu? Porque nem ao menos uma telephonada? Qual o motivo de me esqueceres? E o meu amor proprio pretencioso que me sopra ao ouvido que não posso ser esquecida?!

Não me deixes em duvida atroz. Prefiro a realidade por mais penosa que seja. Esta é a *ultima* que te faço. Se não tiver resposta, estará tudo acabado! Quasi nem ouso escrever estas palavras que soam aos meus ouvidos como um dobre de finados. Tudo acabado? Não é possivel! Todas as nossas recordações mortas? Não, não é possivel! Sei que tu me amas e sei de mais que te amo! Se esta minha missiva é a ultima, fica certo que não será a *derradeira*.

Mariette

13

A nobreza das laminas de aço

Maeterlinck escreveu o Elogio da Espada e teve razão de o fazer, porque essa lamina de aço sempre foi o symbolo da bravura leal e da nobreza dos mais corajosos batalhadores. Desde o dia em que o homem, trabalhando o bronze ou o ferro, bateu sobre a bigorna a folha das primeiras espadas, creou a arma que, mais longa que o punhal e portanto impropria á traição, só serviria para ser brandida, nas pelejas, pelos homens de verdadeira coragem. Pouco importa o nome que tenha e a forma que affecte, a espada é sempre a espada, a arma digna do cavalleiro, a lamina nobre do guerreiro honrado. E sómente entre as suas varias especies a curta sica italiana, que armou sempre o braço dos sicarios, se approxima do punhal do assassino.

Mas todas as laminas de dois gumes ou de um córte só, longas ou pequenas, pontudas ou arredondadas, espatuladas ou esguias, rebrilham sempre nobremente através da historia. São ellas as armas que dormem, no tumulo, ao lado do guerreiro morto. Gladios hispanicos, ensis gaulezes, goesos sicilianos, cópidas gregas, áclides illyricas, spathas de legionarios romanos, claymores caledonias, tautas e catanas japonezas, yatagans turcos, alfanges arabes, kandjars indu's, badelarias flamengas, rapieiras allemãs, cinquedéas florentinas, schiavonas slavas, bastardas normandas, lansquenetas bávaras, lattes francezas, montantes medievaes, quitós do seculo dezoito, em todas rebrilha a mesma gloria e em todas passou o mesmo sentimento elevado e cavalheiresco dos que as desembainharam nas pugnas sangrentas em defesa de ideaes de principios, do seu rei ou da sua nação.

Em todos os povos, o culto da espada testemunha o valor moral dessa nobre arma. As gentes guerreiras do Septentrião adoravam uma espada nu'a. São os classicos gregos que nos falam desse deus dos scythas antigos, que se chamava Acinax. Jornandés, mais tarde, conta-nos que, quando os hunos, vieram sobre a Europa, um lavrador, vendo uma sua novilha côxear ferida no pé, procurou no sólo o que a maltratára e encontrou enterrada, com a ponta aguçada de fóra, a espada-deus dos scythas. Levou-a de presente a Attila, que disse ter ella pertencido a Marte. Com ella em punho, o Flagello de Deus, venceu todos os povos e todas as legiões, menos os povos de Theodorico e de Meroveu, menos as legiões de Aecio.

Ao meio dos triglyphos dos seus templos, nas métopes, os atticos votivamente dependuravam, entre os hukranios dos bois sacrificados e as corôas de louro e os ramos de oliveira, as espadas vencedoras dos seus guerreiros ou as espadas vencidas dos seus inimigos. O costume veiu até a Roma tumultuosa e formidavel dos Cesares. Suetonio diz-nos que a espada de Julio Cesar foi consagrada no templo de Marte.

As lendas no Norte europeu divinizam as espadas e aquelles que as fabricaram. Luno, o forjador das mais celebres espadas dos heróes de Erin, de Thulé e da Caledonia, é o Vulcano septentrional. Foi elle quem bateu a lamina victoriosa de Fingal, pae de Ossian, cujo nome attestava a sua origem: "Filha de Luno".

Waland, o Volundar dos "Eddas", o Goland das gestas mediévas, e seus filhos são os grandes fabricantes scandinavos das espadas lendarias. Das suas forjas e das suas mãos certamente sahiu a Nothung, que Siegfried extrahiu do tronco poderoso da Arvore. Si sobre a sua origem não ha duvidas quasi, a respeito do seu nome ellas existem, porque umas tradições tambem lhe chamam Balmung.

As grandes espadas heroicas vêm sempre dessas mysteriosas e divinas origens. A de Arés fôra forjada por Hephestion. A Malthur dos orientaes teve por autores os Djinns.

O cyclo da Tavola Redonda celebra a gloria da espada do rei Arthur, temperada em forjas magicas por homens que desconheciam completamente o medo.

Appellidava-se Flammejante e tinha o punho de Onyx puro. Paralysava o braço do covarde, si por acaso um covarde a empunhava. Tornava invencivel o braço do homem de bem que a brandisse. Esteve guardada por um dragão na ilha de Avalon, onde o feiticeiro Merlin a foi buscar. E, desembainhada ao sol, rebrilhava intensamente com as sete côres do arco iris.

Na Edade Media, a espada é o symbolo da nobreza, o signal do commando e a prova do respeito. Cingida pelo cavalheiro, dá-lhe o sentimento da sua honra; por ella, elle jura; com ella vence e, abraçado á cruz do seu alto punho, morre como christão. Até ao tumulo ella o acompanha e, na tampa do sepulcro, a sua estatua a abraça sobre o peito do brial crucigiado.

Um titular a conduz deante do soberano, nos cortejos; e reis e duques a empunham na mão direita, guardando o sceptro na esquerda.

O amor que lhe têm chega ao ponto de por ella se abandonar o proprio amor das mulheres.

O mestre de Aviz foge do leito nupcial e é encontrado, de manhã, num oratorio, soluçando abraçado á sua grande espada. Quando o rei bretão descobre na floresta, onde se acoutaram, Tristão e Isolda adormecidos sobre o mesmo manto, não tem coragem de tomar uma vingança, porque uma espada nua os separa. E elle crê que essa marca de respeito sempre os separou...

Nos grandes poemas do cyclo carlovingio, os nomes sonoros das espadas celebres entremeiam-se aos dos guerreiros afamados.

A destra poderosa de Roldão agita no ar a Durindana, que abria inimigos pelo meio, de alto a baixo. Ogerio decepa cabeças agoureiras aos golpes de Courtain.

A Joyeuse de Carlos Magno reluz, no meio das pelejas, ao lado da Almace do arcebispo Turpin. A Balisarda de Rogerio, a Salvagina de Urgel de Danôa, a Altaclara de Oliveiro, a Flambergue de Reynaldo de Montalban contrapõem-se á Dhanay do arabe Antar, á Plotança, á Baptiso e á Brava do gigante Ferrabraz de Alexandria, filho do almirante Balão.

Por toda a parte, nos tempos medievaes, o culto da espada é o mesmo. Na peninsula iberica, a Calada e a Tizona do Cid Campeador são tão amadas pelo povo quanto, no Oriente, a Dulficar de Mahomet, que declarou no Koran que "o paraiso póde ser encontrado á sombra das espadas cruzadas".

Ao morrer da Edade Media, os resoantes appellidos das espadas são levados ao ridiculo pela risada maravilhosa de Rabelais, cujos guerreiros de opereta têm espadas de nomes irrisorios. Emquanto nos poemas em verso dos trovadores e troveiros os Roldões brandem ás Durindanas, na prosa rica e vibrante do cura de Mendon Gymnasta desembainha Baisemoncul!...

Na renascença franceza, as espadas afiam-se e perdem os appellidos. Na renascença italiana, as adagas florejadas pelos Pietros Calmons e Benevenutos Cellinis substituem as cinquedéas compridas e incommodas para embcscadas e traições. Na renascença hespanhola, as laminas saem das officinas de Toledo damasquinadas por Juan d'El Rey, o principe da forja, e os copos são rendilhados por Juan Gil. Mas, já o espirito do momento não se compraz em concentrar na espada as aspirações da honra e da gloria. Ellas perdem a personalidade e, por isso, perdem os nomes.

Depois, vêm as épocas da elegancia, e, com o emprego absoluto da polvora, na guerra, transformam-se as espadas de combate nos espadins cortezãos. Até á invenção das armas de tiro rapido, ainda ha cargas de cavallaria e sabres e lattes compridos que reluzem ao sol das batalhas.

As mais celebres dos ultimos tempos enchem uma sala do Museu dos Invalidos ou pendem das paredes de outros museus da Europa. Porém, nada de interessante as envolve, como as lendas das espadas antigas e só merecem um olhar, porque pertenceram a Hoche ou a Napoleão, a Luiz XVI ou ao Grande Delfim.

Dessas temos um armario cheio no Museu Naval do Rio: a de Pedro II, no dia da rendição de Uruguayaña, a do guarda-marinha Torrezão, as dos almirantes Balthazar da Silveira e Maurity, a do general Roca e a do commandante do vapor paraguayo "Villa del Salto". Numa caixa envidraçada, no Collegio Militar, encontra-se a que Lopez tinha á cintura quando cahiu morto á margem do Aquidaban.

As espadas hoje são quinquilharias ou joias. Não são mais armas. Cinzelam-lhes os punhos André Falize ou J. Oury. Dadas por universitarios a Richepin, por amigos e amigas a Marcel Prevost, offerecidas por cidades a Foch, por paizes a Joffre, ellas não saem mais das bainhas e são penduradas á cintura como simples ornato, á maneira de condecorações. Melhor fôra que nem tivessem folhas. A chatice pratica das cousas modernas acabou de vez com a velha nobreza das laminas de aço. Entretanto, quando se sepulta um guerreiro notavel, ninguem lhe depõe sobre o esquife funerario a metralhadora ou a espingarda, mas sim a espada. Nada custa mais a morrer do que a tradição, mesmo quando se quer matal-a.

João do NORTE

"Correio da Manhã"
31 - Janeiro - 1921
(artigo "Os Cearenses..."
de Leão Vellozo Filho)

Estou pensando, agora mesmo, no meu amigo sr. Gustavo Barroso, cearense até o cerne da alma, e que para representar o seu Estado natal só possue um defeito: é excessivamente bello, e daria, com a sua perfeição apollinea, uma idéa falsa da ethnologia cearense. Tal escriptor tem dado muito de seu elevado espirito a este genero de cogitações intellectuaes e artisticas, perpetuando, pela sua prosa suggestiva e emocionante, as façanhas grotescas dos bandidos de sua terra, como sobretudo das que lhe ficam na circumvizinhança. Difficilmente os nortistas conseguirão desmanchar essa idéa falsa que os expoentes mentaes de suas terras conseguiram incutir no animo dos brasileiros do sul, com tanto mais vigor quanto melhor a traduziram em paginas immorredouras. Eu o lamento sinceramente, porque tambem sou nortista pelo sangue. O Ceará poderá não possuir hoje um unico cangaceiro, e as ruas de Fortaleza poderão vir a ser tão ordenadas e apuradas em civilização, quanto é actualmente a Regent's Street, em Londres ou a Rue de La Paix, em Paris. Emquanto perdurarem os écos dessa literatura a que sou tentado a chamar de ficção, e elles não se apagarão talvez nunca, dada a excellencia dos seus especimens: não haverá realidade capaz de demovel-a, e toda vez que o sertão do norte nos vier á mente, evocado pela fantasia de seus artistas literarios, será acompanhado do respectivo cortejo de seus heroicos bandoleiros. Os Cunhas e os Patacos, os Macieis, os Cacundas, os Mourões, e outras figuras de cangaceiros do nordéste, com tanto relevo gravadas nas paginas de João do Norte, acudirão ao espirito, toda vez que o desperte qualquer idéa de violencia ou ferocidade inaudita:

"Fon-Fon" 5 Fevº
1921

A barca mystica

Em todas as épocas, a cidade de Paris, a velha Lutetia gallo-romana, «sahida da lama», teve como armas uma nave vogando sobre as aguas. E durante milhares de annos ninguem nunca pensou que esse symbolo heraldico se prendesse ás mais profundas tradições religiosas da humanidade.

Quem lê as paginas admiraveis de Maspero sobre o Egypto antigo sabe perfeitamente que um dos signos mais communs nas inscripções dos templos e nos pallios e varas dos cortejos e procissões era o bari-mystico. Todos os deuses o possuiam, tanto Ammon, como Khum, como Anubis. Representava uma embarcação. Era a barca sobre que as divindades vogavam á face das aguas eternas do Nilo celeste.

Ora, modernamente, o grande Sar Peladan, theosopho e romancista, que os senhores Orris Soares, dramatugo, e Flexa Ribeiro, escriptor, tanto apreciam, descobriu que a nave do escudo de armas da capital franceza vem da velhissima barca contemporanea dos deuses pharaonicos, e mais que o proprio nome de Paris não passa de uma corruptela secular e absolutamente explicavel sob qualquer ponto de vista glottologico do vetusto vocabulo egypcio Bari...

Concordam com essa descoberta os illustrados e sympathicos confrades Flexa Ribeiro e Orris Soares, em cujos espiritos de escól tão bem calham as idéas e as formas de Peladan?

5 - Fevº 1921

FON-FON NA INGLATERRA

O Sr. Cunninghame-Graham, um dos modernos escriptores inglezes mais conhecidos e que tem ultimamente publicado excellentes trabalhos. Este retrato foi feito no bello parque da sua residencia de verão, na Inglaterra. O Sr. Cunninghame-Graham, que conhece profundamente toda a America do Sul, acabava, quando foi photographado, de passeiar no seu cavallo de sangue arreiado *á brasileira*. O notavel litterato britannico, que escreveu o bello romance *Faith*, muito se preoccupa com as questões brasileiras e ultimamente publicou um livro interessantissimo sobre Antonio Conselheiro, intitulado *A Brasilian Mystic*. A presente photographia foi pelo Sr. Graham offerecida ao nosso companheiro Gustavo Barroso (João do Norte), com quem o litterato inglez entretem amistosa correspondencia desde algum tempo.

Os doze jurados

Quando o jury foi imposto pela revolta de fidalgos, burguezes e mesteiraes ao rei João Sem Terra, em plena idade média, foi constituido por doze pessôas—as mais velhas de cada lugar. Os outros povos copiaram o jury da Inglaterra e copiaram o mesmo numero de juizes de facto. Assim se manteve a tradição por muitos annos e só ultimamente é que em alguns paizes ou Estados se modificou a disposição basica e se chamaram sete ou cinco jurados em vez dos doze de sempre.

Durante toda a idade média, todos os conselhos directores de companhias de guerra ou de commercio, de associações religiosas, seculares ou monacaes eram compostos de doze individuos em lembrança dos doze pares de França, dos doze paladinos do Imperador do Occidente. Por isso o jury instituido nesse tempo só podia ter tambem doze juizes. E o symbolismo desses doze juizes provenientes desses doze «pares» vem de mais longe: dos doze apostolos, certamente.

O que se devia, no entanto, fazer para moralisar o nosso jury não era diminuir de doze para sete o numero de jurados e sim executar naquelles que julgaesem mal a pena imposta pelo rei Cambyses, segundo conta Herodoto, ao juiz Sisanne. Este vendera uma sentença. O rei soube, mandou esfolal-o, fazer com o seu couro o assento duma cadeira, nomeou juiz em seu logar o seu filho, para que este sempre se lembrasse, antes de dar qualquer sentença, que estava sentado sobre a pelle do progenitor castigado por ser prevaricador. Se os nossos juizes de facto soubessem que em caso identico seriam esfolados para servir a sua pelle de assento e escarmento aos nossos juizes, estou certo que a velha instituição decadente se renovaria.

— Não é verdade, senhores do Conselho de Sentença?

"Fon-Fon" 12 Fevº
1921

"A volta do Imperador"

Entre os que collaboraram na commemoração artistica da volta dos despojos dos ex imperadores do Brasil ao torrão natal, não podemos deixar de distinguir o grande escriptor e poeta Carlos Magalhães de Azeredo, nosso embaixador junto ao Vaticano.

A casa editora do «Annuario do Brasil» pôz á venda uma bella plaquette de Magalhães Azeredo com o titulo «A volta do Imperador», na qual em versos de rythmo variado e de formosa inspiração elle nos faz ouvir a sua voz de envolta com a do morto illustre, do homem e da patria. O sonoro e delicado poeta dá-nos com esse pequeno livro uma pequena joia litteraria, digna de seu grande nome e que contribuirá mais ainda para o realce de que goza nos nossos meios intellectuaes. E o seu poemeto foi uma das mais bellas commemorações artisticas do grande acontecimento nacional.

"Fon-Fon" 5 fev. 1921

Folhas soltas

(Collaboração feminina)

E' preciso amar a vida. E' melhor rir do que chorar. E eu me lembro sempre do philosopho que disse: «A vida é um rosario de miserias que se deve passar entre os dedos, sorrindo».

Deve-se sempre expulsar da alma a neurasthenia, que é uma doença cuja cura depende tão sómente da nossa vontade. E, para amar á vida, deve-se sempre crear, inventar novos desejos, novas ambições, novas vaidades.

Eu sempre va ri da minha vida as más lembranças e sempre serei alegre, até mesmo quando ficar velha e tiver expremido a vida como se expreme um limão...

Não comprehendo as dôces, sorridentes e tristes resignações. Eu só comprehendo a energia!

Eu amo muito a saudade para poder esquecer.

O meu amor é tão grande que se mostra até na pontuação das cartas que escrevo...

Mariette

SÓ...

(Collaboração feminina)

Do meu diario

5 de Janeiro, á meia noite.

Estou só no meu quarto. Um grande silencio pesa sobre toda a casa adormecida. Vim duma festa. Minhas roupas se estendem sobre as cadeiras, a esmo.

A MODA

No aposento envolto em escuridão um raio de luz, vindo da rua, entra por uma frincha da janella e doira os bronzes duma cantoneira. E eu penso intensamente n'Elle!

O canapé coberto de almofadas, a grande poltrona estofada. Como ahi estariamos bem! Como nos amariamos! Quantos carinhos e quantos beijos! Entretanto, estou só, só, só!

Vem, querido mais que os mais queridos! Vem!

Não podes calcular a falta que me fazes e quanto cada dia que se passa eu me torno uma coisa inteiramente tua.

Como eu estou só! Só! Só!

Mariette

Não é possivel!

(Collaboração feminina)

Será possivel que eu nunca mais te veja? Não. Não é! Diz que não é, amigo! Fico tão triste quando penso nessas coisas! E ás vezes, quando a esperança me abandona, soffro duma maneira pavorosa. A vida até me parece odiosa e sinistra. Não ha nada mais horroroso do que a separação. E a palavra saudade, que a nossa lingua é a unica a possuir, vem da palavra soledade, vem da solidão.

O tempo tudo destróe, menos um grande amor, mostrando nos dia a dia, com a recordação, todas as riquezas do seu thesouro, — as que fôram dadas e as que ainda se poderiam dar! E é essa lembrança que nos torna infelizes.

Amo e sôffro! Creio que as mulheres não nasceram para outra coisa. Pelo menos as mulheres como eu. E fico quasi doida quando penso que tudo poderá estar acabado...

Não! Não é possivel! Diz que não é possivel pelo amor de Deus!

Mariette

"Fon Fon" 12 Fev 1921

ARLEQUIM DESOLADO

A Gustavo Barroso

Elle a ideara divina; a mão nervosa e fria
crucificada ao peito; o olhar puro voltado
numa expressão de amor para o perfil
amado...
Era noite; a alameda ainda estava vasia.

Leve rumor na alfombra; Arlequim con-
fortado
volve os olhos a ver se era Ella que tremia,
fazendo baloiçar o arvoredo agitado;
estava só, e Ella quem sabe se viria?...

Noivo, sentira o olhar encher-se d'agua; e
agora
triste, Ella não vem que tarda a primavera,
e elle a espera, cahe luz, é o fim da noite,
a aurora..;

Ella não chega; é uma ancia doida, ancia
sem fim.
Colombina é o amor, o amor nunca se es-
pera,
e o homem que espera, espera em vão como
Arlequim...

Oswaldo Orico

"O Jornal" 5 Fevereiro 1921

A VELHICE DAS DOENÇAS

Quasi todas as enfermidades são tão velhas quanto o mundo. Através os seculos, ellas não têm, na maioria, mudado de aspectos ou de fórmas, sim unicamente de nomes, obedecendo primeiro ao dizer apropriado do povo, depois ás indicações religiosas e por fim, nos nossos dias, ao espectaculoso preciosismo dos medicos.

Isto quanto ás denominações. Quanto ás causas, a revolução é intensamente profunda, embora os facultativos de hoje matem, certamente, muito mais gente do que os da antiguidade, excepção feita dos doutores medievaes e do Renascimento á maneira dos Sangrados. Platão, no "Timeu", aponta tres causas principaes das doenças humanas. Diz o philosopho que umas vêm da propria composição do nosso corpo, em que os deuses misturaram o frio e o calor, a seccura e a humidade.

Conforme os excessos duma dessas partes sobre as outras, os seus contrastes violentos provocados por quaesquer circumstancias, as mudanças repentinas, dá-se o inicio da enfermidade. Outras decorrem dos vicios que affectam o sangue e os ossos, as visceras e a medulla. Emfim, outras ainda resultam da concrecção da bilis e do sangue, da perturbação dos espiritos animaes e da densidade das lymphas.

E' nesta terceira causa que se enquadra bem toda a theoria medica dos humores, tão em voga outr'ora, que veiu da edade-media quasi aos nossos dias, apregoando as sangrias como a panacéa salvadora da pobre humanidade. Na segunda, nos "vicios" perfeitamente se póde filiar a theoria microbiana moderna, porque Platão aponta os vicios que atacam as varias partes do corpo sem affirmar nem negar que elles sejam provenientes de germens nocivos ou de outros motivos.

Longe de mim, pobre e desvalioso escrivinhador, a pretensão de entrar no amago da sciencia medica, discutindo excellencias ou verdades destas ou daquellas theorias, apregoando o valor destes ou daquelles methodos e systemas. Nada disso. Eu só quero, com as minhas pequenas forças, mostrar quanto são antigas as molestias. Desculpem este termo. Na nossa lingua, elle, de accordo com a propria indole do falar, só se applica a dôres moraes; porém, como o uso já o tornou synonimo de doença, não trepido em usal-o nesta ultima accepção.

As molestias, portanto, são bem velhas e já tiveram nomes curiosissimos, que se perderam entre a poeira do passado e cederam o logar a todos os vocabulos pedantes de origem grega, terminados em ia, que fazem a delicia dos esculapios, a "nação de gente", como diria o sertanejo, que mais gosta de "falar difficil".

Tomemos para exemplo a epilepsia. E' o mal sagrado da antiguidade classica. Theophrasto, discipulo de Platão, descreve-o no "Eresii" miudamente, indicando para cural-o um remedio sobremodo interessante: a pelle do lagarto, quando elle acaba de perdel-a. O seu titulo pomposo de mal-sagrado saiu dos gregos. Eram elles que o chamavam "hieran-noson". Alguns escriptores acreditam que essa denominação lhe veiu da crença de que elle era um presente directo da divindade. Máo presente, em verdade. Outros, como Apuleu, na "Apologia", asseguram que é sagrado, porque ataca a parte mais santa, mais sagrada do homem—o cerebro. Os latinos continuam a dar-lhe o mesmo appellido: "morbus sacer". Mas ás vezes o chamavam de outros modos: "comitialis-morbus", "lucsdeifica". A idade media o conhece por mal-caduco. Hoje, elle entrou na lista geral da desinencia "ia".

Sagrado tambem os antigos consideravam o mal que rebentava em pustulas pelo corpo todo, fazendo cair pedaços de carne apodrecida. Era o fogo-sagrado. No decimo seculo, elle devasta a Europa, matando até as santas como Santa Lydwina. Os catholicos o injuriam: fogo-selvagem, fogo-do-Inferno. Os physicos o denominam: mal dos ardentes. Os crentes e resignados o appellidam: fogo de Santo Antonio. Parece que os esculapios actuaes o baptisaram por ergotismo-gangrenoso.

Os nossos antepassados europeus dividiam a tisica, chamando-a ethica ou etiguidade, em tres especies: a tabida, a atrophiada e a emaciada. Ella passou a ser tuberculose, mas o povo ainda diz que os seus enfermos são ethicos.

O povo é quem melhor tem conservado as velhas alcunhas das molestias esquecidas pela medicina. E' elle o unico que ainda hoje emprega as palavras desusadas, estupor e ar-do-vento, flato, que é flato maligno medievo, a neurasthenia talvez; espinheia caida, e o termo geral, tão proprio e tão expressivo, das doenças contagiosas — andaço. Melhor este do que epidemia.

A religião catholica deu ás enfermidades os nomes dos santos que della soffreram ou que as curaram. A choréa de hoje, tão bem determinada por Hutington, o "mazuco" do tempo de Machiavel, foi a dansa de São Guido. A gotta, que a medicina antiga dividia em gotta quente, gotta coral e gotta fria, foi o mal de São Genou. A hydropisia foi o mal de Santo Eutropio. A sarna, gafém ou gafeira foi o mal de São Francisco. A morphéa, lepra branca e lepra verde, foi o mal de São Lazaro. E a loucura foi o mal de São Gildo.

Outras molestias antigas são de difficil identificação hoje em dia, embora esforços de comparação e de observação. A peste que devastou a Attica, durante a guerra do Peloponeso, que Trucydides minuciosamente descreve, por exemplo; os vomitos-de-fleugmas, as dôres-de-tramas, as dôres-de-levadigas, que tantos males causaram nas populações medievaes.

Em materia de febres, as mais velhas são as quartãs e as terçãs. Em materia de pelle, as mais antigas molestias têm nomes interessantissimos: o tac dos carneiros, que passava para os homens com assombrosa facilidade; a malonria a salsugem, os leicenços, as alporcas, as nascidas, os pragões.

Outras enfermidades, que agora são conhecidas por nomes hellenicos pretenciosos, tiveram nomes vulgarissimos. A ictericia chamou-se bile-negra e bile-amarella; a dysenteria, dôr-de-neira.

Mas entre todos os males physicos que affligem os homens nenhum é comparavel pela sua perversidade e pelo seu perigo áquelle que nasce do amor vadio, como um castigo dos deuses aos que abusam dos gozos carnaes. Dizem-n'o relativamente moderno, affirmando uns até que Colombo o levou da America para a Europa. Parece que a base dessa opinião são algumas palavras pilhericas de Voltaire no "Candide", quando o philosopho Pangloss explica a "genealogia" dessa "coisa indispensavel no melhor dos mundos". Nada, no emtanto, menos provado. Porque, em 1483, quasi dez annos antes do descobrimento do Novo Continente pelo genovez, Fracaber, poeta mediocre á maneira de Bocage, escrevia e publicava o seu indecente poema em latim: "Morbo Gallico".

A origem desse mal terrivel, perfei

tamente dispensavel, dizem os que repudiam o optimismo assombroso de Pangloss, perde-se na confusão provocada por aquelles que o attribuem, na Europa, aos inimigos de sua nação ou de sua politica. Os francezes affirmam que os seus soldados, ao tempo de Carlos VIII, o trouxeram da Italia invadida e o chamam Mal de Napoles. Em resposta a essa aleivosia, os italianos o denominam Mal Francez. Essa discussão se alteia entre outros povos, que todos lhe conhecem os effeitos. E o melhor será alcunhal-o, não como os eruditos da edade moderna — Mal de Venus, nem como o vulgacho do nosso interior — Molestia do Mundo; porém, como os sabios da Renascença — "Morbus Indecens". E' a appellação mais discreta e mais digna, tendo sobretudo a vantagem de não offender o patriotismo de pessoa alguma.

São assim vetustas e, pode-se dizer, gloriosas as doenças, pois que umas foram consideradas sagradas, outras presentes dos deuses e outras ainda tiveram a ennobrecel-as nomes beatificos de santos, perpetuados na Hagiographia catholica. E eu, como escrevinhador, não tenho pejo em confessar que acho mais sympathicas as enfermidades com o seu nome antigo, singelo, popular e expressivo, do que com os seus complicados appellidos modernos, tão pedantes e tão preciosos quanto muitos medicos que conheço. E estou que qualquer homem do povo julga muito melhor ficar estuporado dum lado do que ter uma congestão e ainda mais do que apanhar uma hemiplegia. E' que as doenças, com o correr dos tempos e quando lhes chegou a velhice, infladas com os progressos da sciencia, tiveram fatalmente de se aristocratizar.

Mas a poesia dos seus nomes antigos não ha forças que consigam destruir. E' innegavel que palavras como ankylostomiase não têm o mesmo sabor expressivo que amarellidão. E todos esses termos scientificos modernos para nada mais servem do que para estragar a tradição e a velhice respeitavel das doenças...

João do NORTE.

"Correio Paulistano"
10 - Fev - 1921

Os animaes celebres

Quem pensar que a celebridade e a gloria neste mundo são partilha exclusiva dos homens, redondamente se engana. Nem haveria motivos para esse monopolio, mesmo porque os homens quási sempre merecem muito menos a fama do que os seus companheiros de azas ou de quatro pés, que tambem vivem sobre a terra, e de cujo secular soffrimento o homem tira os melhores e mais certos proveitos. E é por isso, certamente, que a justiça da historia faz que os animaes ascendam aos páramos celestes, como divindades, ou sejam registados nas suas paginas de bronze, para que a posteridade os conheça e os admire.

Nos totemismos das tribus primitivas consistiam as primeiras homenagens prestadas pelo animal humano aos seus semelhantes de duas ou de quatro patas, entre os quaes os logo de principio considerados como verdadeiramente sagrados foram sómente quatro: o boi, a aguia, o leão e o proprio homem. São esses animaes que representam a humanidade, os voadores, os selvagens e os domesticos, que formam o mais antigo symbolo das religiões: a esphinge, que os contém todos. Eram as suas cabeças que os chaldeus punham sobre o corpo possante dos seus kerubs. Foram as suas faces que os Beni-Israel fizeram esculpir aos quatro cantos da sua arca. São elles os que servem de marcas symbolicas ao inicio do Christianismo, destinados cada um a um dos Evangelistas.

Dos totemismos ancestraes vieram os nomes de animaes para homens e logares, a sua veneração nos cultos locaes, a protecção que lhes deram as cidades, o caracter divino que lhes offereceram as religiões e a affirmação das raças que se diziam originarias deste ou daquelle, que declaravam terem vindo guiadas por um ou outro, como os hirpinos, que a fabula assegura andarem conduzidos por um lobo, ou os neuros, que em lobos se transformavam.

Da união de animaes e de mulheres, muitos homens e mesmo muitos povos dizem terem nascido. Esses fabulosos hymeneus não são raros nas mythologias e os seus autores ficam celebres entre os homens. Europa é raptada por um novilho divino. Leda é amada por um cysne. Pasiphaé entrega-se a um touro. Phylvia ama um cavallo. Eva deixa-se tentar pela serpente hypocrita do Paraiso. A viuva de que nos falam Luciano e Apuleu, apaixona-se por um burro. E Herodoto, no seu livro segundo, nos conta da criatura que se prostituiu ao bode sagrado de Mendés.

Todos os povos selvagens têm alcunhas de tribus ou de individuos nascidos dos bichos por elles adorados ou simplesmente venerados como totems. Mesmo depois que attingem um grau mais alto de civilização, continuam a guardar a lembrança desse costume. Os hindús nunca esqueceram a serpente-rei Mucalnida, que protegeu o primeiro Budha. Os syrios jámais se olvidaram do cavallo Anamalek nem os chaldeus do peixe Oannès.

Onde, porém, a reminiscencia dos antigos clans totemicos mais tempo durou, foi no Egypto. Ahi, cada região, cada cidade, teve o culto popular dum animal, que se tornou celebre: o touro em Memphis, o bóde em Mendés, o gato em Bubastes, Anubis, o cão ou o cynocephalo em Thebas; a ibis em Heliopolis, o falcão em Edfu', e o crocodilo em Fayum.

A historia lendaria das origens, ou as fabulas religiosas de todas as gentes estão cheias de animaes afamados. Os classicos gregos nos falam das formigas, que accumularam grãos na bocca de Midas adormecido, e das abelhas, que depositaram miel nos labios de Platão, as primeiras prophetizando a riqueza futura de rei da Phrygia e as segundas indicando a eloquencia divina das palavras do philosopho amavel. E Valerio Maximo prefere o dom que as ultimas apontaram, porque, na verdade, as riquezas perecem e o talento fica. Antes dessas formigas e dessas abelhas, já tinham celebrado o paciente asno de Sileno, que lentamente seguia o grande cortejo de Baccho, com as bacchantes nuas derreadas sobre tigres, além de pôrem sempre a aguia ao lado de Zeus e a coruja pousada ao hombro de Athena. Theocrito, nas "Thalysias", canta outras abelhas, não menos celebres que as de Platão: aquellas que alimentavam o cabreiro Conatas, por ordem das Musas, quando o seu amo o emparedou ou enterrou vivo, para que perecesse de fome e sêde, porque sacrificava áquellas deusas as cabras do rebanho.

Os romanos moldaram em bronze a loba capitolina, em memoria da que sustentára os Gemeos, e conservaram no Capitolio os gansos que deram o alarme quando do ataque subtil dos gaulezes, ao tempo do consul Manlio.

A Biblia tambem tornou varios animaes celebres. E' esse livro as-

cecam os commentarios profundos de Ruskin, no "Reposo de San Marcos", de Renan, na "Historia do Povo de Israel", e de Schuré na "Evolução Divina".

Enumerou-os e troçou-os o espirito critico, mas terrivelmente erudito de Voltaire em todo o canto XX do poema da "Pucelle". Descreveu os dos totemismos ancestraes egypcios Maret, nos seus "Mysterios". Outros ainda contaram

16

cousas Herodoto e os Vedas. Theocrito e Valerio Maximo, Dion Chrysostomo e Plinio o Naturalista. Mesmo modernamente, um Emilio Gebhart não esquece dedicar interessante capitulo á ursa celebrada em toda a Italia pelo nome sympathico de Bianca Capuana. E, sobre os papagaios lendarios e historicos, Alberto Faria, entre nós, escreveu uma curiosa nota.

Como entre os bichos não ha elogios mutuos, não existem egrejinhas com prevenção desta ou daquella casta, estou que quando um delles consegue celebridade é porque de verdade a mereceu. Dahi o poder francamente affirmar que os animaes são, sempre e cada vez mais, mais justamente celebres do que nós — os homens.

João do NORTE

"Jornal" 14-Fev. 1924

AS TRADIÇÕES DAS TROPAS DE ESCÓL

A experiencia dos homens através os seculos, desde a mais remota antiguidade até hoje, tem ensinado que é impossivel haver espirito militar sem emulação e sem estimulo. Para obter ambos, os pastores de povos e os conductores de guerreiros instituiram as ordens honorificas e as tropas escolhidas. E essas duas recompensas, tão de accôrdo com a indole futil e vaidosa da maioria da humanidade desenvolveram o heroismo entre os combatentes e augmentaram todas as suas qualidades e todos os seus esforços.

Se mergulharmos na noite dos tempos, vamos encontrar as condecorações militares na propria China antiga, ao tempo das primeiras dynastias, quando o Filho do Céo prégava ao peito dos seus subditos, para recompensal-os, o dragão civil de quatro garras e o dragão militar de cinco; vamos achal-as até mesmo no Egypto pharaonico e remoto, mysterioso e sombrio, quando os seus soberanos davam aos civis a ordem da Mosca e aos soldados a ordem do Leão. Sabemos mais que, ao pescoço dos seus mais distinctos guerreiros, assyrios e punicos, indu's e persas suspendiam collares de pedraria ou de ouro, como os gregos coroavam os seus com as folhas brilhantes do loureiro e como os romanos enchiam o peito dos seus de carrancudas phaleras, segundo ainda hoje se vê nos baixos relevos da majestosa columna de Trajano.

Corre de par com a velhice das condecorações a do habito de organizar na tribu, no povo ou no exercito um grupo de homens escolhidos, destinados a sustentar a coragem dos outros durante as batalhas e do qual fazem parte, preenchendo-lhes os claros, todos aquelles que mais se distinguem.

Que foi, na India Vedica, o corpo dos Nayres entre a casta numerosa dos Kchatryas, senão um verdadeiro regimento de escól, guarde das tradicções guerreiras semi-fabulosas e estupendas do cyclo lendario e mysterioso de Ram, do qual saiu a maravilha do Ramayana. Que foram, ás margens do Nilo, na época gloriosa dos Ramessidas as legiões de Phra e do Sutek, ás quaes somente pertenciam aquelles cuja bravura já tivesse sido assignalada ao Pharaó em innumeros combates? Que papel desempenharam nas lutas do povo de Israel os Trezentos de Gedeão ou aquelles Gibborim disciplinados por Joas, cobertos de escamas de ouro, que deram ao rei David, com um estratagema celebre, a admiravel victoria do Rephaim, esmagando o poder dos Jebuseus e mostrando quanto vale a tactica dos envolvimentos?

Não é só o Oriente classico que põe em pratica a necessidade de possuir um povo as suas tropas de eleição, tradicionaes, symbolicas, respeitaveis o respeitadas, em torno das quaes se congregue o espirito militar nacional e para as quaes patrioticamente se volvam todos os olhos.

A Grecia, cuja arte militar gerou a organização magnifica da phalange thebana, da qual se originou a phalange macedonica, essa continu'a o systema indeclinavel de possuir as suas tropas de elite. Da sua infantaria se distinguem pelos seus privilegios especiaes e pelo seu valor os Sarissophorios, postos acima de quaesquer outros soldados: hoplitas ou peltastas. E, justificando essas preferencias, Socrates dizia: "se se tratasse de ganhar dinheiro, não era licito que se puzessem á frente de todos os soldados que demonstrassem maior amor do lucro? Portanto, desde que se trata de correr perigos, deve-se dar toda honra áquelles que amam a gloria".

Na cavallaria hellena o mesmo espirito de emulação domina. Os dimachos ou couraceiros passavam adiante dos cataphractarios e sabe-se, por um trecho das palestras memoraveis de Socrates, recolhidas por Vemophonte, que á frente de todos, mesmo dos hipparchas ou prefeitos da cavallaria, marchavam por direito os archeiros a cavallo.

Isto tudo, que acontecia em Athenas, se repetia nas outras partes da Hellade. Em Sparta, a maior honra para um soldado era poder fazer parte da celebre cohorte Scyrite, que tinha a honra de dar guarda aos reis.

E' Deodoro de Sicilia quem nol-a descreve no capitulo XXXV do seu livro XV.

Thucydide fala-nos dos corpos especiaes de Thebas, dos seus henioques e parabates, os primeiros conductores de carros de guerra e os segundos infatigaveis batalhadores, para cujo gremio a entrada era grande recompensa; tambem do Batalhão Sagrado, composto de trezentos guerreiros escolhidos entre os mais escolhidos, além dos Kontophoros, dotados de várias especies de regalias.

Sabem os que manuseam a historia com aquella paixão das minucias tão apregoada e tão calorosamente defendida por um dos maiores historiadores francezes dos ultimos tempos, o erudito Amadeu Thierry, que a Guarda Thracyda do conselho dos amphyctiões foi tão apurada em toda a Grecia quanto o fôra no oriente todo o corpo de escól dos Candaces persas, tão querido de Xerxes e, no emtanto, inteiramente derrotado em Marathona e em Platéa pelo genio dos estrategas achaios.

Alexandre Magno retoma o fio das tradições militares hellenicas, quando de posse do espirito grego o leva para o espalhar á face immensa da Asia. Na sua infantaria, elle, em primeiro logar, põe os hypaspistas, a cuja guarda fiel entrega a sua pessoa; depois, os admiraveis argyrospidas, com armas de prata, citados por Justino e Quinto Curcio, que eram commandados por Nikanor, filho de Parmenio; por fim, os archeiros hellenos ou mesmo bisaltinos, que tinham um pé calçado e um pé nú, afim de não escorregarem nas pedras. A sua cavallaria se honrava com dois batalhões de escól: a A'gema e os Hamippes—dragões e voltigeiros ao mesmo tempo. São essas duas as legiões atiradas em Arbellas e no Granico contra os temiveis corpos tradicionaes de Dario: os Immortaes e os Melophosos. E se não fossem elles, nenhum outro corpo do exercito macedonio derrotaria as duas espantosas phalanges persas.

Roma desde o seu inicio até sua agonia conserva as suas tropas tradicionaes de escól, comprehendendo a sua necessidade e procurando sempre não fugir a ella. Os seus reis se rodeam dos Salios fundados por Numa Pompilio. No quarto seculo de sua movimentada vida, a democracia conquistadora do Senado créa a legião afamada dos Petulantes. E' ella que combate os Companheiros e Amigos de Antiocho, o Grande. Os Cesares concedem todas as prerogativas possiveis ás legiões especiaes dos Jorios e dos Herculios, que eram a tradição viva do exercito romano, que vinham dos Petulantes e dos Salios. E os Pretorianos têm preeminencia sobre quaesquer outras tropas, desde o tempo de Augusto, em Roma, até os dias ensanguentados de Augustulo, em Ravenna.

Todos aquelles que se occuparam das coisas militares romanas, estudando-as no mar e em terra, são unanimes em affirmar a imprescindivel carencia da emulação e do estimulo num exercito, indicando para obtel-as os remedios ensinados pela longa experiencia humana: commendas e batalhões de "elite". Essas opiniões de Vegecio, Frontino, Herodiano, Ammiano Marcellino, Polyeno e Polybio não envelheceram. Tanto assim que outras coisas não fizeram com as suas medalhas, forrageiras, companhias de honra, do lado dos alliados ou do lado dos allemães, os grandes generaes que tiveram ha pouco a responsabilidade da maior guerra do mundo.

Através os tempos, outros remedios que não esses nunca se puzeram em pratica. Em qualquer momento, não se acham outros. Inutil procurar. Sempre todo o segredo da boa militança nelles repousa solidamente. E só tem de verdade exercito, quem, organizando o seu com todas as regras, não esquece a tradição e a recompensa.

Do nono ao decimo seculo da nossa éra, Bysancio, que todo o mundo pensa ter sido unicamente uma nação de sophistas e degenerados, foi o maior imperio militar do seu tempo. Suas guerras heroicas levaram Schlumberger a escrever os tres grossos e assombrosos volumes da "Epopéa bysantina" e ainda hoje maravilham a alma de Carlos Diehl como ha pouco tempo ainda espantavam a de Emilio Gebhart. Nessa occasião, as suas tropas, apesar de serem na maioria mercenarias, tinham,, para seu estimulo, varios degráos de ascensão. O soldado bysantino começava no corpo dos Candidatos, tendo vindo quer dos Varnigs normandos, quer dos Buccellarios galatas, quer dos Martiobarbulos illyrios. Passava, depois, aos Clibanarios ou aos Spatharios, conforme quizesse montar a cavallo de lança em punho ou brandir a grande espada dos infantes.

Como galardão de bons serviços e de façanhas, entrava, após para os Silenciarios ou para os Cubicularios do palacio do Basileus. Dahi ia transferido para os Excubitores ou para os Protectores, que já se approximavam mais da pessoa sagrada do Imperador. E terminada a sua carreira, ora na legião dos Argyróspidas, os quaes, armados de lanças de prata, guardavam a Despoina, a hieratica imperatriz bysantina; ora nos Chrysóspidas, que, empunhando armas de ouro, cercavam o Autokrátor de manto purpureo, rebrilhando de gemmas raras.

Esses Chrysóspidas, com suas galas de parada, eram, entretanto, veteranos temiveis. Quando Heraclio marchou contra Ctésiphon, elles desbarataram o celebre Batalhão de Ouro de Chosroés, rei da Persia, tropa que desempenhava identico papel na terra do Rei dos Reis e que Theophano na sua ""Chorographia" chama "milites auribostatos".

Os proprios povos barbaros reconheceram sempre a necessidade das tropas escolhidas. Attila teve a sua, dil-o Jornandés, embora sem nome especial. Na época das invasões scandinavas, Kanuto o Grande da Dinamarca, organizou os seus famigerados Thringrauns. E os bulgaros de raça fino-hunnica, que atacaram Bysancio, davam todas as vantagens aos seus Boliros. Mahomet creou os Mohaserios e os Susarios. E os califas que lhe succederam, arabes ou ottomanos, residentes em Bagdad ou em Stambul, tiveram Timariotas, Spahis, Janizaros e Zuavos.

Na propria edade-media, quando os grandes exercitos organizados da antiguidade classica ou as chusmas armadas e anarchicas dos barbaros cederam o passo ás pequenas hostes e meshades feudaes de cada barão, as tropas de escól reappareceram: são os Masseiros de Pedro o Cruel, em Castella, os Sergentes de Massas de Felippe o Augusto, em França, os Cotereaux de Henrique II de Inglaterra, os Estradiotas esclavões de Veneza, os Tarvarzysz ou Companheiros e os Pancernas ou couraceiros da Polonia dos Jugiltors.

A invasão turca no Oriente europeu, que veiu quebrar-se nos muros de Vienna, como uma de suas repercussões traz para o Occidente a mania de dar ás tropas especiaes dos exercitos titulos polonezes, hungaros e mesmo ottomanos. E quando apparece nos Pacoletes que eram os Packolicki slavos, os Hussares que eram os Usarz hungaros, os Hulanos que eram os Ochlans da Turquia.

Desde os terços de Gonçalo de Cordova aos regimentos de Turenne, ás meias-brigadas da Revolução, aos batalhões napoleonicos, a tradição das tropas de escól se mantem intacta e vibrante nas companhias de honra ou de "elite", nas denominações especiaes e historicas dos corpos. Os prussianos têm os hussares da morte de Zilten, a Revolução tem os seus Hussares da Morte tambem, tão heroicos como os soldados daquella Companhia da Morte de Masaniello, em Napoles. Bonaparte tem os Guias, de que saudosamente fala o "Memorial" e que se transformaram, para Napoleão I, nos caçadores a cavallo da Guarda, cujo uniforme verde de coronel elle sempre usou.

A tactica e a estrategia modernas, os progressos de toda a sorte da arte militar nos ultimos tempos não tentaram sequer acabar com essa tradição gloriosa das tropas de escól. Todas as nações a conservam. A Inglaterra nos Highlanders, Coldstreams e Life-Guards. A Noruega, nos Caçadores Reaes. A Suecia, nos Dragões da Scania.. A Dinamarca, nos Granadeiros. A Hollanda, na Schutterij. A Belgica, nos Guias. A França, na Guarda Republicana. A Suissa, nos Atiradores. A Hespanha, na Escolta Real. A Italia, nos Couraceiros. A Grecia, nos Erzones. A Turquia, nos Zuavos. A Rumania, nos Hussares Vermelhos. A Allemanha, nos Todkorf. A Argentina, nos Granadeiros de San Martin. O Uruguay, nos Blandengues de Artigas. Os Estados Unidos, na Escola de West Point. Na propria Russia, os bolchevistas acabaram com as tradições imperiaes dos Cavalleiros Guardas e os regimentos de Paulowsky e de Preobadjensky, porém deram á Guarda Vermelha dos Soviets o barrete pelludo e alto dos tartaros e a tunica dos cossacos, para mostrar as origens raciaes.

Uma unica nação aboliu todas as suas tradições militares e um unico povo condemna quem as quer despertar. E' o Brasil e são os brasileiros, onde á frente de qualquer idéa nobre, patriotica e logica, surgem sempre tres ou quatro positiristas de uma mediocridade enfatuada e perniciosa, dispostos a lhe darem combate, contando com a ignorancia geral e com a indifferença do governo. E logo acoimam de illogica e irracional a idéa em questão, esquecidos de que nada mais illogico, mesmo nada mais incomprehensivel do que um positivista militar...

João do NORTE.

"Fon-Fon" 12 Fevereiro 1921

Jeu de mots Não sei por que motivo ninguem escapa á tentação de fazer trocadilhos ou jogos de palavras (permittam o gallicismo?). Ha nessa balcadeira de sons ou de combinações de vocabulos qualquer coisa que profundamente attrahe o espirito de quem escreve prosa ou verso.

Imagine-se que nem o proprio Dante escapou a essa regra geral. No canto treze do *Inferno* se lê este verso:

« *Io credo ch'ei credette chio credesse.* »

Ora, esta serie de palavras que dão um bello effeito litterario, embora incorram no desagrado duma figura grammaticol, tem tal encanto que a ella e a combinações semelhantes os maiores poetas classicos não se furtam. O Ariosto a tem no canto nono do *Rolando Furioso*, na vigesima terceira oitava:

« *Io credea e credo, e creder credo il vero.* »

E, emquanto o Dante vae pensando que o seu companheiro pensa que elle está pensando que as vozes soturnas da floresta dos supplicios vêm de gente que delles se occulta, todo o inferno grulha de vociferações e de gemidos. E a repetição crepitante desses versos como que repete o estalar dos ramos das arvores em que estão transformados os condemnados.

Até em simples *jeux de mots* o lapidario da *Divina Camedia* foi extraordinario.

A MODA

Azas no Azul O joven jornalista e poeta Mario José de Almeida publicou ultimamente um pequeno e bello livro de versos, dedicado a Hermes Fontes, Nestor Victor, Gustavo Barroso e Medeiros e Albuquerque. O seu suggestivo titulo é *Azas no Azul* e nelle a inspiração do autor vôa formosamente, muito alto.

O sentimento e o pensamento de que o livro está cheio são illuminados pelo brilho duma forma elegante e dum rythmo sonoro e largo. Leve, expontaneo, natural, emocionado, Mario José de Almeida tráe nos seus versos a sua esperançosa e larga alma de moço e bem merece todos os applausos da critica honesta. A's vezes lhe vem um desanimo desdenhoso:

« A vida é luz, é cinza, é lama, é ouro, é pó...
Mas para suportar este conjuncto impuro,
E' preciso ser Christo, é preciso ser Job!... »

Depois, novamente, com as suas azas busca o azul:

« Dentro do sorho, envolto na esperança
De inda attingir a placidez celeste... »

Destacamos do seu inspirado livro o poema dos Sapos, o poema do Bem, a visão do Mal, versos ao Sol e o Deslumbramento.

E aqui, sinceramente, cordialmente, lhe deixamos o nosso abraço de felicitações. — *J. N.*

Uma carta

(Collaboração feminina)

Amigo. Hontem, após ter recebido tua carta, fiquei como que dentro dum sonho. Durante o dia todo, tive uma intensa ebriez de recordações, de tal modo fortes que me parecia de quando a quando que estavas perto de mim. Essas lembranças me envolveram numa indolencia, numa molleza, numa lassidão indescriptiveis. Que dia delicioso!

A MODA

Perguntaste-me um dia:

— Por que estás tão languida?

Perguntar-me-ias novamente a mesma coisa se me visses hoje. Escrevo-te da minha cama, meio deitada, encolhida como uma gatinha preguiçosa entre almofadas, rendas e fitas. E ás vezes parece que me apertas as mãos, lentamente, devagarinho. Se aqui estivesses, passariamos momentos de extase infinito! Mas tudo infelizmente é sonho! E creio que a realidade nunca mais chegará.

Se visses como estou bonita hoje!? Pareço neste grande leito branco um *bibelot*. uma porcelana tão fina, tão transparente que terias receio de quebrar-me...

Um beijo sobre teus olhos fechados.

Mariette

Lembras-te?...

(Collaboração feminina)

Daquella chuva terrivel, fustigante, gelada que açoitava o asphalto lusidio da larga rua deserta pela qual, naquella noite, nós caminhavamos unidos, recitando versos de Verlaine, em voz baixa?

Foi a ultima noite em que estivemos juntos. Não a pódes esquecer, estou certa. Ha coisas que se não esquecem nunca, mesmo que se queira esquecel-as de proposito.

Entretanto, essa noite foi mais uma noite de dôr do que de prazer! O certo é que ha soffrimentos que se amam mais do que as alegrias. E eu amo muito o espinho da minha saudade para que peça aos numes que elle deixe de me torturar.

De resto, eu vivo dentro dum supplicio maior que apaga todos os outros: a «tortura da esperança»!

Ah! essa noite e as rimas bôas de Verlaine! E aquelle soneto de Samain que me disseste ao ouvido! Lembras-te?

Mariette

Saltimbancos Fui um destes dias a um espectaculo de circo no Leme.

Assisti a palhaçadas, exercicios de picadeiro a cavallo, trapezio, athletismo, exhibição de cães sabios e de animaes ferozes. Por ultimo vi uma scena que me causou a maior dó. Uma pobre menina triste, de olhos profundamente doloridos, fez horriveis contorsões deante do publico, deslocando todas as suas juntas.

A MODA

Pobre creança reduzida a um trapo pela exploração dos saltimbancos! Pobre creança sem defesa de quem um pae desalmado ou exploradores sem coração estragam a saude e a vida, para com a ruina da sua mocidade ganharem dinheiro!

E por que não ha um remedio legal contra isso?! Se o trabalho dos menores nas fabricas está hoje em dia, em quasi todo o mundo, regulamentado, porque não haver uma lei que impeça ás creanças os duros e ignobeis trabalhos dos circos de cavallinhos?

Pensamentos

(Collaboração feminina)

O amor não depende de nós. Os antigos achavam que era uma doença. Por isso, vem como um accesso de febre e custa tanto a desapparecer. O amor de uns morre por demasiadamente se alimentar. O de outros, de inanição. Eu desmentirei, vendo o meu morrer de fome e de sêde, aquelles celebres versos de Alfredo Musset:

« *L'amour, étrange et drôle de chose,*
Vit d'inanition et meurt de nourriture! »

A MODA

Sou differente das outras. Não abhorreço a quem amo nem lhe desejo mal, se porventura me desdenha. Antes pelo contrario, desejo lhe todas as felicidades possiveis e que todos os seus desejos se realizem, mesmo que sejam contra mim. Que aquelle que amo e não me ama seja feliz, embora sem mim.

Mariette

"Fon-Fon" 19 Fevereiro 1921

'Predicção — Saudação"

A proposito da volta á terra natal dos restos mortaes do Imperador D. Pedro II, que estavam no pantheon de São Vicente de Fóra, em Lisboa, a livraria Leite Ribeiro teve a formosa idéa de publicar um folheto com dois bellos trabalhos a respeito, devidos á brilhante penna do Sr. conde Carlos de Laet.

O primeiro estampado no «Brasil», em 1891, e no «D. Pedro II», em 1892, diz que o Soberano Querido havia de voltar á terra do seu berço, que durante meio seculo dirigiu com brio e patriotismo. Ahi o Sr. Carlos de Laet se mostra como jornalista e prosador.

O segundo é uma bella poesia do mesmo autor, saudando o regresso á patria dos restos mortaes do grande brasileiro, que a preparou com os seus cincoenta annos de governo, para os mais gloriosos destinos.

As duas admiraveis producções commemoram condignamente a volta do Imperador.

62.811

17

"Correio Paulistano" 17 fevereiro 1921

O esplendor secular das cortezãs

Para os moralistas, as mulheres só valem pela virtude. No emtanto, para a maioria dos homens, ellas sómente têm valor pela belleza ou pela graça e o espirito, que são duas fórmas de belleza mais poderosas do que a propria formosura em si. Tanto assim que as mulheres que maior imperio têm exercido sobre os homens não eram verdadeiramente bellas, porém tinham tal viveza, tal chiste e tal intelligencia que acorrentaram ao seu destino o destino dos grandes homens e dos grandes povos. E' o que se deu com Theodora, em Byzancio, com madame de Maintenon, com Catharina da Russia, com tantas outras.

Não ha duvida de que a bondade, a castidade, a fidelidade, a coragem tornam celebres as mulheres: mas essa celebridade não attinge a daquellas que por si tiveram os dotes de espirito e especialmente os do corpo, que tanto tentam os homens. Não se discute a gloria de uma mãe dos Gracchos nem de uma Joanna d'Arc, bem como a daquellas cujos nomes constam do "Flos Sanctorum". Entretanto, menos ainda se põe em duvida a gloria que, através dos seculos, tem obtido a belleza das mulheres, especialmente das mulheres livres e sensuaes, das cortezãs e das actrizes.

Para a moral da humanidade, não será muito honroso constatar que as mulheres que os foráes mediévos diziam de "mão preço" e de "maá vida" logrem estatuas, riquezas e glorias, emquanto as patriotas, as virtuosas, as boas soffram os martyrios, vegetem na pobreza e morram quasi sempre no esquecimento. Extranha e formidavel a força do prazer em todos os tempos! Esse confronto devo servir, apesar de tudo, para mais ainda incentivar a virtude naquellas que acreditem em outra vida, além desta. Não servirá para tanto ás que pensam — talvez com toda razão — ser necessario aproveitar nesta existencia o que ella de bom póde dar, abandonando de todo as illusões de outro mundo melhor, após a morte.

A belleza e a graça dominam a humanidade mais do que quaesquer outras qualidades femininas, e é por isso que historiadores e poetas celebrizam de preferencia as dançarinas e as cortezãs ás mães de familia ou ás santas.

De toda a civilização hellenica, nenhum nome de mulher boa dona de casa, optima filha, excellente mãe, digna esposa foi guardado nas paginas eminentes dos seus classicos, desde os aureos tempos athenienses até aos seculos corruptos da decadencia. E sómente no fim dessa cultura intensa brilha em Alexandria o saber extraordinario de Hypathias. Comtudo, philosophos e literatos guardam carinhosamente os appellidos elegantes das hetairas celebres: Kleiné, Myrtos, Mnésis, Epicharis, que enchem toda a Hellade com a fama de sua belleza e encantam Athenas com a graça das suas vestes sumptuosas. O nome celebre de Aspasia não se póde separar do de Alcebiades. Lais de Korynthio assombra a sociedade inteira com o seu luxo. Phryné é apresentada nûa e esplendida, por um chicanista habil, ao Areopago, tremulo de emoção ante tanta formosura. Demonassa reune em sua casa os maiores guerreiros, os maiores poetas e os maiores philosophos. Alcé reina sobre os corações de tal maneira, que, quando Pythagoras fala da metempsychose, affirma ter sido noutra encarnação a cortezã famosa.

Em Athenas é que o bom Aristophanes leva á scena, triumphalmente, os nomes da linda Simethá de Megara, da graciosa Cyna, de Solabaccha, a esplendida, e de Glancothéa, a Sacerdotiza.

E' grega de raça, nascida na Thracia, tendo sido companheira de escravidão de Esopo, a celebrada Rhodope, cujo esplendoroso destino Herodoto nos narra no capitulo XXXV de "Euterpe". Levou-a ao Egypto e deu-lhe em Nankratis, no Delta, um palacio para morar o negociante de escravas e auletridas coprominado Xantho. Passou depois para as mãos mercantis de Karaxo, um irmão da poetisa Sapho, que vendia vinhos de Cós e de Mytilene. Um dia, quando adormecida no terraço de sua residencia, diz a lenda, uma aguia carregou no bico a sua sandalia bordada a perolas e deixou-a cahir sobre o carro do Pharaó Amasis. Este mandou procurar o pé da pequena calçadura por toda a cidade e, quando achou Rhodope, fel-a sua favorita. O poder dessa mulher estrangulou o Egypto e os gregos disseram que o rei, para sepultal-a, terminara a pyramide de Mykerinos. E assim a Rhodope de Herodoto, a Rhodope de Maspero, foi a primeira Gata Borralheira do mundo.

Nem o grande Alexandre escapou á seducção das hetairas maravilhosas. Quinto Curcio nos affirma que, obedecendo aos conselhos de Thais, elle fez incendiar o maravilhoso palacio do rei da Persia. E todos os que lêem alguma cousa de historia sabem qual a influencia que Roxana tinha sobre seu espirito. Os seus successores na partilha do immenso imperio continuaram cercados de cortezãs poderosas e encantadoras, que inspiravam os seus actos e esfolavam os seus subditos. Demetrio Poliorcetes presenteou Lamia com um par de sandalias que custou todo o rendimento annual duma provincia. Ptolomeu Philopator não se podia separar de Potheiné e de Agathocléa. Mesmo na Alexandria ptolemaica não houve glorias em seculo algum comparaveis á de Photina e á de Myrrhina. E ainda foi ao meio do luxo dessa cidade pervertida e espantosa que o solitario Paphnucio penetrou, para arrancar Thaís á sua vida sumptuosa, conduzindo-a para o recolhimento religioso, onde ella morreu como santa e onde elle, louco de amor, foi vel-a a ultima vez, fedendo a peccado mortal.

Os letrados da decadencia greco-latina disputaram-se o prazer e a gloria de celebrar a belleza das cortezãs famosas. Luciano recorda a Telesilla hellenica que conduziu as hetairas armadas contra os spartiatas de Cleomene, perpetua nos seus "Dialogos das Cortezãs" Glycerio, Clonarion, Leena, Musarion, Ampelis, dez outras ainda, e ataca com vehemencia Philenis nas paginas dos "Amores", obrigando Atheneu a lançar mão de varios recursos, afim de defendel-a. Atheneu foi de todos os classicos antigos o mais amigo das mulheres galantes. Elle mesmo se appellidava — Philesetorio.

A Roma Republicana cultúa desmasiado a Matrona, para que lhe sobre tempo de cantar e homenagear as cortezãs. Esse habito vem pela sua vida em fóra até aos dias das maiores devassidões cesarianas, tanto assim que dos seus vicios tudo se sabe e entre elles não apparece o nome duma mulher de vida alegre, comparavel por sua graça, por sua finura e por sua belleza áquellas que encheram de encantos a vida da mocidade athenense. Durante todo o periodo de apodrecimento da Roma Imperial, unicamente duas cortezãs se approximam das suas congeneres gregas: Lycoris, cuja velhice ainda Marcial cantou, e Marcia, que o imperador Commodo amou com delirio.

O hellenismo prolonga-se através dos tempos por intermedio de Byzancio. Na época aurea do Imperio do Oriente, ellas chegam ao throno como Theodora, filha dum saltimbanco, inspiradora das melhores decisões de Justiniano. As suas companheiras de vida airada passam tambem á posteridade: Maria Byzantina, Athanasia, a Laconia; Libania, Pharos, Arethusa, Myrrha, a Syriaca. Ellas foram, todas, sem excepção, na cidade dourada do Bosphoro, rainhas dos corações, tão fortes e tão poderosas quanto Minervina, que se havia apoderado seculos antes da alma do grande Constantino.

Toda a edade média, despreza e persegue, carimba com signos despreziveis e injuria as mulheres gangas, de tal maneira que a essas cabem miseria e desdem e nunca o espirito e o luxo. Taes qualidades sómente vêm ornar de novo as cortezãs quando a Renascença traz de Byzancio sobre a Europa as parcellas de cultura salvas do hellenismo moribundo. E' quando surgem as Lorenzinas e Ciabattinas dos Medicis, a Angiola Prieca immortalizada nos sonetos de Aretino.

Nos tempos modernos, nenhum nome de cortezã é celebrado pelos que escrevem, e não ha gloria sem rima ou sem livro, sem quadro ou sem marmore. Morreu o tempo em que se erigiam, como na Grecia, estatuas a Kleiné. A cortezã, sentindo fugir-lhe a immortalidade que não póde conquistar pelo seu luxo e pela sua fascinação simplesmente, procura o palco e ás vezes é glorificada ahi; mas como artista. Assim mesmo, este recurso agora lhe falleceu deante da gloria nova e fulgaz das estrellas de cinema. Quem se lembra hoje em dia de Cléo de Merode, dona do rei Leopoldo dos belgas, deante da fama de Dorothy Dalton?

O esplendor secular das cortezãs passa hoje despercebido — apagou-se. Porém, durante milhares de annos, a sua glorificação demonstrou que, entre as mulheres, em relação aos homens, infelizmente, mais do que a bondade e a virtude valeram sempre a graça e a belleza, valeu mais mesmo o encanto dos seus peccados.

João DO NORTE

19

"Correio Paulistano" 24 Fevereiro 1921

Os ossos de S. Nicolau

Os velhos doutores da antiga cidade de Argos que escreveram com santo zelo a gloriosa vida de S. Nicolau, confessor e bispo de Myra, na Lycia, registaram nas suas paginas alguns dos encantadores milagres daquelle fiel servo de Deus. Entre elles, os dois que maior fama deram em todo o Oriente ao santo varão. Contaram, pois, que uma feita, por noite procellosa e escura, vendo-se quasi tragada pela tormenta feroz que reinava, a maruja dum drómon byzantino de amplas velas carminadas lembrou-se de pedir, em altos brados, o auxilio do bispo caridoso da grande cidade asiatica. E logo sobre o taboado humido do convez surgiu um velho alto, de alvas barbas esvoaçantes, que, em meio do vendaval despelado e da fuzilaria dos relampagos, a ajudou a colher os pannos, a puxar as dricas, a aguentar o leme, assumindo o commando do barco e conduzindo-o ao porto de Myra, sem tropeços. Quando as correntes das ancoras rangeram nos buracos ornamentados dos escoreus, mysteriosamente o ancião desappareceu.

O piloto e os marinheiros desembarcaram e foram á basilica episcopal agradecer aquella milagrosa interferencia. E abriram olhos de espanto quando viram que o bispo que celebrava a missa matutina era o mesmo velho respeitavel que os salvára da tempestade nocturna. Correram alvoroçados para o altar, cahiram de joelhos aos seus pés, banhando-os de lagrimas, balbuciando agradecimentos. O sacerdote, sorridente, lhes disse com modestia:

— Agradecei a Deus, irmãos, junto commigo.

E todos se prosternaram.

Outra vez, o mau tempo destruira as colheitas dos campos e a fome reinava na cidade, quando por acaso uma grande palandria carregada de trigo entrou no porto e ancorou perto dos largos cáes de pedra bruta. Foram a bordo os mercadores offerecer bom preço pelo rico carregamento; e, depois de bordo terem recusado vendê-lo mesmo a peso de ouro, temendo uma sedição da plebe esfaimada, lá foi tambem o velho bispo. Então, o piloto lhe explicou que aquelle trigo ia de Alexandria para Constantinopla, pertencia ao tributo annual da annona, com o qual o Egypto fertil sustentava a capital ociosa do Imperio, e devia ser recolhido, no Corno de Ouro, aos celleiros do imperador. Por isso não o podia vender, embora muito lhe doesse saber que toda a diocese passava fome.

Nicolau pôz as suas mãos magras sobre os largos hombros do lobo do mar e, olhando-lhe os negros olhos com as suas pupillas claras e bondosas, ordenou-lhe que distribuisse metade do trigo que trazia com o povo de Myra, responsabilizando-se pelo que pudesse advir desse acto. O piloto obedeceu. Houve pão com fartura na cidade e, quando o navio levantou ferros par partir, o seu chefe e os seus tripulantes verificaram com assombro que a carga estava intacta. Sahiram do porto, ajoelhados sobre a coberta, entoando psalmos, emquanto os hymnos religiosos da população satisfeita lhes respondiam de terra.

S. Nicolau morreu annos mais tarde e seus ossos foram guardados numa urna de prata, junto ao altar-mór da basilica episcopal. Passaram quasi dois seculos e os homens que governavam o glorioso destino da republica de Veneza, lendo no livro dos doutores de Argos e sabendo pela voz do povo dos dois grandes milagres, resolveram obter para a sua esplendorosa cidade a protecção daquellas santas reliquias.

O bispo de Myra salvára marinheiros dum naufragio e abastecera a sua diocese. Ora, a rainha do Adriatico carecia dum padroeiro que protegesse as suas frotas mercantes e que assegurasse o seu abastecimento. Por isso, um embaixador do Doge, togado e orgulhoso, desembarcou um dia dum esperonaro veloz no porto asiatico e subiu a escadaria do paço episcopal, indo offerecer ao bispo de então, pelos ossos de S. Nicolau, o seu peso em ouro. O sacerdote reuniu o cabido metropolitano, apresentou a proposta, que foi acremente discutida. E o embaixador da Serenissima Republica voltou ao palacio ducal com uma dura recusa, que fundamente offendeu os melindres da Senhoria veneziana.

Mezes mais tarde, uma embaixada de Veneza era recebida num dos dourados salões do palacio de Blachernes, em Byzancio, e exigia do Basileus Augusto, em troca das melhores concessões commerciaes, os ossos do santo. Um conde palatino, escoltado por uma cohorte de escutarios, embarcou para Myra, afim de saber do prefeito e do bispo si estavam dispostos a dar as reliquias preciosas, a pedido do imperador, que dellas precisava para obter de Veneza os melhores favores. Mas teve de fugir da cidade no mesmo dia em que chegou, tal a fremita de rebeldia do povo, quando soube ao que vinha. E dos montes dos arredores legiões de monges hirsutos e anachoretas selvagens desceram armados de paus e de pedras para defender a urna sagrada.

A embaixada tornou ao Grande Canal e trouxe essas noticias á Senhoria teimosa, que resolveu obter de qualquer maneira a ossada do bispo milagroso, mesmo roubando-a, si preciso fosse. Numa tarde de verão, arroxeada, quente e triste, uma zavra ligeirissima, com a bandeira do leão de S. Marcos ondeiçando no tópe do mastro grande, abicou a uma praia deserta dos arredores de Myra. A' noite, seis dos seus tripulantes penetraram disfarçadamente na cidade adormecida e conseguiram forçar uma porta lateral da basilica. Roubaram a urna e conduziram-na para bordo, fazendo-se á vela com presteza.

Amanheceu e o roubo foi descoberto. A multidão apinhou-se furiosa no cáes, brandindo armas, emquanto uma turbamulta de pilotos e de marujos preparava os navios mais velozes para dar caça aos piratas sacrilegos. Mas o céo de tal modo se enfarruscou que eles não tiveram coragem de partir.

Cahiu uma tempestade formidavel. O alcoucez acoitava o mar encapellado, com inaudita violencia. Os raios cruzavam-se no ar em ziguezagues de sangue. A voz potente do trovão rolava ameaçadora pelo espaço. E a zavra veneziana, que já ia longe da cidade, doidamente balouçada sobre o dorso furioso do mar, velas despedaçadas, mastros fendidos, fazendo agua por todas as junturas, ia perder-se para sempre no abysmo, quando o seu capitão se ajoelhou no convez e bradou:

— Valei-me, S. Nicolau!

Todos os marinheiros, de joelhos tambem, repetiram:

— Valei-nos, S. Nicolau!

E logo o mesmo velho que os tripulantes byzantinos do drómon ameaçado tinham visto surgir no chapitéo da pôpa, tomou a canna do leme e guiou o barco pelo meio da procella, que pouco e pouco diminuia, até as aguas tranquillas do porto asiatico, em cujos caes se agglomerava a multidão furiosa. Veiu o prefeito da cidade, cercado de soldados, e obrigou os venezianos a carregarem a urna do padroeiro até á basilica violada por elles. Depuzeram-na no seu logar e narraram ao povo, de joelhos nos degraus do altar, o milagre da tempestade. Atrás delles, no escuro do nicho em que jazia, o cofre dos ossos santos resplandecia maravilhosamente. E o povo e as autoridades perdoaram aos roubadores o seu furto sacrilego.

Desde essa data, nunca mais a tenaz e orgulhosa republica de Veneza ousou pretender a posse das reliquias do grande confessor. Mesmo mandou um enviado render-lhe homenagem em seu nome. E os ossos de S. Nicolau ficaram em Myra, protegendo-a, até que os seculos reduziram a pó a antiga capital da Lycia.

João DO NORTE

"Fon-Fon" 26 Fev.º 1921

O Marimbom **Um professor americanista exhibio no theatro S. Pedro um instrumento curioso dos indios das Guyanas e da America Central, chamado «marimbom». E em torno desse instrumentos se fizeram varios commentarios de jornal, como se elle fôsse coisa nunca vista e inteiramente original entre os indigenas das citadas regiões.**

Nada disso. Todos os indios do continente americano o usaram, de parceria com o maracá. Os nossos selvagens nunca o dispensaram e só mesmo a ignorancia das coisas nacionaes faria com que o publico carioca acceitasse o tal «marimbom» como coisa nunca vista.

Elle não passa de conhecido e banal instrumento dos nossos tapuyas e tupis, que os sertanejos do Nordeste ainda hoje fazem vibrar nas suas festas e sambas.

O *marimbom* é simplesmente o birimbaú. Até mesmo o nome é quasi identico como onomatopéa.

Aristoteles pharmaceutico

A gente se acostuma a conhecer os grandes homens atravez de suas obras, ignorando ás mais das vezes as curiosas particularidades da sua vida. Quem, por exemplo, sabedor do talento de Aristoteles, imaginou algum dia que o genial chefe da escola peripatetica tivesse sido manipulador de drogas? No emtanto, elle o foi e talvez dos peores, pois não dava para a profissão como não deu para outras que tentou.

O grande philosopho, depois de ter dissipado seu patrimonio, conta Atheneu, fez-se soldado. Sentindo que errára a vocação, deixou a carreira das armas e tornou se boticario. Algum tempo mais tarde, tendo ouvido lições admiraveis de Platão, furtivamente, resolveu ser philosopho tambem e ficou celebre.

Todavia, parece mentira que Aristoteles tivesse sido pharmaceutico...

"O Jornal" 23 Fevereiro 1921

UMA VIAGEM AO BRASIL EM 1858

A maioria daquelles que, entre nós, se occupam com a leitura e o commentario dos viajantes estrangeiros, que nos têm visitado e escripto a nosso respeito mentiras ou verdades, acha que o pintor francez Biard foi um dos que mais mal de nós apregoaram. Tendo varias vezes ouvido essa opinião, resolvi lêr o que publicára o citato viajante e com difficuldade obtive o seu livro "Deux années au Brésil", editado pela livraria Hachette em 1862, com illustrações de Riou de accôrdo com os "croquis" do autor.

F. Biard era um pintor francez, apaixonado pela historia natural e especialidade pela entomologia, que, depois de ter estado no Oriente e nos paizes, septentrionaes da Europa, resolvera vir ao Brasil pintar e observar. Na introducção da sua obra, que achei interessante, tendo aqui e ali alguns exaggeros, mas desprovida por completo das calumnias que lhe attribuem, narra elle como se aventurou a essa viagem, nesse tempo, 1858, reputada na Europa temeraria e perigosa. Reproduz os conselhos dos seus amigos de Paris, quando lhes communicava o espantoso projecto de vir ao Brasil. Uns lhe diziam que aqui reinava a febre amarella, abundavam por todos os lados as cobras venenosas e que se expunha a uma morte certa. Outros, que só partia para tão exotico e distante paiz quem delle fosse nomeado Imperador. Os commentarios, quando elle voltou, foram semelhantemente ridiculos. Perguntavam-lhe todos pelos indios anthropophagos, pelas serpentes, pelos papagaios, pelas florestas virgens, com as boccas abertas de espanto.

Ora, todos nós sabemos quanto tudo isso encerra de verdade. Se actualmente, quando fazemos parte do Conselho executivo da Liga das Nações, somos mais influentes, temos mais navios mercantes, entrámos na guerra, participámos da paz, tivemos ha tempos commissão de propaganda e literatos insignes ou politicos notaveis como hospedes, quando o nosso Chefe de Estado visitou varias nações, brilhantemente homenageado, e um rei europeu veiu até nós, não falta em França quem de desses conselhos ou faça dessas perguntas, imagine-se o que seria no meado do ultimo seculo! Quanto á febre amarella, ella existia e aterrorisava dessa maneira, em verdade se confessa, pois data do grande Oswaldo Cruz, de nossos dias, a sua extincção.

Entretanto, um general belga, certamente reformado, cujo nome não figura no livro, que habitava a Bahia em companhia de uma filha e conhecia bem o Brasil, aconselhou ao pintor que viesse, o que elle fez sem demora, partindo da Europa em abril de 1858 sobre um vapor inglez.

As varias criticas da travessia não nos interessam. Que as commente, repudiando-as ou aceitando-as, a marinha mercante da Inglaterra.

O primeiro porto brasileiro onde o paquete tocou foi o de Pernambuco, que o sr. Biard, consoante o systema francez, chama sempre Fernambuco. O navio ficou no Lamarão com aquelle mar desabrigado e violento que conhecem bem os que ali têm estado. Rodearam-no jangadas tôscas, primitivas, fazendo o serviço de desembarque de cargas e passageiros, tripulados por homens semi-nu's. O francez registra com ironia o facto e affirma ter recusado desembarcar.

Não lhe podemos querer mal por isso. Para quem chegara da Europa, sejamos francos, o espectaculo era desagradavel. A jangada é uma gloria dos praieiros do Nordeste; porém é preciso conhecer intimamente a vida primitiva e heroica daquellas populações para comprehender e acceitar essa gloria. Hoje, o serviço do porto do Recife é feito com bons escaleres e boas lanchas a vapor ou a gazolina. Nesse tempo, era realizado com as taes jangadas. Quando ainda eu era menino, sobre ellas se desembarcava em Fortaleza. Ainda me lembro, eu filho do Nordeste, creado nas suas praias entre jangadeiros, a correr sobre o mar a vela ou a remo entre a Praia do Peixe e o pontal do Mucuripe, por sobre o baixio do Meirelles, no Ceará, da minha dolorosa impressão ante o atrazo da vida civilizada naquellas costas, quando de bordo do "Idaho", voltando dos Estados Unidos, vi o pratico de Parahyba trazido, sobre cinco raizes de timbaúba pelos remos de dois homens nu's, até o costado do estupendo encouraçado americano. E ainda me lembro do espanto dos seus officiaes, costumeiros a receber os praticos dos mais exoticos e longinquos portos do mundo em embarcações menos prehistoricas. A má impressão de Biard foi, assim, naturalissima.

Na Bahia, elle saltou e foi a um restaurante, onde comeu um pouco á ingleza e um pouco á brasileira. As suas impressões se resumem nisto: cidade de feitio portuguez cheia de negros. Appello para aquelles que conheceram a gloriosa Bahia antes das transformações por que passou. Que esses me digam se naquella época poderia ser outra a impressão dum estrangeiro que passasse em terra algumas horas.

A Bahia de Guanabara maravilhou-o com as suas bellezas naturaes e o francez desembarcou no caes dos Mineiros, desceu a rua Direita e entrou pela rua do Ouvidor. Admirou-se de se achar de repente numa rua inteiramente franceza, tão cheia de casas commerciaes francezas que os chefes dessas firmas a chamavam rua Vivienne. Os que viveram nessa época no Rio, varias vezes me têm assegurado que assim foi. Essas casas francezas aos poucos foram sendo substituidas por casas portuguezas. Estas mesmo estão sendo agora intercaladas por casas cearenses. Já ali existe mais ou menos uma duzia dellas. E quem sabe se um dia a velha rua franceza e depois luzitana não se transformará numa rua cearense ?...

Biard queixa-se violentamente do calor, dos mosquitos, das moscas, das formigas e, especialmente, das baratas—"les affreux cancrelots". Creio que todos nós continuamos pelos annos em fóra as suas queixas bem fundadas. O calor, embora minorado por novas obras urbanas, continúa a nos perseguir. Os mosquitos, destruidos pelos mata-mosquitos, embora, ainda nos incommodam. As moscas e baratas são legião. Quem mora em Copacabana sabe quanto estas ultimas enchem as casas. Os moradores de S. Christovam conhecem os incommodos da praga das moscas. E as formigas enchem Santa Thereza. Que seria em 1858 ? !

Outra queixa do viajante: a carestia dos impostos de importação. Nessa occasião, não havia o protecionismo á moda Street & C. Que não diria o Biard se tivesse de pagar os impostos de importação actuaes ? Ficaria certamente doido.

Como vinha para um paiz tropical, elle adquirira em França roupas claras e leves, um chapéo desabado, tudo proprio para o clima. Em chegando aqui, viu que ninguem lhe dava a menor consideração por causa de sua roupa. Todo mundo, apesar do sol ardente, só andava de escuro, especialmente de fraque ou sobrecasaca e cartola. Quando de branco, os escravos e a gente da rua o olhavam com pouco caso. Quando punha cartola e sutambaque preto, todos se desfaziam em cumprimentos.

Nós hoje perdemos a memoria de muita coisa e achamos talvez que o homem exaggera. Qual nada. Tudo verdade núa e crúa. Houve tempo no nosso paiz em que nenhum homem de certa posição sairia á rua de casaco e collarinho molle, de chapéo de palha ou de feltro. Achar-se-ia diminuido. Tinha de pôr o fraque e o chapéo do Chile ou a cartola. Ainda ha muitos individuos que mantêm essa estupida moda. Quando muito, os homens sérios punham calças brancas. O paletó de alpaca só era permittido no interior das repartições. Um ministro, um senador, mesmo um deputado sem cartola, em 1858, seria uma calamidade. A pratica dos menores actos acarretava um consequente desprestigio. Recordo-me — e não sou dos mais velhos que, aos desoito annos mais ou menos, passeava uma tarde de bicycleta pela praça do Patrocinio, em Fortaleza, quando um magistrado idoso e respeitavel, amigo de meu pae, me chamou da janella de sua casa e me disse:

— Menino, tome cuidado! Voce é um terceiro annista de direito, quasi bacharel e não lhe fica bem dar esse espectaculo no meio da rua. Moleque é que anda de velocipede.

Fiquei mudo de espanto. Não entendi e continuei o meu exercicio. Nesse tempo não havia tango nem foot-ball. Creio que, para sua felicidade, esse juiz morreu antes de conhecel-os. Já se vê, pois, que Biard tem razão mais uma vez.

No Rio, elle passeou e pintou muito, sempre encantado com os aspectos feericos da nossa natureza. Percorreu toda a Tijuca. Descreveu a fonte da Carioca com as suas dezenas de torneiras, que ainda lá estão, e o brouhaha da negralhada em volta, que ainda lá se move. Declarou o Rio á noite — e não havia a illuminação de hoje! — uma cidade das "Mil e Uma Noites". E não se cançou de mostrar o seu encanto pela bondade natural e simples do Imperador e da Imperatriz, cujos retratos em costume de gala teve a honra de pintar, assim como o das princezas. Seus elogios respeitosos ás pessoas dos nossos monarchas, cujas cinzas, para gloria da Republica, repousam agora na terra da Patria ,se revestem dessa sinceridade encantadora.

D. Pedro II, que então estava na Quinta da Boa Vista mandou dar ao pintor um quarto no paço da cidade, ali onde está funccionando a Repartição Geral dos Telegraphos. Biard conta que á noite era ali pasto o seu pobre corpo de pulgas esfaimadas, o que não duvidamos. Se elle conhecesse a especialidade dos nossos cinemas modernos da Avenida, na materia, certamente a elles compararia o vetusto e feio casarão de D. João VI. Narra mais que a chave do seu quarto, que lhe foi entregue pelo mordomo, era um verdadeiro supplicio devido ao seu peso e ao seu tamanho. A estampa de Rion exaggera seguramente ambos os defeitos da chave; mas todos os que conhecem as antigas fechaduras de broca sabem bem que eram horrorosamente grandes, e incommodas as suas chaves.

Aqui, ali o espirito gaulez de Biard se compraz numa pequena "moquerie" das nossas coisas. Não é de admirar que quem viesse naquelle tempo de Paris para o Rio visse com olhos de critico determinados defeitos ou certas facetas ridiculas dum paiz que é ainda hoje um diamante mal lapidado. Elle ridicularisa os uniformes espaventosos á Gerolstein dos sapadores da Guarda Nacional. Bem mereciam elles esse ridiculo. Os que sabem com que "attirail" o celebre principe Abá ia ás recepções imperiaes, os que notaram em dias da Republica a arrumação dos penachos, numa parada, nas "casquettes" de serviço e os que vêem com desgosto um laço hungaro nascer dum galão recto francez e outras "bellezas" de nossas fardas, não podem deixar de comprehender a "remarque" do viajante.

O livro de Biard é muito curioso nas descripções que nos dá da vida brasileira, rememorando as nossas interessantes procissões com anjinhos e São Jorges a cavallo; as vendas de escravos, cuja sorte elle achava mais doce que a dos negros nos Estados Unidos; os pequenos cortejos de negrinhas e moleques atraz das grandes damas que iam á missa, e sobre-

21

tudo as pequeninas intrigas de que ainda, infelizmente, o nosso paiz é tão fertil. Mais interessante ainda é a parte em que fala das opiniões que nesse tempo já defendiam o arrazamento do morro do Castello e das razões por elle adduzidas em defesa desse projecto. O sr. Carlos Sampaio deveria lêl-o.

Levado pelo desejo de vêr o nosso interior, Biard visita o Espirito Santo, "bravant" os gatos maracajás, que ponposamente baptisa de "ocelots", os mucuins que chama "maronis", os cupins que acha serem, com razão, os maiores inimigos do Brasil, o formidavel sapo-boi, os mosquitos incontaveis, as formigas, os lagartos e o bicho de pé, o "pulex penetrans". Elle, sem pensar, registra um facto, que se póde considerar verdadeiro symbolo nacional. Relata que na Villa de Santa Cruz, querendo o povo erguer uma egreja e não o podendo por falta de dinheiro, resolveu construir a fachada rica do templo unicamente, pondo o altar por trás, sob uma palhoça. Ora, haverá quem em consciencia possa negar que, intellectualmente, moralmente e mesmo materialmente, o Brasil seja o paiz das fachadas?... No emtanto, a nossa hospitalidade delle merece esta honrosa phrase: "Personne ne la pratique si noblement que le brésilien."

Tres aspectos do nosso "folk-lore" hoje quase desapparecidos se encontram na sua obra. O primeiro é o dos homens de opa verde que, com uma bolsa na mão, cantarolando "bemditos" populares, pediam esmolas na rua para as almas do Purgatorio.

O segundo é o dos negros que carregavam pianos á cabeça, aos grupos de seis, tambem cantando. As cantigas desses negros já se perderam na memoria popular. E eu simplesmente sei de uma que se usava nas ruas do Recife, na mesma época e que pessoa dali me forneceu. O chefe da meia duzia de carregadores começava numa toada alta e lugubre:

O piano do homem
E' coberto de véo!

O côro respondia-lhe:

Viva S. Pedro,
Chaveiro do céo!

Deviam ser semelhantes as cantigas cariocas.

O terceiro é dos desafios e improvisos que elle assistiu e no qual um cantador fez uma quadra em sua tenção, transcripta na obra, certamente deturpada, desta maneira:

"Seu" "Biá" vae ao sertão,
"Matá" passarinho!
"Seu" "Biá" vae ao sertão,
"Matá" surucucú!

Matando passarinhos e surucucús, "seu Biá foi até ao Amazonas, que o encheu de assombro. De lá passou para os Estados Unidos e recolheu-se dahi á sua querida França.

Por muitos titulos, a sua longa viagem é interessante. E sómente porque nos diz umas duas ou tres verdades, com ironia, não se segue que lhe devamos querer mal. Em todo o seu livro, salvo engano de minha parte, não encontrei as mentiras e calumnias de que lhe emprestam levianamente a autoria.

João do NORTE.

"Fon-Fon" - 19 - Dez°. 1921

Reflexões

(Collaboração feminina)

Muitas e muitas vezes tenho ouvido moças minha amigas, que abandonaram toda e qualquer *coquetterie*, dizerem:

— Que me importa! Estou casada!

Imbecilidade! Como se o mais difficil não fôsse justamente conservar o que se conquistou! Marido e mulher devem ser um pouco amante e amante, não acham? Na vida dum casal deve haver encantos especiaes e que não sejam repetidos. E é á mulher que cumpre mostrar-se cada dia sob um novo aspecto.

Paradoxo?

Absolutamente não. Verdade insophismavel. O' minhas patricias casadas, experimentae um pouco os conselhos decorrentes destas reflexões e vereis que resultado tereis em materia de amor.

Estou certa que vos não arrependereis, apezar de não ter eu ainda pratica dessas coisas...

Marietta

Fon-Fon - 19 Dez°. 1921

Jardim das caricias

(Collaboração feminina)

Se eu escrevesse um livro á maneira oriental e ardente de Saadi, dando-lhe o nome asiatico de Jardim das Caricias ou de Tapete de Jasmins, certamente escreveria este trecho:

— Tuas palavras mais apaixonadas do que nuca, ó meu bem amado! vieram, voejantes como os passaros, mostrar-me que a saudade dos meus braços é dona de ti. Ao som dessa musica de amor, passei mentalmente em revista todas as *nossas* recordações, tantas e tão bellas! As *nossas* queridas recordações! Todos os dias gloriosos e já distantes, que me passaram pela lembrança como se fôssem da vespera. Quando os reviveremos?

Ha dias em que soffro muito, em que me sinto infinitamente desgraçada, sentindo a necessidade de dois braços meus conhecidos, para me apertarem de novo com força. Desejaria estar sentada sobre dois joelhos amigos, como uma creancinha, a cabeça sobre um hombro que a ella se acostumára e ouvindo sómente o bater dum coração...

Nunca soffri tanto a solidão! Mas tambem nunca amei tanto! — *Marietta*

A MODA

V. N. Todo o mundo certamente já deve ter notado no Rio de Janeiro que na parede ou no gradil de todas as casas ou de quasi todas ha umas pequenas placas com as iniciaes V. N. em esmalte. E todo o mundo certamente sabe que essas lettras indicam que o morador paga a mensalidade necessaria á manutenção da Guarda Nocturna do seu bairro. V. N. quer, portanto, dizer Vigilante Nocturno.

Como as companhias de seguros têm o costume de tambem pregarem suas placas nas fachadas dos predios segurados, ha ainda nesta nossa capital quem acredite que esse V e esse N são as iniciaes duma dessas companhias.

Pensam os leitores que pilheriamos? Absolutamente não. Uma de nossas gentis collaboradoras escreve nos uma carta amavel, enviando-nos uma de suas producções e declarando-nos que não assigna com suas iniciaes V. N., porque não quer confusões com uma empreza de seguros prediaes que usa essas duas lettras.

Ora, já se vio! Nunca pensamos houvesse alguem nesta cidade que confundisse a Vigilancia Noctnrna, que nada segura, com as companhias que ainda menos servem para segurar as casas alheias.

A tôa...

(Collaboração feminina)

Olhando outro dia a photographia da pequena cidade do interior de S. Paulo, onde me criei, pensei que a visão duma creatura, que devia amar loucamente, já nos meus primeiros annos se desenhava na minha mente. Ella materialisou-se uma feita, mais cedo do que eu esperava. Entretanto, eu guardara para Elle todo o meu amor e Elle já distribuira grande parte do d'Elle por ahi... Que fazer, se o destino de todas as mulheres é esse e é esse o destino de todos os homens?

Eu sempre, instinctivamente, senti que um dia alguem passaria na minha vida e nella deixaria um signal indelevel. E sempre evitei tudo quanto me pudesse prender, afim de ficar livre. Tudo sonho e tudo imaginação. Razão de sobra têm os budhistas quando affirmam que o mundo é todo elle illusão e só ha de verdadeiro e de bom a libertação final.

Comtudo, não a desejo, porque ella seria e será a sepação eterna d'Elle.

Marietta

Uma resposta

(Collaboração feminina)

Tua ultima carta mostra-me pela data que nos escreviamos no mesmo dia. Só se acreditando na telepathia, nessa attracção mysteriosa dos pensamentos atravez do espaço. Ella fez-me ficar triste, porque contém muitas dessas coisas que se não dizem, mas que se comprehendem. Está toda cheia de impossiveis...

Entretanto, quando me dizes: «esquece-me!» tenho ainda maior vontade de vêr-te, de ouvir te, de ser tua!

Mando-te meu retrato decotada. Agora, só junto assim. Resolvi seguir a moda das altas rodas. Acho-a admiravel. Se vivessemos sob o mesmo tecto, obrigar te ia a vestir casaca, bem como a termos aposentos separados. Por que os casaes brasileiros, nossos patricios, não adoptam esta moda, evitando estar juntos nos momentos inopportunos? Comtudo, os maridos e as mulheres do nosso paiz gostam tanto de andar de chinellos... As grandes intimidades tiram toda a poesia da vida. E a poesia deve ser posta acima de tudo, por toda a parte. E' necessario, é mesmo imprescindivel velar as necessidades da vida.

Acho melhor morrer do que viver sem poesia e estou certa que pensas como eu. Não é verdade, querido?

Marietta

"Tardes de Sombra" Ramiro Gonçalves é um joven, sympathico e talentoso jornalista gaucho. Vivendo ha alguns annos no Rio continua a enviar para os jornaes do seu grande Estado natal as suas impressões de homem intelligente, de observador e de artista. Reunio agora muitas dellas, escolhidamente, em volume, com o suggestivo titulo de *Tardes de Sombra*. Ha nas cento e muitas paginas desse interessante livro trechos de critica, descripções, emoções fugitivas, estudos de individualidades e commentarios de acontecimentos traçados com agudeza de espirito e com clareza de estylo. A prosa de *Tardes de Sombra* é leve e elegante, correcta e precisa, demonstrando as qualidades de cultura e de sentimento do joven escriptor, o que para nós não foi revelação, porque já as conheciamos atravez de varios trabalhos esparsos seus.

"Selecção" 19 Fevereiro 1921

A AGUIA BICEPHALA

A Allemanha é uma só. Inutil tentar differençar Baviera ou Saxe, Wurtemberg ou Prussia, Austria ou Westphalia. O mesmo espirito anima toda a raça tudesca. Nas suas tendencias para a guerra e a carnagem, as varias tonalidades da gente germanica se integralisam num tom unico, o do sangue! Os appellidos de seus homens são dictados pela vaidade e pelo furor guerreiro: Plechelm significa «capacete brilhante» e Wilhelm, o «senhor do capacete», Rodolfo, Ataulfo, Ranulfo, Adolfo, Astolfo e Lindolfo partem do mesmo radical «wolf» — lobo, como Gondulfo, que é o «lobo do combate». Ha peores: Grimoald é o «firme na ferocidade», Walramm é o «corvo da matança», e Eitel, nome dum filho do Kaiser, nada mais é do que Attila, o flagello de Deus, recordando toda a crueza daquelle povo asiatico, de cabeça achatada, cara coberta de cicatrizes e pernas arqueadas pelo habito do cavallo, que devastou o Occidente. O palacio encantado para onde criam os germanos fôssem os seus melhores guerreiros, os Campos Elyseos, o céo da sua mythologia, chama-se Walhalla, «morada dos degoladores». Ser degolador era o maior merecimento para entrar no paraizo.

Nesse duro modo de pensar e de sentir, sempre se identificaram austriacos e brandeburguezes, hannoverianos e hessenses, bavaros e thuringios, berlinézes e saxões, todos agrupados sob a velha denominação de allemães, «allemanen» — homens de todas as raças. E os proprios clans que fugiram do seio da antiga Germania Magna, indo occupar terras latinizadas, dentro em pouco se dissolvendo no corpo das populações gallo-romanas ou italicas, levaram titulos de crueldade e de furor. Os Francos assim se diziam de «vrang» feroz e não livre como muito escriptor francez pretendeu provar. Os Lombardos-terriveis nos combates — eram os mesmos «longobarden» ou «homens dos grandes machados».

O dominio da Prussia sobre os outros povos allemães é recente e nada mais do que um accidente historico, talvez passageiro. Não se baseia em tradições envelhecidas. Dahi não se poder considerar verdadeiro symbolo nacional da Allemanha a aguia negra e simples copiada do tumulo de Carlos Magno, que foi o brazão do Imperio Federal. Direito incontestavel a esse posto tem sómente a aguia austriaca de duas cabeças, que é verdadeiramente allemã e não austriaca, tendo sido durante dez seculos o emblema soberano do grande imperio.

A historia estatuira que sómente a aguia dos imperadores romanos poderia designar o absolutismo cesariano. Por isso, Carlos Magno a fez repetir nos seus pavezes. Mas o artista ignorante e ao mesmo tempo pessoal da idade media deulhe a forma exquisita e curiosa que a heraldica mantem. O Santo Imperio Romano Germanico adoptou-a; porém, dentro em pouco, teve de modifical-a, porquanto ella não devia exprimir mais a historia das conquistas leaes e das batalhas heroicas. A nação germanica precisava guardar a memoria da emboscada de Teutberg e indicar, no seu symbolo nacional, o gosto da carnificina e o espirito de fereza.

Então, Segismundo de Luxemburgo, imperador da Allemanha, mandou pintar no brazão de oiro do imperio a aguia bicephala. Roma inventára a aguia imperial, depois das legiões terem transposto os Alpes e visto o vôo das aves guerreiras entre os pincaros altissimos. Carlos Magno copiara em negro essas aguias de oiro e prata. Mais tarde, Napoleão, symbolisando na grande ave de rapina a força do imperio, deu-lhe como signa uma aguia doirada. Isabey foi inspirar-se nos baixos relevos dos Visconti, em Milão. A alma latina combinava assim a ídéa de força e altivez com uma leve impressão artistica. A alma germanica não. Vejamos, como prova, onde Segismundo de Luxemburgo foi buscar o monstro de duas cabeças.

Dizem os archeologos que trinta seculos antes da era christã os chaldeus esculpiam esse signo de fereza. Gobineau na sua «Historia dos Persas» affirma que elle surge a primeira vez, de amplas azas abertas, nas pedras gravadas dos reis parthas e que os Arsacidas o deram a Roma. Justino conta que, quando Carlos Magno nasceu, duas aguias pousaram no telhado do palacio de Philippe, presagiando a união, sob o poder do recemnascido, do imperio da Asia e do imperio da Europa. Vêm-se no broquel dum soldado, na columna de Trajano, as duas aguias superpostas que os Lagidas fizeram gravar uma sobre a outra, em sígnal de dupla nobreza. Affirmam alguns que Constantino adoptou o mesmo symbolo para mostrar a união dos dois imperios romanos, o do Oriente e o do Occidente.

Mas a aguia bicephala allemã não vem de nenhuma dessas origens. Estudemos como nasceu. Havia um povo ferocissimo, em remotos tempos, nas costas da Asia Menor, o qual vivia exclusivamente de depredações e de rapinagens, sujeitando com seu forte, implacavel poder militar os povos visinhos ás peores avanias. Eram os Hetheus ou Hittitas, precursores dos phenicios. Contra elles marchou Ramsés II, á frente dos seus milhares de carros de guerra. Derrotou-os e passou os a fio de espada. O pharaó, tão impiedoso como o povo vencido, tomou para sua divisa a aguia de duas cabeças dos Hetheus, por se achar a elles superior em crueldade. E fez logo gravar nos estelos das falesias de Eyub, que ainda hoje existem, em frente ao mar, a ave monstruosa, dilacerando com as garras homens e animaes, symbolo voraz de destruição.

Segismundo de Luxemburgo foi á Asia Menor com os cruzados do Occidente, vio com certeza as gravuras das pedras de Eyub e trouxe para a Europa, depois de ter sido derrotado pelos turcos em Nicopolis, o brazão hittita. Deu o ao im-

"Fon-Fon" 19 - Fevereiro 1921

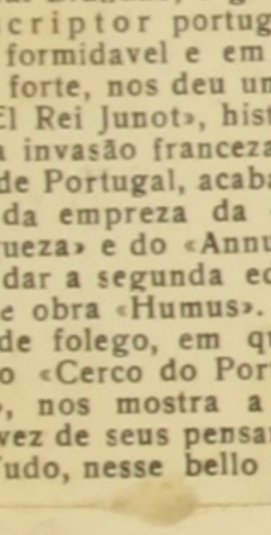
"Humus" Raul Brandão, o grande escriptor portuguez, que, em estylo formidavel e em linguagem sadia e forte, nos deu um livro de mestre «El Rei Junot», historia viva da primeira invasão franceza em terras sagradas de Portugal, acaba de, por intermedio da empreza da «Renascença Portugueza» e do «Annuario do Brasil», nos dar a segunda edição da sua excellente obra «Humus».

E' um livro de folego, em que o querido autor do «Cerco do Porto» e das «Memorias», nos mostra a sua alma eleita atravez de seus pensamentos originaes. Tudo, nesse bello livro agrada, prende, fascina mesmo. Todo elle vibra com o mesmo estylo sonoro de Raul Brandão em todas as paginas. E o portuguez em que foi vasado é o mesmo do «El Rei Junot»: vigoroso e puro. Bem quizéramos dizer mais do nosso agrado pela obra já tão vastamente conhecida do escriptor de Guimarães, cujo nome vive cercado de homenagens onde quer que se falle o idioma luzitano. Infelizmente, não temos espaço para nos alongarmos em noticias criticas, o que não impede que os nossos applausos sejam os mais fortes.

J. N.

"Fon-Fon" 26 - Fevereiro 1921

Four Japanese Tales Cada estrangeiro culto que visita o Japão traz desse admiravel paiz as mais interessantes impressões. E um ou outro as perpetua em livro. Na lingua portugueza quem primeiro nos fala desse longinquo e mysterioso archipelago é Fernão Mendes Pinto. Entre os francezes, Pierre Loti dedicou as suas melhores paginas ao imperio do Sol Nascente e, em inglez, Lafcadio Hearn sobre elle escreveu coisas admiraveis.



A estes autores veio juntar se um escriptor de raça slava, em tcheque, o sr. Jan Havlasa, actualmente ministro da Bohemia no nosso paiz, que já produzio uns quarenta volumes. O seu encantador livro sobre o Japão, traduzido em inglez, chama se *Four Japanese Tales*, quatro historias japonezas, e é todo perfumado pela lembrança da terra exotica das geishas e dos samurais. Essas quatro interesantes historias são: A aventura dum cavalleiro errante, cheia de recordações da idade media nipponica tão semelhante á occidental; o Preferido dos Deuses, em que perpassam as religiões do Japão; o Jardim do Desejos, todo impregnado de amor; e o Pintor de Camelias, que é uma verdadeira pagina de arte.

Todo o livro é escripto em primoroso estylo e dosado de excellentes observações, demonstrando o alto valor litterario do escriptor Havlasa. Editado na Tcheco Slovaquia, em papel do Japão, traz á capa a gravura que reproduzimos e que é um *tronco* ou caixa de offerendas, especie de gazophylacio dos templos japonezes.

Por essa deliosa obra nossos parabens ao seu autor, que desejariamos ver traduzido e conhecido no Brasil, de sul a norte.

23

perio germanico. Elyseu Reclus fala no signo asiatico e Maigne, na «Science des Armoiries», diz que a aguia allemã data das cruzadas. O mesmo affirma o «Dictionnaire du Blason».

Depois de 1866, quando a casa da Austria perdeu a hegemonia do imperio, deixando o sceptro no chão de Sadowa, para que o apanhassem mãos prussianas, os Habsburgos guardaram religiosamente o «triste oiseau bicephale au cruel oeil d'ennui», que não é emblema particular da Austria e sim, por todos os fundamentos historicos, brazão moral da Allemanha.

O baixo relevo de Eyub transportado para a Europa sempre exerceu influencia decisiva na alma dos despotas crueis, que, como Ramsés, não puderam resistir aos seus attractivos. Segismundo collou-o nas suas aureas bandeiras imperiaes. No seculo XVIII, Pedro o Grande transcreveu-o nos estandartes moscovitas. E, nos tempos modernos, os Obrenowitch tyrannisadores pregaram-no nos pavilhões servios; mas não tiveram coragem de conserval-o negro, côr da treva do despotismo, do corvo da sangueira, do luto das guerras. Pintaram-no de branco.

A alma semi-barbara dos teutões bem se revela nessas pequenices. A sua psychologia profundamente asiatica decorre por força de toda e qualquer observação que se tente fazer.

JOÃO DO NORTE

(Do livro *O Capacete de Minerva*).

"A Folha" 19[illegible]
23 Fevereiro

JOÃO DO NORTE

Gustavo Barroso (*João do Norte*) é um dos mais illustres escritores do Brazil atual.

Desde o seu primeiro livro — *Terra de Sol* — que o seu nome é citado como o de um legitimo artista da fraze.

Depois desse livro João do Norte tem publicado varios volumes sobre diversos assuntos e quer a obra do publicista, quer a do artista vem merecendo o aplauzo da critica e o acolhimento do publico.

Heroes e Bandidos, para citar sómente um volume é a um tempo um livro de historia e de emoção. E' um trabalho que terá valor em qualquer epoca porque ninguem estudou os cangaceiros do nordeste com mais elevação e com mais sinceridade.

Heroes e Bandidos fez com que Xavier de Oliveira escrevesse *Beatas e Cangaceiros* que é, em realidade um estudo muito interessante dessa modalidade criminoza que caracteriza o nordeste brazileiro.

Mas nesta breve noticia eu quero, apenas, dizer ao leitor que esse admiravel João do Norte tem prezentemente cinco volumes entre ultimados e por ultimar.

Estão entregues aos editores: *Caza de Maribondos* (Monteiro Lobato eC.) e *Ao som da Viola* (Leite Ribeiro e Maurillo).

Tambem a sair do prelo está um livro de contos medievais intitulado: — *Pergaminhos*.

Este volume está sendo impresso luxuozamente em Paris.

Será uma edição de singular belêza.

Ilustrou-a o requintado artista que é Corrêa Dias.

Além desses livros João do Norte está escrevendo a *Intelligencia das Cousas* e *Almas de lama e de aço* que é outro estudo sobre os cangaceiros.

João do Norte que intitula sempre os seus livros com graça e originalidade foi mais uma vez feliz nessa escolha porque o titulo *Almas de lama e de aço* define numa expressão, os heroes e bandidos do nordeste.

Caza de maribondos sairá dentro de poucos dias! E' uma coleção de pequenos contos humoristicos que João do Norte escreveu antes da *Ronda dos Seculos*.

O titulo diz bem da alma do livro.

Ao Som da Viola é constituido por novas observações sobre o folk-lore e traz uma coleção de quadras absolutamente ineditas.

O sumario desse livro é o seguinte: — Introducção. Primeira parte: *Folk-lore tradicional; Cyclo dos Bandeirantes;* b) *Cyclo do Natal;* c) *Cyclo dos Vaqueiros;* d) *Cyclo dos Cangaceiros;* e) *Anthologia Sertaneja;* f) *Orações e prodigios;* g) *Poesia mnemonica*. Segunda parte: *Folk repentista;* a) *Desafios;* b) *Trovas;* c) *Embolados*. Terceira parte: *Fabulas, historias, contos e superstições;* a) *Relativos aos homens;* b) *Relativos ás mulheres;* c) *dos animaes;* d) *Relativos ás cousas*.

Aqui deixo os meus melhores votos de exito ao notavel escritor.

MARIO JOZE' DE ALMEIDA.

"A Noticia" 29 Março 1921

Letras — Ha poucos dias tivemos a agradavel opportunidade de registrar aqui, com os louvores que sempre se lhe faz, sinceramente, o nome de Gustavo Barroso, o victorioso João do Norte, cujos trabalhos já estão sendo mesmo divulgados nos paizes do Prata, — e foi esse o pretexto feliz, que tivemos para aquellas referencias.

Hoje, de novo, com o apparecimento de seu ultimo livro, *Casa de maribondos*, o nome do victorioso homem de letras volta a prestigiar esta secção. Gustavo Barroso, que já tem uma duzia de livros publicados, variadissimos, que tem no prelo mais quatro volumes e em preparo 10 outros, de diversos generos e todos documentando o seu valor, no successo da procura, offerece com o que vem de apparecer um punhado de contos interessantes que faz o espirito saborear as 150 paginas do livro sem pausa fatigada. Melhor que as nossas palavras vae dizer do novo trabalho esta pagina que extrahimos de *Casa de maribondos*, onde figura com o titulo de *Odor di femina*: "Já a infantaria de Caxias varrera a planicie de Angostura e a cavallaria de Andrade Neves esmoera os escolhidos soldados de Caballero, em Avahy. E as tropas brasileiras marchavam com segurança para Assumpção.

Explorando o terreno, na vanguarda, para além da estrada de Villeta, ia uma forte columna de infantaria ligeira, composta pelo 26 de Voluntarios da Patria, o heroico batalhão do Ceará. Eram duas horas da tarde e fazia calor. Passavam no céo azul, lentamente, os urubús engordados em Lomas Valentinas.

Prolongando os banhados, estendiam-se immensos laranjaes — communs naquella região paraguaya, todos brancos de flores que embalsamavam o ar. A' margem dos potreiros, gritavam tristemente os quero-queros. A soldadesca caminhava silenciosa e unida, cheia de saudade do seu sertão escaldante, que havia annos deixara para as duras lides daquella campanha.

A tropa devia atravessar um laranjal perfumado. Sumiram-se os tambores sob as pequenas arvores; sumiu-se o commandante, a cavallo; sumiram-se os soldados. Toda a folhagem rescendia um perfume de noivado. Uma grande paz silenciosa reinava naquella sombra cheirosa. Mais tristes e nostalgicos marcharam todos. De repente, um caboclo atarracado, arrebitando o nariz como a farejar, na direita da terceira companhia, não se poude conter, pensando na dura vida da guerra, tão erma de sorrisos femininos, e gritou:

— Valha-me S. Francisco das Chagas! que cheiro bom de mulher!"

"A Imprensa" - Natal - 11 de Julho de 1920 - Julio de Luiz da Camara Cascudo -

Para mim as tonitroantes ruidosas de Euclides, descrevendo o Sertão, não m'o fizeram reconhecer a verdade sahida do pôço, como a vi, no «Terra de sol» de Gustavo Barroso. Simplesmente porque, um sentiu e o outro viu. Um andou, passou, olhou, descreveu. O outro padeceu, caminhou, viveu a vida triste das villas sertanejas, vio o grande espirito do seu povo e de sua terra por uma razão banal, elle era da terra e do povo que descreveu.

"O Dia" 28 março 1921

"CASA DE MARIBONDOS"

O sr. Gustavo Barroso, que usa o pseudonimo literario de "João do Norte", autor de tantos livros conhecidos, na sua maioria tendo como thema os assumptos da sua terra natal — o Ceará — ou das regiões adjacentes, o nordeste, acaba de publicar na empresa editora Monteiro Lobato & Cia., de S. Paulo, um pequeno volume, ao qual deu o nome de "Casa de Maribondos".

O titulo da pequena collectanea de contos regionaes foi bem escolhido, pois, na verdade, abrir o livrinho é o mesmo que tocar numa casa desses insectos. Os bichinhos cahem sobre a gente a fundo e emquanto não o afugentamos, tratando de outra coisa ou os não destruimos, fechando o livro, ficamos todos picados pelas suas pilherias, chalaças ou farças.

São contos humoristicos, pequenos, minusculos quadros que encerram sempre uma malicia ou mesmo uma leve ironia, uma mordacidade, revelando, algumas vezes, uma ponta fescenina mais suggerida que patente e crua dos olhos do editor.

Todos elles têm uma forte côr local, excellendo as descripções do meio ambiente. Todos, igualmente, contêm personagens que seriam, em pintura, verdadeiras "manchas", tal o vigor, a sobriedade do traço e o inacabado das figuras.

O autor da "Terra de Sol", dos "Heroes Bandidos", descrevendo os nossos sertanejos ou trechos das vastas e asperas terras do Ceará está, verdadeiramente, no seu assumpto predilecto, aquelle em que se nota toda a sympathia e todo o amor por essas coisas e essas gentes, alias, mulo á feição da psychologia de todos os seus conterraneos aferoados, mais que nenhum outro brasileiro dos demais Estados, ao calamitoso e adusto territorio.

A "Casa de Maribondos" faz rir e faz sorrir de varias maneiras e por differentes motivos. A's vezes, o sorriso sahe triste porque é o resultado da ironia campliando, sem piedade, sobre a miséria ou sobre a dôr, é ahi, então, que se sente a picada do ferrão dos maribondos que habitam a casa.

Para darmos aos nossos leitores uma amostra dos pequenos contos do novo livro de João do Norte, transcrevemos, aqui, uma passagem de um delles — "A mãe do Boris".

"Um fazendeiro inculto do sertão, José Ignacio, perdera seus haveres numa demanda infeliz com a firma Boris & Frères, de Fortaleza. Estando nessa capital, a passeio, depois da sua desgraça forense, quiz o vencido assistir a uma sessão do Tribunal da Relação "para ver como era por dentro aquella "velhacaria"". Subiu as escadas da sala das sessões, onde áquella hora se decidia um pleito e foi sentar-se, caladinho, a um dos bancos reservados ao publico, esmiuçando tudo com o seu olhar finorio de guaxinim. Em rédor de uma grande mesa, envoltos nas togas pretas, com as physionomias hypocritas, affectando estudada gravidade e profunda sisudez, os desembargadores discutiam, folheando autos. Com o guiixo pousado no cabo do guarda-chuva, o matuto ficou muito tempo olhando com um sorriso de ironia. De vez em quando demorando a vista, desdenhosamente, na figura da Justiça, pintada a oleo na parede, acima da cadeira de alto espaldar do presidente, a espada numa das mãos, a balança na outra.

Terminado o julgamento, o publico retirou-se e os juizes iam sahir. Então, o José Ignacio, avançando para elles e apontando a pintura da Justiça, perguntou ao presidente:

— Doutor, diga-me uma coisa, aquelle retrato é o da mãe dos Borris?..."

As cento e cincoenta paginas do livro lem-se de um trago: não ha maior elogio para uma collecção de contos facetiosos. Resalvadas as disparidades, dir-se-iam contos á maneira de Courteline.

A "Casa de Maribondos" não accrescenta nenhum novo louro á carreira literaria do seu autor, mas é interessante e muito propria para evidenciar a "maneira" do escriptor que a compoz.

A casa editora que publicou esses contos manteve-se coherente com o seu programma de nacionalismo nas lettras patricias. Só poderemos louval-a por isso.

Ranulpho Bocayuva Cunha.

"Correio Paulistano" - 3 de março de 1924

Armadilhas de caça

Quando eu era menino, vai para vinte annos, o vaqueiro de uma fazenda do sertão do Ceará, onde ia passar as férias, me ensinou todas as manhas e ardis de caça que elle sabia, bem como a feitura das mais completas armadilhas com que se pegam, vivos ou mortos, os animaes de pêlo e de penna.

Era um sertanejo profundamente conhecedor dessas cousas, e com elle apprendi tudo quanto, no agreste sertão da minha terra, se põe em pratica, para caçar com exito, despendendo polvora o menos possivel. Apprendi a **piar-nambu'** com um pio ou apito apropriado, de modo a fazer a pobre pequena gallinacea vir morrer na bocca da lazarina, cuidando procurar o companheiro. A fazer, com uma taboazinha collocada em falso sobre um buraco quadrado, na vereda dos preás, os conhecidos fójos ou fossos, onde os escuros roedores ficam presos até lhes vir a morte da mão do caçador. A deixar uma grande cabaça boiando nas lagôas em que as marrecas e préca-paras gostam de nadar, afim dellas se acostumarem com aquella boia, e a vir, dias após, com uma cabaça egual na cabeça, nadar devagarinho, puxando pelos pés e trucidando as aves confiantes. A construir, perto das bebidas de jurity's, de carões e de azas-brancas ou gallegos uma pequena cabana de ramos e folhas, ficando nella escondido a atirar nos bichos mortos de sêde, quando mettem o bico nagua, desculdosos. A attrahir, roçando um pauzinho noutro e obtendo, desse geito, uma especie de gritozinho, fóra das tócas, os mocós desconfiados, esfarelando-lhes a cabeça com uma carga de chumbo grosso. A construir um pequeno cercado e pôr dentro delle, uma cuia com cachaça para acostumar as raposas a virem beber ali. Mais tarde o cercado é envolvido num laço de corda forte, preso a uma vara curvada para o chão e seguro por um dispositivo especial. Vae a ladra voraz mette a cabeça no pequena cerca e prova a aguardente, tocado de sopetão, o tal dispositivo liberta a vara que se distende para o alto e puxa o laço, ficando o bicho aos uivos e espernéios, enforcado, balançando-se no espaço.

Apprendi mais a construcção dos mondés, com um pesado tronco de arvore, para esmagar tatu's, e dos quixós, com uma pedra, para quebrar a cabeça dos roedores, e ainda das arapucas, com leves madeiros trançados, para pegar rolinhas e gallos de campina. A fazer alçapões em gaiolas, afim de apanhar passarinhos. A fabricar visgo, com o mesmo fim. A organizar esparrelas onde o passaro pousa, attrahido pela metade de um fructo e logo um arco de cipó se desata com força, quebrando-lhe as pernas. A arranjar moitas de capim ou de folhiças, moveis, para por trás dellas poder approximar das caças ariscas. A cavar fójos á beira das poças de agua, para fisgar as **arvantes**, aves de arribação, que descem das arvores, em chusmas de mil, a beber. E dez outras artimanhas mais!

Hoje em dia, mergulhado na civilização, lembro-me verdadeiramente com saudade dessa boa época despreoccupada e, como outras idéas me povoam a mente, extranho que os folk-loristas, que têm explorado a riqueza das tradições, das cantigas e dos usos do nosso vasto **hinterland**, tenham esquecido até agora esse curioso capitulo de cynegetica matuta.

Seria bastante natural que todas essas maneiras de caçar o sertanejo as tivesse herdado do indigena que, nas nossas mattas e caatingas, rios e lagôas, jámais viveu de outros recursos. No emtanto, parece que não, que o indio era mais manhoso no approximar dos animaes de qualquer especie, alcançando-os, então, com as flechas do arco ou da sarabatana, mas deixando de parte as armadilhas. Os nomes de muitas dellas, no sertão, como arapuca, quixó e mondé, lembram o indio, porém, talvez esses appellidos lhes tenham vindo posteriormente, porquanto todas as armadilhas usadas pelo povo vieram das gentes européas occidentaes. Ou, então, a explicação mais plausivel seria que os indios as usassem como tambem a gente da peninsula Iberica e da França.

Verifico, por acaso, a existencia dessas armadilhas na Europa, lendo, num grande livro de Paul Lacroix, sobre usos e costumes da Edade-Média, o interessante capitulo da caça e vendo as curiosas illustrações que o acompanham. Com verdadeiro espanto, encontro ahi quasi tudo, senão tudo quanto o experiente vaqueiro da fazenda cearense me ensinou na meninice.

Todo o referido capitulo está cheio de reproducções de velhas miniaturas de manuscriptos antigos sobre maneiras de caçar, e são de absoluta fidelidade e exactidão, visto como não as publicariam, si o não fossem, o autor da obra, o celebre bibliophilo Jacob (Paul Lacroix), e o editor, o respeitavel Firmin Didot.

Fac-similes das miniaturas do curioso manuscripto do 15.o seculo, intitulado "Phebus, des deduiz de la chasse des bestes sauvaiges et des oyseaux de proie", que está na Bibliotheca Nacional de Paris, mostram as moitas fingidas e outros engenhos de approximação, como a cabaça da lagôa, o cercado de pegar lobos e raposas, e a mesma vara de enforcar — as ultimas em uso no sertão, com uma unica differença: em vez de enforcar, um dardo que ellas têm se enterra no corpo do animal. Outro manuscripto da referida bibliotheca, esse do 14.o seculo, chamado "Livre du roy Modus", mostra nas suas figuras os nossos fójos, quixós, mondés e esparrelas, a mesma arapuca de talliscas leves, que tantas vezes construi com prazer, e — o que é sobremaneira interessante — um sujeito occulto numa moita, de **pio** á bocca, piando codornas e perdizes, que são os nambús de além-mar. Até o nome da caça, **caça de piar**, se parece, deduzidas as differenças de tempo e de lingua: **chasse á la pipée**.

Até hoje, no Brasil, segundo parece, só o sr. Henrique Silva escreveu alguma cousa sobre caçadas e, assim mesmo, não foi no genero que desejariamos: enumerando, registando e commentando modos de caçar, suas origens, particularidades curiosas e transformações, o que é uma interessante forma do folk-lore a juntar á das historias de caça **á la Tartarin**, historias de onças, sobretudo. Está ahi um assumpto para um livro interessante, tentando outra penna mais illustrada e mais habil do que a minha, fascinando outra sciencia maior, pois que eu, pobre de mim!, só tenho nesse assumpto o que me ensinou um velho vaqueiro do escaldante sertão de minha terra.

E não seria desdouro que mesmo um dos nossos grandes escriptores tentasse o assumpto, pois que sobre caças e caçadas sómente reis e grandes senhores até hoje têm escripto obras de renome. Entre os classicos da antiguidade, Xenophonte, que era general e philosopho, escreveu aquelle tratado que os latinos nos deram traduzido com o titulo de **De Venatione**; Arriano, Oppiano e Gratius Faliscus seguiram-lhe as pegadas. Na Edade-Média, os tratados de caça foram feitos por capellães e ministros, como Gace de la Vigne, ou por fidalgos de alta linhagem, como Gastão Phebus, conde de Foix. Soberanos compuzeram nas horas de lazer livros de veação e de falcoaria. Carlos IX, da França, escreveu a "Caça Real". Affonso XI de Castella dirigiu a redacção do afamado "Libro de Monteria". Os historiadores portuguezes falam do "Tratado de Cetraria" ou arte de caçar com falcões, de dom João I, o Mestre de Aviz, escriptor e rei, como o d. Duarte, da "Ensinança". E o papa Pio II, antes de pôr á cabeça a tiara pontificia, escrevêra, sob o pseudonymo de Enéas Sylvio, ou, melhor, **Æneas Silvius**, um admiravel tratado para os caçadores, em latim.

João do NORTE

"O Jornal" 18 março 1924

LOJA DE AMOSTRAS

O livro do dia

CASA DE MARIBONDOS, *de João do Norte*. — Ed. Monteiro Lobato & C. — São Paulo, 1921.

"JÁ a infantaria de Caxias varrera a planicie de Angostura e a cavallaria de Andrade Neves esmoera os escolhidos soldados de Caballero, em Avahy. E as tropas brasileiras marchavam com segurança para Assumpção.

Explorando o terreno, na vanguarda, para além da estrada de Villeta, ia uma forte columna de infantaria ligeira, composta pelo 26 de Voluntarios da Patria, o heroico batalhão do Ceará. Eram duas horas da tarde e fazia calor.

Passavam no ceu azul, lentamente, os urubús engordados em Lomas Valentinas. Perlongando os banhados, estendiam-se immensos laranjaes — communs naquella região paraguaya, todos brancos de flôres que embalsamavam o ar. A' margem dos potreiros, grasnavam tristemente os quero-queros. A soldadesca caminhava silenciosa e unida, cheia de saudade do seu sertão escaldante, que havia annos deixára para as duras lides daquella campanha.

A tropa devia atravessar um laranjal perfumado. Sumiram-se os tambores sob as pequenas arvores; sumio-se o commandante, a cavallo; sumiram-se os soldados. Toda a folhagem rescendia um perfume de noivado. Uma grande paz silenciosa reinava naquella sombra cheirosa. Mais tristes e nostalgicos marcharam todos. De repente, um cabôclo atarracado, arrebitando o nariz como a farejar, na direita da terceira companhia, não se poude conter, pensando na dura vida da guerra, tão erma de sorrisos femininos, e gritou:

— Valhame S. Francisco das Chagas! que cheiro bom de mulher!"

"O Dia" - 27 março 1921

TREZENTOS E SESSENTA E CINCO BISPOS

Corria o anno de oitocentos e quatro, e já fazia dois annos que falle cêra sob o docel baldaquinado do seu vasto e duro leito conjugal a imperatriz Fastrada, esposa de Carlos Magno, imperador do Occidente e rei dos romanos. Antes de morrer, ella pedira, soluçando, ao esposo, que, de joelhos ao seu lado, pendido para a sua face pallida, deixava a longa barba branca espalhar-se sobre a cobre-cama de lã ornamentada á maneira bysantina, mandasse sem detença terminar a grande igreja de Aquisgram. Fôra, ella, a soberana loura e alta, de physionomia severa e coração brando, que começara a construil-a com o ouro da sua escarcella imperial. Depois, lhe chegaram esmolas das provincias, presentes em moeda de leudes e de reis distantes. E assim as obras proseguiram. Agora que iam ser terminadas, vinha a morte impedil-a de ver realizado o seu maior desejo e ao mesmo tempo a promessa que fizera, quando duma doença, á Virgem sua padroeira. Que a basilica fosse concluida e que nella a enterrassem, era tudo quanto pedia á hora da morte. Carlos Magno prometteu e cumpriu a sua promessa.

Morta a imperatriz, os trabalhos de construcção não se interromperam. Todas as semanas saccos e mais saccos de ouro sahiam do erario imperial para o pagamento dos salarios dos artifices e dos materiaes empregados. E em puro estylo romano, com os seus arcos ornamentaes e as suas columnas da capiteis floridos, com as suas capellas simples e as suas altas janellas geminadas do côro, com as suas cupolas e as suas cruzes estylisadas, a basilica foi nesses dois annos surgindo dentre os taboados rudes dos andaimes.

Logo que o mestre dos alvaneis foi dizer-lhe que até o acapelamento das paredes estava findo, o imperador veiu com alguns dos seus pares visitar o monumento religioso. Ali mesmo, de pé sob uma abobada, a mão direita acarinhando as barbas brancas, determinou que se benzesse o edificio com toda a solemnidade no dia seguinte ao da chegada do ultimo bispo dos que mandára convidar por todo o seu immenso imperio, afim de acolytarem o santo padre Leão, papa e bispo de Roma, que da Italia distante viera presidir a ceremonia. E, com os olhos faiscando de orgulho, accrescentou que o chefe da christandade seria assistido por tantos bispos quantos dias tinha o anno, e que nunca no mundo se vira uma festa religiosa igual áquella. Nunca se veria, affirmaram em côro os cortezãos.

Já o bispo de Roma estava em Aquisgram, hospedado no paço imperial. Trouxéra em sua companhia os bispos da Lombardia e pelo caminho arrebanhára os da Helvecia. Os da Gallia, de Borgonha, da Austrazia, de Neustria e da Bretanha tinham chegado. Havia outros, nas hospedarias dos arredores, vindos da Baviera e da Thuringia, da Belgica e da Navarra, das altas montanhas da Rhetia e mesmo dos paizes mais longinquos ainda, semi-pagãos como os das marcas do Oriente e das regiões habitadas pelas tribus slavas.

Emfim, um dia o papa foi informado de que os trezentos e sessenta e cinco principes da Igreja estavam reunidos na capital do imperio. Affirmou-o em audiencia solemne ao imperador, que resolveu se faria no dia seguinte, pela manhã, a benção e consagração da basilica da imperatriz defunta.

Nas ruas torcicollosas que levavam do paço á egreja, filas de homens de armas, de pé, apoiados ás lanças e ás achas de guerra, continham a multidão curiosa. Por entre ellas caminhava o cortejo papal e imperial, ao lento som das sacabuxas e dos atambôres mouriscos. Primeiro, o successor de São Pedro, com a tiara refulgindo á cabeça e a capa côr de amethysta, cobrindo as ancas brancas da sua mula ajaezada de cordovão vermelho e oiro; ao lado, o Imperador, a corôa de facetas semeadas de pedraria faiscando sob os raios do sol, segurando com a sinistra as rédeas chapeadas do seu negro cavallo de guerra, erguendo na dextra o sceptro de ouro macisso. Rodeando-os, os pares de França, os condes palatinos, os senescaes, os escudeiros, alguns cancellarios e clerigos com cruzes alçadas. Depois, em filas de cinco, precedidos de archeiros e seguidos de padres e chantres, os pluviaes rôxos açoitados pelo vento e as mitras ricas faulhando, todos os bispos do imperio.

Mas, quando desfilaram os das dioceses ricas e conhecidas, e vieram os do Baltico e do Danubio, esses de dalmaticas historiadas com côres berrantes, outros de çafões campesinos de pelles, cobertos de simples mitras de panno crucifiado, o povo que os ia contando soltou um grito de incredulidade e de espanto. Só havia trezentos e sessenta e tres. Não era exacta a noticia que haviam levado ao papa e que este dera ao Imperador.

Logo aquelle rumor chegou aos ouvidos, e a sua razão, ao conhecimento de Leão e de Carlos Magno. Ambos detiveram as suas montarias. O soberano, olhando de máo modo o santo padre, exclamou rudemente:

— Eu jurei só consagrar a igreja de minha esposa morta com a presença de trezentos e sessenta e cinco bispos do imperio e cumprirei o meu juramento.

Um dos cancellarios, homem erudito e sagaz, discipulo ne Alcuino, dirigiu-se respeitosamente ao monarcha:

— Senhor, todos os bispos do imperio accorreram ao vosso convite. Pensou-se ao principio que eram trezentos e sessenta e cinco, mas, verificando-se os livros da Curia, chegou-se á conclusão de que no vosso imperio só existem os trezentos e sessenta e tres que aqui estão.

Carlos Magno sorriu com desdem. Bateu fortemente com o sceptro pesado no arção da sella e disse de modo a cortar toda e qualquer intromissão por palavras e actos dos presentes:

— Eu jurei! E, emquanto os dois restantes não chegarem, ninguem do cortejo arredará pé.

Todo o vasto sequito immobilisou-se nas ruas sob o calor do sol e as horas foram lentamente passando. Quando já a tarde se avizinhava, o papa, seguido de todos os bispos, poz-se de joelhos e mentalmente implorou a alma da bemaventurada Fastrada, que de todos se amerceasse e por elles implorasse de Deus um milagre que os tirasse daquella incommoda apertura.

Mal aquelles labios todos terminavam suas supplicas, um tropel de cavallos resoou na çaga do cortejo e entre a poeira levantada pelos animaes se viram as faces lividas de dois bispos, cujas orbitas a muitos da arraia miuda, que se benzeram, pareceram vasias. O imperador, então, ergueu o sceptro e toda a longa procissão caminhou para a igreja.

Nessa tarde, o papa Leão benzeu e consagrou a basilica da Imperatriz Fastrada, acolytado por tantos bispos quantos dias tem o anno. Porém, depois da ceremonia, os dois recem-chegados, que um official do Imperador procurava, desappareceram como por encanto. Delles ninguem sabia noticias.

No fim da mesma semana se soube, no emtanto, pelo bedel da cathedral de Maestricht, que, no dia exacto da consagração da basilica, tinham, com espanto do povo e do cabido, ficado durante horas abertos os tumulos de dois velhos bispos de Tongres, sepultados naquella egreja. E todos os burguezes de Aquisgram acreditaram que foram elles, por ordem de Deus e a pedido da soberana morta, que vieram completar o numero exigido por Carlos Magno, afim de não ficar detido ao meio da rua e sob a soalheira o santo papa Leão.

JOÃO DO NORTE.

Do "O Livro dos Milagres".

"Correio da Manhã" 28 março 1921

LIVROS NOVOS

—:—

João do Norte — *"Casa de Maribondos"*

O sr. João do Norte, que é um narrador de historias encantadoras, ás vezes tambem sabe ser um contador de anecdotas pittorescas. Agora mesmo elle acaba de nos dar um livro — um ligeiro livro de cento e sessenta paginas — onde essa feição da sua intelligencia está evidenciada. *Casa de Maribondos* é uma collecção de epigrammas, de pequenos lances, muitos dos quaes preciosos como miniaturas de arte.

Em seu volume novo ha, por exemplo, essa historieta gentil do *Odor di Femina*. E' um quadro impreciso, á força de ser debuxado em traços largos. Uma companhia militar cearense marcha em meio das florestas paraguayas, na guerra que mantivemos com Lopez. Em dada occasião, tem a companhia que entrar por um bosque cerrado. E' todo um caminho ladeado de laranjeiras. E as laranjeiras estão em flôr... A estrada cheira, infinitamente, com um aroma de nupcias, que é immensamente grato ao coração dos soldados, ha tanto ausentes do lar e da familia. Em certo trecho, quando o perfume das flôres de Eros se torna mais forte, ouve-se um soldado, mais melancolico e mais amigo das doçuras do amor, dizer com uma voz de puro desconsolo:

— Valha-me São Francisco das Chagas! Que cheiro bom de mulher!

Não é uma graciosa e acrea fantasia?

O sr. Gustavo Barroso tem uma habilidade que não é commum para conduzir a acção dos seus contos. E' certo que não podem ser apreciados perfeitamente os seus recursos numa collectanea de epigrammas e anecdotas, como é a *Casa de Maribondos*. Essa penna, entretanto, que escreveu a *Ronda dos Seculos* e a novella da *Mulla sem cabeça*, de certo que pertence a um fino artista. E cuidamos fazer-lhe um bello louvor. Por isso, por essa melhor disposição que tem o sr. Gustavo Barroso para traçar as largas télas do seu mundo regional ou então os quadros vastos do decorrer das edades, não é possivel haver quem deixe de preferir os seus contos da feição daquelles que estão na *Ronda dos Seculos*.

Essas historiasinhas da *Casa de Maribondos*, comtudo, têm a arte de nos trazer sempre em sorriso, que é a melhor creação do demonio. Agora uma pergunta impertinente ao sr. João do Norte: por que chamou elle *Casa de Maribondos* ao seu pequeno livro? *Enxame de Abelhas* é que deveria ser... Porque essas anecdotas e esses epigrammas em prosa, contados com um tão abandonado desencanto e com um tão risonho ar de indifferença, são antes abelhas louras do que maribondos... Ellas trazem, de certo, o ferrão da malicia. Mas têm, em compensação, quasi todos, o mel da graça deliciosa e subtil...

"Fon Fon" 2 abril 1921

Capital do livro De estatisticas ultimamente publicadas em S. Paulo resulta que essa grande cidade edita, relativamente mais obras pedagogicas, litterarias, artisticas e scientificas do que o Rio de Janeiro. E, como pelo interior do Estado paulista muito se lê, essas edições rapidamente se esgotam. São, ademais, baratas. Dahi os editores do Rio e os escriptores de varios logares do Brasil estarem no momento presente procurando, na maioria, editar suas obras na Paulicéa.

Esse grande movimento equipara, dada as differenças de tempo e de importancia mundial, a grande cidade brasileira do Sul a Tours e a Leipzig, onde os livreiros e escriptores da França ou da Allemanha fazem de preferencia publicar seus livros. E assim S. Paulo está ficando a capital do Livro Brasileiro.

"O Jornal" 28 março 1924

A CAPITAL DO LIVRO

Nem sempre as grandes capitaes são a metropole do movimento editorial, que resulta duma grande actividade nas sciencias ou nas letras, tanto actividade de producção como de leitura. E não o são, porque sómente um concurso de determinadas circumstancias, as mais das vezes de ordem pratica, permitte a impressão de livros em grande escala. Os exemplos desse caso estão provados demasiadamente em dois paizes que têm sido, estes ultimos tempos, os maiores productores de obras litterarias, artisticas e scientificas: a Allemanha e a França.

Na primeira dessas duas nações, Berlim nunca deteve o sceptro da publicação de livros, apesar de ser a cidade mais importante do ex-imperio, a mais aceiada talvez do mundo e uma das mais bellas e de mais acurada esthetica urbana. Por ter estabelecimentos graphicos extraordinariamente bem montados, os melhores operarios e mão de obra relativamente barata, Leipzig esteve sempre á frente da capital allemã nessa questão. De lá saiam quasi todos os livros allemães. De lá sairam as mais bellas e mais notaveis obras germanicas nos dois ultimos seculos. E para lá enviavam muitos editores e autores estrangeiros, da Europa, da America e da Asia as suas obras, afim de serem impressas. Assim, a Allemanha tinha na velha cidade intellectual e mercantil, cujas feiras gozaram de nomeada universal, a sua capital do livro.

O mesmo aconteceu em França, e ainda acontece. Não é Paris, com a sua portentosa actividade mental, com a sua gloria irradiante, com a sua tentadora vida de arte e de prazer, que é a capital do livro francez. Absolutamente não. Todas as nossas conhecidas brochuras de vulgares capas amarellas sáem duma modesta cidade da provincia, onde mandam os editores e escriptores de Paris imprimir os seus volumes pelas mesmas razões que os berlinenses escolhem Leipzig para esse fim. Mesmo muito estrangeiro recorre aos seus admiraveis estabelecimentos graphicos. Essa cidade pequena, capital do livro francez, é Tours.

Não se imprimem ali sómente os exemplares de capa amarella supracitados, porém toda e qualquer obra, desde a mais luxuosa e artistica, até a mais barata e pobre. E' ali que as livrarias de Paris editoras de obras de arte realizam suas edições, entregando-as aos cuidados e ao gosto de impressores inimitaveis como Herissey ou Mamé & Fils.

As grandes edições de arte que se vendem em Paris, numeradas, constando de 150 exemplares no minimo e de 1.200 no maximo, illustradas pelos melhores artistas, coloridas á mão, manuscriptas no texto original, com gravuras em madeira ou aguas-fortes estupendas, contendo dois, tres e quatro "états" de cada figura, "avants la lettre e remarques", são quasi todas executadas em Tours. A velha capital de Touraine é, assim, quem enriquece as estantes dos mais celebres editores de arte parisienses: Romagnol, Piazza, Lemerre, Plagniol e sobretudo F. Ferrond.

Até pouco tempo não poderiamos contar com uma capital do livro no Brasil, tão pequeno era o nosso movimento intellectual de producção e consumo. Mas este ultimamente — é necessario confessar — cresceu extraordinariamente e as circumstancias logo se encarregaram de crear para nós, pelos mesmos motivos constatados na França e na Allemanha, uma pequena Tours, uma miniatura de Leipzig. E esta foi S. Paulo.

Em verdade, a capital do livro no nosso paiz não é, hoje em dia, o Rio de Janeiro, onde, no emtanto, fica a séde da Academia, onde o campo é maior para que nella se exerçam as actividades do espirito, onde residem e trabalham dois terços dos nossos mais conhecidos prosadores, poetas e scientistas. Esse titulo cabe a S. Paulo, cujos estabelecimentos graphicos são muito mais importantes que os cariocas, cujas casas editoras se multiplicam e para onde os autores — o symptoma é plenamente comprobatorio — dos Estados e do proprio Rio, estão enviando suas obras.

Ainda ha pouco tempo um matutino paulista publicava a respeito desse assumpto alguns judiciosos commentarios em torno de fiel estatistica sobre as edições daquella cidade. Ali existem quinze casas editoras de primeira ordem, que sómente no anno passado deram ao publico duzentas e tres obras novas. Nesse mesmo anno, a tiragem total dessas obras attingiu a elevada somma de novecentos e um mil exemplares. Para o Brasil, onde até bem pouco tempo uma edição de mil exemplares dum livro ficava annos encalhada nas prateleiras das livrarias, já é notabilissimo o progresso.

Quem fez essa curiosa estatistica calculou mais que o capital empregado nessas publicações foi de mais ou menos tres mil e quinhentos contos. E uma das faces mais interessantes da questão é que Monteiro Lobato, autor dos "Urupês", fez-se de um momento para outro editor de suas obras e depois de obras alheias, levando por deante uma bem organizada empresa de publicações, que está dando á luz livros de escriptores de todas as partes do Brasil.

Os trabalhos editoriaes são mais bem feitos, segundo parece, e mais baratos em S. Paulo do que no Rio. Concorrem, ademais, outras circumstancias. A capital do Estado do café é o centro ferro-viario das mais populosas e mais adiantadas regiões brasileiras, podendo por ellas facil e rapidamente disseminar os seus livros. Tudo isto e mais alguma coisa faz com que seja, de verdade e com justo orgulho, a verdadeira capital do livro brasileiro.

Como acontece com os estabelecimentos graphicos de Tours e de Leipzig, para os de S. Paulo estão enviando originaes editores do Rio, autores do Rio e de varios Estados. E até, imitando Buenos Aires, uma empresa paulista lança ao publico as "plaquettes" elegantes das novellas mensaes e semanaes. Além dos livros e das novellas, as casas editoras de S. Paulo lançam-se no terreno da publicação de revistas, com exito.

Paris, apesar dos seus livros serem impressos em Tours, na maioria, nunca deixou de ser a capital intellectual da França. Creio que o Rio tambem não deixará de ser a capital intellectual do Brasil. Entretanto, forçoso é dizer que S. Paulo vae sendo já a capital do livro, a Leipzig brasileira, o que não é pequeno titulo de gloria e que bem merece. Nesse ponto bem lhe quadra a divisa do seu escudo heraldico: "non ducor, duco".

João do NORTE.

"A Folha" 11 de março 1924

PELA AMERICA LATINA

Um escriptor brasileiro na Argentina

"MOSQUITA MUERTA" por Gustavo Barroso (João do Norte)

O autor da "Terra de Sol" que nas letras patricias triumphou de um modo absoluto, desde a publicação do seu livro de estréa, acaba de ser editado pela Novela Semanal, casa editora de Buenos Aires.

O novo trabalho de João do Norte intitula-se: — "Mosquita Muerta" e mereceu do publico e da intellectualidade argentina o mais fidalgo acolhimento.

Vale a pena trascrever o juizo que se faz na Argentina sobre a mentalidade brasileira:

"Empeñados en la difícil tarea que "La Novela Semanal" sea un vinculo de unión intelectual sudamericano, hemos publicado en distintas oportunidades, trabajos de escritores uruguayos, brasileños, colombianos, chilenos, bolivianos e paraguayos. Así pues, deja de ser una novedad que anunciemos los trabajos de escritores brasileños de la fama de Gustavo Barroso, Coelho Netto, Monteiro Lobato, y otros muchos, pero, nos hacemos un deber en presentar al escritor ante el publico que ha de gustarlo.

El doctor Gustavo Borroso, entusiasta divulgador de la obra de Sarmiento, es el escritor del norte del Brasil, describe aquelas regiones con una singular maestria.

Nacido en Ceará, palpita en sus obras el amor a aquelos lugares de los que se diría, ha sorprendido el secreto de sus encantos para volcarlos en prosa cálida y maravillosa.

Sus obras publicadas "Terra de Sol", "Praias e Varzeas", "Idéas e Palavras", "Pergaminhos" e "Heroes e Bandidos" lo han colocado a la vanguardia de los intelectuales jóvenes, y es sin disputa, de los escritores que honram al Brasil.

"Mosquita Muerta", plasmada sobre una preocupación serrana, es un notable cuadro del majestoso escenario del nodeste del Brasil.

Aquí ofrece a nuestros lectores una pintura elocuente del fenómeno, terrible entre todos, de la sequia del Ceará. Y las brillantes cualidades del escritor se revelan en toda su fuerza, ya describiendo la belleza, ya emocionando...

Con este trabajo queda Gustavo Barroso incorporado a la brillante falanje de escritores que mantienen el prestigio intelectual de la America Latina."

"Fon-Fon" - 2 - abril - 1921

Tradições Eu vinha com Claudio França uma destas tardes pelo cáes do Pharoux. Lembravamos com saudade alguns passeios que fizemos em Paris, no começo de 1919. Disse:

— Recorda-te quando estivemos comprando livros num *bouquiniste* do cáes e tu, mostrando-me a janella dum sobrado, em cujo rez do chão havia um livreiro, disseste-me: «áquella janella Napoleão scismou muitas vezes, pois morou quando tenente de artilharia naquella casa»? Aqui, meu amigo, não ha a menor dessas recordações. Não se vê em toda a cidade senão tres ou quatro velhas cousas. Tudo mais se destróe.

Elle me replicou:

— Tens razão em parte. O brasileiro não é um povo que ame de verdade as tradições. Mas tambem em quanto nos outros paizes, em França principalmente, se divulgam as coisas tradicionaes, nós aqui, mesmo quando as temos, as ignoramos. Estamos agora deante duma. E' uma janella e tão importante para nós quanto a de Bonaparte para os francezes.

E, apontando-me com o dedo a sacada que se abre no meio do frontão da porta principal do vetusto edificio dos Telegraphos, accrescentou:

— Dalli os membros da Regencia Trina apresentaram ao povo o Imperador menino que deveria ser Pedro II, morrer no estrangeiro e tornar á patria embalsamado decadas depois.

Eu calei-me, vexado da minha ignorancia.

27

"Correio Paulistano" 24 março 1921

A espada inutil

Vatatzés, imperador de Byzancio, vivia, com escandalo da familia e do clero de sua dourada e maravilhosa capital, em completa mancebia com a celebre favorita cujo nome infelizmente a historia não guardou e que os velhos chronistas do imperio grego appellidavam a Marqueza.

Ella era uma das aias ou covilheiras da princeza occidental com quem elle, por certas razões politicas, se casára. Tinha olhos negros como a noite e o corpo alvo como um lirio aberto. Logo que o autocrata sensual, aborrecido de sua esposa legitima, a relegou desdenhosamente nos aposentos mais retiraãos do gyneceu, a ardente e formosa Marqueza apoderou-se do seu fraco coração e do seu debil espirito. E nada mais se fez de bom ou de mau no vasto imperio byzantino que não fôsse obra das inspirações e dos conselhos da impudente favorita.

Só uma cousa lhe fazia medo, lhe enchia de terrores vagos a alma apprehensiva naquelle faustoso palacio á margem do Bosphoro, onde tudo ella governava. Era um vulto de homem, sempre coberto com uma samarra escura, que encontrava ás vezes deslizando pelos corredores, silenciosamente. Os seus olhos ardentes fixavam-se nella como brazas que a queimassem. Os seus labios balbuciavam imprecações. Os seus passos rapidos fugiam della. E noites inteiras, revolvendo-se no leito sem poder dormir, a favorita pensava no odio que lhe devia ter aquelle homem.

Chamava-se elle Nicephoro Blemmydés, era um padre, um sabio e o preceptor do principe ora reinante. Educara-o quando joven. Tinha sobre elle grande influencia, que empalliáecera deante do novo poder da Marqueza, e, por ter tido na sua mocidade um triste romance de amor, detestava todas as mulheres e especialmente aquella que prendia com os attractivos peccaminosos do seu corpo, levando-o para o mal, o soberano que elle formára para o bem.

Elle não era sómente um sabio. Sua vida austera e ruãe, sua simplicidade e sua caridade faziam que naquella rica morada imperial as intrigas não o alcançassem, e o respeitassem e o amassem todos, desde o ultimo ennucho até o Parakimoméne, os Stratigos, os Grandes Domesticos e todos os demais altos dignatarios da côrte. Sómente o principe começava a desconfiar delle, devido aos sussurros maldosos da amante, embora dia a dia crescesse a nomeada da sua bondade, embora muita gente chegasse mesmo a affirmar que era santo.

Mas a influencia perversa da Marqueza cada dia lhe fez maior guerra. E, quando numa predica, que Nicephoro recitou na basilica de Santa Sophia, publicamente a tratou de "Rainha da Impudencia", ella exigiu do soberano a expulsão do sacerdote, que com tanta crueldade a offendera. Blemmydés foi exilado, e durante muito tempo não se souberam noticias delle. A sua lembrança até já se apagava da memoria daquelles que o amavam, quando no correr do anno de 1248 se soube, em Constantinopla, que elle fôra eleito abbade do grande e rico mosteiro de São Gregorio Thaumaturgo, em Epheso.

Mais ou menos nessa época, o basileus Vatatzés, acompanhado de sua côrte, visitava algumas dioceses da Asia Menor. A favorita seguia-o, e a publicidade da sua união illicita não provocava mais o menor escandalo. Uma noite, a comitiva imperial chegou á velha cidade de Diana, então transformada pelos piedosos successores de Constantino, o Grande, na cidade da Virgem. E, logo, na manhã seguinte, a Marqueza, levantando-se cêdo, foi ouvir missa na egreja do mosteiro mais proximo do paço do governador, onde estava hospedada com o seu imperial amante. Seguiam-na algumas aias e uma cohorte de spatharios cobertos de escamas douradas, commandados pelo centurião Drimys, pessôa da maior confiança, tanto do imperador Vatatzés como da corteza poderosa.

A Marqueza entrou na egreja e foi ajoelhar-se ao meio da nave, entre algumas mulheres que rezavam. Sob as amplas abobadas romanas havia uma meia luz lilaz e triste. Raios de sol leitosos entravam pelos vidros das janellas altas. E do altar vinha o lento e monotono psalmodiar do officiante, cuja capa dourada de abbade reluzia de gemmas e de florões de ouro.

Quando elle se voltou para a assembléa e viu lanças de soldados á porta da egreja, seus olhos faulharam. Avançou para a nave e deu com a favorita ajoelhada. Ella se ergueu na sua presença com um grito de espanto: era Nicephoro Blemmydés! E o abbade, majestosamente lhe apontando a porta, disse com energia:

— Fóra! Fóra daqui, impudica e venenosa que vem polluir a casa do Senhor!

Houve um rebolíço de espanto entre os presentes á scena.

— Quem é? Quem é? gritaram ameaçadoramente os fieis, homens e mulheres, de todos os lados.

— E' a mulher perdida, que se apoderou da alma do imperador, tornando-o injusto e mau, expulsando da camara conjugal a Desponia legitima. E' a adultera, que merece ser apedrejada!

E o povo, em côro:

— Fóra! Fóra daqui a impudica!

As lanças dos spatharios agitavam-se nervosamente no ar. Os seus cenhos contrahiam-se de raiva. E, si não fôra a santidade do logar, as suas armas trucidariam o sacerdote audaz.

Lagrimas de vergonha e de dôr rolavam pelas faces da linda mulher. Exgottada pelo esforço que fazia para conter-se, ella recuava, cambaleando e murmurando:

— Oh! deixai-me ouvir a missa! Deixai-me! Deixai-me!

Mas elle avançava sempre para ella, o braço extendido, a voz aspera trovejando:

— Fóra! Fóra daqui!

Drimys, afogueado e enraivecido, avançou para o abbade, segurou-lhe as barbas longas com a mão esquerda e levou a direita ao punho da espada. Nicephoro ia pagar com a vida a sua audacia, porém não perdeu a sua calma, cruzou os braços sobre o peito, onde a cruz de ouro reluzia, e continuou a bradar:

— Fóra! Fóra daqui!

Drimys quiz arrancar a espada da bainha para cortar-lhe o pescoço, mas não o poude fazer, por maior esforço que fizesse. Largou-lhe as barbas e com as duas mãos, esforçadamente, puxou o gladio da bainha. Nada conseguiu. Seus olhos assombrados sahiam fóra das orbitas subitamente afundadas. A favorita já sahia do templo, cercada pelas suas companheiras; o povo dava gritos de protesto e sedição, cercando os soldados tremulos. E o centurião, desprendendo a inutil espada embainhada do seu cinturão grosso de couro atauxiado de prata, largou-a sobre as lages e fugiu pela porta em fóra, arrepelando os cabellos e gritando:

— Perdão! Perdão!

João do NORTE

"Gazeta de Noticias" 26 de Março de 1921

LIVROS NOVOS

"Mosquita muerta", por Gustavo Barroso.

Sob o titulo "Mosquita Muerta", foi publicada em Buenos Aires uma traducção hespanhola de um dos melhores contos de Gustavo Barroso.

A edição é de "La Novela Semanal", que a precedeu das seguintes palavras, que são o elogio do illustre escriptor patricio:

"Empenhados na difficil tarefa de tornar "La Novela Semanal" um vinculo de união intellectual sul-americana, em diversas opportunidades temos publicado trabalhos de escriptores uruguayos, brasileiros, colombianos, chilenos, bolivianos e paraguayos. Assim, pois, não é novidade annunciarmos trabalhos de escriptores brasileiros da fama de Barroso, Coelho Netto, Monteiro Lobato e outros muitos, porém nos julgamos no dever de apresentar o escriptor ao publico que o vai apreciar.

O Dr. Gustavo Barroso, enthusiasta divulgador da obra de Sarmiento, é do norte do Brasil e descreve aquellas regiões com singular mestria. Nascido no Ceará, palpita em suas obras o amor a aquelles logares dos quaes se póde dizer que surprehendeu o segredo de seus encantos para traduzil-os em prosa ardente e maravilhosa.

Suas obras publicadas, "Terra de Sol", Praias e Varzeas", "Idéas e palavras", "Pergaminhos" e "Heróes e bandidos", o collocaram á vanguarda dos intellectuaes jovens, e é, sem duvida, dos escriptores que honram o Brasil.

"Mosquita muerta", plasmado sobre assumptos serranos, é um notavel quadro do majestoso scenario do nordéste do Brasil.

Offerece a nossos leitores uma pintura eloquente do phenomeno, entre todos tertivel, da seccа do Ceará. E as brilhantes qualidades do escriptor se revelam em toda sua força já descrevendo a belleza, já emocionando.

Com este trabalho fica Gustavo Barroso incorporado á brilhante pleiade de escriptores que mantêm o prestigio intellectual da America Latina."

Essa homenagem da publicação argentina, exaltando o talento de um joven escriptor brasileiro, é uma prova da sinceridade dos bons desejos de intercambio intellectual entre a Argentina e o Brasil que não póde deixar de nos ser grata.

28

"O Jornal" 18 de março de 1921

OS CAÇADORES DE MANUSCRIPTOS

Quando se começa a penetrar na vasta e rica bibliotheca que os antigos nos legaram, é que se verifica que immenso e silencioso trabalho representa o salvamento das velhas obras gregas e latinas através dos seculos.

E' até mesmo de causar pasmo constatar-se como se conseguiu conservar até nossos dias os manuscriptos dos sabios e philosophos das admiraveis civilizações que nos precederam. E elles são legião, tratando de tudo — de philosophia ou mathematica, de religião e estrategia, de historia natural e de viagens.

Apesar de dezenas que se perderam, sobram ainda centenas de classicos interessantes, desde os mais gloriosos como Aristoteles ou Luciano até os mais humildes como Frontino, Vegecio ou Vibius Sequester.

Todos estão hoje em dia estudados profundamente: catalogados, classificados, criticados, concertados e traduzidos e commentados com habilidade. Nenhum escapou á curiosidade dos eruditos incansaveis — Atheneu ou Polyeno, Herodiano ou Ctesias.

Entretanto, o que torna ainda mais assombroso o facto de não terem desapparecido esses thesouros das linguas, da sciencia e da observação antigas é que contra elles militou não sómente o tempo, porém a ignorancia e a maldade dos homens. Com a decadencia e a morte do imperio romano, as bibliothecas, os bibliophilos, os escriptores e os estudiosos desappareceram subvertidos pela alluvião barbara das invasões. Os livros ficaram sepultados nos entulhos da civilização ou foram recolhidos aos conventos. E o christianismo lhes declarou a mais cruel das guerras. Historiadores como Amadeu Thierry mostram-n'os patriarchas amaldiçoando aquelles que liam as doutrinas dos antigos. Contra São Jeronymo ainda foi esta a maior accusação que se levantou.

Os monges escondiam os velhos manuscriptos, como se foram obras do demonio, ou os destruiam. Os barbaros queimavam-n'os nos saques. A falta de estudos tornava-os inuteis no meio da ignorancia geral. E, em certos conventos, os copistas limitavam-se a cobril-os com uma camada de espessa e clara substancia, afim de escreverem por cima della assumptos religiosos. Desta sorte muitas paginas de Theophrasto ficaram, ás vezes escondidas por antiphonas á Virgem Maria. A economia conventual, poupando pergaminho, creou, assim, os palimpsextos.

Após a morte do imperio romano do occidente, sómente em Bysancio ficaram guardados os restos gloriosos da literatura e da sciencia antigas. Todo o oéste da Europa se encheu de paizes feudaes e de côrtes barbaras. Só á margem do Corno de Ouro, Constantinopla resplandecia com as luzes do saber. Mil annos depois, o imperio do oriente, apodrecido já, cáe ás mãos dos turcos. Os seus eruditos emigram para o occidente, levando seus livros. Quasi ao mesmo tempo, a Reforma de Luthero abre novas portas para as almas agrilhoadas pelos dogmas. E dessas duas grandes causas resulta a Renascença.

Nessa época refulgente e sumptuosa, voltam-se os olhos e os ouvidos dos homens para as velhas lições esquecidas do paganismo, lições de côr, de linha, de attitudes, de rimas, de livros. Um movimento intellectual assombroso parte da Italia para o mundo occidental. A alma pagã desabrocha de novo em Milão, em Florença, em Veneza, em Roma, onde os papas, de Clemente VII a Leão X, mostram a sua alma dourada pelo paganismo morto.

Foi, então, que se inaugurou na historia a grande caça aos manuscriptos gregos e latinos, de que resultou a grande quantidade de autores dessa ordem que temos hoje á nossa disposição. Entre aquelles que mais se dedicaram a essa procura trabalhosa estão no primeiro plano os dois chefes de Florença, os dois Medicis gloriosos—Cosmo e seu neto Lourenço, o Magnifico.

Quando o primeiro governou a velha communa guelfa revolta e sanguinaria, estuante de vida e de ambições, empregou nesse trabalho de resurreição duma sabedoria desapparecida um dos typos mais caracteristicos do seu tempo. Foi o celebre Poggio, que só vivia para os manuscriptos, que sabia varias linguas, que viajára demoradamente por diversos paizes e juntava a tudo isso o facto de ter sido secretario particular, seguidamente, de oito papas!

Os seus trabalhos de descobrimento de manuscriptos antigos, correcção dos mesmos e direcção de suas copias duraram cincoenta annos. Mas, no fim desse meio seculo de vigilias e esforços, Poggio tinha copias completas de todas as obras de Quintiliano, mesmo das mais insignificantes, descobrira intacto "Os argonautas" de Valerius Flaccus, as comedias de Plauto, os poemas de Silius Italicus, o "De Natura Rerum" de Lucrecio, os versos de Stacio e parte do "Satyricon" de Petronio.

Emquanto Poggio caçava os vetustos livros até nas ruinas das casas de campo, em buracos de paredes, entre ninhos de corujas nos moinhos abandonados, o grão senhor florentino enviava á côrte bysantina embaixadas intellectuaes, encarregadas de trazer para a Italia copias de novas obras classicas. De uma dellas, que naufragou, aliás salvando as preciosidades que conduzia, fazia parte o afamado sabio Aurispa, que trouxe com o maior cuidado da capital do Bosphoro duzentos e trinta e oito manuscriptos! Entre elles estavam, para felicidade das gerações vindouras, os livros de Platão, Platono, Xenophonte, Luciano de Samosata, o Anatole France da decadencia grego-latina, de Deodoro de Sicilia e de Callimaco, as odes gloriosas de Pindaro e as rimas antiquissimas, lendarias de Orpheu.

O movimento intellectual que se gerava desses admiraveis esforços foi tão forte que os melhores homens de Florença outra coisa não faziam senão procurar e colleccionar manuscriptos. Um dos mais ricos e finos senhores da cidade do lyrio vermelho, Niccolo Niccoli arruinou-se completamente, comprando e mandando caçar manuscriptos.

Cosmo de Medicis fundou, então, a grande e portentosa bibliotheca Marciana, monumento ás letras digno daquelle seculo.

Durante o poder de Pedro de Medicis esfriou um pouco o ardor intellectual dos florentinos. Lourenço de Medicis, seu filho, veiu dar-lhes maior enthusiasmo pelas coisas da intelligencia. Creou em torno de si uma côrte artistica em que pontificaram Sandro Botticelli, Pico de Mirandola e Leonardo da Vinci até que este se mudou para Milão, onde o chamava a amizade de Ludovico, o Mouro.

Essa côrte artistica era composta, primeiramente, por uma escolhida Academia, na qual dominavam as idéas platonicas. Della escreve Ficino, um dos seus membros: "O dia do nascimento de Platão, tendo cessado de ser celebrado por um banquete, como fôra de uso corrente desde sua vida até Porphyro, o muito illustre Lourenço de Medicis quiz renovar esse habito no seu tempo e confiou essa tarefa a Francesco Badini, que convidou nove platonicos para um regio banquete, na Villa Careggi". O natalicio do autor do "Banquete" era commemorado por um banquete de intellectuaes. Florença aprendera e recitava bem, em plena Renascença a grande lição de belleza do paganismo.

Para maior demonstração da força, nesse tempo, da grande lição pagã de além tumulo, basta citar que dessa Academia fazia parte um padre — Poliziano. Esse sacerdote erudito, dizia publicamente que detestava a Bibila, celebrava em companhia de Ficino, já citado, ás escondidas, segundo affirma Lebey no seu "Essai sur Laurent Medicis", ritos pagãos mysteriosos. Do pulpito, em plena egreja, commentava Platão, pregando que sua doutrina era equivalente á de Jesus Christo e indicando, para orações dos fieis, os trechos mais formosos do "Gorgias"...

Por ordem do Magnifico, Ficino traduziu as obras de Porphyro e de Jamblico.

Lourenço de Medicis dispendia, annualmente, trinta mil ducados na acquisição de manuscriptos e no pagamento de copistas. Imprimia á sua custa e distribuia-os pelos amigos os melhores classicos gregos. E deixou a maravilhosa bibliotheca Laurenciana.

Ainda por sua determinação, Poliziano commentou Ovidio, Suetonio, Stacio, Plinio o Moço e Quintiliano; Domitio Calderius restabeleceu o texto completo de Marcial; Bartolomeu Poncio, o de Persio.

Devido aos seus grandes cuidados, se acharam as copias inteiras das "Pandectas" de Justiniano, em Piza.

E nós que lemos hoje em dia, facilmente, traduzidos, commentados e reconstruidos, os textos gregos e latinos, devemos accender no coração uma lampada de gratidão aos dois grandes caçadores de manuscriptos da Renascença: Cosmo e Lourenço de Medicis.

João do NORTE.

"Noticia" 11 março 1921

* * *

Letras — Ha em Buenos Aires, centro de cultura intellectual que honra o continente, uma sympathica iniciativa de victorioso resultado. Trata-se de uma revista semanal, elegante pelo formato e pela confecção, que escolhe para cada numero, com capricho, uma producção literaria sul-americana e divulga-a na vastissima circulação de 250.000 exemplares! Sob o baptismo de "La novella semanal" essa publicação, primeira e unica no seu genero popularissima como indica aquelle impressionante algarismo, tem editado novellas de escriptores brasileiros, os mais representativos como ainda ha pouco, Coelho Netto, Monteiro Lobato, etc.., facto que nos deve ser especialmente grato. Ainda agora, o ultimo numero desse optimo semanario, publicado a 28 de fevereiro, torna conhecido aos seus milhares de leitores argentinos e uruguayos o talento de Gustavo Barroso, o joven e triumphante João do Norte. Para que insistirmos nós em louvôres á felicidade da escolha? Melhor que as nossas palavras de admiração dizem, sem duvida, as de "La novella semanal", precedendo o bello conto de João do Norte, vertido com o baptismo hespanhol de "La mosquita muerta". Vale a pena reproduzir aqui o que do escriptor patricio disse a direcção daquelle semenario, gente de responsabilidade no mundo intellectual portenho: "Empenhados na difficil tarefa que "La novella semanal" seja um vehiculo de união intellectual sul-americana, temos publicado em diversas opportunidades, trabalhos de escriptores uruguayos, brasileiros, colombianos, chilenos, bolivianos e paraguayos. Assim, pois, deixa de ser uma novidade annunciarmos os trabalhos de escriptores brasileiros, brasileiros da fama de Barroso, Coelho Netto, Monteiro Lobato e outros muitos; porém cumprimos um dever apresentando o escriptor ao publico, que ha de aprecial-o. O Dr. Gustavo Barroso, enthusiasta divulgador da obra de Sarmiento, é o escriptor do norte do Brasil, que descreve aquellas regiões com singular maestria. Nascido no Ceará, palpita em suas obras o amor áquelles logares dos quaes se diria que surprehendeu o segredo dos seus encantos para transmittil-os em prosa quente e maravilhosa. Suas obras publicadas "Terra de Sol", "Praias e varzeas", "Idéas e palavras", "Pergaminhos" e "Heróes e bandidos", collocaram-no á vanguarda dos jovens intellectuaes e é sem disputa dos escriptores que honram o Brasil.

"Mosquita muerta", plasmada num ambiente serrano é um notavel quadro do magestoso scenario do nordeste do Brasil. Aqui se offerece aos nossos leitores uma pintura eloquente d phenomeno, terrivel entre todos, da secca no Ceará... E as brilhantes qualidades do escriptor se revelam em toda sua força, já descrevendo a belleza, já emocionando...

Com este trabalho Gustavo Barroso fica incorporado á brilhante phalange de escriptores que mantêm o prestigio intellectual da America Latina."

29

"Correio Paulistano" 7 de março de 1921

POETAS DE NAÇÕES MORTAS

A grande guerra européa desmantelou o esdruxulo imperio austro-hungaro e fez, em seu logar, surgirem as nações cuja alma a politica dos Habsburgos, durante seculos, aferrolhara. Desde Sigismundo, de Luxemburgo até aos nossos dias, que a casa real e imperial originaria do velho solar de Habichtsburg, Castello dos Abutres, explora em seu proveito e em proveito do germanismo os povos slavos, magyar e romeno, que constituiram, ethnographicamente, a monarchia dual. Entretanto, a lampada do patriotismo, entre essas raças, sujeitas ao seu poder, nunca se apagou, através dos seculos e apesar de todos os meios postos em pratica contra o seu espirito nacional. Sempre á sua frente floriram esperanças. E' que os poetas hungaros, romenos e slavos se encarregaram de manter e de propagar, duma geração ás outras, as tradições e os sentimentos peculiares a cada uma das nações mortas pela tyrannia tudesca da Austria.

Agora que da velha colcha de retalhos austro-hungara surgiram as nações sepultadas durante seculos, é que bem se póde ver quanto a arte contribue para a vida de todos os povos e como nella se refugiam todas as esperanças das nações vencidas e tyrannizadas.

Durante centenarios, sómente os poetas animaram, com o seu sôpro ardente, a chamma patriotica, quasi extincta pelas circumstancias, conservando para melhores dias o patrimonio moral da sua gente.

Cada povo que as garras da aguia bicephala dilaceraram e reduziram á impotencia teve nos seus poetas os guardas fiéis do seu fogo sagrado. Elles nunca o deixaram apagar-se. E hoje em dia, em que essa luz brilha livre de ameaças, não se póde deixar de lembrar os nomes dos artistas que, mais que os politicos e os guerreiros, com sua alta intelligencia, com sua luminosa inspiração, serviram ás suas patrias.

A Yugo-Slavia, que é hoje um reino independente e forte, era dividida desta sorte: principado de Montenegro e reino da Servia, independentes: Rascia, Dalmacia, Croacia, Bosnia, Herzegovina e Slavonia, sob o poder imperial. O primeiro estadista europeu que pensou em unir essas provincias fragmentadas, habitadas pelo mesmo povo, foi Napoleão, quando creou o Reino da Illyria.

Logo um poeta slavo cantou no seu poema "A Illyria Resuscitada" a união da patria dos slavos meridionaes. E os cantos ardentes de Vodnik ainda hoje animam o espirito dos servios, dos croatas e dos esclavões.

Mas tarde, toda uma escola literaria, patriotica, age formidavelmente em prol da união dos yugoslavos. São os poetas croatas, dignos successores de Vodnik, Presern e Koseski, os principaes autores da fusão politica que hoje estamos vendo. A força de acção dessa escola foi tamanha, que ella ficou na historia daquellas regiões com a designação significativa do Illyrismo. Na velha cidade republicana de Ragusa, as obras de Stanko Vraz e de Preradovic despertaram nos dalmatas o sentimento da patria commum.

Luiz Gaj, um publicista eminente, alma de jornalista e de poeta, comparava, ao tempo desse grande movimento intellectual, em mil oitocentos e vinte e tantos, a Illyria a uma lyra triangular sobre que, no oriente, a Europa se deveria apoiar. Essa lyra, segundo a sua linguagem symbolica, se extendia de Villach a Varna e a Scutari. Suas cordas eram a Carinthia, Gorizia, a Istria, a Carniolia, a Styria, a Croacia, a Slavonia, a Dalmacia, a Bosnia, o Montenegro, a Herzegovina, a Servia, a Rascia e a Bulgaria. Ellas deveriam ser afinadas pela Europa e, então, soariam admiravelmente.

Em Budapesth, mais ou menos no mesmo tempo, fundava-se a celebre sociedade literaria dos slavos meridionaes, denominada **Matica**, da qual sahiram os mais ardentes propagandistas das idéas de liberdade e unificação dos seus patricios illyricos. Esses poetas e essa sociedade de poetas, emquanto a sua nação estava morta, viviam e agiam para resuscital-a. O phenomeno é sobremaneira interessante e mostra aos politicos de profissão e aos juristas sebentos, tão communs entre nós, infelizmente, quanto poder se encerra na literatura dum povo.

Com a Hungria deu-se o mesmo caso. Os seus poetas guardaram-lhe as glorias, zelaram por ellas, e, cantando-as, mantiveram seculos afóra o sentimento nacional magyar. Sandor Petofi publicava continuamente, ao tempo em que Kossuth fazia a propaganda patriotica da independencia pelo jornalismo, as suas odes ardentes, nas quaes comparava a gloria da Hungria a um cometa que desapparece e custa a voltar, porém volta mais cheio de brilho e de gloria. Voeroesmarty dava á publicidade o "O Appello", Kisfaludy, Srany celebravam em poemas as glorias historicas da nação. Foram elles, assim, ahi por 1845, que a reconstituiram, preparando-a para a revolução de 1848 e para assumir o principal papel politico da monarchia dual, depois de vencida mais uma vez. Já esse movimento intellectual patriotico vinha de longe, como o da Yugo-Slavia. Ao tempo de Napoleão, o poeta hungaro Berszenyi tangia a lyra épica, lembrando os feitos nacionaes de Zrinyi.

A Bohemia, que hoje fórma a parte mais importante da joven republica Tcheco-Slovaca, é, póde-se dizer, a obra dum grande poeta. Toda a força da sua alma nacional veiu do inspirado Kollar. A nação morta politicamente vibrou ao som da sua lyra de ouro. Elle cantou as glorias da raça slava no seu vasto e bello poema, publicado em 1824, "Slavy Dcera", "A Filha da Gloria". E' nelle que faz sobre os slavos em geral uma comparação semelhante á que Luiz Gaj fez a respeito da Illyria. Não compara a raça slava a uma lyra, porém a uma figura gigantesca de mulher, cujo coração é a Bohemia, cuja cabeça é a Russia, cujos pés são a Servia, cujas mãos são a Polonia. Elle prégou o Panslavismo mais completo de que ha noticias. Elle se bateu pela união geral dos slavos do monte Athos á Pomerania, dos campos da Silesia á planicie de Konovo, de Constantinopla ao Volga. Elle creou mentalmente uma immensa nação em que deviam entrar todas as nações slavas vivas e mortas: a Slavia. "Deante desse Idolo, dizia elle, a Europa inteira se ajoelharia; sua cabeça passaria das nuvens e seus passos alcançariam o mundo!"

Toda uma escola notavel de poetas patriotas se agrupou em torno da figura principal de Kollar. Della faziam parte, entre muitos outros, Celakowsky, autor dos "Echos Russos" e da "Rosa de Cem Folhas"; Hanka, Vocel e Palacky. E desses **resurrectionistas** nacionaes renasceu para a vida internacional a nação bohemia. Sómente agora é que a sua resurreição se faz pelo grande abalo da guerra, mas o movimento inicial de que resultou veiu de Kollar e de seus companheiros ou imitadores.

A força patriotica dos poetas é verdadeiramente extraordinaria. Nós tivemos um exemplo no Brasil, com a acção maravilhosa da palavra sonora e quente de Olavo Bilac.

Assim, póde-se affirmar que não morrem de todo as nações que têm poetas.

Do inventario da monarchia dual, realizado após a guerra, resultou a entrega ás nações a que pertenciam de varios territorios irridentos, como a Gallicia polaca, a Bukovina e a Transylvania romenas, o Trentino e Trieste italianos, e principalmente o resurgimento de tres nações de ha muito politicamente mortas: a Hungria, a Yugo-Slavia e a Tcheco-Slovaquia. E, estamos certos, as tres sómente resurgiram por causa dos seus grandes poetas. Sobre ellas pairam as almas de Petofi, de Vodnik e de Kollar.

João do NORTE

"Jornal" 11 de março 1921

LOJA DE AMOSTRAS

O livro do dia

MOSQUITA MUERTA, *novella de Gustavo Barroso, tradução de Benj. de Garay.* — Buenos Aires, 1921.

"En la quinta noche de marzo, a eso de las once, habiéndose adelantado mucho a los otros emigrantes; las gentes de Santa Mónica, al trepar penosamente la cuesta de una colina bastante alta, se sintiéron acariciar por un viento más fresco, impregnado de olores desconocidos. Era la brisa marina. Se acercaban a la ciudad. Ninguno de ellos jamás viera el océano. Se detuvieron sorprendidos en la cima. La noche estaba cubierta de estrellas que fulguraban con brillo nunca visto. A su dulce claridad esparcida sobre las cosas, apenas se advertían los diluidos contornos de los accidentes naturales. Una claridad amortiguada manchaba el horizonte.

— Ha de ser alguna quemasón! —

Gustavo Barroso

"Jornal" 20 março - 1921

O LIVRO DO DIA

"Casa de Maribondos" — Contos de João do Norte

Editado pela Casa Monteiro Lobato & C., de S. Paulo, acaba de ser publicado — "Casa de Maribondos" — um novo livro de contos do escriptor patricio João do Norte, nome por demais conhecido, no jornalismo como na literatura e acatado como dos que melhor têm sabido interpretar a poesia e a alma dos sertões brasileiros.

Nestas breves linhas temos apenas o desejo de assignalar o facto de estar a literatura nacional enriquecida com um novo trabalho de estylista da "Terra do Sol"

"Correio Paulistano" - 10 de março de 1924

Os discos de prata e de ouro

A vida de Santo Antão, eremita e thaumaturgo, foi escripta por Santo Athanasio, diz Jacques de Voragine, bispo de Genova, na sua "Legenda Aurea". E de todos os milagres que o primeiro santo praticou no deserto, onde passava a sua vida em dura penitencia, demorado jejum e constante oração, narrados com singelleza carinhosa pelo seguidor do santo, nenhum mais bello que o dos dois discos de metal precioso.

Era ao entardecer e o sól que descia, para fugir da terra, lançava sobre a vastidão do deserto africano um fino e quente manto de luz violeta. Santo Antão vinha de longe, de um logar onde vivêra santamente longo tempo, mas que se encachera, depois, de muitos cenobitas; vinha á procura da solidão completa, que tanto lhe aprazia e onde Deus lhe dava forças sufficientes para vencer as mais terriveis tentações do demonio.

Caminhava lentamente, arrimado ao seu nodoso bordão, por entre as touceiras maninhas de cardos acinzentados. Uma aragem subtil passava sobre a areia ondulada e clara, ciciando, arrastando pequenissimas ondas de grãos mais leves, arrumando pequenas rugas immoveis, de uma regularidade horrivelmente monotona. No céo azul, limpido e profundo, transparente como uma gaze extendida, nem uma aza se via. Sobre a face lisa da terra, nem uma palmeira, nem uma ruina, nem um chacal, ao menos. Nada. Silencio tumular. Solidão completa. De repente, o santo, que levava os olhos pregados no firmamento longinquo, cheio de doce e beatitude, vendo com os olhos d'alma os côros de seraphins em torno do Senhor, numa maravilhosa, insustentavel refulgencia, baixou por acaso a vista sobre o saibro unido e alizado, que se extendia a perder de vista. E viu, com assombro, que ao pé de um cardeiro agreste e murcho, açoitado pelo simum, fustigado pelo ardor do sól, reluzia, tocado pelos raios que vinham do poente, um immenso disco de metal claro.

Approximou-se, abaixou-se e poz-se a consideral-o. Vieram-lhe recordações de sua riqueza e de sua mocidade, que renegára para se retirar no deserto e rezar. Reconheceu que o disco era de prata massiça. Quiz alull-o e nada conseguiu. Representava uma fabulosa fortuna. O homem que o possuisse seria um dos mais poderosos do mundo. O disco de prata tinha a espessura e o tamanho de uma grande roda de carro de bois, daquelles que usavam, para os seus transportes, os camponios da Italia meridional!

Santo Antão considerava o grande disco, mentalmente calculando, alheado de tudo, quantos quintaes pesaria; cunhado, quantas moedas daria; emfim, o que um homem poderia realizar com aquella immensa fortuna. E de subito acordou da sua meditação, horrorizado por se encontrar á borda do abysmo de uma tentação infernal. Pôz-se rapidamente de pé, fez mais rapidamente ainda o signal da cruz. O grande disco desfez-se em pó, á sua vista.

Então, cahiu de joelhos, rendendo graças a Deus, emquanto o disco luminoso do sol se afundava no horizonte.

Nasceu a lua e lentamente ascendeu ao espaço, cobrindo o deserto de uma impalpavel poeira prateada.

O silencio profundo continuava. Nem rugidos de leão nem uivos de chacaes o interrompiam. Santo Antão levantou-se e proseguiu sua jornada, os olhos fitos nas estrellas, que tuchiam a têla negra do firmamento. Em meio das orações, que continuava a fazer, andando, parecia-lhe, ás vezes, escutar risadinhas perversas, de escarneo, perdidas na lréva, ao redor. Dahi a momentos vinda do sólo, uma fulguração, como a do sól, quando nasce, lhe feriu a retina, obrigando-o a baixar os olhos do céo alto, para o chão ondulado e triste.

A certa distancia um como sol cahido do firmamento reverberava prodigiosamente no meio do areal. Dum fóco grande, como um dos rolos de pedra bruta com que os egypcios outróra preparávam o leito de suas estradas e que ás vezes se encontram esquecidos á beira dos caminhos, irradiavam fios de luz coloridos e ardentes, scintillando como reflexos de joias raras. O santo approximou-se e viu, com espanto, que se encontrava ao pé dum enorme disco de ouro puro, crivado de pedrarias. Nelle havia semeadas, incrustadas ás tontas, sem ordem e sem conta, as mais bellas pedras preciosas do mundo. Nem reis nem imperadores jamais tinham possuido eguaes. Havia brilhantes sumptuosos da India, do tamanho dum ovo de avestruz; saphiras da Bactriana, maiores que uma bala de funda; topazios, rubis, carbunculos, coridons, egyptillas, amethystas, turquezas ovaes, uma ou outra opala furta-côr!

Olhando aquelle thesouro, santo Antão sentiu uma zoeira nos ouvidos, mentalmente pensou nas delicias rescendentes a peccado mortal que aquella riqueza daria ao seu possuidor. O seu coração batia apressado. Um suôr gelado lhe corria da testa, continuamente, ensopando-lhe as sobrancelhas hirsutas. Mas a sua hesitação foi obra dum instante e quando, ao som duma musica pertu-badora e mysteriosamente esparsa no ar, as suas mãos já se extendiam para o disco precioso, a vontade de ferro dominou a tentação. Em voz alta, o eremita perguntou:

— Por que razão ha este thesouro perdido neste logar ermo, onde os homens, antes de mim, talvez nunca tivessem vindo?

O silencio do deserto continuou o mesmo sob a pallidez do luar. Elle accrescentou no mesmo tom, a raciocinar:

— Si um rei o tivesse perdido, — porque só um rei poderia possuir este thesouro, — por certo já o teria mandado buscar, com officiaes de sua casa e tropas aguerridas. Mas solto, abandonado sem explicação neste deserto, só póde ser uma armadilha de Satanaz!

Um lento e calmo sorriso lhe aflorou aos labios resequidos e amarellados. Um vento forte lhe açoitou sobre o peito a vasta barba branca. O seu bastão nodoso feriu o disco com força e elle concluiu, fazendo novo signal da cruz:

— Manha de Satan! deante do disco de ouro do sol o disco de prata da tentação e o disco de ouro de nova tentação deante do disco de prata da lua! Sempre contrario, em tudo e por tudo, ás obras de Deus.

A este nome, as gargalhadas ciciantes calaram-se e o radioso thesouro subitamente desappareceu. Ao longe, um leão começou a rugir.

Santo Antão dirigiu-se ás montanhas proximas e lá, durante vinte annos, viveu sósinho, orando e jejuando, no interior duma caverna, sempre afastando de si as tentações infernaes. E num dia em que, ao crepusculo, de joelhos á porta da gruta via do seu monte o sól que se escondia além dos vastos areaes libycos, arroxeados e selvativos, lembrou-se sem querer dos dois discos preciosos que achára na solidão. Então, um extase o tomou. Viu-se no caminho do Paraiso e de repente lhe barrava o caminho uma rêde — como de pescador — de malhas miudas e resistentes. Um anjo, armado com a espada flammejante com que Miguel venceu o Maldito e Raphael expulsou Adão e Eva do Jardim do Eden, defendia-a de qualquer approximação. E todos os espiritos que pretendiam atravessal-a voltavam desesperados e precipitavam-se no abysmo.

Santo Adão cahiu de joelhos, e exclamou:

— Oh! como passar através desta barreira, senhor meu Deus?

Uma voz majestosa lhe respondeu da Immensidade:

— Com as obras da tua humildade!

Logo, uma destra immensa e luminosa atirou contra as malhas da rêde um grande disco de prata e um grande disco de ouro polvilhado de pedrarias. Ambos dilaceraram algumas malhas e Santo Antão pôde continuar o seu caminho para Deus.

Deste extase o eremita não voltou mais a si.

João DO NORTE

"Fon-Fon" 2 abril 1921

A moral Claudio França almoçava commigo na Brahma e fallavamos da nossa mocidade que já vae passando, emquanto o creado nos servia algumas talhadas rubras de rosbife frio.

— Feliz do homem — disse elle — que póde dizer «posso morrer»!

— Por que?

— Porque esse já provou todos os prazeres da vida. A vida é tão breve que só vale pelos gozos que nos dá e esses de verdade só os podemos gozar entre os vinte e cinco e os quarenta. Por isso todo homem deve nesse periodo crear para si uma collecção de recordações agradaveis. Na velhice as boas lembranças são o unico consolo. Todos nós devemos aproveitar as boas occasiões, porquanto ellas não voltam mais e deve ser horrivel guardar o pezar de as não ter pegado pelos cabellos.

— Então, a vida só vale pelo prazer?

— Só.

— E a moral?

Claudio deu uma risada, limpou vagarosamente umas migalhas de pão que lhe tinham cahido sobre a casemira cinzenta do *veston* e respondeu-me com a maior calma:

— A moral?! E' boa! A moral é uma convenção social detestavel, é o caporalismo da metaphysica.

E, após uma pausa:

— Toda a vez que tiveres desejos de fazer uma coisa agradavel e que a moral te impedir o caminho, não te deixes dominar por idéas estreitas: passa por cima della, dá-lhe com os pés.

O creado despejára já o ouro liquido do Chatean-Yquem nos copos. Bebemos em silencio, olhando um para o outro.

31

"Correio Paulistano" 3 de março 1921

O oriente e o sertão

Uma das cousas mais interessantes para os que se occupam de folk-lore são as analogias entre as manifestações intellectuaes populares de todas as raças. Ellas são tantas e tão fortes, que bem se póde affirmar terem todos os folk-lores uma origem commum, hoje em dia perdida na noite profunda dos tempos. Póde-se mesmo affirmar mais que essa fonte original ficou no oriente longinquo e mysterioso, de onde têm sahido todas as invasões, todas as conquistas, quer as das armas, quer as do saber. E é por essa razão que no nosso interior, especialmente nas zonas do centro-norte, constantemente se acham lendas ou tradições identicas ás dos povos orientaes.

Essas relações entre o sertão e o oriente vieram dos nossos colonizadores, que as herdaram, por certo, de seus antepassados latinos, iberos, godos, suevos e sobretudo arabes. Dia a dia, nos meus desvaliosos estudos comparativos sobre o assumpto, vou trabalhosamente as encontrando. E é mais um desses achados o que procurarei descrever neste artigo.

Em todo o interior do Ceará, existe, espalhada entre o povo, que lhe dá o maior credito, a seguinte historia. Um vaqueiro procurava um de seus animaes sumidos e veiu pedir noticias delle no terreiro de uma fazenda, onde outro vaqueiro tirava, de manhã, o leite das vaccas. Ao informar que andava á procura dum animal, o que no sertão quer exclusivamente dizer burro ou cavallo, pois o termo gado sómente se applica aos bovinos, o do curral respondeu-lhe logo:

— Ah! já sei o que anda procurando. E' uma besta (egua) castanha escura, torta (cega) do olho direito, de saia (rabo) comprida.

O vaqueiro de fóra indagou:

— Viu o animal?

— Não, retorquiu o outro, mas está pastando ali ao pé daquelle serrote, sem duvida. Póde ir buscal-o lá.

Quando o homem seguiu para o logar indicado, alguem, que assistira á scena, inquiriu, surpreso:

— Si você não viu o bicho, como póde dar informações tão minuciosas?

O sertanejo sorriu e replicou:

— Andando de tarde pela caatinga, vi rastos dum animal de fóra do pasto. Espiei-os com attenção e reparei que o pasto da vereda por onde seguiam estava comido sómente do lado esquerdo, o que mostrava que era torta do olho direito, e nas tiriricas rasteiras estavam enganchados muitos fios de cabello castanho-escuros, logo o rabo era comprido e o animal dessa côr.

Ora, esta historia, que todos os matutos nortistas sabem de cór, veiu do oriente asiatico, sem duvida. O maior documento a respeito é uma pagina do mais delicioso romance de Voltaire. Monsieur Arouet era um erudito admiravel das cousas orientaes. Conhecia-as profundamente. Seculos antes de Toussaint andar traduzindo o "Jardim das Rosas" ou o "Jardim das Caricias", já elle falava, com conhecimento verdadeiro, de Saadi, o poeta glorioso das rosas de Teheran. Os seus romances são, na maioria, provas cabaes de sua erudição estupenda sobre o oriente.

E' em "Zadig" que o genio de Voltaire nos mostra, pela primeira vez, o conto oriental de que se derivou, certamente, a actual historia sertaneja. Conta elle, no capitulo terceiro, que, tendo fugido a cadella de estimação da rainha da Persia, se puzeram sofregamente no seu encalço os eunuchos e a criadagem.

Um dos enviados encontrou á margem do Euphrates o sympathico Zadig, que por ali espairecia philosophicamente, estudando a natureza, na ancia mal contida de ser feliz. Quando lhe disse o que procurava, Zadig exclamou:

— Ah! é uma cadella pequena, que ha pouco tempo teve filhos, que coxea da mão esquerda e tem orelhas compridas?

— Viu-a? Indagou anciosо o eunucho real.

— Não, respondeu calmamente Zadig, nem nunca soube que a rainha possuisse uma cadella de estimação.

O eunucho ficou aparvalhado, primeiramente, e furioso, logo depois; mas nisto chegou ali um veador do rei, que andava atrás do cavallo de sella de sua majestade.

— Ah! falou Zadig, é o cavallo que melhor galopa no mundo? Um cavallo de cinco pés de altura, de cascos pequenos, tendo uma cauda de tres pés e meio de comprimento, mais ou menos, com uma brida de ouro de vinte e tres quilates e ferraduras de prata do valor de onze moedas?

— E', sim! bradou, contente, o servidor do rei. Viu-o?

— Nunca o vi, retrucou innocentemente o interpellado, e nunca soube que o rei tivesse um cavallo assim.

Então, suspeitando que elle tivesse roubado e occultado os dois preciosos animaes, o eunucho e o veador o prenderam e o levaram ao tribunal da capital. O juiz era feroz e não quiz ouvir uma palavra do accusado. Condemnou-o logo a ser desterrado nos gelos da Siberia.

Quando acabava de proclamar a sentença, outros eunuchos e outros veadores vieram a toda pressa communicar que o preso nada roubára, pois os dois bichos fugidos tinham sido encontrados no bosque proximo ao local onde Zadig estava. O juiz, furioso por ter de reformar a sentença, multou o innocente em varias centenas de moedas, porém, resolveu-se a ouvir-lhe a defesa.

Elle se defendeu, dizendo que fizera aquellas affirmações sem vêr os dois animaes. Era entendido em tudo quanto se referia á vida pastoril. Passeando no campo, perto do tal bosque, notára rastos de cão no sólo, acompanhados de riscos no meio dos quatro signaes das patas e de riscos labraes. Os primeiros denotavam que suas tetas estavam demasiadamente crescidas e, portanto, era uma cadella que tivera filhos havia pouco tempo. Os segundos demonstravam que as olheras eram tão longas que arrastavam pelo chão. E, como um dos rastos deanteiros, o da esquerda, era menos profundo que os outros tres, viu que ella coxeava daquella mão.

Viu tambem rastos de cavallo ao galope, e tão certos, tão constantemente eguaes, que podia affirmar ser aquelle corcel o melhor galopeiro do mundo. A poeira dos troncos de arvores estava espanada a uma certa altura que bem mostrava o tamanho exacto da cauda em movimento do cavallo. Folhas arrancadas de certos galhos pelo seu dorso, ao passar, indicavam a medida delle, do casco á sarnelha. O tamanho diminuto dos rastos provava a exiguidade dos cascos. Numa pedra deixára, cocando-se, um pouco do ouro do bridão, e, noutra, em que resvalára, a prata das ferraduras.

Voltaire aproveitou, no seu encantador romance, duas historietas do folk-lore asiatico, muito communs na região assyro-chaldéa, onde se desenrolou a vida de Zadig. Poliu-as e estilyzou-as. E não resta a menor duvida de que dellas se originou o conto sertanejo dos dois vaqueiros, que acima narrámos.

Si ha differença no seu enredo, o substractum de ambos é o mesmo. Parece que disso não se póde duvidar, tão flagrante e tão justa é a analogia. E é assim, atravéz das mais deliciosas paginas de Voltaire, que a gente póde ligar a alma triste do sertão nordestino á alma longinqua do oriente antigo e sempre mysterioso.

João do NORTE

"Fon-Fon" 2 de abril de 1921

Litterarias

Helikon. Um bonito livro de versos do já tão conhecido poeta mineiro Carlindo Lellis, todo elle delicado e nobre, sereno e amavel. A sua leitura traz grande prazer e a nossa alma palpita, repetindo os seus sonetos sobre a epopéa audaz dos *caçadores* de ouro e de esmeraldas. Riqueza de rimas e de tons, riqueza de lingua, riqueza de metros e de inspiração. Todas essas riquezas o livro traz no seu seio e as despeja sobre os seus leitores, fartamente. *Helikon* é, com effeito, «aureo vello encantado».

—

Sylvio Julio o habil escriptor do *Pampa* e do *Espelho* acha-se no Rio, vindo do Ceará, onde a sua penna não se repousou. Trouxe-nos elle dois folhetos interessantes e cheios de estudo e de cultura. Um tem por titulo «Factores Historicos» e é o primeiro muda serie, que se annuncia, valiosa e digna de encomios. Nelle Sylvio Julio leva o leitor atravéz do Universo, da Terra e da sua formação, das primeiras manifestações da vida, do surgimento do homem, das varias theorias a respeito, da sociedade, da luta entre o homem e a natureza, da prehistoria e da historia, descrevendo o progresso da especie humana sobre a terra. E nessa longa viagem o leitor lhe fica agradecido pelo que lhe ensinou.

O segundo contém um bello discurso pronunciado no Centro Pernambucano do Ceará, em Dezembro de 1920, no qual vehementemente se bate pelo mutuo conhecimento, mutuo auxilio, mutuo accordo e mutua amizade entre os diversos Estados do Brasil. Só por esta these o discurso merece os nossos applausos e a nossa solidariedade, se lhe fallecessem qualidades outras, que, ao contrario, antes lhe sobram.

"Folha" - 3 de março 1921

CAZA DE MARIBONDOS — *Monteiro Lobato & C., a nova firma editora de excelentes livros de Arte expõz á venda hoje o novo livro de Gustavo Barrozo (João do Norte), intitulado "Caza de Maribondos".*

São pequenos contos humoristicos, que o querido escritor escreveu com aquele brilho que singulariza qualquer dos seus livros.

"Caza de Maribondos" vem mostrar uma nova feição do espirito previlejado de Gustavo Barrozo. — M. JOZE' DE A.

32

"O Jornal" - 30 março de 1921

UMA REPUBLICA DE INTELLECTUAES

Ha algum tempo já, os jornaes noticiaram largamente que a Universidade de Zagreb, uma das mais notaveis da Europa e a mais importante, pelo seu valor e pela sua historia, da Yugo-Slavia, enviará á cidade de Praga, capital da Bohemia, uma delegação especial, encarregada de entregar ao professor Masaryk, presidente da Republica Tcheco-Slovaca, o diploma de doutor honorario.

Ultimamente, a imprensa noticiou que o Instituto Internacional de Sociologia de Paris elegêra seu presidente o citado chefe de nação, homenageado pela universidade yugo-slava, ao mesmo tempo que conferia os cargos de vice-presidente aos srs. Woodrow Wilson, actual presidente dos Estados Unidos, Raymond Poincaré, ex-presidente da França, e Bernardino Machado, ex-presidente de Portugal. E mais recentemente ainda se sabe que, talvez, ao referido professor Masaryk seja concedido o premio Nobel.

Ora, nesta época de utilitarismo avassalador, quando os chefes de Estado trocam entre si condecorações envelhecidas e presentes individuaes, não deixa de ser realmente digno de nota o facto de se vêr cumulado das mais altas homenagens intellectuaes o supremo magistrado de uma nação da Europa Central, nova em folha, que, após uma escravização de seculos, surgiu com a guerra como que milagrosamente organizada de um dia para outro. E isso tudo nada mais é do que o resultado do apreço em que se tem, na Tcheco-Slovaquia, as actividades intellectuaes, do culto, verdadeiro que ali se rende á intelligencia.

Afim de conseguir um dia a sua independencia completa, mostrando-se absolutamente digna della, a Bohemia preparou-se economica, physica, moral e intellectualmente. Seus esforços foram corôados de tanto exito que um rapido olhar ao seu mappa ethnographico demonstra que espinha ella foi, durante seculos, atravessada na garganta voraz dos povos allemães, que a circulavam. Desde a derrota dos bohemios nas guerras hussitas do fim do decimo sexto seculo, que as raças tudescas procuraram tolher-lhe os movimentos, infiltrando-se lentamente no seu territorio. Quasi nada conseguiram. A Tcheco-Slovaquia soube e poude resistir.

Soube e poude resistir, preparando-se economicamente para ser independente da industria e do commercio allemães; organizando as suas associações civico-guerreiro-sportivas e nacionalistas de "sokols" ou Falcões, os primeiros "boys scouts" do mundo; pondo acima de tudo o seu amor pela intelligencia e pela cultura. Ha nações de philosophos e scientistas, como a Allemanha; ha nações de literatos e pensadores e artistas, como a França; ha nações de juristas, como o Brasil. A Tcheco-Slovaquia preferiu ser uma nação de homens de intelligencia clara e de cultura geral. As homenagens de ordem intellectual prestadas ao seu presidente bem mostram as preferencias dos seus dirigentes.

Emquanto em outros paizes — o nosso, por exemplo, infelizmente, reina o horror ao homem que escreve e publica com exito o que escreve, enxotando-se elle como um perigo dos altos cargos publicos e achincalhando-o com o emprego pejorativo das expressões "poeta" ou "literato", perante o governo de Praga a melhor recommendação é ser escriptor. Emquanto no Brasil, um homem como Olavo Bilac, capaz de cantar as nossas glorias e de despertar o nosso civismo de norte a sul, jamais poderia ser ministro e sempre mal conseguiria este ou aquelle cargo, a despeito da inveja circumdante, assim mesmo de somenos importancia, nessa nobre nação de intellectuaes da Europa Central o homem de letras póde aspirar a tudo, simplesmente por ser homem de letras. Temos tido e ainda temos literatos, poetas e artistas, raros embora, em todas as carreiras.

Comtudo, elles não devem sua elevação aos seus méritos intellectuaes e á sua cultura geral, apesar de ambos serem valiosos, sim a outras circomstancias que seria ocioso enumerar. O que não resta duvidas é que os homens do livro no Brasil nada merecem e que o autor de qualquer folheto indigesto sobre uma acção summaria perante o Supremo Tribunal se julga com direito a tudo, mesmo a banir de todos os logares aquelles que tenham escripto um poema superior, ou romance admiravel ou um livro de observação, erudição e estylo. Então, o estylo esse tem mais inimigos do que os teve Socrates...

Na Tcheco-Slovaquia, a educação dos homens publicos, larga e tolerante, não permitte essa guerra á verdadeira intelligencia. E é por isso que a nobre nação slava póde ser apresentada ao mundo como uma Republica de Intellectuaes. Um rapido exame dos homens que a dirigem ou que por ella agem no estrangeiro demonstra immediatamente qual a consideração que os escriptores e os sabios ali merecem.

O seu presidente, o eminente professor Masaryk, homem de gabinete eminente, é autor de grande numero de obras de philosophia, de politica e, sobretudo, de sociologia, tidas, na Europa inteira, entre as mais notaveis nos ultimos tempos. O chanceller da Republica, o ministro do Exterior, é o dr. Benés, que se distinguiu na Conferencia da Paz, tambem é autor de varios livros sobre politica e sociologia. O general Stephanik, ministro da Guerra, é um astronomo eminente e um escriptor illustre. O sr. Klofac, ministro da Defesa Nacional, sabio do jornalismo, em que militou largos annos, para a politica e para a administração, sendo autor de varios livros. O sr. Stribrny, ministro dos Correios e Telegraphos, é outro egresso do jornalismo. O dr. Srobor, ministro da Hygiene Publica, não é um medico, um scientista dogmatico, exclusivista, conhecedor de microbios, mas ignorante das mais comesinhas noções geraes, como geralmente se poderia suppôr; é um homem de letras! O dr. Wintez, ministro da Previsão Social, escreveu antes de entrar para o governo diversos volumes de sociologia. O sr. Habrnan, ministro da Educação Publica, é jornalista e escriptor conceituado. O professor Susta, sub-secretario da Educação Publica, seu auxiliar immediato, é escriptor e historiador.

Comparemos esse Ministerio de intellectuaes com varios dos nossos ministerios politicos e juridicos durante os seis lustros de nossa vida republicana e veremos a differença fantastica que existe. No corpo diplomatico tcheco-slovaco é o mesmo criterio que predomina e não o do filhotismo ou o do vestir bem. As elegancias da novel Republica são as mais difficeis de obter: elegancias de espirito, que não estão ao alcance dos protegidos deste ou daquelle figurão.

O ministro plenipotenciario da Tcheco-Slovaquia, no Rio de Janeiro, o sr. Jan Havlasa, é um publicista de fôlego, autor de umas quarenta obras na sua lingua materna e em inglez, entre as quaes varios romances e o delicioso volume de contos japonezes "Four Japanese Toles", que tivemos já o grande prazer de lêr. O ministro em Bruxellas, sr. Mecir, é um jornalista eximio e principalmente um romancista.

O ministro em Paris, dr. Osnsky, é um escriptor de assumptos politicos. O dr. Kybal, ministro em Roma, é um escriptor e um historiador de primeira ordem. O dr. Krofta, ministro junto ao Vaticano, é tambem escriptor e historiador. O ministro, no Japão, em Tokio, sr. Pergler, foi jornalista notavel como o seu collega dr. Dusek, ministro em Berna. O consul geral em Sydney, sr. Danes é um dos mais interessantes e profundos scientistas bohemios dos ultimos tempos.

Iamos, nesta já longa enumeração, esquecendo que ainda ha, no actual governo tcheco-slovaco, dois grandes intellectuaes: o sub-secretario da Previsão Social, dr. Gruber, homem de sciencia e de letras, e o ministro da Agricultura, dr. Brdlik, escriptor.

Porém, o que é espantoso é que o sr. Machar, general de divisão, inspector geral do exercito tcheco-slovaco seja um grande poéta! Avalio o que se não faria no Brasil contra um general que soubesse collocar bem os pronomes, quanto mais com um que fizesse sonetos e balladas!

A joven Republica da Europa Central dá, assim, um grande exemplo ao mundo inteiro e a ella não se poderá nunca applicar aquella pergunta de Alexandre Dumas, que o Eça plagiou alhures:

— "Quem era archonte em Athenas quando Euripides fez representar as suas peças immortaes?"

E que nós podemos applicar a qualquer época do Brasil, sem obtermos melhor resposta.

Por exemplo, assim:

— Quem era ministro do Interior, quando Raymundo Corrêa escreveu o "Mal Secreto"?

Se um dia se indagar:

— Quem era ministro na Tcheco Slovaquia, quando o general Machar escreveu os seus poemas patrioticos?

A difficuldade estará tão somente na escolha do nome do ministro, tal o valor literario e scientifico de todo o Ministerio.

Desta sorte, parece que não é erro affirmar que a Tcheco Slovaquia é uma Republica de intellectuaes, como em assegurar que o Brasil é um paiz de juristas — como a Bysancio de Papiniano. Que lhe traga muito proveito esta grande gloria...

João do NORTE.

"Fon-Fon" - 2 abril 1921

Modo de ver... Lentamente subia a Avenida, ao entardecer. E deante de mim caminhava um vulto esguio e nobre de mulher. Era loura como uma Virgem de Rubens e graciosa como um painel do divino Memling.

Parou junto a uma vitrine e ficou um tempo immenso a examinar os bellos vestidos expostos á curiosidade avida das mulheres elegantes. Emquanto os seus olhos se prendiam aos deliciosos *chiffons* de Paris, eu recitava a meia voz os versos delicados de Mario Monteiro:

« Em face dum figurino,
Esse teu corpo divino,
Modelo de estatuario,
Procura vestir-se bem!

Se acontecesse o contrario,
Não desgostaria ninguem...»

Sim, se acontecesse o contrario, eu não sei mesmo o que faria...

A bella creatura dobrou a esquina da rua Sete de Setembro e, infelizmente, os meus affazeres me guiaram para o lado contrario.

O telephones Falei, acompanhando a voz geral do publico e da imprensa, contra o pessimo serviço, tão decantado, de nossa empreza telephonica. E Claudio França achou-me ignorante e injusto, inteiramente brasileiro na minha mania ingenua de atassalhar tudo o que temos. Accrescentou:

— Só fala mal do serviço telephonico no Rio, o qual aliás não é ideal, mas é soffrivel, quem não conhece os de outras capitaes. Admiro, portanto, que tu, viajado e culto, te deixes levar pela voz geral, Em Paris, um dia de verão de 1919, fiquei tres quartos de horas no apparelho á espera do numero Saxe 2455 e se ficasse o dia todo não conseguiria a ligação pedida. O mesmo me acontecia todos os dias quasi. E nos Estados Unidos não se fala! Durante um mez que passei em New York jamais consegui obter o telephone Cathedral 2399. E em Buenos Aires é ainda peor.

Porque falar mal continuamente dos nossos telephones?

33

"O Jornal" - 6 de maio de 1921

UMA LIÇÃO DE SOBERANIA

O artigo 170 do Tratado de Paz firmado em Versailles entre os alliados e a Allemanha, preceitua que a referida nação não poderá mais fabricar artigos bellicos, nem exportal-os. Interdiz, portanto, toda a industria e todo o commercio de armamentos, que eram uma das grandes fontes de vida economica daquelle paiz.

Se assim acontecia antes da conflagração, quando na Allemanha prosperavam centenas de milhares de fabricas e usinas de toda a natureza, facil é avaliar a importancia dessa fabricação de material militar após a guerra, qando todo o apparelhamento industrial germanico se transformou, homens e machinas, sem excepção, de maneira a produzir a maior quantidade possivel de armas e de munições.

Além disso, ha, escondidos ou não, depositos consideraveis de material dessa ordem em todo o territorio do antigo imperio. E nada mais natural do que procurar a nação vencida, por todos os meios ao seu alcance, desfazer-se desses productos encalhados ou fabrical-os para o estrangeiro, com rapidez, pericia e lucro.

Mas o artigo do tratado não lhe permitte agir abruptamente nesse sentido e dahi os seus negociantes ou agentes procurarem meios velados ou subterfugios capazes de illudir a vigilancia dos vencedores. De vez em quando, apparecem nos jornaes boatos acerca desses manejos, algumas vezes seguidos de desmentidos officiaes ou de commentarios jornalisticos, outras de profundo silencio ou de notas bastante discretas.

Ora, entre essas noticias, ultimamente constavam duas que são de molde a chamar, com urgencia, a nossa attenção de brasileiros, pois que ellas visam directamente a vida politica internacional da America do Sul. Uma é a que fala do estabelecimento de uma especie de filial da casa Krupp no Chile. E' comprehensivel que fiquemos — como se diz na gyria — com a pulga na orelha. Quando ninguem ameaça os seus vizinhos no nosso continente e cada qual se esforça, fim de resolver as suas crises internas, para que um paiz procurasse armar dessa maneira, espantando a pacatez burgueza dos outros?

Um matutino, felizmente, estampou ogo, em versalete, uma nota officiosa ou official, assegurando que o Chile deu concessão a engenheiros da casa Krupp para uma exploração industrial siderurgica. A siderurgia e industria de armamentos são parentas tão proximas, que essa nota não é sufficiente para que se fique socegado. E mesmo, pensando-se na profundez daquelle conceito de um embaixador inglez junto á Serenissima Republica de Veneza — de que todo diplomata é um homem honesto, enviado para longe de seu paiz, afim de mentir em beneficio deste; pensando-se bem nisso, chega-se quasi á conclusão de que o desmentido póde muito bem ser simplesmente diplomatico...

Não custaria nada pôr as barbas de molho...

A outra noticia semi-alarmante foi de que a Argentina adquirira na Allemanha grande quantidade de armas e munições, que dali deviam partir, com discreta rapidez, para o territorio da nossa mui leal vizinha e amiga.

Talvez o boato seja infundado, mas difficil acreditar nisso, deante da importancia que lhe deram os representantes diplomaticos das maiores potencias do mundo acreditados junto ao governo de Buenos Aires. Parece que, se não houvesse qualquer fundamento para a interessante nova e ella não passasse de um "canard" de agencia telegraphica espirituosa, os ministros desses paizes, investidos de tanta responsabilidade, não deixariam os "tennis", os chás, os tangos e os "flirts" para dirigirem, a respeito, uma nota collectiva ao governo argentino.

A 22 de outubro do anno passado, o ministro plenipotenciario e enviado extraordinario de sua majestade o rei da Italia, décano dos representantes da Inglaterra, França, e Japão, entregou ao sr. Pablo Torrello, ministro interino das relações exteriores da Argentina, uma longa e bem escripta nota sobre o assumpto.

Dizia esse documento, que "O JORNAL" publicou, ha dias, e que passou sem commentarios da nossa imprensa, apesar da sua magna importancia, que, tendo essas referidas potencias tido conhecimento de que a Allemanha pretendia exportar material bellico para certos paizes neutros, contrariando o pacto de Versailles, ellas achavam que os governos neutros deveriam intervir no sentido de que os allemães não pudessem arranjar, fóra do seu territorio, depositos de armas e munições. A nota era claramente redigida e muito delicada. Falava no assumpto de modo geral, expunha theses e theorias, lembrava os compromissos do Tratado de Paz e repetia, o ministro da Industria, que tudo aquillo era dito em nome da França, da Italia, da Inglaterra e do Japão.

Uma nota dessas dirigida ao governo do sr. Wenceslão Braz, teria o poder de dar ao Brasil tres dias de enxaqueca presidencial... No fim delles, nós teriamos uma resposta humilde, supplicante mesmo. Nesse tempo, dizem por ahi, os consules das grandes potencias navaes governava o porto do Rio...

Deante dessa nota, que não precisava factos, não indicava autores de quaesquer actos, mas falava de modo geral do assumpto — fabricação e exportação de material bellico allemão não para paizes neutros, o governo argentino pensou dois mezes mais ou menos. No fim desse longo prazo de meditação, veiu a sua resposta, que "O JORNAL" tambem publicou. Ella é curta e incisiva. Vale para as nacionalidades Sul-Americanas, como uma lição de soberania. E seria para desejar que o nosso governo sempre tivesse a hombridade de responder com a mesma altivez ás notas attentatorias de soberania nacional, que lhe devem ter sido algumas vezes enviadas, especialmente durante os mêdos do sr. Wenceslão, e que devem estar secretamente guardadas no Itamaraty.

Nos tempos dos Saraivas e dos Paranhos, pae ou filho, no Imperio ou na Republica, demos algumas dessas lições de soberania. Porém, depois perdemos o geito de dal-as e seria bem que nos preparassemos para o aprender de novo que já se vae tornando mais que necessaria a sua applicação...

A nota dos alliados á Argentina foi uma larga exposição de motivos, terminando por um periodo um tanto "mysterioso" na sua bonhomia diplomatica. Eil-o:

"...tenho a honra de exprimir lhe a convicção amistosa que os governos dos paizes citados abrigam de que o governo argentino, "comprehendendo a gravidade da questão" (o grypho é nosso), quererá bem adoptar as medidas eventuaes necessarias afim de que sejam observadas as clausulas de Versailles, que prohibem a exportação do material de guerra allemão para paizes estrangeiros."

Depois de dois mezes de reflexão, o governo argentino respondeu aos alliados, representados pelo ministro italiano, quasi laconicamente. A sua nota é insidiosamente ironica. Ella lembra, como a frisar, acintosamente o tempo decorrido entre a pergunta e a resposta, que a primeira fôra entregue a 22 de outubro de 1920. Resumos seus dizeres, rapidamente, e, quanto ás estipulações do Tratado de Versailles invocadas na nota, declara simplesmente que a Republica Argentina as considera "res inter alios acta"!

Eis tudo. E dito com topete a quatro grandes potencias. O governo vizinho não se digna de explicar sua attitude, mesmo moral unicamente, deante das taes vendas e compras de armas. Não desmentiu os boatos correntes. Não disse que não pretendia armar. Nada disso. Unicamente declarou: — o Tratado de Versailles é um pacto assignado entre os alliados. Que elles o compram. Nós nada temos a ver com o que elle estatue e não temos que dar contas dos nossos negocios a ninguem. E' isto, nada mais, nada menos, o que significa o seu synthetico latim diplomatico "res inter alios acta".

Não approvamos nem censuramos por emquanto, a conducta dos alliados e da Argentina no caso presente. Esperamos a completa elucidação do caso, para podermos ter opinião certa sobre elle. Mas não podemos deixar de registral-o e de commental-o, não só para que a attenção official se volte para a pesquiza da verdade nessa revoada de noticias sobre armamentos de vizinhos e installações de fabricas de material bellico, no continente como para apontar aos Wenceslãos essa grande lição de soberania dada pela Argentina. Sob esse aspecto, a sua nota é digna de encomios. E que ao menos nesse ultimo sentido o seu exemplo nos aproveite.

João do NORTE.

"Fon-Fon" 2 abril 1921

LITTERARIAS

Paineis. E' o titulo sonoro do livro de poesias de Franklin Almeida, que Augusto de Lima acha completo e de verdadeiro peso litterario, cheio de producções amadurecidas e bellas, Os seus versos são coloridos e simples, não lhes faltando inspiração nem uma certa elegancia, vasados em bôa linguagem. No emtanto resente-se um tanto do lyrismo á maneira de certos poetas, que não deixaram de ser grandes, porém cuja época de dominio intellectual passou. Ademais não ha nos *Paineis* a grande força das idéas novas.

—

Caracteres femininos. Nesta época em que o feminismo «alça o collo» no nosso paiz e que até se cogita de dar o *habit vert sous la coupole* ás poetisas e prosadoras, não é demais mais um livro escripto por uma mulher. Apresentamos, assim, ao publico o pequeno volume duma senhorita Lila Escobar de Camargo—«Caracteres femininos».
E' um romance que pretende traçar a psychologia feminina, o que não consegue, porquanto a psychologia das mulheres só póde ser verdadeiramente feita pelos homens e vice-versa. Isto que póde parecer paradoxo, não o é, e representa simplesmente inconfundivel opinião pessoal.

O livro é bem escripto e tem bôas qualidades, mas pertence á segunda categoria da divisão admiravel de Taine: livros que têm mais idéas do que palavras e livros que têm mais palavras do que idéas. — **J. N.**

Máu véso

Eu vinha da Alfandega e atravessava a rua Primeiro de Março, quando á minha frente deslisou a silhueta encantadora duma mulher bella e elegante. Ella entrou pela rua do Ouvidor e eu, como era meu caminho, segui-a até á esquina da rua da Quitanda, onde dobrei sosinho e fui aos meus negocios. Mas durante o trecho que caminhamos quasi juntos reparei que todos os homens lhe diziam graçolas, que mesmo um engraxate á porta do Cascata teve o topete de exclamar;

— Meu bijú!

Aborreceu-me esse máu véso carioca que o movimento da cidade e o progresso já devia ter acabado. Não ha maior falta de educação do que essa! Então, porque uma senhora interessante não póde andar sósinha nesta capital de um milhão e duzentas mil almas?

Decididamente, o Rio precisa civilisar-se.

34

NOS DOMINIOS DO FOLK-LORE

ALGUMAS SUPERSTIÇÕES

AO JOÃO DO NORTE

De todas as manifestações através das quaes se apanha de relance, no seu intimo a alma transmutavel do povo, nenhuma como a das superstições é tão eloquente e expressiva.

Essas grandes pequenas coisas que para determinados individuos não passam de barbaria, hão sido causa de profundos estudos por verdadeiros scientistas, que, chocados abruptamente pelo eterno, aos nossos olhos, enigma das coisas, não se cançam de pesquizar-lhe uma solução acceitavel e logica.

Deixando de parte a causa mater do assumpto abordemos sem mais rodeios algumas crendices, mais correntes, entre as gentes aqui do nordeste.

E' um mundo tenebroso o das superstições! Para se lhe penetrar urge escudar o espirito em algo que lhe servindo de apoio o preserve, como ao poeta florentino, preservou o divino Virgilio em sua travessia pelo reino da dôr.

Isso, que para individuos de espirito medianamente culto não passa do banalidade, constitue para o grosso, para o povo em geral, causa de veneração, de temor e de respeito.

E' commum, no decorrer de um trabalho no campo, entre conversas da gente bisbilheteira, ouvir-se:

— Fulano, não se faça «isso», não se diga «aquillo», porque «faz mal», e logo, todo compenetrado, aquelle que adverte, adeanta: «os mais velhos assim diziam, e veja-se o que aconteceu a fulano por não acreditar»...

E o rosario interminavel dos «casos» vae sendo dedilhado a miudo de ente meio com «illustrações phantasticas».

Ninguem contesta; as «pessoas» alli apontadas estão «vivas e bolindo» para prova!...

Quem, aqui nestas regiões não tem ouvido a observação, que, determinadas coisas e palavras fazem «mal»? Embora não esteja sempre ao alcance daquelle que faz a advertencia, a intensidade e o caracter do referido mal?!

Assim, não se deve botar a vassoura virada com o cabo para baixo, porque o dono daquella casa onde isso se faça, fica exposto á mesma condição—de pernas para o ar...

Quem bebe agua com uma luz na mão morre sem falar!

Aquelle que cuspir no fogo passará pela infelicidade de ver se exgotarem as suas glandulas salivares... Abrir guarda chuva dentro de casa é um terrivel agouro: chama o Santissimo para alguem alli residente!

Não se deve dormir com os pés para a rua, porque é assim que collocam os defunctos... Quem pentêa o cabello á noite se aguora a si proprio e traz inevitavelmente o mal para a familia.

Ai daquelle que consentir a aberta pode um ataúde passar onde ella esteja.

Tezoura aberta agoura mortalhas a serem cortadas... Quem quebra um espelho recebe um aviso da morte que lhe anda rondando...

Botar chinellos atraz da porta é expor-se a grande perigo! Um chinello embaixo da cama... Santo Deus!... faz tremer céus e terra! Antes se deve desemborcar um chinello que salvar um anjo se afogando...

Sal não é coisa que se empreste, porque aquelle que assim procede mormente á noite; aquelle que S. Lazaro não lhe mitigará a prestar sal, infallivelmente se atrana hora da morte.

Guaratinga, Dezembro, 1925.

PEDRO BAPTISTA.

As aguias Vinha dum suburbio longinquo e enlameado em companhia d'um francez meu amigo.

Quando o trem passou pela velha e immunda estação de São Diogo, vimos empoleirados nas palmeiras que a cercam uma meia duzia de urubús. Havia chovido e as negras aves abriam as largas azas e ficavam immoveis á caricia tepida do sol.

Apontei-os ao meu companheiro de viagem e elle, vendo-os naquella posição, disse com a mais profunda ironia possivel:

—Meu caro, talvez nesse gesto, que é tão commum nos urubús do Brasil, a gente que por aqui diariamente passa tenha se inspirado para encher de aguias de azas abertas as platibandas de suas casas suburbanas.

Fiquei calado, a sorrir, a sorrir infindavelmente. A ironia do estrangeiro era na sol, formidavel e inteiramente justa.

O soldado saudade Agora que nos diversos paizes alliados se commemora a bravura e a resignação dos guerreiros que levaram para o tumulo o segredo dos seus feitos heroicos, sepultando-se com todas as honras em Paris, em Londres, em Nova York e em Lisboa um soldado desconhecido, sae opportunamente á publicidade mais um documento verdadeiro da luta na frente franceza. E' o livro de Pina de Moraes intitulado—«O soldado Saudade» collecção de impressões da guerra grande ou da grande guerra, escripta com tanto sentimento e tanta leveza que bem se assemelha a maravilhosas aquarellas. Nella perpassa toda a vida do soldado portuguez no sector de defesa que lhe foi confiado, descripta com extraordinario poder de evocação. E desse bello livro se vê que alma luminosa tinham os valentes lusitanos que escreveram com o seu sangue a epopéa ardente de Armentières, relembrando a bravura classica daquella legião que, com Loulé e Gomes Freire á frente, foi das guerrilhas de Castella bater-se nos gêlos da Russia... «e se mais mundo houvera lá chegára!»

LIVROS NOVOS

Gustavo Barroso — "La Mosquita muerta".

Em Buenos Aires acaba de ser editado, pela "Novela Semanal", um trabalho do sr. Gustavo Barroso, *La Mosquita Muerta* não é mais do que a traducção em castelhano de uma novella regional desse autor — *Mula sem cabeça*. O sr. Gustavo Barroso é o primeiro novelista brasileiro, editado por aquella sociedade de publicações. E é uma bella noticia esta, porque elle teve a sorte de revelar aos leitores argentinos uma grande feição moderna das nossas letras escriptas: aquella que pinta o soffrimento, a angustia, a desolação, agora dos centros do nordeste.

A *Novella Semanal* encarregou tres jovens escriptores argentinos — os srs Miguel Sans, Enrique Richar Lavalle e Armando de Castillo — de porem em pratica a tarefa da approximação entre a nossa patria e a Argentina, mediante a publicação naquelle paiz, de contos escolhidos dos nossos autores. Afim de proceder melhor a uma selecção consciente dos trabalhos brasileiros em tal genero, foi enviado ao Rio o sr. Benjamin de Garay, que é, tambem, o traductor das obras do portuguez para o hespanhol. Vem talvez a proposito lembrar que está proxima a saida á publicidade, em Buenos Aires, de uma forte novella do sr. Monteiro Labato — *Alma Negra*. A esta, seguir-se-ão outras dos srs. Leo Vaz, Ronald de Carvalho, Renato Vianna, etc. Uma das feições mais sympathicas de tal iniciativa é justamente a predilecção que tem a *Novella Semanal* pelos contistas da geração que surge. E' um estimulo precioso, numa terra como a nossa, onde tantas e tantas capacidades encantadoras morrem, todos os dias, abatidas sob a mais inominavel das indifferenças.

La Mosquita Muerta, como diziamos acima, é uma novella regional. O sr. Gustavo Barroso adaptou a lenda corrente entre as populações do nordeste, da *mula sem cabeça*. E' sabido que esta lenda é symbolica, representando as mulheres possuidas pelo demonio, que se fazem amantes de padres, e vão, á noite, a encontros doces, tão doces como o peccado... Tal como é, na sua rudeza, na sua poesia, e na sua agreste e innocente malignidade, essa tradição é deliciosa. Ella corresponde, em grão infinito ao sentimento tão complexo e tão vario, mixto de ignorancia, de fanatismo e de diabolica subtileza, dos nossos matutos do norte.

Em *Mula sem cabeça* ha uma pintura dulorosa e ampla do quadro das seccas cearenses. O sr. Gustavo Barroso é um amante carinhoso daquelle pedaço da terra. Dizia Joaquim Nabuco que a primeira impressão da vida lhe tinha ficado permanente na memoria do coração. Longe, em terras polidas e cultas, elle não podia furtar-se á impressão de ter deante dos olhos o cannavial dos engenhos e nos ouvidos o ram-ram monotono dos carros de boi... Não será um caso semelhante o do sr. Gustavo Barroso? Perdido nessa grande metropole moderna, solicitado pelas mil e uma tentações da sua vida de intelligencia e de refinamento, elle, não obstante, volve de vez em quando os olhos para o mundo cearense e nos dá trabalhos como esse de que agora falamos. Não é preciso dizer sobre a technica do sr. Gustavo Barroso. De todas as condições de uma obra d'arte, aquella que é mais esteril, mais frivola e mais vasia é, precisamente, a technica. Num romance, num poema, num conto, o que vale e o que seduz é a naturalidade, a vida, o poder de creação da realidade por assim dizer, que o autor demonstra possuir. E o artista, logo, se impõe, fazendo-se amar por todos nós, apenas com trazer aos nossos olhos o melhor fragrante dessa creatura maravilhosa, perfida e sagrada ao mesmo tempo — a vida que todos adoramos e que todos egualmente desprezamos. E' sob este ponto de vista que *Mula sem cabeça* impressiona. Ha nella toda uma pintara viva da sociedade dos vaqueiros. Está claro que o sr. Gustavo Barroso não se deliciou em traçar typos admiraveis, de abnegação ou de nobreza. Isto seria crear um mundo chimerico e inexistente. O que elle fez foi revelar-nos gentes reaes ou, pelo menos, possiveis. O mal sempre foi a medida mais justa para as creaturas dos romances... Na *Mula sem cabeça* ha um cangaceiro que mata homens por cem mil reis. Ha uma mulher que se entrega, a todos quantos a querem, vestindo entretanto para o mundo os véos de gase de uma pureza lyrial. Ha bandidos e hypocritas. Será possivel dizer, depois d'isso, que não ha essa esquiva e imponderavel verdade que, impiedosa e deslumbrante como é, se torna a tortura e a gloria de todos os homens que escrevem e pensam?...

O sr. Gustavo Barroso é tambem um poeta, talvez contra a sua propria vontade. Esse mundo que elle evoca aos nossos olhos, torturado, soffredor, divinamente implacavel para os sertanejos que o amam loucamente, é digno da penna de um cantor em cujo espirito a melancolia se combinasse com a mais indizivel saudade.

M. L.

"A Patria" 26 março 1921

"Fr.-Fr." 9 abril 1921

CHRONICA

Hoje que é dia de alegria e de festa a gente só deve falar de coisas alegres.

E' por isto que eu vou dizer alguma coisa da "Casa de Marimbondos".

O leitor, que é lido e amante das letras, já deve saber do que se trata.

"Casa de Marimbondos" é um livro encantador de contos humoristicos.

João do Norte, o festejado e apolineo Gustavo Barroso, é o seu autor e isto, por si só já é uma garantia do successo da obra.

Com effeito: — João do Norte é um nome victorioso e a sua victoria foi rapida e brilhante.

Elle, com a sua bella figura de homem elegante e limpo, limpo de corpo e de caracter, veio provar mais uma vez que se póde ter talento e ser literario, frequentando a alta sociedade, sabendo vestir uma casaca e andando de automovel...

Esta affirmação poderá parecer estranha ao leitor desavisado e desconhecedor dos nossos meios e dos nossos *processos* literarios.

Mas o facto é que a grande massa de "literatos" que tratam e maltratam as letras, — nesta grande terra, onde toda a gente se julga com direito a ser "poeta", — vê sempre com máos olhos e combate sempre, por todos os meios, os homens de linha pessoal que sabem gozar a vida com requinte e com garbo.

Mas voltemos á "Casa de Marimbondos" que apenas nos espicaçam o espirito com a ironia fina da sua verve zumbidora...

Este livro serve para nos mostrar uma outra faceta encantadora da linda intelligencia do "conteur" de "Ronda dos Seculos".

João do Norte conta-nos, com aquelle seu estylo simples e correntio, uma serie de historietas engraçadas e risonhas em que domina sempre um espirito subtil de observação.

Para que o leitor faça idéa do que é o livro, vamos dar aqui uma pequena amostra, transcrevendo o trecho final da "Casaca de Urubu'", um dos contos mais interessantes.

Antes explicaremos que "Casaca de Urubu'" era o appelido do José Candido, um velho continuo do Tribunal de Relação de Fortaleza, que além de o ser, era tambem cobrador, nas horas vagas, mas cobrador "campeão", cobrador irresistivel.

"O coronel Marciano, conhecido caloteiro, devia ao velho Seixas da Livraria Commercial, havia mais de dois annos, uma conta de oitenta mil réis. Tendo esgotado todos os recursos possiveis afim de recebel-a e nada tendo conseguido, o negociante lembrou-se do José Candido. Mandou chamal-o e, á porta da casa, mãos nas cavas do collete branco, mastigando a ponta do charuto, concluio o arranjo:

— Está bem! Está bem, *"seu"* Zé Candido, se receber, metade será para mim e metade para o senhor.

Passou-se um mez e nada do cobrador apparecer na livraria com o dinheiro. O Marciano era de força, não cedia facilmente como os outros. Emfim, tanto o cobrador o amolou que, para se ver livre, deu-lhe a metade por conta. Com os cobres no bolso, foi o "Casaca de Urubu'" á loja do Seixas. Entrou, chamou o livreiro, atirou sobre o balcão a nota, amarrotada e suja, e disse com o maior desprezo:

— *"Seu"* Seixas, ahi está a sua conta. O homem é duro de roer, mas eu sempre roi um bocadinho. Já recebi a minha metade, felizmente! Se o senhor quizer, mande receber os quarenta mil réis restantes, os *seus*, por outro cobrador, porque eu fiquei exhausto..."

E o livro é todo assim...

Paulo de Magalhães.

"C. Paulistano" 23 abril 1921

COM OS CORREIOS

A collaboração de João do Norte, que esta folha vem mantendo com regularidade ás quinta-feiras, teve, esta semana, um inesperado interregno. E o facto aqui o explicamos aos nossos leitores, chamando para elle a attenção do sr. administrador dos Correios do Estado: João do Norte, como é seu habito, collocou no correio, no dia 18, a collaboração que aqui devia ser publicada a 21 do corrente, e, por conseguinte, com espaços e folgas para uma possivel reviravolta na viagem. O interessante é que a reviravolta se deu, de facto, porém, com maior amplitude que a que se esperava. E' assim que só hontem viemos a receber a referida collaboração que, como se viu, gastou os dias 18, 19, 20, 21 e 22 para cá chegar. O que é de espantar é que a carta que a trazia, para que viesse mais depressa, estava devidamente registado, com todos os sellos e formalidades.

"Revista do Instituto Historico da Bahia" Nº 46 - 1920 - artigo de Lemos Britto

"Fr-Fr" 2 abril 1921

Em 1916, quando das estupendas festas centenarias argentinas, surprehendeu-me, destacando, pelas suas côres violentas e longos penachos aggressivos, da harmonia geral dos uniformes do soberbo exercito de parada, um regimento de soldados a cavallo, á cuja apparição a multidão frenetica atroava as avenidas com o clamor de suas ovações. Ao meu lado, enternecido até as lagrimas, um illustre argentino me explicou:—aquelle regimento trajava á maneira da velha guarda de San Martin, e ali se concentrava a elite das armas do paiz irmão!

Era o valor das tradições... Mas, aqui, a idéa de se crear um regimento de escol, trajando á maneira dos dragões do primeiro imperador, caiu fragorosamente com o projecto que Gustavo Barroso apresentára...

"Fr-Fr" 2 abril 1921

Um grande livro Os livros serios entre nós, que somos um viveiro de poetas menores, são relativamente raros. Appareceram uns dez, no maximo, até hoje na nossa vida litteraria, que já conta mais ou menos dois seculos. Entre elles não se póde deixar de dar um dos primeiros logares ao volume da obra de Oliveira Vianna — Populações do Brasil, o qual estuda os Paulistas, os Fluminenses e os Mineiros. O autor é innegavelmente uma de nossas mais completas cerebrações. E' um sociologo, observador profundo e profundo erudito de nossas coisas. A sua obra ficará na nossa vida intellectual como um grande marco.

Baseado nas maiores autoridades mundiaes em anthropologia, o Sr. Oliveira Vianna estuda com profundeza de conceitos, erudição, bom senso e largueza de vistas a formação e a psychologia das populações que habitam o centro-sul do Brasil, rastreando as suas origens e explicando a sua evolução rural e municipal, esmiuçando sua formação ethnologica e sua psychologia social, mostrando a genese de suas liberdades publicas e as instituições que crearam através os tempos.

Numa noticia pequena em que não é possivel estender como desejariamos os nossos commentarios, parece que o maior preito de nossa admiração por essa obra util, proveitosa e completa é dizermos em verdade que ella forma um dos nossos grandes livros.

A mulher... Todo o mundo dansava, mas nós dois ficáramos no terraço que o luar envolvia de suavidade e poesia, juntinhos, conversando. E de repente ella, pousando no meu rosto os seus grandes olhos escuros, mysteriosos como uma noite de tempestade, perguntou-me o que eu pensava da mulher. Sorri e não respondi. Ella insistio. Tornei a sorrir e procurei mudar de assumpto. Ella exigio a minha opinião. E eu lhe respondi com os versos daquelle esfomeado e celebre poeta Gringoire, que Victor Hugo nos mostra no «Notre Dame» e com o qual Banville fez uma deliciosa peça de theatro:

« Femme est l'ennemy de l'amy,
Femme est peché inevitable,
Femme est familier ennemy,
Femme deçoit plus que le diable...,
Femme est tempeste de maison...
Femme est le serpent des serpens...»

Não pude concluir a curiosa estrophe de sabor antigo das «Fantaisies da Mère Sotte», porque ella se levantou, cumprimentou-me com frieza e entrou no salão, onde foi dansar uns vinte tangos seguidos com um almofadinha, digno filho de Mêre Sotte de Gringoire. Desde essa noite, nunca mais nos fallámos e eu sempre murmuro quando a avisto:

« Femme deçoit plus que le diable!»

Liga dos professores Lourenço Dechesne disse na obra «L'economie syndicale», ultimamente publicada, constatando factos, que o signal duma das maiores revoluções sociaes da Europa era justamente a prodigiosa multiplicação das associações profissionaes.

Com effeito, essa força de cohesão das associações de classe e de profissão está revolucionando toda a sociedade moderna. E, não sendo essas collectividades fechadas como as corporações medievaes, maior ainda é a sua expansão e a sua influencia.

No nosso paiz, como em todos os outros, o mesmo phenomeno se faz sentir. Augmentam aqui todos os dias as ligas e sociedades defensivas. Agora mesmo, acaba de fundar-se a dos professores de nossa capital, associação profissional destinada a conquistar melhorias materiaes e moraes, por meios licitos, para os seus membros. A' sua frente estão algumas senhoras, visto como o feminismo hoje triumpha por toda a parte e a maioria do professorado publico do Districto Federal é de mulheres.

Entre ellas, notavelmente, a secretaria Dona Alba Canizares do Nascimento.

Encadernações Desgraçado de quem precisa fazer encadernar um livro no Rio de Janeiro. Paga um dinheirão. Espera mezes. E acaba recebendo um serviço verdadeiramente porco. E' até inexplicavel como uma cidade grande, populosa e rica como o Rio não possúa encadernadores que sejam artistas e saibam escolher e empregar o seu material. No emtanto, todo encadernador carioca põe á primeira pagina um letreiro espalhafatoso com o seu nome e varias indicações de sua casa commercial. E' a reclame da incompetencia e do mau gosto.

Emquanto fazem isto, os encadernadores de Paris—artistas inimitaves como Canape, Aussourd, Lambert, Kieffer, Mennier, Chambolle-Duru, Bernasconi, Bretault, Brisson, Durvand, Allô, Van West dissimulam seus nomes nas obras admiraveis que realisam.

E a gente para saber quem assigna as mais bellas encadernações do mundo têm que ler com uma lente o nome diminutamente gravado á borda duma pagina.

Sartorellas Um amigo meu, disse-me outro dia que ás sete e meia da noite não arredava pé de certos pontos da cidade. Perguntei-lhe por que. Respondeu-me:

— Por que é a hora escura em que as costureiras do Rio se recolhem e eu gosto de apreciar as, de seguil-as.. São tão lindas, tão vivazes, tão alegres, tão encantadoras as nossas *grisettes!*

— Então, no Rio já ha disso?

— Ha. E' uma gente nova, de todos os feitios e côres, elegantes e vivas, sympathicas e attraentes, encantadoras pela sua variedade, sem a monotomia, a igualdade de todas as *grisettes* de Paris—porque lá ellas são sempre francezas e as daqui trazem nalma coisas de Africa, do Oriente, da Italia, de Allemanha, dos tabas tapuyas e tupys, da Galliza, de todos os sangues de onde vêm as brasileiras de hoje.

Pensei em Trieste, nos meus passeios scismadores pelo cáes da velha cidade irredenta, olhando o vulto dos gendarmes austriacos, ha alguns annos, apreciando o elegante pisar das *sartorellas*, umas louras como as allemãs, outras ardentes e morenas como as italianas, outras delgadas e anciosas como as gregas, outras mysteriosas como as slavas, ainda outras luminosas como as levantinas.

E disse ao meu amigo:

— As costureiras do Rio, as *Cariocas*, devem ser mais semelhantes ás *sartorellas* de Trieste do que ás *grisettes* de Paris.

18

36

Para todos...

MAGAZINE SEMANAL ILLUSTRADO

APPARECE AOS SABBADOS

ANNO III — NUM. 118

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DO OUVIDOR, 164
Teleph. Norte 6052

Rio de Janeiro, 19 de Março de 1921

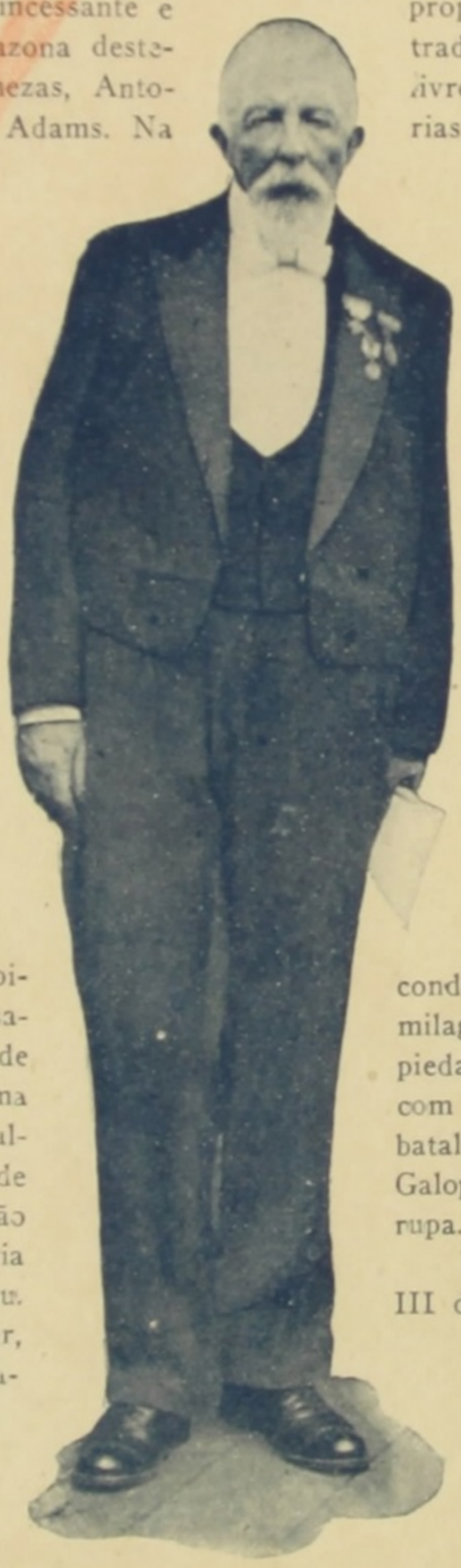
Doze mezes. . . .	25$000
Seis mezes. . . .	13$000
Num. avulso no Rio	$500
Nos Estados. . . .	$600
Num. atrazado. . .	$700

A MONJA-ALFERES

ESPIRITO de aventura e de heroismo da mulher, consubstanciado pelos hellenos inventivos e fecundos na lenda cavalheiresca das Amazonas, que, á margem do Thermodonte, pereceram á luz gloriosa do sol e entre o tapezape das armas de bronze, jamais se tem apagado na historia da humanidade. Em todas as guerras e devastações surgem sempre figuras femininas a praticar prodigios, a galopar á frente dos regimentos, a combater no meio das batalhas. Não remontando á antiguidade classica, nem precisando rememorar as coisas medievas, bastará tomar a esmo dois ou tres exemplos nos tempos modernos. No guerrilhar incessante e sanguinario da rebeldia vendeana, uma amazona destemerosa, que guiava as partidas de camponezas, Antonieta Adams, era denominada o cavalleiro Adams. Na invasão da França, em 1870, diversas mulheres bateram-se de permeio com francos atiradores e garibaldinos ou se celebrisaram na conducção de despachos, na transmissão de ordens, no despistar as tropas prussianas. Na guerra do Paraguay tivemos uma nortista que se engajou como voluntario, vestiu a farda, sopesou a granadeira de munição e chegou a pisar o solo inimigo.

Na ultima conflagração européa foi divino o papel da mulher-anjo das enfermarias, santa milagrosa das obras de auxilio e de beneficencia. Entretanto, apezar da grandeza nunca alcançada do flagello militar, quasi não existiu, no Occidente europeu, um caso de heroismo verdadeiramente guerreiro da mulher. Talvez a magnitude de sua missão, a responsabilidade da mãe, da esposa, da filha, da patriota, obrigadas ao arduo, fatigante, exhaustivo, heroico serviço dos hospitaes ou ao trabalho pesado, productivo e mais que util do fabrico de munições, tenha expulsado da moderna alma feminina as fantasias quixotescas. Mas é realmente notavel que um abalo social tão grande não tenha despertado novas amazonas, a não ser nas regiões orientaes, onde, na psychologia das raças, ha mais de asiatico que de europeu. Bemdita seja a mulher occidental, por ter, nesse duro transe da vida da humanidade, sabido ser superior ao homem, ficando somente mulher, afastando-se do espirito de matança, confinando-se nas altas idéas de consolação e de amor!

Vi outro dia, numa revista illustrada, a photographia das manobras feitas pelas mulheres americanas, que ora muito se preoccupam com a defesa militar dos Estados Unidos. Os homens tinham querido dar-lhes unicamente serviços de acampamento e enfermaria, distribuição de viveres e munições, ambulancias, radiotelegraphia e signaes; porém ellas não se conformaram e exigiram uniformes, armas, tiros de canhão, aberturas de trincheiras e pontarias. Foi-lhes feita a vontade. Ao vel-as em formatura, com o chapéo tradicional das milicias *yankees* e as carabinas perfiladas, pensei na historia veridica e, no emtanto, inacreditavel da Monja-Alferes, mulher que foi mais que homem, virago duellista e aventureiro, que escreveu as proprias memorias, para que José Maria de Heredia as traduzisse em francez, publicando assim o seu primeiro livro em prosa. O segundo foi a traducção das memorias do capitão Bernol Diaz del Castillo. Em toda a sua desbragada vida não ha um traço que demonstre o menor sentimento affectivo!



O SR. CONDE D'EU

Dona Catharina de Erauso era quasi nobre, biscainha e noviça do convento de São Sebastião, o Velho. Um dia fugiu, cortou os cabellos e embarcou a bordo dum galeão, como grumete, para a America hespanhola, nesse tempo paiz de Cocanha, que fornecia riquezas e mais riquezas aos insaciaveis Philippes de Castella. Durante muitos annos correu aventuras do isthmo de Panamá aos pampas argentinos, soldado, duellista, jogador, negociante, trampolineiro, sempre desejado, ou melhor, desejada pelas mulheres, que cuidavam fosse um bello rapaz e por isso a perseguiam constantemente.

Foi alferes das companhias de guerra que caçavam indios, atravessou os desertos e os Andes, matou varios homens em duello, pregou com a faca nas grossas mesas de pinho das tascas a mão dos jogadores ladravazes ou atrevidos e, condemnada á morte diversas vezes, salvou-se, devido a milagres imprevistos, á chegada subita de um amigo, á piedade repentina dum governador, quando já estava com os pés na fogueira ou com o laço ao pescoço. Na batalha de Valdivia tomou uma bandeira ao inimigo. Galopou noites e noites com mulheres raptadas na garupa. E foi ferida repetidas vezes.

Voltando á Europa, teve uma pensão de Philippe III de Castella e outra do papa Urbano VIII, que pessoalmente visitou e do qual obteve licença especial para usar roupas de homem.

Passeou sua insolencia e arrastou provocadoramente as esporas de cavalheiro e a ponteira de aço do espadão de official pelas praças de Madrid, pelas ruas de Roma e pelas viellas de Napoles, onde se bateu em duello pela derradeira vez. Não terminou suas memorias e ninguem

"Fon-Fon" - 9 abril 1921

A sala das pêgas Ha no castello antigo dos alcaides mouros de Cintra duas curiosas e celebres salas: a das pêgas e a dos veados. Na primeira, todas as aves pintadas no tecto trazem ao bico uma fita desdobrada com a legenda *Por Bem*. Dizem que alli o rei Dom João I, surprehendido a beijar uma donzella da côrte pela rainha, murmurára que tal fizera *por bem*. Todas as covilheiras repetiram essas duas ultimas palavras. Dahi a origem das pêgas na decoração da sala. No tecto da segunda, a dos veados, cada um desses animaes traz ao peito o brazão duma das grandes, velhas e nobres familias de Portugal.

A razão dessa interessante ornamentação com aves e quadrupedes está na propria arte medieval, cuja architectura era um bestiario de pedra e cujos motivos decorativos se originavam sempre da flóra e da fauna. Em muitos castellos e paços da Europa, contemporaneos do alcacer mouro de Cintra adaptado á côrte portugueza, havia salas ornadas do mesmo modo. No palacio medieval de San Gemigniano, na Italia, existia a sala dos perequitos, com esses bichos verdes de bico vermelho. No castello dos duques de Borgonha, em Hesdin, houve a celebre sala das Rosas e a não menos celebre dos Papagaios.

37

Para todos...

MAGAZINE SEMANAL ILLUSTRADO

APPARECE AOS SABBADOS

ANNO III — NUM. 121

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DO OUVIDOR, 164
Teleph. Norte 6052

Rio de Janeiro, 9 de Abril de 1921

Doze mezes. . . .	25$000
Seis mezes. . . .	13$000
Num. avulso no Rio	$500
Nos Estados. . .	$600
Num. atrazado. .	$700

A SEMANA

A REPUBLICA MODELO

PARA o velho Montesquieu, uma unica forma de constituição politica livrava os homens de cahir sob o dominio de um só. Era a republica federativa, forma de governo pela qual varios Estados se tornam cidadãos dum Estado mais poderoso, mais forte, maior. E o autor do "Espirito das Leis" achava que essa sociedade de sociedades, formando um agrupamento novo e com novas caracteristicas, tinha todas as vantagens internas dos governos republicanos e toda a força exterior das monarchias. Ninguem ali poderia usurpar nunca o poder. Mesmo subjugando a metade do paiz, restaria outra metade livre a se lhe oppôr. A maioria sempre estaria em condições de intervir nos Estados rebeldes e, emfim, a nação teria a faculdade de, perecendo o todo, resurgir nas partes, em caso de dissolução da federação, tornando-se os seus componentes Estados soberanos.

Foi essa forma governamental elogiada por Montesquieu que Washington e seus companheiros de cruzada, em fins do seculo dezoito, tão cruel ao despotismo universal, adoptaram para a maior e mais forte nação do continente americano, a qual sahia duma liga heroica de treze colonias inglezas. A transformação dessa liga em federação completa, segura e modelar não correu sem tropeços. Antes pelo contrario. Se o poder e o triumpho da democracia americana escondem para muito á tacanhice dos seus primeiros dias de independencia, os historiadores americanos não se esquecem de relembral-os como exemplo de quanto são perniciosas a intriga e a hesitação.

Motley escreve: "Quando cessou a guerra, quando nossa independencia foi reconhecida em 1783, cahimos rapidamente em condições de completa impotencia, de imbecilidade e de anarchia. Tinhamos assegurado nossa liberdade, mas não fundaramos uma nação. Não formavamos um corpo politico. Não se podiam applicar as leis, reprimir as insurreições, obter o pagamento das dividas. Não havia segurança para as pessoas nem para as propriedades. A Grã-Bretanha concluira comnosco um tratado de paz, porém recusava desdenhosamente nos dar um tratado de commercio e amizade, não por termos sido rebeldes e sim por não sermos ainda um Estado: porque eramos uma liga meio dissolvida de provincias querellantes, incapazes de garantir o cumprimento das estipulações dum tratado commercial. Não fomos mesmo nem capazes de cumprir as proprias condições do tratado de paz e de obter, conforme o que ficara assentado, o pagamento das dividas de cidadãos americanos a shbditos inglezes. E, consequentemente a Grã-Bretanha recusou abandonar os postos militares que mantinha áquem de nossas fronteiras. Doze annos depois de nossa independencia reconhecida, fomos humilhados pela presença constante de soldados estrangeiros occupando longa cadeia de fortes, ao sul dos grandes lagos, no nosso territorio! Eramos uma confederação; eramos Estados soberanos; e esses os fructos dessa confederação e dessa soberania! Foi até hoje a hora mais negra da nossa historia."

Quem vê sómente o palco não se lembra do que vae por traz dos bastidores, e é justamente esse aspecto diverso, inesperado e triste da formação politica dos Estados Unidos que nos mostra, para escarmento, o historiador yankee. Todas as nações passam por essas crises terriveis no seu inicio de vida livre ou nas suas mudanças bruscas de regimen. O modo como dellas sahem e se salvam demonstra e caracter de seu povo e o pulso de seus estadistas.

Em algumas, as crises se prolongam. Basta-nos passar os olhos pelo mappa da America do Sul para logo vermos quaes as republicas que ainda não estão salvas. Mesmo collado aos Esados Unidos, que o têm espoliado, está o Mexico, que escorregou da luta de Hidalgo ao avassalamento de Iturbide, que passou das mãos estrangeiras de Maximiliano ás mãos ensanguentadas de Juarez, produzindo o vulto cavalheiresco e tyrannico de Sant'Anna e a alma despotica e recta de Porfirio Diaz, vindo parar aos duellos theatraes de Huerta e Carranza, de Pancho Villa e Obregon, numa energia de viver que é sómente devida á sua forma federativa. As qualidades que lhe empresta Montesquieu dão-lhe alento, mas ao mesmo tempo produzem a sua eterna anarchia. A impossibilidade do abocanhamento geral das unidades federadas nos paizes cultos e progressistas traz a impossibilidade do despotismo dum só. Essa mesma impossibilidade nos paizes enfraquecidos e decadentes acarreta a anarchia continua.

Os Estados Unidos sahiram do mão passo que Motley nos aponta com uma energia juvenil e um surto formidavel para a ordem e para o progresso. O grande partido federal ou nacional, como preferia chamar-se, arrastou a maioria da nação federativa. Os embaixadores das treze provincias transformaram-se em delegados legisladores e o paiz foi salvo.

E' essa transformação politica, feita de modo viril num momento de angustia, que honra os homens daquella época e mostra quanto estava bem preparado o substracto da raça que havia de assumir um dia, no mundo, a direcção politica da maior guerra da historia, com o seu desembaraço victorioso. Então, como naquella época, os homens de Estado da America do Norte puderam dizer, como a Convenção, a Assembléa Constituinte que preparou as bases da grande republica, elaborando, a sua constituição, e terminando o periodo amargo, lembrado por Motley: "Em todas as nossas deliberações não perdemos de vista o que nos parecia ser o interesse de todo americano verdadeiro, á consolidação de nossa

A distincta artista patricia Sta Marietta de Verney Campello chegou pelo "Avaré", depois de uma longa permanencia nos centros artisticos europeus, onde a sua voz maravilhosa lhe valeu innumeros triumphos.

"Fon-Fon" 9 de Abril de 1921

Coney-Island medieval Quem visita Coney-Island nos Estados Unidos ou o Luna Park em Paris cuida que é uma invenção inteiramente moderna toda aquella complicação de montanhas russas, saltos, cestos, espelhos deformadores, ventanias subitas, sustos, surprezas que a gente experimenta andando por aquelle dedalo de machinismos Mas qual! Tudo isso é antigo, vem dos palacios dos Imperadores romanos e bysantinos que pregavam desses sustos aos seus hospedes e convidados, soltando feras amordaçadas nos corredores, innundando salas repentinamente, murando paredes de subito, abrindo brechas em muros lisos onde appareciam cobras. E na idade media o mesmo costume continuou.

Enlart conta no seu curioso livro sobre as cidades mortas da media idade duma verdadeira Coney-Island medieval subterranea, cujos vestigios ainda se vêm nas escavações do castello de Hesdin, ao norte da França. Alli, movidaa por machinas hydraulicas, havia centenas de bonecos automatos — anões, gigantes, macacos, demonios, anjos, que voavam, cuspiam fogo, davam pancadas em quem passava, pintavam o diabo; um eremita barbado caminhava pelos corredores escuros. assombrando a gente; do tecto cahiam raios e chuvas; havia ventanias subitas e alçapões que se abriam debaixo dos pés dos visitantes, precipitando os sobre fôfas pennas; e a cada canto, encostado á parede, estava um espelho ondulado, onde se viam, dizem os manuscriptos da epoca, «diversos abusos», isto é as pessoas deformadas.

Era, portanto, uma verdadeira Magic City feudal.

"O Jornal" 3 abril 1924

O REISADO DOS BICHOS

Entre nós, no Brasil, parece que, nas festas de fim de anno e começo de anno, tão communs em todos os povos e em todas as civilizações, desde a Asia Central ao occidente europeu, sempre se deu mais preferencia ao dia de Reis do que propriamente ao dia de Natal. A razão disso está talvez no facto da lenda christã dar vulgarmente a cada um desses tres magos uma das racas basicas da nossa nacionalidade. Assim, nesse dia, tanto os brancos como Gaspar, os negros como Balthazar e os caboclos com Melchior, acham um padreiro a quem apresentar suas homenagens. E é certamente dessa preferencia que as nossas cantigas populares desses festejos em vez de se chamarem "Noels" (Natacs), como os da França, por exemplo, são pelo povo appellidados "Reisados", dos quaes muitos foram recolhidos pelo grande Sylvio Romero e que têm sido mais fielmente guardados na vasta região comprehendida entre o S. Francisco e o Parnahyba, entre os Cariry's e o oceano, lá onde é sempre mais forte todo e qualquer elemento tradicional brasileiro.

Na vasta copia desses reisados, ha um que é como uma especie de parlenda infantil e procura imitar a voz de todos os bichos domesticos, applicando-a ao facto do nascimento de Christo. Esse "reisado dos bichos" deveria talvez ter sido em rimas antigamente. Com o correr dos tempos e por ser proprio das crianças, perdeu-as e tomou esse feitio simplorio da parlenda com que ora se apresenta.

Não ha menino do Nordeste brasileiro que o não conheça de cór e que o não repita na epoca consagrada ao nascimento de Christo. Dizem elles, procurando fazer com as diversas provas uma como onomatopea dos diversos modos de voz dos animaes:

O gallo: — Christo nasceu!
O boi: — Aonde? Aonde?
O carneiro: — Em Belem! Em Belem!
O burro: — Vamos! Vamos!
A cabra: — Mata! Mata!
O Pern': — Degola! Degola!
O Capote (gallinha de Angola): Não! Está fraco! Está fraco!

A minha memoria não me diz se ha vozes de outros animaes além destas aqui enumeradas, porém me aponta que os meninos do Nordeste, de accordo com o que os bichos disseram nesse reisado antigo e deturpado pelo tempo, lhes dão boas ou más qualidades, bom ou máo destino pela vida afora.

Desta sorte, a cabra é maldita por ter aconselhado a morte do senhor menino. Dahi toda a planta, cujas folhas ella come, morrer em pouco tempo. Essa maldição da cabra é talvez uma reminiscencia da vetusta crença que do oriente passou para a Grecia e Roma de que esse animal é sujeito com facilidade ao Mal Sagrado (Morbus Sacer), á epilepsia, provocando-o naquelles que abusam de sua carne.

O peru', que gritou para se degolar a Jesus, tem o seu eterno castigo, morrendo sempre degolado nas vesperas de anniversarios e outras festas. E o capote, que procurou salvar Deus, teve a recompensa de ser o unico gallinaceo que nas fazendas se via em ampla liberdade e que quasi sempre se prefere matar de tiro a sangrar friamente, barbaramente.

O gallo annunciando o Natal, o boi perguntando onde elle se dava, o carneiro indicando o logar sagrado e o burro convidando todos a lá irem são animaes queridos dos homens e do céo. Se o boi alimenta os açougues, no emtanto, e puxa os carros espicaçado a ferrão, em compensação vive ao lado de S. Lucas no Paraiso e come como o asno o feno junto da manjedoura, sob o mesmo tecto que viu nascer o Redemptor dos homens.

Esse velho reisado dos bichos veiu para nós dos latinos. Até hoje, embora o tenha procurado, ainda o não encontrei no primitivo original, na lingua mascula de Cicéro; mas já o achei na França medieval, numa interessante, rara e esquecida forma de transição entre o latim e o francez, metade numa lingua e metade noutra, com todos os mesmos caracteristicos daquelle que os meninos repetem no Nordeste do Brasil.

O seu titulo é "Noel de la joye des bestes á la nouvelle de la naissance du sainct enfant". O c de "saint", o s de "bestes" e o y de "joye" mostram bem a velhice do francez. Commentando-o, Paul Lacroix, no capitulo dos cantos populares, do volume sobre as sciencias e as letras, da sua grande obra illustrada a respeito da Edade Media, publicada de 1871 a 1877 por Firmin Didot, diz o mesmo que qualquer um póde constatar na peça repetida pelas crianças cearenses ou pernambucanas: "tours de force d'harmonie imitative, lorsque les chanteurs imitaient successivement le chant du coq, le mugissement du boeuf, le hélement de la chèvre, le braiement de l'ane e le beuglement du veau".

O "noel" francez é sobremodo interessante, porque nelle figuram vestigios das rimas primitivas e parte é em latim, o que mostra a fonte de onde veiu e que talvez se tenha perdido. Vamos cital-o, afim de mostrar como, em materia de "folk lore", as origens das menores manifestações se perdem ao longe, na vasta noite das gerações passadas, e que o verso que ouvimos ao som da viola ou a parlenda que nos recita um menino já foram escutados, com o mesmo encanto, entre povos os mais diversos, seculos e seculos antes de nós. Tão forte é a memoria collectiva e tão facilmente ella lega suas riquezas e tão facilmente tambem sua herança é recolhida que, emquanto o tempo destróe a pedra dos monumentos e róe as inscripções gravadas no bronze, modifica os cantos e as remembranças, folk-loristicas, não tendo, porém, força sufficiente para de todo acabar com elles.

Mas vejamos o velho "noel" francez:

Comme les bestes autrefois
Parloient mieux latin que françois
Le coq, de loin voyant le faiet,
S'ecria: "Christus natus est";
Le bœuf, d'un air tout ebaubi,
Demande: "Ubi? ubi? ubi?"
La chèvre, se tordant le groin,
Repond que c'est á Bethléem.
Maistre baudet, "curiosus"
De l'aller voir, dit: "Eamus!"
Et droit sur ses pattes, le veau
Beugle deux fois: "Volo! Volo!"

Paul Lacroix, que compulsou a respeito os melhores documentos, affirma que essa canção, repetida por aquelles que acompanhavam a procissão solemne que se costumava fazer na noite de Natal, data do decimo terceiro seculo.

O seu tom facecioso é proprio de toda a creação popular, pois que ha sempre fel no coração do povo que soffre, e elle se escapa sempre pela sua veia satyrica. Não é de admirar que se cantasse esse "noel" acompanhando a procissão, imitando seguidamente em côro as vozes dos animaes, porquanto sabem os que estudam a intimidade da vida religiosa medieval que era habito do povo, na França, do seculo decimo ao começo do decimo quarto, acompanhar dentro da egreja o latim pausado dos chantres imitando o zurrar dos burros. Esse barulho desrespeitoso dentro das egrejas era tolerado pela liturgia, porque elle recordava o asno illustre que estivera no Presepio, a burra biblica de Balaão, o "baudet" em que nossa Senhora fugiu para o Egypto e aquelle em que Christo entrou, sob a agitação triumphal das palmas verdes, em Jerusalem.

Eu vi com os meus proprios olhos um portal lateral da Cathedral de Chartres, entre columnêlos gothicos e sob ogivas rendilhadas, estatuas curiosas de burros — memorias talvez desse facto — tocando harpas, assoprando frautas, dedilhando psalterios e cantando de fauces abertas...

Muitos concilios e synodos prohibiram esse acompanhamento, que era chamado, em contraposição ao canto dos chantres, a Prosa dos Burros. Entretanto, apesar de taes prohibições, essa "prosa" continuou e só se acabou quando naturalmente caiu em desuso.

A semelhança do "noel" francez com o "reisado" brasileiro é verdadeiramente completa. Em ambos, os gallos annunciam o nascimento, os burros convidam todos a ir ao Presepio, os bois indagam onde nasceu o Salvador. As divergencias estão sómente no que diz a cabra do francez e na falta, neste, das vozes do peru, do capote e da cabra mordestina, as quaes talvez sejam addições populares inteiramente nossas. E' pena que nos falte o original verdadeiro em latim, para mais completa comparação.

João do NORTE.

"O Jornal" 9 abril 1921

Ella Ella passou ligeira e seria, com os raios do sol a brincarem nos cabellos de ouro que fugiam da prisão do seu chapeu negro, pequeno e simples. Andava apressada, como se a perseguissem. E essa rapidez lhe dava maior encanto, porque parecia que assim mais rapidamente fugia dos olhares e dos desejos dos homens

Dobrou uma esquina e entrou numa loja, mas o seu perfume ficou na rua, leve, subtil, estonteante. Depois, sahio e continuou a andar mais depressa ainda. Todos os homens se voltavam de olhos brilhantes á sua passagem.

Todas as mulheres a olhavam de soslaio, com ciume. E eu fiquei, quando ella se sumio de minha vista, a pensar numa figura loura que vira numa das estampas do livro das mulheres celebres de França, por Lamesangére, desenhadas por Lanté, gravadas em cobre por Gastine e coloridas á mão por Giraldon.

"O Paiz" 6 abril 1924

"Casa de maribondos"

Gustavo Barroso acaba de publicar interessante livro de episodios anecdoticos, sob o titulo de *Casa de maribondos*.

Muitos dos pequenos contos dessa nova obra do talentoso literato nortista são reaes, passaram-se de facto no Ceará. Tanto assim que os seus heróes figuram nelles com os proprios nomes...

Isto, especialmente para os que conhecem os typos satyrizados nas paginas de *Casa de maribondos*, ha de ser motivo de boas sensações. E será causa do triumpho do livro, que, além de tudo, é escripto com facilidade e correcção.

Gustavo Barroso nos deu, com essa *Casa de maribondos*, um attestado da multiplicidade da sua arte. Depois de obras severas, como *Terra de sol* e *A ronda dos seculos*, publica essas leves ironias inoffensivas... para os que não se incluem no numero das suas victimas.

39

"Correio Paulistano" 7 abril 1924

O culto de Gambrinus

Apesar do culto de Baccho legado pelos lydios aos gregos e da Grecia trazido para Roma, onde as mesmas honras que no Oriente e na Hellade foram tributadas ao deus do vinho, de tyrso em punho, guia das farandulas de ménades, a gente latina e os povos que herdaram com a sua civilização a sua alma luminosa sempre condemnaram a embriaguez. E houve em todos os tempos, nos paizes néo-latinos, da parte das minorias cultas, sobretudo, uma forte campanha por palavras e obras contra o vicio de beber, considerado degradante e horrivel.

Mas, entre as raças louras do septentrião europeu, godos e germanos, a bebedeira através dos seculos continuamente mereceu um culto sem limites, que a educação latina mal comprehende. Já no céo, no Walhalla da mythologia dos antigos teutões, os seus deuses guerreiros e ferozes emborcavam cornos e mais cornos cheios de hydromel e de cerveja, bebidas com que se emborrachavam os seus mais valentes guerreiros.

Emquanto isso, no Olympo hellenico as divindades saboreavam o nectar. A differença mostra a psychologia das duas raças: dum lado a finura e a graça, do outro a aspereza e a rusticidade.

No decorrer dos tempos, poetas, escriptores e pintores allemães não se cançaram nunca de celebrar por todos os meios ao seu alcance essa mesma cerveja dos seus velhos deuses e dos seus antepassados guerreiros. Nenhum delles, em poemas, romances, dramas ou télas, jámais esqueceu a scena classica da taverna. Nem o proprio Goethe num dos mais interessantes episodios do portentoso Fausto. E' que a concepção da bebedeira é, entre os individuos de raça tudesca, muito differente da que fazemos nós, os latinos. Ella não acarreta, na sua opinião, a mesma vergonha que entre nós. O uso franco das bebidas faz parte da sua vida. E' mesmo uma tradição antiquissima, que se perde na noite das primeiras tribus indo-germanicas. Na sua concepção moral, não é peccado, é virtude. Toda a sua arte, dos manuscriptos com illuminuras aos livros modernos de Leipzig, das pinturas rotustas ás gravuras de agora, celebra a cerveja, que é a bebida caracteristica da nação e da raça. Dahi o deus que a consubstancia — o trefego Gambrinus das cervejarias bavaras ou wurtemberguezas. E dahi ainda aquelle artigo do Komment, estatutos dos estudantes allemães, que manda, em certas solennidades e occasiões, beber até cahir.

O kaiser e os principes de sangue emprestavam com a sua presença valor official a reuniões estudantaes semelhantes, que eram como que uma grande tradição nacional. A figura do imperador não impedia que aos seus olhos o artigo em questão fôsse cumprido. E certo é que nenhum outro chefe de Estado apreciaria desse modo uma tal beberronia.

A guerra modificou muitos habitos allemães, porém parece que não teve forças para acabar com o culto secular da cerveja, tão profundamente está elle arraigado no intimo do povo. Em verdade, ninguem poderia comprehender a Allemanha sem chops...

A literatura allemã durante a guerra, tão bem estudada por Muret, encarregou-se por si propria de provar que o ex-imperio de Guilherme II mudou de direcção politica, de sentimento imperialista, de moral mesmo; no emtanto, em nada diminuiu a sua fervorosa religião do rubicundo Gambrinus, o Baccho da Germania, montado, ao envez de sobre um asno, em cima de um tonel de cerveja.

Escolho, para provar a minha these, ao acaso, quatro das obras mais celebres publicadas durante a guerra.

A primeira é o celeberrimo "Canto do Odio á Inglaterra", do poeta Ernst Lissauer, a que Muret chama "poema de apache". A sua parte mais forte pinta justamente officiaes da marinha allemã bebendo e fazendo um toast de odio e vingança contra a Inglaterra, no qual falavam do "Grande Dia" a vir...

Sente-se a preoccupação da scena de bebida nesse poemeto patriotico ardente.

A segunda é o romance, muito lido e muito querido em toda a Allemanha, escripto pelo sr. Freussen e intitulado "Die Bruder", Os Irmãos. Um dos typos principaes dessa obra é o pastor Bohlen, que allia ás maiores virtudes a qualidade de tomar formidaveis carraspanas, de modo a ficar dias e dias em lastimavel estado, cozendo a mona.

A terceira é um romance tambem, que teve o maior successo, quando appareceu. E' o "Der Untertan", O subdito, de Heinrich Mann. Nelle uma das primeiras figuras, o individuo chamado Delitzsch, que se embriaga, a cada passo, proclama até em palavras ardentes a superioridade da cerveja sobre a mulher. Esta é variavel, ás vezes desenxabida e infiel. Aquella é invariavel, é constante, é deliciosa sempre. O elogio enche laudas. E' uma ode enthusiasta. E termina por assegurar que a cerveja eleva quem a bebe tão alto que o põe em presença de Deus!...

A quarta ainda tem um testemunho mais significativo. E' a obra de Fédore von Zoteltitz. Nella, que é um estudo psychologico, aliás com grandes qualidades, dos emproados fidalgotes da Prussia, conforme diz o seu titulo — "Die Junker", um tal Ulekeu, junker perfeito, gosta tanto de pinga que, morrendo, institue um legado verdadeiramente original. Imagine-se que por elle obriga todos os seus amigos a tomarem juntos, e á sua custa, tres mezes depois de sua morte, uma camoeca terrivel. O romancista descreve a reunião dos amigos, as qualidades de bebidas servidas a granel, enchendo paginas e mais paginas com a pintura exacta dos effeitos da embriaguez, em cada um dos presentes, mesmo nos velhos e nas moças solteiras.

Si essas e outras innumeras passagens de egual conteúdo fossem escriptas no intuito de condemnar a bebedeira, nada se teria a dizer; mas não, ellas são escriptas tão naturalmente que, comparando-as com as de autores mais antigos, não se póde deixar de verificar que o culto de Gambrinus é, na Allemanha de hoje, como na dos Reitores e Lansquenetes, como na dos Eleitores e dos Palatinos, como na dos descendentes de Carlos Magno, como na de Madame de Staël ou na de Heine, um dos principaes, sinão o principal. E, si tal não é exacto, a culpa cabe sómente aos seus escriptores, que nos dão essa impressão com os seus livros.

João do NORTE

"A Folha" - 9 de abril de 1921

"CASA DE MARIBONDO"

POR JOÃO DO NORTE

O novo livro de João do Norte é uma collecção de contos humoristicos.

Não vale a pena discutir a toda hora o que vem a ser humorismo.

O assumpto já foi sufficientemente explanado por escriptores de responsabilidade e, finalmente, como nas questões de grammatica, venceu o uso.

Assim, humorista é o escriptor, ou o caricaturista, que faz rir mesmo sem intenções de pessimismo.

Os humoristas as mais das vezes nem sequer pensam na tal risada mephistophelica que, tanto trabalho tem dado aos eruditos.

Hoje já ninguem poderá contestar: Machado de Assis foi um humorista?

— Sem duvida.

— E João Phóca?

O interrogado mette uma tirada philosophica e acaba acceitando que João Phóca foi tambem um humorista.

Sendo esse o aspecto verdadeiro da questão póde ter duvidas em affirmar:

"Casa de Maribondos" é um livro de humorismo.

Aliás esse livro tem umas vezes o aspecto philosophico e outras vezes o novo aspecto, já agora irreductivelmente humoristico.

Mas o que predomina nesse novo volume do triumphador de "Terra de Sol" é o aspecto sadio. Elle faz rir muitas vezes porque as pilherias que elle encerra são em verdade muito engraçadas.

"Os exames de Socófolis", "A Promessa", "A Beta", "O Cavallo de Pau" são contos escriptos com muita sobriedade e elegancia.

Os outros ficam bem ao lado desses. Destaquei-os, porém, porque foram os que mais me agradaram comicamente. Mas todo o livro de João do Norte é a confirmação dos seus consagrados dotes de legitimo escriptor.

Mario José de Almeida.

"A Gazeta" 5 - abril - 1921

"Casa de Maribondos", por João do Norte.

"Casa de maribondos", o ultimo livro de João do Norte, contem uma serie de contos e anedoctas do mais accentuado sabor regionalista.

Parece-nos desnecessario fazer o elogio desse novo trabalho do autor dos "Heroes e bandidos". Cada producção de João do Norte marca um triumpho definitivo, e em nosso meio elle é querido e admirado como uma das expressões mais altas da nossa literatura.

Além disso, a cultura classica, a elegancia da forma, a graça natural, a subtileza do estylo, são as virtudes inherentes ao lindo e fecundo espirito do prosador de "Casa de maribondos". E' para documentar as nossas proposições, basta folhear qualquer um dos lavores de arte desse escriptor joven e illustre.

"Casa de Maribondos" é apenas uma modalidade do seu espirito requintado e elegante. E' um livro que se lê com prazer, dada a simplicidade e a farta dóse de "humour" que nelle se contem.

40

"Correio Paulistano" 14 abril 1921

O indicador de Santo Agostinho

S. Bernardo, o apostolo das Cruzadas, dizia que santo Agostinho, o grande bispo de Hippona, era a fonte da doutrina da Verdade, que regava a egreja inteira. E, nas suas visões extaticas, o abbade de Cîteaux via borbotões de fé jorrando das paginas das "Confissões" e ondas brizadas sahindo dos grossos tomos da "Cidade de Deus". Entretanto, o magno episcopo africano, que fallecera nos primeiros seculos da Roma christã e fôra sepultado na egreja do mosteiro de S. Pedro, em Pavia, sob uma grande lousa negra, em cujos cantos, esculpidos, abriam as suas azas mythologicas os Kerubs os quatro animaes apostolares: o homem, o boi, o leão e a aguia, nunca obrára milagres. Pelo menos o povo delles não falava nas suas lendas e nas suas cantigas, nem o santo abbade a elles se referia, quando comparava o illustre doutor da Egreja com uma luminosa e maravilhosa fonte de Verdade.

Talvez Deus reservasse para o grande defensor de sua Fé entre os homens um dos mais bellos milagres que os seus thaumaturgos têm praticado por seu querer. Essa era a maneira de pensar dos habitantes de Pavia, entristecidos quando os moradores de outras cidades da Italia lhes reprochavam não ter nunca o santo sepultado na sua basilica praticado o menor milagre. E os primeiros, effectivamente, tinham razão.

No meado do decimo terceiro seculo, quando ainda christãos e infieis valentemente se batiam em favor da Cruz na Palestina, no Egypto, em Tunis, nas Hespanhas, por todo o extendal azul do Mediterraneo, os romeiros que vinham da Terra Santa, com seu bordão nodoso, os seus rosarios de conchas e as suas vieiras presos ao habito em torno da côgula, quer perlongando a pé o valle do Danubio, quer desembarcando em Veneza dos esperonaros e galeões em que atravessavam o Archipelago e o Adriatico, passavam sempre pelas cidades da Italia septentrional. Um delles, que buscava a Provença, deteve-se em Pavia e ouviu contar dos remoques da vizinhança ao santo que dormia sob a pedra negra, inutilmente, sem fazer milagres.

Logo lhe encheu a alma de desejo de destruir aquelles motejos e de elevar, fazendo Santo Agostinho obrar grandes cousas, o seu nome entre a christandade. Achava que não era bastante ao bispo de Hippona aquella fama de saber virtuoso e de impeccabilidade logica e dogmatica de que S. Bernardo se tornara na Europa a illustre e forte voz propagadora. Esse desejo nada tinha de baixo ou de ambicioso. Era todo elle inteiriço de nobreza e de fé.

O peregrino passou dias inteiros de oração e noites de vigilia sobre a pedra do tumulo, pedindo ao bemaventurado que lhe inspirasse o que deveria praticar para alcançar os seus fins. E numa dessas meditações e orações prolongadas pensou por acaso que todos os milagres seriam possiveis si possuisse uma reliquia do santo: farrapo da cásula historiada, ramagem de ouro da mitra, pedaço rico do báculo, anel roxo de pontifice ou, melhor ainda, qualquer cousa do seu proprio corpo, como uma mecha de cabellos, uma unha, um dedo... E a sua escolha fixou-se num dedo.

Mas de que modo obtel-o? Violando a sepultura e roubando-o, porque as autoridades religiosas não lhe dariam permissão para mutilar o cadaver sagrado. Mas como roubar? A basilica era vigiada durante a noite por um homem forte, que nunca dormia e cujo punho herculeo esmagaria qualquer violador. Só havia, pois, um meio: comprar esse vigia.

O romeiro esmolou mezes a fio, mal comendo uma réles côdea de pão, todos os dias, até que reuniu um sacco de moedas de ouro, piastras de Veneza, besantes de Constantinopla e sequins dos Califas. Com elle comprou a dedicação do guarda, que lhe prometteu desenterrar sósinho, para não haver desconfianças, a pedra negra dos quatro animaes symbolicos e cortar o dedo indicador do santo.

Cumpriu a sua promessa, porque dias depois levava, ao cahir da tarde, á sua espelunca, onde se albergava o peregrino, embrulhado num trapo, o dedo resequido de Santo Agostinho. O romeiro sahiu pelas estradas afóra com o dedo guardado numa relicario de prata, emocionado e contente. O primeiro cégo que encontrou, descançando de esmolar, ao pé de um olmeiro, cantava uma canção triste, em que lamentava jámais ter visto a gloria da luz e talvez nunca visse a gloria luminosa do Todo Poderoso.

— Tu a verás! Tu a verás! murmurou cheio de fé, e tocou-lhe com o relicario na fronte polida como um velho marmore grego. E, de subito, o cégo abriu os olhos e as suas pupillas rebrilharam e elle gritou, cahindo de joelhos:

— Gloria a Deus! Gloria a Deus, e a ti, homem de Deus! Eu vejo! Eu vejo!

E poz-se a correr pelos campos, como louco.

Dahi por deante, a fama daquella reliquia foi crescendo pelo mundo. Todas as enfermidades ella sarava. Bastava que um doente a tocasse, para ficar inteiramente bom. Mesmo os homens de maus instinctos sentiam-nos se abrandarem deante della. E até os tolos e os imbecis, cuja cura Jesus nunca realizou, ficavam mais intelligentes, beijando-a.

Em Sienna, onde o peregrino se acolhera, não havia alojamento para a gente, que de toda a parte vinha em busca de melhoras do corpo e do espirito, que o dedo de Santo Agostinho lhe dava. E não precisava dar nada ao pobre romeiro, porque todas as moedas de ouro que lhe choviam em torno elle distribuia pelos pobres, alimentando-se sempre com a sua côdea de pão e o seu cangirão de agua. Raramente o seu estalajadeiro obtinha que levasse á bocca algumas favas cozidas em agua e sal.

Quando a fama desses milagres admiraveis do seu santo, até então tido como inutil, chegou a Pavia, o bispo e o governador da cidade mandaram prender o vigia da egreja de S. Pedro, submettendo-o á tortura, afim de que narrasse como tinham extrangeiros violado o sepulcro do Grande Doutor e mutilado o seu corpo santo. O pobre homem contou do suborno do romeiro, da tentação das moedas de ouro e affirmou que enganára o seu comprador, por não ter coragem de abrir a sepultura e tocar no cadaver do santo. Fôra ao logar das execuções, fóra de portas, subira ao cadafalso, e, com a sua faca amolada, decepára o dedo indicador de um enforcado que ali estava dependurado, havia varios dias, e que o sol ardente reseccava aos poucos.

Então, os juizes mandaram afrouxar-lhe os laços; mas, antes de pôl-o em liberdade, resolveram verificar si dizia mesmo a verdade. Com licença do cabido, foi erguida a lage côr de tréva e dessellado o ataúde de Santo Agostinho. Ninguem, verificaram todos os presentes, desde o governador e do bispo até aos almocreves encarregados do trabalho, tocára naquella sepultura e naquelle esquife, cujos sellos se encontravam intactos. Mas, quando, rompidos elles, se abriram as tampas de par em par, um grito de assombro partiu da assembléa: faltava o dedo indicador de Santo Agostinho.

E foi este o maior milagre que elle praticou dentro dos muros da cidade que acolhera, havia seculos, os seus despojos.

João do NORTE

"Fon-Fon" - 9 - abril - 1921

Echos da Bohemia

A MODA

A propaganda das coisas da sympathica republica Tcheco-Slovaca está diariamente se tornando maior no nosso paiz. Agora mesmo, assignado pelo sr. Vicente Themudo, a Alliança Nacional Tcheco Slovaca do Brasil acaba de editar um livro sobe a velha nação gloriosa dos Przemyslidos com o titulo « Echos da Bohemia ».

E' um pequeno volume de algumas dezenas de paginas recheiadas de photographias e de gravuras elucidativas dos assumptos de que trata e que são: A Bohemia, João Hus, O clero e o pregador de Belem, o Concilio de Constança, o Julgamento de João Hus, João Hus na fogueira, a Obra e o Caracter de João Hus, Jeronymo de Praga, Rehabilitação de Jeronymo e o supplicio de Jeronymo.

Como se vê, a obra é uma summula curiosa da historia dos heróes nacionalistas da Bohemia e das guerras hussitas que a dilaceraram e cobriram ao mesmo tempo de gloria. Prefacia-o o dr. João Vesely, denacionalidade Tcheco-slovaca e um dos propagadores das ideia de sua terra entre nós.

Agricultura religiosa

Vindo de Petropolis, olhava da janella do vagão a triste e monotona paysagem da grande baixada fluminense. E em toda ella só vi digno de interesse um aspecto: as grandes culturas de arroz e de canna realisadas perto de Pilar pelos frades de S. Bento, que dão a impressão duma formidavel organisação de trabalho agricola. Isso me trouxe á memoria as enormes e optimas plantações dos trappistas em S. Paulo, as fazendas admiravelmente organisadas dos jesuitas no sul, os engenhos esplendidos do Nordeste, dirigidos por frades ou padres de que nos falla Henry Koster. Pensei um pouco no assumpto e conclui que ninguem como os religiosos catholicos para conduzir a bom termo uma empreza agricola. A agricultura religiosa é um facto historico antiquissimo e interessante Os seus dominios agricolas na idade media eram invejaveis, absolutamente fartos, optimamente dirigidos, sabiamente aproveitados. Delles Paul Lacroix, na sua grande obra de erudição sobre os seculos medievaes, traça o mais ridente quadro. E era esse quadro que meus olhos viam ao meio do deserto da Baixada.

26 - Março - 1921

Attila

Os germanos do kaiser procuraram por todos os meios dourar a tradição sangrenta de Attila — o flagello de Deus, pois que o diziam mestre de barbaria das hordas allemães invasoras da França e da Belgica.

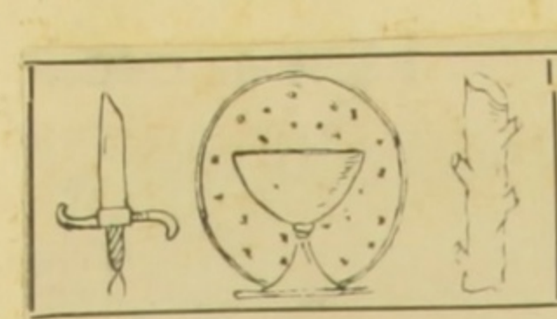
Mas outro povo sempre avocou a si esse heroe selvagem, com maior razão por ser elle da sua propria raça. Assim, os hungaros, alliados fieis da Allemanha, continuamente se orgulharam da ferocidade desse ascendente tartaro. Seus poetas cantaram, seus historiadores o justificaram, seus guerreiros o copiaram e seus patriotas o endeusaram.

O historiador magyar Boldeny vê nelle um grande precursor de Napoleão e toda a nobreza da Hungria veste um uniforme especial, cujo nome é *attila* e que imita o traje do antigo devastador das provincias romanas do Oriente e do Occidente.

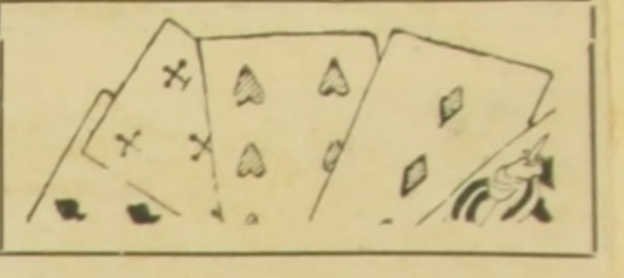
Bem lhes haja essa gloria truculenta!

41

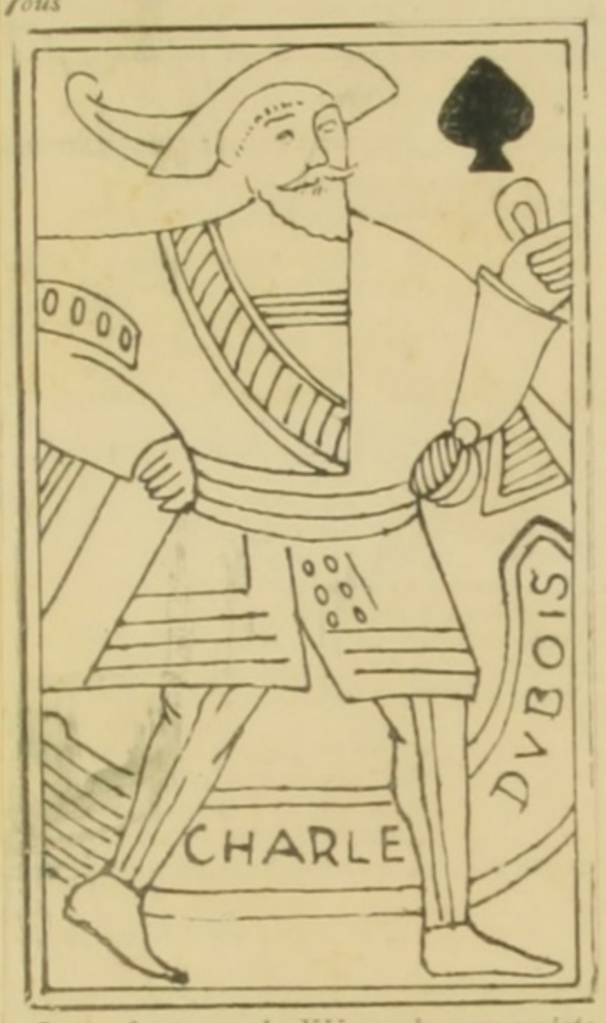
"Fon-Fon" 9 abril 1921



O symbolismo das cartas de jogar



E' quasi certo que as cartas de jogar vieram do Oriente, tendo-se originado do jogo do xadrez. Ellas são, assim, as figuras dos trebelhos. copiadas sobre pergaminho e, depois, sobre papelão. Como o alxádres dos nossos avós portuguezes era um jogo guerreiro, um jogo de batalhas, os arabes ou os sarracenos appellidavam o baralho *naïb*, que quer dizer guerreiro e que vem de identica palavra em sanskrito — naïr ou nayre. Dò vocabulo naïr se originou o termo que empregamos para designar cada côr do baralho ; naipe. Os hespanhoes empregam a forma *naype* e os italianos outrora empregavam *naïbi*. Ainda do xadrez vem a feição classica das figuras das cartas : todas partidas pelo meio, em bustos como a peça do jogo do xeque-mate. E até o decimo quinto seculo, muitos baralhos, em vez de trazerem valetes, traziam bispos ou *fous*



Carta franceza do XV seculo: um valete de piques,

Importado do Oriente para os paizes christãos occidentaes, o baralho adaptou-se a cada um delles, rapidamente se nacionalisando. Conforme a nação que o adoptou, creou elle as suas côres e os distinctivos heraldicos das mesmas. Na Italia, na Hespanha e em Portugal, os baralhos tiveram dois naipes pretos e dois vermelhos, os primeiros de páus e espadas, os segundos de ouros e copas. E nos verdadeiros baralhos meridionaes as figuras são de accordo com taes denominações. Ha nas cartas, pintados, bastões ou troncos de arvores, para os páus ; taças, para as copas ; moedas, para os ouros ; e gladios, para as espadas. Nós, que geralmente jogamos com cartas de fabricação ingleza ou franceza, pensamos ás vezes na disparidade entre as pinturas dessas cartas e os nomes que lhe damos, mas ignoramos que as verdadeiras cartas portuguezas, como as italianas e as hespanholas, têm as pinturas de acordo com os seus titulos. E nos mais antigos baralhos da Idade Media a origem oriental está documentada nos crescentes, que substituem num dos naipes vermelhos os ouros ou dinheiros das épocas posteriores.

As cartas inglezas e francezas, sendo que as primeiras nasceram das segundas na guerra dos cem annos, que pôz os dois povos em contacto diario, têm figuras e appellidos diversos das do sul da Europa. Os dois naipes rubros são de quadrados (carreaux) e corações (cœurs) ; os dois escuros, de lanças (piques) e de trevos (trêfles). E antigamente tambem os *carreaux* eram substituidos por crescentes.

As cartas francezas têm corações em vez de copas, depois do reinado de Carlos VI. Antes, ellas eram mais semelhantes ás da Italia ou Hespanha. Emile Chevalier foi, nessa época, quem as transformou, fazendo pintar corações, para lisongear Jacques Cœur, millionario da época, seu amigo ; trocando os páus por trevos, porque estes eram o emblema de Agnés Sorel, amante do rei. E' mais ou menos desse tempo que data o habito de pôr ao lado de cada figura de rei, rainha ou valete um nome caxalheiresco : Heitor, Alexandre, Cesar, Arthur, David, Helena, Judith e La Hire, em memoria do celebre homem de guerra francez desse nome. Varios desses nomes subsistem ainda nos baralhos.

Na Allemanha, em tempos idos, os baralhos fôram tambem eminentemente nacionaes. Lá não houve *diñeros*, *copas*, *bastos* e *spadas*, como na Hespanha, nem *trèfles*, *piques*, *carreaux* e *cœurs*, como em França. As cartas se chamaram guizos (schellen), bolotas (eicheln), verdes (grün) e vermelhos (roth). Os azes eram bandeiras e os valetes, lansquenetes. Mais tarde, tudo isso mudou e os allemães tiveram lebres, papagaios, cravos e ancolias.

No emtanto, o verdadeiramente curioso na historia do baralho não são estes pormenores de sua origem e de suas transformações de acordo com a alma das povos que o adoptaram; mas sim as interpretações symbolicas das cartas de jogar, que as fizeram mais intimas ao espirito humano e lhes deram um certo encanto novo que não o unico da paixão do jogo, tão poderoso e tão funesto.

Quem primeiro se lembrou de dar uma certa interpretação ás cartas foi o povo allemão. E, naturalmente, essa interpretação foi profundamente eivava de espirito militar. Assim, conservando a physionomia original que ellas traziam do velho jogo dos rajahs e da guerra, representaram o verde por meio de corôas triumphaes, symbolisando os triumphos e honras da victoria ; pintaram os guizos, que eram o signal da mais alta nobreza entre os germanos ; arranjaram o *roth* ou a purpura, recompensa aos guerreiros, e com o fructo do carvalho quizeram manifestar a força.

Esse symbolismo guerreiro das cartas estava já discretamente guardado na França e na Italia, nas lanças, nas espadas e nos páus, que eram talvez massas de armas. Outros interpretaram os naipes um encarnado e um negro, como as armas defensivas ; um negro e um encarnado, como as armas offensivas. Desta sorte, o trevo

Carta allemã antiga, do feitio redondo um três de papagaios.

era a lança, a partazana ou a alabarda, e o *pique*, a ponta da espada ; o coração e o quadrado eram os escudos das duas formas usadas na guerra e perpetuadas na heraldica. Tambem nos naipes lusitanos ou castelhanos seriam copas e ouros os fructos da paz, páus e espadas, os signos da guerra. E o symbolismo, no fundo, seria identico.

Na idade media. tudo era symbolico, desde as torres duma cathedral aos incensadores de prata dos altares. Para tudo, se creavam interpretações curiosas. E os baralhos não escaparam a esse exaggero. O padre Menestrier affirma que o coração symbolisava os ecclesiasticos e os quadrados os burguezes, porque estes tinham salas com tijolos quadrados nas suas casas (!) ; o trevo, os lavradores e a lança, a gente de guerra. Essa mesma interpretação se poderia fazer na peninsula iberica, com melho-

Carta allemã antiga, do feitio rectangular um seis de guizos.

res razões : espadas, os guerreiaos ; páus, os camponezes ; ouros, a burguezia e copas, os ecclesiasticos ou a nobreza. . . Outras interpretações interessantes fôram as do padre Daniel : *cœur* significava a coragem do soldado ; *trefle*, os armazens de forragem da cavallaria; *carreau*, os armazeus de armas e *pique*, as tropas.

As figuras celebres das cartas sahidas do nobre e velho jogo oriental da guerra, com seu rei, seus elephantes, seus camellos e seus cavallos, emigraram assim pelo mundo. Se tiveram dias de grandeza, acariciados pelas mãos de Agnés Sorel ou divertindo a loucura dos reis, como divertiram a de Carlos VI, tambem se viram prostituidas pelas mãos réles da soldadesca e dos rufiões, e ridicularisadas pelas reverendas interpretações symbolicas de padres desoccupados. O seu symbolismo só póde ser guerreiro, porque ellas na guerra tiveram origem e da gente de guerra veio o seu uso, pois em campanha as figuras em cartas eram melhores de transportar do que em esculptura, com uma tavola de jogo, como no xadrez. No fundo de todas as coisas ha uma razão pratica, e foi esta sem duvida, a que creou o baralho.

JOÃO DO NORTE

"Fon-Fon" 26 - Março -

General-poeta Quando os athenienses escolheram Phrymens para general de seu exercito, elle não deveu essa honra á intriga, á nobreza de seu nascimento nem á sua immensa riqueza. Não porque todas essas coisas deixassem de ter força entre os athenienses e não tivessem influenciado quasi sempre as suas escolhas. Mas o individuo em questão deveu a sua escolha unicamente ao facto de ter inserido nas suas tragedias alguns versos, cujo rythmo militar convinha por demais aos movimentos da celebre dansa guerreira denominada Pyerbica. Toda a assembléa do povo de Athenas emocionada e encantada por essa cadencia de rimas sonoras e fortes logo o elegeu general, certa de que um homem capaz de fazer versos tão proprios ao genio guerreiro de raça seria apto a conduzir habilmente e com vantagem operações estrategicas.

Não deixa de ser esquisito o raciocinio dos hellenos, comtudo talvez fosse conveniente entre nós tentar a experiencia . . .

Peor que a opposição... Geralmente se acredita que os *cancans* e *potins* são proprios da alta sociedade. Puro engano. Entre a gente do povo esses pequenos boatos são ainda mais crueis. Ainda um destes dias ouvi um de arripiar couro e cabello.

Esperava um trem numa distante e empoeirada estação do suburbio. Ao meu lado duas mulheres do povo conversavam de molestias dos seus filhos e dos filhos dos seus visinhos. Nisto appareceu a uma esquina, em frente, uma moça morena e magra, de olhos grandes. Uma das mulheres disse para a outra :

— Olha, a mulher do alfaiate !

A interpellada deu um muchôcho e accrescentou :

— Credo ! E tão frêsca ! Entretanto, matou o filho a semana passada

— E' mesmo ! exclamou a segunda. E não ha gallinha da visinhança que lhe passe na porta qua não desappareça...

Levantei-me e afastei-me. Não quiz ouvir mais. O povo é nessas coisas peor que os jornaes da opposição...

1921

Falta de previsão Quando se abrio a nossa bella Avenida Rio Branco não se calculava que ella deixaria de ser um deserto e seria um dia a arteria movimentadissima que hoje é. Não alargaram, por essa falta de previsão, as ruas que a ella affluem dum e de outro lado. E dahi os embaraços de trafego que asphyxiam as communicações na nossa vasta capital.

Certo é que no Brasil, nesse como noutros assumptos, só se legisla para o presente e não se tem uma visão, por menor qne seja, do futuro. Agora que se começa a arrazar o morro do Castello, falla-se já do traçado das novas ruas a serem construidas nos terrenos conquistados, as quaes, segundo os planos conhecidos, terão dezenove metros de largura. Ora, esta dimensão, nas cidades modernas, compete ás ruas de terceira classe e, se o movimento urbano continuar crescendo na proporção destes ultimos dez annos, parece que tal largura será insufficiente dentro de pouco tempo. Por que essa eterna falta de previsão ?

"O Jornal" - 7 abril - 1921

O NOVO PORPHYROGENETA

Todas as crenças e tradições dos povos dão uma grande importancia aos nomes proprios dos seus guias espirituaes ou politicos, especialmente nas épocas de decadencia ou de aspirações ou realizações nacionaes. Os exemplos mais interessantes desse postulado que acabamos de enunciar se encontram na historia de Roma e na historia da Egreja. Na primeira, o fundador da Cidade Eterna foi Romulo e o creador do Imperio foi Augusto. Durante seculos se acreditou entre o povo da "Urbs" que a civilização morreria no dia em que um novo Romulo ou um novo Augusto assumisse a direcção dos destinos da patria. E' com effeito, os barbaros de Odoacro abateram em Ravenna a aguia cesariana, quando sob suas azas fôra corôado, no solio dominado pela loba secular de bronze, um Cesar appellidado Romulo Augustulo! Identica a crendice que grassou no seio da christandade medieval e que veiu até nossos dias: o primeiro papa, o fundador da Egreja, foi S. Pedro, um Pedro que veiu do Oriente; o ultimo papa seria tambem um Pedro, mas um Pedro nascido entre os muros da capital christã, Sua Santidade Pedro Romano; desapparecido elle, reinaria o Antechristo, seria a consummação dos seculos. E dahi nenhum soberano de Roma ter tomado o nome de Romulo, durante centenarios, nenhum papa até hoje se ter chamado Pedro.

A Roma do Oriente, a luminosa Bysancio, tambem se alimentou na mesma crendice, que aliás o tempo provou dar certo como a de sua irmã occidental. Fundada por um Constantino, o Magno, que por politica adoptou o christianismo, pereceu sob a alluvião invasora dos turcos de Mahomet II, quando reinava um outro Constantino, o heroico Paleologo, que morreu gloriosamente sob as ruinas da sua patria. Então, o povo grego, que tinha a superstição de ver cair a sua capital no reinado dum Constantino e que viu realizar-se essa velha prophecia, começou a acreditar que, quando subisse de novo ao throno secular dos Basileus um outro monarcha do mesmo nome, os turcos seriam expulsos e Constantinopla voltaria a ser outra vez a metropole do hellenismo.

E' nessa crença arraigada no fundo da alma grega que se deve ir buscar a explicação certa e segura do prestigio de que gosa na Achaia o actual rei Constantino, prestigio que lhe deu novamente o throno, mal o povo helleno se viu livre de certas peias e imposições. E' simples e unicamente nessa superstição profunda e secularmente enraizada que reside o segredo da situação presente do paiz de Acropole e não em pretensas opiniões alliadophilas ou germanophilas que ali se degladiaram, esposadas por estes ou aquelles chefes politicos de inegavel valor pessoal.

Mas nenhum poderia vencer, porque nenhum, verdadeiramente, póde representar, perante o sentir da população, o ideal sacrosanto de reconquista de Bysancio. E não o póde, porque o rei é o primeiro filho duma dynastia estrangeira nascido na Grecia, o primeiro representante nacional da realeza, que, ademais, recebeu na pia baptismal o nome prestigioso e prophetico de Constantino. Pouco antes de subir ao throno, simples "diadoque", guiou o exercito grego ás linhas de combate naquella admiravel avançada dos paizes balkanicos contra o envelhecido Imperio dos sultões, levando-o ardentemente ás portas de Salonica e mais além.

Eis ahi as razões do prestigio illimitado do rei Constantino na Grecia. Elle representa, pelo seu nome e pelo valor com que o ornou na guerra dos Balkans, a mais profunda tradição hellenica, a maior aspiracão da raça, a conclusão da obra de Capo d'Istria, de Ypsilanti, de Colocotroni, de Canaris, dos heróes de Missolonghi e do proprio esforço formidavel de Eleptherio Venizelos.

A força que advem do rei Constantino dessa crença profunda do povo grego na realização do ideal da Reconquista, tendo-o por guia e o seu nome por bandeira, está documentada nos cantos populares e nas manifestações poeticas nacionaes. A 22 de agosto de 1868, quando se realizou a ceremonia solemne do seu baptismo, o grande poeta helleno Sutzo, compôs uma poesia que todos os gregos sabem de cór, tanto ella vae de encontro aos desejos do seu coração. A traducção portugueza ao pé da letra, que vamos dar, tira-lhe toda a belleza, mas mostrará claramente o que quer exprimir e quanto significa em relação ás aspirações gregas, ardentes, embora sopitadas pelas circumstancias, segundo aconselhára que as sopitasse o poeta Rangabe nos versos da "Vigilia", porque a oppressão não lhes deixaria crear azas.

Eis as palavras do poeta nacional Sutzo:

"Principe, na ceremonia do teu baptismo derramo lagrimas que a ungirão de bençãos, e espalho flôres para perfumar o teu caminho na alma da nação! Não possuo diamantes para distribuil-os por occasião do teu primeiro sorriso; mas a graça de Jesus Christo te bastará, e, como unica joia, eu te darei um par de "tsaruhia".

Façamos uma pausa, necessaria para explicar o symbolismo profundamente popular desse par singelo de "tsaruhia". Quando foi da guerra da Independencia contra os turcos, nas primeiras decadas do seculo passado, todos os que combatiam pela libertação da Grecia usavam as alpercatas originaes dos montanhezes, porque nas montanhas fôra dado o primeiro grito de rebellião contra a feroz oppressão ottomana. Essas sandalias tornaram-se, assim, um distinctivo nacional guerreiro, como os saiotes quadriculados dos "highlanders" escossezes ou as camisas rubras dos garibaldinos. Vê-se, pois, que arraigada crença patriotica o poeta demonstra nesses versos, offertando ao principe que um dia "caminhará pela alma da nação", um par das alpercatas com que os heróes da guerra aos turcos marcharam para a liberdade.

O vate grego prosegue, depois:

"Toma essas sandalias! Teu destino é brilhante e tu serás o orgulho do Hymeto, porque lá em cima está escripto que teu braço feliz defenderá o nosso Direito! Cresce depressa! Praza aos céus que eu te veja Grande, ó Constantino! e que, embora um momento, eu possa, ao teu lado, dar o meu tiro contra a Turquia, mesmo que morra logo após!"

Os versos de Sutzo exprimem claramente o pensamento nacional grego, cujas aspirações já nessa data, 1868, viam no pequeno Constantino o guia da sua grande "Revanche", Grande e Justa! A fé popular nesse guia nacional mais augmentou com a campanha de Salonica. E foi por isso que o "Diadoque" elevado a "Basileus" poude arcar contra os esforços politicos da "Entente". Estes, ajudados por Venizelos, o derruberam; mas o seu prestigio popular offereceu-lhe mais tarde novamente o throno.

Já em Bysancio, outr'ora, os principes ou princezas de sangue imperial nascidos na camara purpurea, onde o protocollo obrigara as Desponias ou Imperatrizes a terem os filhos, gozavam um prestigio que outros herdeiros ou imperadores jámais conquistaram. Eram os celebres Porphyrogenetas — os nascidos na purpura. Por causa desse prestigio excepcional, as sedições que ensanguentaram durante annos a capital do Imperio, no reinado dos porphyrogenetas Zoé e Theodora. E' um prestigio identico o de que goza o rei Constantino. Elle é o eleito do povo para a realização do "Anastasio toy byzantioy", do ideal da Reconquista de Bysancio. Elle é — póde-se dizer isto hoje, sete de Abril, Festa Nacional Grega, com franqueza e certo da verdade, perante o sentimento popular, por ser o primeiro rei nascido na Hellade, o Ungido de Deus e o Porphyrogeneta da Nação.

João do NORTE.

43

"Fon-Fon" - 26 março 1921

Uma tragedia Ha mais de tres lustros houve nos arredores da cidade de Redempção ou Acarape, no Ceará, um crime horrivel, resultado de intrigas e complicações politicas, que deixou imperecivel lembrança em todos quantos souberam dos seus dolorosos e atrozes pormenores. Proximo á estrada de rodagem daquella localidade, num logar chamado Boqueirão, appareceu estrangulado e suspenso duma arvore, afim de parecer se ter suicidado, o collector e chefe politico local coronel Emiliano Cavalcante, homem honestissimo, pae de familia exemplar e dotado de extrema bondade. O inquerito policial então procedido e averiguações posteriores provam, quasi insophismavelmente, que o crime foi praticado por dois cangaceiros do alto sertão industriados e pagos pelo Sr. Juvenal Carvalho, inimigo da victima, o qual é rico e poderoso, tendo até agora desfructado plena impunidade e até mesmo hospedado em sua casa a presidentes do Estado, o que dá uma triste amostra dos costumes politicos de certos Estados do Nordeste.

Os filhos da inditosa victima dessa feroz tragedia acabam de publicar em Fortaleza um pequeno livro, documentando todo o occorrido e lembrando o horror que a todos os cearenses encheu, quando se deu o barbaro crime. Desde essa época até hoje a familia do assassinado tem pedido justiça e não tem sido attendida. Esse livro que tem o titulo de «A Tragedia do Acarape» é o ultimo appello. Talvez ainda não seja ouvido. E é por essa falta de justiça que quasi sempre os sertanejos preferem vingar sósinhos, pessoalmente, as affrontas que lhe fazem a esperar a acção dos poderes publicos.

Os abutres Conversando emquanto saboreava um licor, após ter jantado com amigos, por acaso falei dos Habsburgos que governaram a Austria e cujo ultimo descendente vive hoje obscuramente na Suissa. Disse do esforço ingente dessa casa reinante, mantendo-se durante cinco seculos á frente da Allemanha, dominando os povos estrangeiros da redondeza e formando um imperio retalhado e curioso que só a Grande Guerra recente teve o poder de matar. Achei que deviam ter qualidades.

A MODA

Claudio França as negou *in totum* e declarou que não passavam de abutres.

— Sim. Fôram abutres e nada mais. Viveram do egoismo e da tyrannia, da má fé e da rapina. Fôram abutres até no proprio nome.

— Como assim?

— Habsburgo vem do nome do seu castello familiar, no seculo onze. E' a corruptela de Habichtsburg, castello dos abutres. E a sua negra aguia bicephala foi sempre um abutre disfarçado pela heraldica.

Miguel Angelo menino Eu li num velho in folio de rubras lettras caliduladas a deliciosa historieta que vou resumir:

A MODA

Lourenço o Magnifico, da raça gloriosa dos Medicis, senhor de Florença e protector das artes, passeiava um dia pelos lindos jardins de San Marco quando encontrou um menino, alumno da escola de pintura que fundara, copiando sobre a téla uma cabeça de fauno. Olhou silenciosamente aquelle trabalho. O desenho era anguloso, incisivo, cheio de erros, porém demonstrando uma força, uma vitalidade descommum que logo saltava aos olhos. Lourenço disse-lhe:

— Devias de preferencia tentar a esculptura.

O menino olhou-o com as suas pupillas ardentes, saudou-o e respondeu:

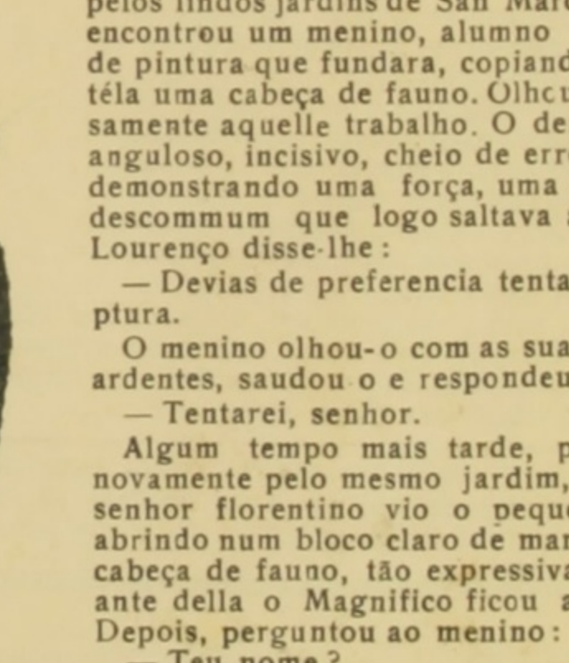
— Tentarei, senhor.

Algum tempo mais tarde, passeiando novamente pelo mesmo jardim, o grande senhor florentino vio o pequeno rapaz abrindo num bloco claro de marmore uma cabeça de fauno, tão expressiva que deante della o Magnifico ficou a meditar. Depois, perguntou ao menino:

— Teu nome?

« — Michele Angelo, signore. »

NO MUNDO DAS LETTRAS



Gustavo Barroso (João do Norte)

o nosso companheiro de redacção e victorioso escriptor da *Terra do Sol*, cujo nome, por si só, se recommenda ás *élites* intellectuaes do paiz, e já transpoz as fronteiras nacionaes, tendo sido ultimamente publicada, em Buenos-Ayres, a sua novella rustica: *Mosquita Muerta* (trad. de B. de Garay) — acaba de dar mais outro bello livro: *Casa de Maribondos*. São pequenos contos editados por Monteiro Lobato & C., de S. Paulo, quasi anedoctas da vida provinciana, a que a sua habilidade de narrador gracioso imprimiu uma novidade suggestiva, cheia de colorido e de naturalidade. Esse ultimo livro de Gustavo Barroso, pelas suas qualidades intrinsecas, vem despertando interesse fóra do commum.

"O Jornal" - 13 - abril - 1921

O PADRE CICERO E O FOLK-LORE

I

(Os bemditos)

A sociedade anarchica e semi-feudal dos sertões do Nordéste, cujas energias se perdem sem estimulo ou conduzem os individuos ao crime e á revolta, tem necessidade de centralizadores. Dahi o prestigio que, de vez em quando, certas individualidades adquirem, nesta ou naquella região da vasta zona comprehendida entre o S. Francisco e o Parnahyba. Alicercado no crime, esse grande prestigio dá um Jesuino Brilhante ou um Antonio Silvino; baseado na intelligencia, na força de vontade e no progresso, produz aquelle assombroso civilizador que foi Delmiro de Gouvêa; fundado no fanatismo religioso, no mysticismo dos ignorantes cria as chefias poderosas dos Conselheiros e do Padre Cicero.

Mas nós não vamos neste curto artigo de jornal estudar o phenomeno do Joazeiro nem a personalidade interessante do padre, que tem facetas más e aspectos admiravelmente bons. Pretendemos simplesmente mostrar como o mesmo sacerdote tem com o prestigio e a sua força espiritual feito brotar um cyclo de canções e de lendas milagrosas a seu respeito, que hoje em dia correm os sertões de seis ou sete Estados da União. Esse "folk-lore" é sobremaneira interessante e affecta a mesma fórma com que em todos os paizes se tem apresentado em circumstancias mesologicas identicas. Ha nelle os milagres das velhas vidas de santos, as lendas piedosas e encantadoras e as litanias religiosas—os bemditos, talvez sendo esses a sua parte mais digna de nota.

Leiamos um desses bemditos. Eis aqui o que canta o padre Cicero, ao mesmo tempo que Nossa Senhora das Candêas:

"Bemdita, louvada sejas
O' luz que nos *alumêas*!
Valei-nos o Padrinho Cicero
E a Mãe de Deus das Candêas.

Quem se fôr para o Joazeiro,
Vá com dôr no coração
Visitar Nossa Senhora
E o Padre Cicero Romão.

Por essas estradas longas,
Cheias de pedras e aréas,
Valei-nos o Padrinho Cicero
E a Mãe de Deus das Candêas!

O Padre Cicero Romão
Tem de ser preso e arrastado,
Para assim nos livrar
Do nosso grande peccado!

Aquellas toalhas béntas,
Que de sangue vivem cheias!!
Valei-nos o Padrinho Cicero
E a Mãe de Deus das Candêas!

O Padre Cicero Romão
De Deus elle é ministro,
No céo já tem seu retrato,
Na terra tem seu registro.

No céo brilham as estrellas,
No mar cantam as sereias.
Valei-nos o Padrinho Cicero
E a Mãe de Deus das Candêas!"

O padre Cicero Romão Baptista, cujas virtudes se não podem negar, é um mystico de nascença, que o meio conduziu á situação actual. Quem cuidar que elle creou o Joazeiro engana-se redondamente, não enxerga a verdade da questão. Foi o Joazeiro que o creou. A civilização teria modificado o seu mysticismo natural. O sertão augmentou-o. Hoje elle figura nesse e outros bemditos quasi que com a physionomia de santo, ao lado da Mãe de Deus. Até o martyrio classico que devem soffrer todos os illuminados para poderem alcançar o throno do Omnipotenente, até isso lá está na quadra que prophetiza ter elle de ser preso e arrastado, para pelo seu padecimento conseguir a remissão dos peccados das suas ovelhas. Ha nesses versos uma ponta por demais notavel e curiosa de Messianismo.

Outra allusão digna de commentario é a das toalhas bentas cheias de sangue. E' uma referencia discreta a um famigerado milagre do inicio do grande povoamento do Joazeiro. Uma beata, Maria de Araujo, ao commungar, ficára com a boca cheia de sangue. Sangue de Jesus! dizia o povo. A questão foi discutida canonica e theologicamente, ha mais de vinte annos. Chegou a Roma.

Deixemos de parte essas questões e voltemo-nos para a collaboração do padre Cicero no "folk-lore" sertanejo, collaboração involuntaria de sua parte, collaboração que não é pessoal e que deriva da sua fama prestigiosa. Não é só nos bemditos cantados no Joazeiro que essa influencia se sente e se palpa; tambem nos canticos de outras freguezias, proximas ou distantes. Eis o exemplo de um bemdito parahybano ,onde o padre Cicero apparece como se a poesia fosse do proprio Joazeiro: é o offertorio de uma dessas orações regionaes:

"Offereço este bemdito
Ao nosso Padre *Rangé*
E ao Divino Padre Cicero
Em quem sómente tenho fé."

Outro exemplo semelhante:

"Offereço este bemdito
Ao Senhor daquella Cruz
E ao Divino Padre Cicero,
Meu Padrinho, Amen, Jesus!"

A muitas outras orações interessantissimas, que seria tarefa exhaustiva recolher, dá origem o mysticismo e fanatismo do Joazeiro e de todo o valle do Cariry. Entre ellas, esta que romeiros cantam, quando de rebeldias, guerrilhas ou combates, afim de se livrarem das balas dos inimigos, o que piamente acreditam e lhes dá aquella coragem terrivel dos jagunços ou dos paraguayos de Lopez:

"Jesus Christo é nascido
Jesus nascido é.
Entre eu e o fuzil
Jesus Christo está em pé!"

Como não haveria a larga influencia espiritual desse homem de exercer acção manifesta na creação de lendas e canções, se as menores coisas da vida daquellas regiões o seu "folk-lore" guarda com uma veracidade espontanea e singela, que é extraordinariamente admiravel? Para mostrar a que ponto chega essa minucia, basta dizer que até as menores doenças communs naquelles logares ficam guardadas em versos toscos. O povo do Cariry, onde está situado o Joazeiro, soffre immensamente de ophtalmias, que a grande quantidade de mosquitos se encarrega de transmittir. O habitante ali está sempre de olhos inflammados, vermelhos, está sempre com "sapiranga". E elle mesmo canta, resumindo numa só quadra o mais farto producto agricola local e a enfermidade mais commum:

"Lá vae um carro cantando
Cheio de olhos de canna:
A gente do Cariry
Tem olho, não tem pestana!..."

O segundo aspecto folkloristico do Joazeiro se nos antolha sob as fórmas de historias, lendas e cantigas de milagres feitos pelo padre. Deixaremos essa parte para um outro de nossos estudos a respeito do mesmo assumpto e, para terminar este artigo, acompanharemos em côro os romeiros empoeirados e emmagrecidos, vindos de escaldantes e longinquos sertões, quando descidos os ultimos "tombadores da serranfa do Araripe, avistam a torre da egreja do Horto, os telhados do Joazeiro, e ouvem o foguetorio que festivamente os recebe, emquanto a renda doirada das nuvens se esgarça no poente, na fimbria do horizonte:

"Viva! Viva o Joazeiro!
Com toda a sua Doutrina,
E quem o rege e domina
Por um só Deus verdadeiro!
Visito, como romeiro,
A nova Jerusalem
E vou dar meu parabem
Ao grande Evangelista,
Padre Cicero Romão Baptista,
Para todo sempre, Amen!"

Ao governo brasileiro cabe o estricto dever inadiavel de crear nos sertões as Jerusalens da industria, como a fabrica da Pedra de Delmiro Gouvêa, as Jerusalens do respeito á lei, da instrucção publica, do trabalho, do progresso, emfim, para evitar as Jerusalens do fanatismo ignorante e do abandono, como Canudos e o Joazeiro, embora estejamos crentes de que essa centralização de energias, apesar de defeituosa, effectuada pelo padre Cicero, é melhor do que a anarchia completa a que o descaso do proprio governo, durante decadas, tem sujeitado o pobre sertão.

João do NORTE.

"Fon-Fon" 26 - Março 1921

Cancan-Ville Carlos Yriarte, em uma viagem que fez ha quarenta annos á Bosnia e á Herzegovina, demorou alguns dias em Pola, que nesse tempo era um porto militar austriaco no Adriatico. Na sua estadia, observou que os officiaes da guarnição e suas familias habitavam um pequeno suburbio apartado da cidade, onde só penetravam pessoas pertencentes ao seu circulo. E o viajante accrescenta que nos meios aristocraticos de Vienna se chamava aquelle bairro *Cancan-Ville*, tal era a quantidade de *potins* que delle levantavam o vôo.

Ora, esse appellido curioso ficaria muito melhor ao nosso Rio de Janeiro do que a esse arrabalde de Pola, pois que não é possivel cidade em que mais se falle mal da vida alheia e onde maior seja a mania da preoccupação pela vida do proximo. Se os que appellidaram o mencionado logar da cidade maritima de Istria, aqui viessem certamente chamariam a capital do Brasil — La grand Cancan-Ville... E teriam, infelizmente, razão.

As penninhas Eu conheço um estudante de medicina que, quando vae passeiar com a sua namorada, de bonde ou de automovel, põe sempre uns grandes oculos pretos que lhe tapam metade do rosto. Como elle não soffre da vista, antes pelo contrario, a moça ficou desconfiada que elle usasse aquelle apparelho afim de não ser conhecido pelos que o encontrassem, e contou-lhe a historia das penninhas, ironicamente.

Conhecem a historia das penninhas? Não? Pois lá vae. Um vendeiro uma vez perguntou a outro vendeiro, com quem costumava trocar adivinhações:

— Que é? que é? Um bicho de quatro patas, com umas penninhas no rabo, que late como cachorro?

— Não sei.

— E' cachorro.

— Então, para que as penninhas que lhe mettieste no rabo?

— Para disfarçar...

E desde o dia em que lhe contou esse caso elle, não se dando por achado, só chama os seus grandes oculos negros, côr da noite: «as minhas penninhas».

Urze do Monte Ha livros de mais e ha livros de menos, disse alguem num prefacio. E eu accrescento que ha mesmo muito mais livros desnecessarios do que faltam livros uteis. Entretanto, ha os bons livros que dão prazer e alegram o espirito, que emocionam e que agradam, não comprehendidos nessas duas categorias, porque se a sua falta não é sentida, visto como são obras de arte, tambem quando apparecem prendem de tal modo o leitor, que este fica convencido de que, se o livro não existisse, era necessario ser publicado.

Assim, de emoção e de saudade, de encanto e de artistica singeleza é o volume de versos com que o jornalista Mario Monteiro ha pouco tempo nos presenteou. Não o filiamos a escolas litterarias, pois que não temos a bóssa da critica e porque os livros que vêm da alma, de que são a fiel transcripção dos sentimentos não pertencem a esta ou áquella escola. São livros profundamente humanos e, como taes, os melhores.

Mario Monteiro foi em romaria á «capella da saudade» e de lá trouxe os seus sentidos — «retalhos de alma, esquecidos, achados no coração.» Fujo de fallar da technica do joven poeta, como me escusei de classifical-o numa escola, porquanto o que doura, illumina e eleva esse livro é o coração, o sentimento admiravel do seu autor. Foi essa qualidade principal que nos prendeu e nos enlevou, guiando nos paginas afóra, por aquellas em que nos canta Portugal, como Eugenio de Castro o cantou, por aquellas que escreveu na Hespanha com a penna de Campoamor e por aquellas onde disse do seu amor pelo Brasil com a emoção dos nossos bons poetas.

Resta-me agora sómente felicital-o.

"O Jornal" 14-abril-1927

O PADRE CICERO E O FOLK-LORE

II
(Os milagres)

A influencia moral e espiritual do Padre Cicero Romão Baptista domina todo o valle do Cariry e as regiões circumvizinhas, estendendo-se mesmo a paragens mais distantes. Ella vem até os rincões já alcançados pela estrada de ferro. Ella vae até as encostas em degraus ou "tombadores" do Araripe, lá onde se erguem o Alto do Juiz e o Alto Doirado, lá onde a vegetação hamadryadica, os fosseis e os residuos de conchas marinhas demonstram que aquella "terra talhada", Ibiapaba como diziam os indios, foi em remotas éras um littoral.

Essa influencia créa em torno da figura respeitavel do Padre, "á son insu", uma grande quantidade de lendas de milagres, que, com o tempo e as repetições em outros logares, se vão adulterando. Um exemplo:

Um fazendeiro parahybano, que foi em romagem ao Joazeiro, perdeu em caminho uma faca de prata, de grande estimação, lembrança da familia, com o seu nome gravado no cabo. Procurou-a por onde suspeitava tél-a perdido e nada encontrou. Lastimou-se em presença do padre, dizendo ter quasi certeza que alguem a tinha achado e ficado com ella. O sacerdote disse-lhe, com confiança:

— Fique socegado, meu filho, ella ha de apparecer.

Ao outro dia, na egreja, o padre Cicero fez uma ligeira prédica sobre o peccado de furtar desta ou daquella fórma, mesmo quando se encontrava um objecto alheio e se ficava com elle, exigindo que quem tivesse a faca a puzesse de noite, para não ter vergonha, ao pé duma cerca de caiçára, junto a uns pés de açoita-cavallo e de jurema branca, por detraz da casa onde se hospedara o parahybano. A' noite, disse a este que ao romper do dia ali fosse buscar a faca.

O homem lá foi e achou sua arma. Logo, saiu gritando que era milagre, e os maldosos nesse facto podem querer vêr uma troça subtil do padre. Nada disso ha, no emtanto; o que elle pretendeu foi sómente restituir o objecto sem desvendar o culpado arrependido.

Realizou o seu proposito christão, mas o facto se transformou na mentalidade popular em milagre perfeito.

Assim são outros.

Contam-n'os os sertanejos em fórma de pequenos relatos e a sua reunião daria uma "Lenda Doirada", quasi tão grande como a de Jacques de Voragine. E muito cantador matuto os canta em versos curiosos, "verbi gratia", da seguinte maneira:

"Em Setembro deste anno,
Num domingo, dia três,
Perante muitos romeiros,
Meu Padrinho então fez
Falar um menino que
Tinha nascido ha um mez.

Falou o menino, então,
Numa linguagem tão bella
Que a todos admirou
Por nunca terem ouvido ella
E só mesmo *Meu Padrinho*
Sabia e falava nella."

Um parenthesis. O milagre não é novo. O "folk-lore" nordestino empresta ao padre um milagre já realizado em outras éras e por outros santos, cujo rastreamento através os tempos, qualquer Saint Yves facilmente poderá fazer.

E' curiosa sobremaneira a appellação "Meu Padrinho", que o cantador emprega para designar o padre.

"Devido ás grandes virtudes
Do Padre Cicero Romão
Muitos lhe têm inveja,
Por intriga e ambição;
Muitos, porque conhecem
Que como elle não são."

De accordo quanto á inveja e á ambição; mas não quanto ás suas causas. Mas não são as virtudes do padre, porém sim a sua influencia politica eleitoral...

Prosegue o cantador:

"Para todo o que descrêr
Das cousas do Joazeiro
Não poderá ter perdão
Do Deus Pae Verdadeiro.
— Ide ao Mundo dizer isto,
Que do Deus sou mensageiro!"

Após essa sextilha, na qual ameaça com as penas eternas os incredulos e affirma-se inspirado por Deus, o troveiro matuto narra outros dois milagres:

"Um romeiro, o velho Cunha,
Velo da Varzea do Ovo,
Do Rio Grande do Norte.
Fez *abysmar* todo o povo
Elle ser cego ha trinta annos
E *cobrar* vista de novo!

Velo de Campina Grande,
Da Parahyba do Norte,
Aqui para o Joazeiro,
Sem guia nem passaporte
A irmã de Chica Caçambas,
Lili Mimosa sem sorte.

Fazia mais de três annos
Que essa moça não dormia,
Que essa moça não rezava,
Que essa moça não sorria,
Que essa moça não chamava
Por Deus nem Santa Maria

Logo que ella chegou
E teve os santos tremôres, (?)
Pôz-se logo a rezar,
De alegria jogava flôres
E de alegre exclamava:
— Nossa Senhora das Dôres!

Eu podia bem contar
Com toda a exactidão
Os milagres que tem feito
O Padre Cicero Romão,
Na matriz de Joazeiro,
Para nossa salvação.

Todos já viram os milagres,
Quero saber se ainda tem
Um só vivente no mundo
Que diga que aqui não vem?!
Viva o Santo Padre Cicero
E o Joazeiro, Amen!"

Editado assim esse rosario de milagres em verso, vejamos alguns outros que correm á boca pequena pelo sertão, sem rimas e, portanto, mais susceptiveis de alterações por parte de cada narrador que o transmittir. O das laranjas é typico e assemelha-se muito ao da faca, quanto á sua maneira de formação.

Só havia na região sertaneja do Joazeiro uma laranjeira na casa de uma velha beata, que dava frutos opimos e que a proprietaria tratava com maternal carinho.

Um dia, indo de viagem, o padre Cicero encontrou um "cabra" alto e espadaúdo, com o chapéo de couro pendurado pelo barbicaixo, cheio de laranjas, que sómente podiam provir da tal laranjeira unica e formosa. O mestiço tomou-lhe a benção e elle logo lhe exprobou o roubo dos frutos, certo de que a sua ciosa proprietaria não os daria a qualquer um:

— Meu filho, você furtou estas laranjas — eu sei! — do quintal da comadre fulana. Vá depressa restituir o bem alheio.

O sertanejo, assombrado por ter o padre "adivinhado" o seu delicto, correu á residencia da velha e restituiu-lhe as laranjas. A voz do povo viu nesse facto simples, em que o padre não enxergou e não poz o menor dólo, um milagre e espalhou-o, accrescentando até que o "cabra" foi directamente á laranjeira e, mal erguia os frutos no ar, elles eram attraidos por uma força desconhecida que os fazia de novo ficar suspensos dos galhos de onde haviam sido arrancados.

Como não crêr que é o proprio Joazeiro que cria o padre Cicero?

Tambem sem que para isso em nada contribuam palavras ou obras do padre, toda a gente do Cariry acredita que a terra não comeu o cadaver da digna progenitora do sacerdote e não deteriorará o seu.

A's vezes, o poviléo do Joazeiro inventa coisas no seu fanatismo ignorante. Havia perto daquella povoação grande quantidade de mocós-pequenos roedores, de excellente sabor, que moram entre pedras. Todo o mundo os caçava, mesmo em épocas de fartura, devastando-os. Talvez por isso tenha um dia escapado qualquer palavra de piedade pelos pobres bichos aos labios do "Meu Padrinho". O certo é que uma feita alguem affirmou que os mocós eram delle e desde então nunca mais se matou um unico dos mocós do padre Cicero!

Na vida sertaneja, erma de diversões e de novidades, as menores noticias são "colportadas" com uma rapidez espantosa. O que se diz hoje num logar, amanhã é sabido em toda a redondeza. Naturalmente que nessas condições, todo o beaterio narra diariamente ao seu idolatrado pastor tudo quanto sabe e tudo quanto ouve. Dahi poder elle de quando a quando dizer a um ou outro dos seus parochianos, mais ou menos seu inimigo disfarçado:

— Meu filho, eu soube que você falou de mim em tal parte.

Como de pequenos factos se originaram lendas de milagres, destes nasceu a historia de que o padre possue um bem organizado serviço de espionagem, o que affirmam seus adversarios; e a segurança de que adivinha tudo por causa da sua santidade, segundo repetem seus crentes. Outros têm chegado até a assegurar que, a exemplo dos indios que se correspondiam por pancadas dadas em troncos ôcos, as noticias são transmittidas no Cariry ao padre Cicero por meio de pancadas nos caules das arvores, repetidas de distancia em distancia. Um como telephone sem fio das caatingas! E' provavel que, durante a revolução do Joazeiro, em 1914, tal tivesse acontecido no meio da jagunçada em operações. Mas dahi inferir que o padre tem semelhantes serviços organizados com perfeição prussiana, vae largo passo.

A figura do Padre Cicero Romão Baptista precisa ser despida dos exaggeros com que a têm vestido, afim de poder ser bem comprehendida. Elle é simplesmente a expressão do estado mental e moral duma socledade.

João do NORTE.

45

"Fon-Fon" 12 Março 1927

Nota litteraria

As ultimas e bem cuidadas edições do «Annuario do Brasil» demonstram quanto essa empreza editora se está dedicando de coração á propaganda das grandes obras litterarias no nosso paiz. Releva notar que essas edições não são sómente de autores celebres estrangeiros, mas tambem dos melhores autores nacionaes, feitas com justa escolha e com excellente cuidado material.

Temos sobre nossa mesa de trabalho os livros que ultimamente o «Annuario Brasileiro» deu á publicidade e com o maior prazer os recommendamos á attenção dos leitores. São essas obras as seguintes:

«Historias Varias» do celebre classico Manoel Bernardes, autor da Nova Floresta; «Cartas de Amor» de Soror Mariana, que tanto successo tiveram na sua edição inicial; «Iracema», a lenda admiravel do grande cearense José de Alencar; «Frei Luiz de Souza» de Almeida Garret; «Em busca do Corsario», trecho das afamadas «Peregrinações» de Fernão Mendes Pinto, um dos primeiros europeus que levantaram o véu que encobria os mysterios do Extremo Oriente; «Canto do Natal», do maravilhoso poeta inglez Carlos Dickens.

Esses livros, cartonados com cretones claros do melhor gosto moderno, pertencem á magnifica collecção da Anthologia Universal. Além desses, a citada empreza dá á luz mais os seguintes volumes:

***Ensaios*, de Antonio Sergio, contendo trabalhos eminentes de critica, como um sobre Guerra Junqueiro, de sociologia e de politica, todos vasados de idéas novas e escriptos com um estylo sonoro e leve.**

***Fedon*, de Platão, magistralmente traduzido por Angelo Ribeiro, já em segunda edição, o que é a sua melhor reclame.**

***Contos e Impressões*, de Mario de Alencar, um dos nossos mestres da prosa e do conto, academico dos mais illustres, escriptor consagrado pelo seu alto merito e pela sua vasta erudição.**

De Leonardo Coimbra «A Alegria, a Dôr e a Graça», tambem em segunda edição, livro de estudo e de estylo.

De Teixeira de Pascoaes, escriptor já tão querido entre nós, a «Arte de ser Portuguez», outra segunda edição.

E por fim *Remembranças* do nosso patricio Alfredo Varella, ex-deputado, orador afamado, escriptor de raça, cheio de vigor e estuante de idéas.

A lista que ahi está é o melhor elogio que poderiamos fazer da bibliotheca que edita a sympathica empreza do «Annuario do Brasil». — *J. N.*

"Fon-Fon" 26 março 1921

UM POETA E UM PROSADOR

O poema

Homero Prates, espirito de eleição, subtil e delicado como um Alberto Samain, vem de nos dar um bello livro de versos, que baptisou com um titulo sonoro—*No Jardim dos Idolos e das*

Homero Prates

Rosas. Todo esse livro rebrilha de desejos esvoaçantes em busca da Perfeição e ha nelle um como pantheismo na ardente admiração das formas e das côres.

Elle canta, qual um *guzlar* slavo, a sombra heroica dos poetas e a sombra magestosa dos heróes que passaram pela voragem do mundo, os ultimos commettendo façanhas e os primeiros celebrando-as no ouro dos seus versos eternos.

Do alto da montanha, olhando ao longe a natureza e os homens, o poeta parte levado pelas suas visões de arte, e vae, vae pelos espinhentos caminhos do mundo em busca do seu ideal, cantando epinicios á luz e á vida, ás manhãs coroadas de rosas e ás tardes coroadas de violetas. Anjos e peregrinos o cercam e conduzem pelas edades e pelos paizes mortos até a Hellade augusta, até os bosques pagãos e até o mysticismo ardente de Parsifal.

Todo o poema de Homero Prates vibra de amor á vida e ás coisas da vida, sentindo se que o seu autor, moço e sadio, a ama por todos os motivos. E é por isso que elle fez os seus admiraveis hymnos á Luz e á Belleza, as suas lindas balladas á Vida e ao Amor.

Mas o poeta caminha por entre novas tentações e novas visões, já por entre sombras e pelos jardins do silencio. A desillusão e a duvida começam a embargar-lhe os passos. Não é mais a luminosa alma do cavalleiro do Graal que o inspira, sim a sombra lugubre de Hamlet que o segue. E elle vae parar á sombra dum cypreste.

Máu grado o seu amor á vida, o autor do poema sabe que ella só tem um fim — a morte, sabe mais que a rota dos artistas é semeada de espinhos e que os homens só lhes reservam ingratidões. Assim, a terceira parte do poema se impregna de tristeza: elle diz o hymno á Noite e canta a ballada de Morte. Ha em tudo o scepticismo risonho dos Gringoires, na interpretação que do typo fez Theodoro de Banville. As semeadoras do sonho e do silencio cercam o poeta e por fim á sombra dos loureiros as ultimas folhas caem sobre a pedra branca do seu tumulo. Porém a sua obra ficou aurifulgente e sumptuosa para gaudio dos homens ingratos — como a obra de Prometheu. E é esse o symbolismo magnifico do poema de Homero Prates.

O romance

Aquelles que sómente lêm os livros editados no Rio desconhecem por completo o movimento litterario dos nossos Estados, especialmente dos do Norte, cujos escriptores raramente conseguem dos livreiros cariccas uma pequena edição. No emtanto, muito escriptor feito e digno de toda attenção produz intensamente por esse Brasil afora, sendo tanto mais admiravel e notavel o seu esforço quanto lhes falta o estimulo do publico e de nomoada da capital. Entre aquelles que devotam a vida á arte de escrever na adiantada cidade de Recife, não se pode deixar de mencionar especialmente o nosso collaborador antigo Mario Sette, que é hoje sem elogio um dos melhores prosadores do Norte.

Acaba elle de editar ultimameute um romance de costumes brasileiros, dosado de observação feliz e rescendente ao perfume dos campos do nosso interior.

Deu lhe o titulo suggestivo de *Senhora de Engenho* e desenvolveu sua acção na região que tem sido sempre a terra por excellencia dos Senhores de Engenhos. O engenho pernambucano é tão caracteristico nas suas tradições, usos e costumes quanto a fazenda de creação cearense, o sitio d

Mario Sette

café do centro-sul, a estancia gaucha e o seringal amazonico. E é elle que o joven romancista descreve com habilidade, num estylo leve e claro.

Livro de observação sagaz e criteriosa, toda a vida primitiva e um tanto rude dos campos da terra natal do autor nelle passa aos nossos olhos, vivida por personagens naturaes, nos quaes não se nota um vislumbre de exaggero. E é esta verdade a maior força do romance de Mario Sette.

Parte do enredo transcorre no Rio de Janeiro, com movimento e brilho. Um estudante pernambucano vem á capital por um curso superior. E esse capitulo serve de contraste, aliás feliz, áquelles em que se desenrola a vida provinciana com o seu beatismo, a sua politicalha e, acima desses defeitos, a sua graça singela.

E' um romance brasileiro, de bôa lingua, de bom estylo, de bôa technica, que merece parabens effusivos de todos quantos se preoccupam com a marcha da verdadeira litteratura nacional. Pelos seus intuitos sadios elle subverte os calhamaços indigestos dos pedantes que por aqui andam a fingir de scepticos e a fingir que de tudo sorriem, quando a unica cousa que verdadeiramente nos sorri é a maravilhosa natureza do nosso paiz, inspiradora de livros bons.

JOÃO DO NORTE

12 - Março - 1921

"O HOSPEDE" Aristides Rabello é um medico joven e talentoso, que dedica tanto amor á medicina quanto ás lettras, demonstrando no que escreve, a par duma observação sagaz, uma cultura pouco commum. Todos os que lêm no Rio de Janeiro acompanharam com sympathia e interesse o romance que publicou em folhetim, ha alguns annos, no *Imparcial*. E' esse trabalho litterario que elle agora nos dá em bello volume editado pela livraria Leite Ribeiro.

O Hospede é um livro nacional, recheiado de conceitos admiraveis e todo elle escripto com correcção e elegancia. De todas as qualidades que ornam o romance brasileiro de Aristides Rabello a que mais denota as grandes qualidades de escriptor do novel romancista e aquella que mais nos prende a attenção e mais nos agrada é, sem duvida, a sua naturalidade.

Nada de preciosissimo ridiculo: bôa lingua, phrases simples, estylo leve, sem torturas e sem tropeços, o oiro puro da expressão pessoal inconfundivel. Com taes qualidades superiores o livro a que nos referimos não poderia deixar de ser um de nossos bons livros.

Aprés le bal

(Collaboração feminina)

Dansei hontem toda a noite e não me diverti. Se elle estivesse no baile, teria verdadeiro orgulho do triumpho social que obtive, pois senti sobre mim continuamente os olhares faiscantes dos homens e os olhares de odio das mulheres. Teria orgulho, porque esse triumpho, embora ephemero, de salão, se reflectiria um pouco sobre elle.

Voltando á casa, de automovel, elle me teria sentido toda delle e me teria amado ainda mais. Mas voltei acompanhada e ao mesmo tempo sósinha, triste, silenciosa, encolhida, amarfanhada no fundo estofado do *landaulet*, pensando nelle com uma intensidade immensa.

Oh! como eu o desejaria perto de mim!

A' porta de casa, alguem da minha familia, depois de esperar-me á porta do carro algum tempo, perguntou com impaciencia:

— Estás dormindo, Mariette?

Acordei e, ainda envolta na lembrança delle, respondi:

— Já desço, Julio...

Meu irmão, que era quem me chamára, riu e exclamou:

— Estás sonhando. Eu sou o Antonio, teu irmão. Quem é Julio?...

Eu não respondi e quando cheguei no meu quarto chorei vestida, de bruços sobre a cama, convulsivamente...

Mariette

19 - Março - 1921

A. E. I. O. U. Todo o mundo sabe, queremos crêr, que a divisa official do ex-imperio da Austria constava das cinco vogaes A. E. I. O. U. na sua ordem commum.

Os eruditos da casa de Habsburgo traduziam-n'a em latim de duas formas: *Aquila Electa Juste Omnia Vincit*, pois o *j* e o *i*, o *u* e o *v* se equivalem nos antigos alphabetos; ou *Austriæ Est Imperare Orbi Universum*.

No fundo, as duas traducções equivalem-se, porque, se a aguia elefta tudo vence, a Austria imperaria sobre o universo. O vulgo interpretava as iniciaes celebres em allemão: *Alles Erdlich Ist Oesterreich Unterthan*, toda a terra é dominada pela Austria, ou *Aller Ehren Ist Oesterreich Voll*, a Austria está cheia de todas as honras.

Mas os destinos dos imperios é cheio de surprezas. A Austria desmantelou-se. E hoje seus inimigos desta sorte traduzem as vogaes do seu orgulho: *Austria Erit In Orbe Ultima*...

Se Metternich resuscitasse não resistiria talvez a este escarneo.

"O Jornal - 19 - abril - 1925

O PADRE CICERO E O FOLK-LORE

III

(A egreja do Horto)

Verdadeiro oasis perdido na aridez do sopé da serra do Catolé. Joazeiro é um pouso obrigatorio para os que viajam pelo extenso valle do Cariry, ao sul do Ceará. Dessa sua situação e mais ainda da fama dos milagres locaes e do prestigio do padre Cicero, a grande massa de população adventicia que constantemente a enche. São commerciantes e romeiros, os primeiros tratando de sua mercancia, os segundos procurando remedio aos seus males physicos e moraes. A gente do logar a elles se reune, pela manhã e pela tarde, em frente á residencia do padre, afim de receber a benção. Alta noite os peregrinos saem pelas ruas, mascarados, açoitando-se com disciplinas, salpicados de sangue, cantando benditos, cujas ultimas notas "dormem" no ar.

Nesse meio estranho, semi-medieval, cujo fanatismo vem de longe e o padre Cicero já encontrou em plena eclosão, as poesias exercem uma grande funcção de transmissoras de idéas e de factos, porque faltam outros meios de manifestação do pensamento. Quando o padre Cicero Romão Baptista foi ser vigario do Joazeiro, encontrou ali a esperal-o o mysticismo barbaro nascido no tempo do padre Pedro e o fanatismo caririyense que datava do famoso padre Iliapina. Elle entrava na sociedade onde, nas épocas de luta, o padre Sampaio benzia os cacetes dos capangas, como os curas hespanhoes das guerrilhas contra Napoleão e das emboscadas carlistas. Não é, portanto, "deplacé" que a gente do Joazeiro affirme que elle diz aos jagunços nos tempos de revolução:

— Não dê as costas, meu filho! Entre você e o inimigo está Nossa Senhora!

Mas voltemos aos romeiros e penitentes. Taes alluviões delles buscaram depois de 1890, isto é, depois dos milagres da Maria de Araujo, a povoação do Joazeiro, nella deixando a terça parte dos seus bandos, que o povoado incipiente foi elevado a villa e mais tarde á categoria de cidade. Nesta ultima elevação tomei pessoalmente parte. Fui o secretario do Estado que lavrou e referendou o decreto respectivo, em 1914, na cidade de Fortaleza.

Devido ao grande numero desses peregrinos, o padre Cicero resolveu construir no cume de um cerro, ao lado do Joazeiro, uma grande egreja, porque a antiga capella da povoação não só não condizia com os progressos da mesma, como não abrigava mais todos os fieis.

De esmolas e com esforços ingentes, trabalhando todo o mundo—homens, mulheres e crianças — construiu-se a celebre egreja do Horto, cujas paredes, dizem, fazem della uma fortaleza mais terrivel do que aquella que foi o ultimo reducto da gente do Conselheiro.

Affirmam que essas paredes têm bases de mais ou menos quatro metros!

Nesse nosso ligeiro estudo não nos interessa o seu feitio de fortificação, não nos importa que seja uma Saint Germain de Prés ou uma cathedral de Carcanona do sertão, o que nos prende a attenção é o "folk-lore" nascido della. Entre os muitos cantos e lendas que a seu respeito correm pelo interior do Nordéste, escolhemos a seguinte poesia, que, pela sua fórma, pertence ao genero classico sertanejo, pois que é reminiscencia dos estudos classicos ali deixados pelos jesuitas, antes do marquez de Pombal.

Tem a palavra o cantador matuto:

"Cicero Romão Baptista
Formou está obra santa,
Deu-lhe o risco e deu-lhe a planta,
E por Deus a administrou.
Este padre Evangelista
Distrae o nosso desvario
Com o seu santo Summario
E á salvação nos allega.
Por fim com Christo navega
E a Cruz do Monte Calvario!"

E' preciso conhecer bem o falar sertanejo para entender a segunda parte da sextilha acima. O sertanejo dá a certos termos uma significação pessoal, muito sua. Ahi está allegar no sentido de conduzir e distrair significando mais ou menos attenuar.

"Formou esta obra santa
Em fórma duma egreja.
Bemdito, louvado seja
Quem lhe deu o risco e a planta!
E quem a ella se adeanta
Com o seu santo rosario,
Mesmo cégo, louco ou vario,
Pede a Deus que lhe mostre
Um meio como se prostre
A' Cruz do Monte Calvario!

Parece o monte Oliveira
Onde a obra se formou,
No monte se edificou
Sem levar telha e madeira.
Luminosa Padroeira,
Com a chave do Sacrario,
Na devoção do rosario
A salvação amostrou.
Pois seu filho se prostrou
Na Cruz do Monte Calvario.

Este monte vem a ser
Aonde Jesus orou
E o anjo o fortificou,
Para o calix beber
E nos tormentos soffrer
Com vigor extraordinario!
Se esse santo preparo
Concorre á nossa reza
Sabereis o quanto peza
A Cruz do Monte Calvario!

Quem a vê, vê o Senhor Morto,
Todo ferido e chagado!
Foi por nós crucificado!
Depois que orou no Horto,
Satanaz se vendo solto
Formou planos salafrarios
Com senadores falsarios
Anciões, juiz do povo
Levaram Christo de novo
A' Cruz do Monte Calvario!

Pilatos lavou as mãos,
Mostrando-se innocente.
Ainda hoje ha semente
Dessa mesma geração...
E é essa a causa, a razão
Dos padres serem contrarios,
Vigarios contra vigarios,
Ministro contra ministro...
E assim levaram Christo
A' Cruz do Monte Calvario."

Quasi não ha poesia popular sem satira. O motejo popular é o grande consolador das afflicções da arraia-miuda. E os seus poetas não o esquecem, nem mesmo nas tiradas beatas como esta poesia sobre a grande egreja do Joazeiro.

"Pilatos foi obrigado
Ao Christo dar a sentença
Deante do povo em demencia,
Soberbo e obstinado,
Vendo Jesus accusado
Pelos grandes mandatarios,
Com cravos extraordinarios
Na cruz rebatiam a cunha,
Ficando por Testemunha
A Cruz do Monte Calvario!

São as provas desses factos
Annaz, Pilatos e Herodes.
Só nega isto um Frei-Bódo (?)
Ou então novo Pilatos,
Pretendendo serem gratos
Aos seus correligionarios,
Com elles trocam os rosarios,
E quem este ponto não lê
E' cego, e, pois, não vê
A Cruz do Monte Calvario.

Satanaz teve a affouteza
De tentar a Jesus Christo,
Quanto mais qualquer ministro
Que não tem igual pureza,
Que é como uma luz accesa
Que segue o vento contrario,
E se apaga a luminaria
Como Pilatos apagou,
Quando Christo condemnou
A' Cruz do Monte Calvario!"

Na producção rimada deste vate ou escalde rude do sertão, que goza de certa instrucção e herdou de seus maiores rudimentos de versificação antiga, ha coisas verdadeiramente bellas, para as quaes não se póde deixar de chamar a attenção do leitor. Por exemplo, essa comparação do pecador com a luz accesa que segue a direcção do vento, para mostrar como a alma fraca se curva ao sopro do demonio. E' realmente bonita,

"Estamos no fim do mundo,
Completando a propheeia,
E as leis que temos hoje em dia
Nos trazem presos, moribundos,
Imagino, penso e sondo
Que assim é necessario,
Vendo bispos e vigarios
Dormindo desacordados,
Ou de encontro ao que foi levado
A' Cruz do Monte Calvario.

Estamos entre os phariseus,
Entre os sabios e ministros
Que crucificaram Christo
Por serem reis dos Judeus
Os sete irmãos Machabeus,
Com valor extraordinario,
Os barbaros mandatarios
Viram morrer cruelmente
Aquelle pobre innocente
Na Cruz do Monte Calvario.

Deus, nas taboas de Moysés,
Escreveu dez mandamentos,
Porém hoje o povo nojento
Já nelles metteu os pés.
Vão de encontro a todos dez,
Seguindo o lado contrario,
São brutos extraordinarios
Que lêm e não entendem,
Vão de encontro ao que defendo
A Cruz do Monte Calvario.

Deus deixou São Pedro em Roma
Da Egreja autorizado
Para seguir seu mandado,
Com uma lei que nos doma
Deu a Pedro seu diploma
E a chave do Sacrario,
Fez Pedro seu secretario
Seu ministro e successor,
Subiu ao céo e lhe entregou
A Cruz do Monte Calvario.

Após tantas divagações, sobre coisas da historia santa, vistas com seus olhos e ditas com suas palavras, o poeta nordestino termina o seu poemeto, elevando o padre Cicero ao papel de novo Christo e alludindo ao processo que lhe foi movido em Roma:

"Não sei a Egreja Romana
Porque foi que recusou
Um igual ao que salvou
Da força a Casta Sanecão!
Se a mente não me engana,
Não vejo prova em contrario,
No aperto extraordinario,
P'ra morrer, estarei prompto,
Mas não navego de encontro
A' Cruz do Monte Calvario.

Viva! Viva o Joazeiro!
Com toda a sua Doutrina
E quem o rege e domina
Por um só Deus verdadeiro,
Visito como romeiro
A nova Jerusalem
E vou dar meu parabem
Ao grande Evangelista
Padre Cicero Romão Baptista,
Para todo o sempre, Amen!"

A egreja do Horto tem um nome de encommenda, que lembra o Gethsemani e as angustias do Christo; e os versos do troveiro comparam a este o padre Cicero, dominador e regedor da Nova Jerusalem. O "folk-lore" que se vae creando em torno da figura do sacerdote cearense, é um libello perigoso. Felizmente, as doutrinas da Egreja Catholica e Apostolica Romana andam de parafusos meio frouxos, senão só nesta versalhada haveria materia demais para caracterizar uma heresia: o fim do mundo, a crítica á Curia, por ter recusado crêr no novo Christo, a doutrina do Joazeiro, o novo Evangelista e a nova Jerusalem. Por muito menos talvez, João Huss foi queimado e Luthero escondeu-se no Wartburg... O titulo da egreja do Horto, egreja onde ora o padre Cicero, é significativo do que o povo do Joazeiro quer de verdade que elle seja...

João do NORTE.

O perfume da Renascença A Renascença—a grande lição do Paganismo morto — dada pela Italia do decimo quarto e decimo quinto saculos ao mundo inteiro, e uma das épocas da historia que mais seduzem os espiritos inclinados á meditação e ao estudo. Ha nella um brilho tão elevado e uma sensualidade tão fina de attitudes e de acções que a gente se deixa magnetisar por essa época gloriosa.

Se sempre aconteceu assim em relação aos homens de estudo e de arte, maior é essa seducção actualmente, pois que o abastardamento material do nosso tempo serve de extraordinario *reponsoir* a esses dois seculos de espiritualismo elegante.

E é por isso que André Lebrey dá como razão de publicação do seu livro sobre Lourenço de Medicis o simples perfume da Renascença, dizendo que, nestes dias de cobardia, mesquinhez e infamia vêsga, esse odôr longinquo do passado magnifico não poderia deixar de ser proveitosa lição.

"Fon-Fon" 19 Março 1921

47

"O Jornal" 24 abril 1921

O PADRE CICERO E O FOLK LORE

IV

(FACTOS HISTORICOS)

No meado do seculo passado, em 1865, mais ou menos, o Joazeiro, hoje em dia tão celebre, era apenas uma fazenda sem grande valor, de propriedade do brigadeiro Leandro Bezerra Monteiro e de seus filhos José Geraldo Bezerra Monteiro e Joaquim Antonio Bezerra de Menezes. Ali, nessa mesma época, estes proprietarios, auxiliados pelo afamado padre Pedro do Crato, edificaram uma pequena capella, em torno da qual começaram a apparecer algumas casas.

O padre Cicero Romão Baptista, que recebera as ordens do presbytero, no Seminario de Fortaleza, em 30 de novembro de 1870, foi, com permissão de d. Luiz Antonio dos Santos, primeiro bispo do Ceará, fazer missão na freguezia do Brahiry, perto do Crato, onde residia sua familia. Começou ahi o seu apostolado sertanejo, num meio infeliz, ignorante, rude, abandonado pelos poderes publicos, anarchico e semi-revolto, necessitado de amparo moral e de prestigio centralizador de energias. A sua palavra foi logo conquistando adeptos e despertando mesmo naquelles que alguma cousa sabiam do passado daquellas regiões á recordação das figuras do padre Antonio Vieira, missionario na serra da Ibiapaba, do padre Ibiapina, que em torno de si creára um extranho e formidavel poder espiritual; emfim, daquelle padre Pinto, catechisador e martyr, o famoso Amanajára dos indios, cuja pegada ainda hoje se mostra numa pedra, no alto da Serra Grande, como os musulmanos de Ceylão mostram o rasto de Adão, num rochedo da sua ilha...

Quando o padre Cicero se estabeleceu de vez no Joazeiro, corria o anno de 1871 e ali já havia um pequeno arraial. Desse anno até 1890, portanto, durante dezenove annos, não se falou quasi no nome do apostolo dos sertões, que lá com a sua palavra e com os seus actos alicerçava o seu prestigio estupendo. Elle se havia de mostrar publicamente nesse anno de 1890, quando começaram os milagres da beata Maria do Joazeiro, que sujava de sangue as hostias com que commungava. E o sertão mystico, ignorante e avido de soccorro espiritual no abandono á que os governos o mergulhava, abalou-se todo em romaria á Nova Jerusalém.

Quando se deu esse extranho movimento popular, que passou inteiramente despercebido a nós homens da civilização littoraneana, que mal damos de vinte em vinte annos uma olhadela curiosa ao sertão do nosso paiz, cadinho de raças e de acção mentaes, moraes e materiaes, que mal suspeitamos, a vóz do povo, o "folk lore" préviu tudo quanto se passaria dahi por deante, com o Joazeiro e a pessôa do padre, numa simples phrase, num como dictado, que attribuem em primeira mão ao sr. Antonio Joaquim da Rocha:

— "O padre Cicero começou missionario, será millionario e acabará revolucionario."

O tempo e os factos deram razão á prophecia popular. O antigo missionario do Trahiry constituiu uma das maiores, senão a maior fortuna do interior do Ceará. E, quando os desmandos do inepto Franco Rabello, guiado pelos Manés Onças e pelos chefetes, canalhedos da capital, tornou insupportavel a vida no Estado, foi a vóz do padre Cicero que levantou das catingas do sertão, um exercito de jagunços para derrubal-o.

Dez annos após a época movimentada dos milagres da hostia, em 1900, depois do padre Cicero ter tido a respeito conferencias com o bispo d. Joaquim José Vieira, depois das circulares deste, do processo julgado pela Sé Apostolica, o Joazeiro decahu um pouco. Muita gente deixou-o para ir estabelecer-se nos campos das vizinhanças. Mas o repiquete da sêcca de 1908, de novo tangeu todas essas ovelhas para o aprisco primitivo.

Foi nesse mesmo anno que teve logar a questão politica do Crato, capital do Cariry e da zona do *cangaço*, no Ceará. Era chefe politico despotico da região, o vice-presidente do Estado, então governado pelo fallecido dr. Antonio Pinto Nogueira Accioly, coronel Antonio Belém de Figueiredo. Os homens de prestigio da redondeza armaram os seus acostados, reuniram o *ban* e o *arrière-ban* dos seus cangaceiros e sitiaram o Crato. Tomaram-no de assalto, após terrivel tiroteio, com a gente de Belém, e depuzeram este da tal chefia, elegendo para ella o coronel Antonio Luiz Alves Pequeno.

A' frente da gente do Joazeiro, que participou da pequena guerra, estiveram os coroneis Augusto Bacurão, Diogenes Frazão e Joaquim Bezerra de Menezes.

Não pretendemos — e o titulo destes artigos nol-o prohibe — fazer outro curso do que mostrar as manifestações "folk-loristicas, em torno da figura do padre Cicero o dos factos, em que tem tomado parte. As nossas notas historicas têm, portanto, sómente um fito: mostrar a origem dessas manifestações de "folk-lore".

Fechado este parenthesis, repitamos as quadras que cantavam nesse movimento os cangaceiros fanaticos do Joazeiro e que ainda hoje repetem:

"Eu sou gitirana-boia,
Besouro do Piauhy,
A menó graça que faço
Não é p'ra négo sordi...
Envergo o corpo p'ra trás
Mando a mão, vejo cai!"

"Querendo fazê sapato
Inté sou bom sapateiro;
Querendo tangê comboio
Inté sou bom comboieiro;
Querendo andá no cangaço,
Inté sou bom cangaceiro,
Que isso de matá gente
E' o serviço mais maneiro...".

Estes dois ultimos versos pintam o coração do jagunço e do Cangaceiro. Maneiro quer dizer leve e, por extensão, facil. Imagine-se que gente é essa que canta trovas, nas quaes se affirma que de todos os serviços o mais leve, o mais facil é matar gente!

A gente do Joazeiro tinha grande interesse na quéda de Belém de Figueiredo. Este, como vice-presidente do Estado, sempre se oppuzera á pretensão da mesma em promover a sua povoação a villa. Não convinha ao chefe do Crato que o seu municipio perdesse aquella terra e aquella população. Além disso, o prestigio do padre se tornaria maior com a independencia administrativa do logarejo. Nesse ponto o novo chefe continuou as tradições do antigo. E os joazeirenses guiados pelo padre, começaram a lutar por todos os modos para se libertarem da tutella do Crato.

O coronel Joaquim Bezerra foi quem mais trabalhou com esse fim, conferenciando com o presidente Accioly, fazendo campanha pela imprensa, apoiando-se em certos chefes politicos do interior, desejosos de diminuir a força dos cratenses. Nada, porém, conseguiu. Emfim, o padre Cicero interveiu de modo directo, na questão, rompendo politicamente com Antonio Luiz e o Crato. Ahi o dr. Nogueira Accioly — politico habil — fez um conchavo de que resultou a elevação do Joazeiro a villa.

Foi no tempo dessa luta que um poéta anonymo do Joazeiro, alludindo ás celebres aphtalinas reinantes na zona do Crato, fez esta quadra perversa:

"Aquella gente do Crato
Desta nova villa manga.
Para que não limpa o sujo
Dos olhos de Sapiranga?..."

A revolução que derrubou a facção rabellista do poder, em 1914, deu á gente do padre Cicero o direito de pleitear a creação da cidade do Joazeiro. E esse acto foi lavrado no referido anno, pelo presidente Benjamin Barroso.

João do NORTE.

"Jornal" 12 Março 1921

O Carnaval e a morte

Toda vez que passo no meu bonde pela rua general Polydoro, em frente ao cemiterio de S. João Baptista, assisto a scenas que me enchem de tristeza: enterros, pessoas que saem dos portões, de luto, chorando.

Um destes dias, ao crepusculo, vi um pobre homem que levava ao hombro uma caixa de papelão com um «anginho» dentro, acompanhado por tres creancinhas chorosas, cada qual com um ramalhete de flôres na mão. Mas o espectaculo mais triste que alli presenciei foi na segunda-feira de carnaval. Eu ia para a cidade e olhava sorridente os grupos de mascarados que passavam. De repente, vejo desembocar da rua S. João um cordão carnavalesco, resoante de maracás e pandeiros, ao mesmo tempo que do outro lado vinha um enterro humilde, a pé. Logo, todos os que acompanhavam o caixão viraram o rosto, evitando vêr as mascaras engraçadas dos foliões e estes, emmudecida a sua musica e parados os seus cantos, respeitosamente e confusamente se afastavam do caixão mortuario.

Assim, o carnaval e a morte se encontravam á porta da necropole e me enchiam duma tristeza horrivel, porque me faziam profundamente pensar no ridiculo carnaval da vida, cujo fim é impreterivelmente aquelle.

Parece que em ruas visinhas de cemiterio devia ser prohibida a passagem de bondes, de mascarados, de cordões, afim de evitar tão desagradavel contraste.

"O Soberano de Ouro"

Foi ha muito tempo que elle existio. Na segunda metade do decimo terceiro seculo. E governou um povo que durante centenarios foi opprimido e hoje gloriosamente resuscitou. Chamava-se Ottokar II.

Era o mais illustre e insigne representante da grande dynastia dos Przemyslidas. E fundou na região onde hoje se estende a Republica Tcheco Slovaca, isto é, Bohemia, Moravia, Slovaquia, Silesia, parte da Galliza e da Hungria, um dos mais poderosos imperios da Europa Central. Antes dos Hohenzollerns e Habsburgos sonhou o sonho glorioso duma *Mittel-Enrope* organizada.

O seu imperio ia territorialmente das aguas do Adriatico aos Montes dos Gigantes. Sua côrte era elegante, faustosa, duma magnificencia meio moscovita e meio bysantina. Todos os visinhos temiam suas tropas disciplinadas e audazes. Troveiros e menestreis espalharam pela Europa toda, ao som das guzlas e das violas, a gloria immensa do «Soberano de Ouro».

Foi o rei habil que, aproveitando a anarchia feudal da Allemanha, ergueu alto a gloria do nome slavo e o primeiro politico que reunio para os mesmos destinos os Tcheques e os Slovacos separados pela invasão hungara do decimo seculo.

Hoje, essa união está feita pela segunda vez e asselada cem sangue. E queiram os numes que nada a enfraqueça. Que sobre ella vele a gloria do «Soberano de Ouro».

19 Março 1921

Mentira diplomatica A diplomacia é uma arte util, muitas vezes nas mãos de gente inutil. Entretanto, as missões diplomaticas só deveriam ser confiadas a quem tivesse preparo, intelligencia e actividade excepcionaes.

Pensamos em fazer estas considerações, ao encontrarmos a definição que deu de diplomata o notavel embaixador inglez Sir Henrique Wolton, em 1604, no album dum amigo, quando fôra enviado pelo seu governo em missão especial junto ao governo ducal da Serenissima Republica de Veneza:

« Todo embaixador é um homem honrado enviado ao extrangeiro, afim de mentir no interesse de seu paiz. »

Bene et belle!

"Fon-Fon" 12 Março 1921

UNIFORMES HISTORICOS

O pintor paulista J. Washt Rodrigues profundamente estuda a historia e a evolução dos uniformes brasileiros, com uma dedicação que merece os maiores encomios. O joven artista, depois de se documentar com o que sobre o assumpto existe nas bibliothecas, archivos, collecções particulares, documentos officiaes, livros e gravuras conseguio organisar uma admiravel collecção de aquarellas dos fardamentos do Exercito brasileiro, desde 1772 até os dias de hoje. E a esse consciencioso trabalho póde-se applicar a phrase do marechal Leboeuf nas vesperas da guerra de 1870: «não falta um botão na polaina dos soldados», pois que a precisão das minucias é francamente extraordinaria.

O Sr. Ministro da Guerra, Dr. Pandiá Calogeras, que tão superiormente dirige essa importante pasta, resolveu adquirir a referida collecção, constante de 240 *planches*, com figuras a pé e a cavallo. Desse total já o Sr. Washt Rodrigues entregou 120, devendo dar as outras depois dos necessarios retoques.

Todo o mundo sabe que o nosso companheiro Gustavo Barroso (João do Norte), quando deputado e membro da commissão de Marinha e Guerra da Camara, muito se preoccupou, estudando-as, com questões de historia e tradicção militares do nosso paiz. Fundindo as suas notas pessoaes com os documentos e notas do pintor paulista, elle está organisando o texto descriptivo que acompanhará o album desses uniformes, album que o citado Ministerio publicará em commemoração ao Centenario.

A nossa capa se compõe de quatro desenhos duma das *planches* de Washt Rodrigues já entregues ao Ministerio e fôram tirados duma duplicata em poder do nosso companheiro. Representam: em cima, á esquerda um pharmaceutico; á direita um medico, ambos segundo o plano de uniformes do Corpo de Saúde em 1858; em baixo, á esquerda um official de caçadores a cavallo, de grande gala, em 1866; á direita, um general tambem de grande gala, em 1858.

"Novela Semanal" Buenos Aires"

Año V Buenos Aires, 21 de Febrero de 1921 Nº 171
DIRECCION: MIGUEL SANS

EL LUNES PROXIMO PUBLICAREMOS:

MOSQUITA MUERTA

por GUSTAVO BARROSO

En el intercambio intelectual con las repúblicas vecinas, que iniciamos hace tiempo, y en cuya realización no hemos ahorrado esfuerzo, llegamos hoy a ofrecer a nuestro público producciones originales de los más notables escritores del Brasil. Sus obras, especialmente escritas para nuestra publicación, y cuidadosamente traducidas, son una valiosa adquisición que esperamos sea justicieramente apreciada.

Mosquita muerta de Gustavo Barroso (Joao do Norte) uno de los escritores jóvenes de mayor prestigio, es una novela interesantísima, llena de emocionantes episodios, que refleja admirablemente las curiosas y originales modalidades de los habitantes de una región del Brasil. Las pasiones de los campesinos, sus preocupaciones, odios, amores y esperanzas están hábilmente pintadas, de modo que, sin esfuerzo, el lector vivirá la vida ruda de aquellas regiones.

49

"Fon-Fon" 19 Março 1921

As Amazonas As mulheres guerreiras são menos raras do que se pensa. E ha povos que as possuem nos tempos modernos com a abundancia com que os germanos de Tacitos os possuiram na antiguidade.

Uma das historias em que reluz mais fortemente o esplendor das mulheres batalhadoras é, certamente, a da Bohemia. Ha um periodo na vida gloriosa do admiravel povo slavo dos Tcheques que habita o antigo paiz dos Boios cheio de admiraveis façanhas femininas, que recordam o heroismo das mulheres moiriscas repellindo os sitiantes de Galera, e a valentia de Dona Maria de Toledo ou da celebre Joanna Hachette. Foi quando os tcheques luctaram contra o duque Przemysláo. Durante oito annos, sem interrupção, um esquadrão de mulheres guerreiras, commandado por Viasto fizeram frente ás tropas adversas.

Infelizmente, não houve, para cantal-as nos nossos dias um Heredia — o magno poeta que gravou em rimas de bronze a coragem maravilhosa das heroinas do Thermodante.

"Fon-Fon" - 12 - Março 1921

Os casamentos

(Collaboração feminina)

Comprehendo que se censurem os casamentos, mas certos casamentos, não todos. Não comprehenderia que se censurassem outros, os verdadeiros, os raros, os rarissimos, os que unem de verdade os entes que se adoram e que são feitos exactamente um para o outro.

O casamento bem comprehendido não pode matar o amor. Antes o torna uma coisa maravilhosa. Ao lado do fogo da paixão, tece a affeição solida, que é a base duma vida inteira. E' assim que vejo as coisas. Talvez seja utopista, idealista. Peço á vida tudo quanto a vida tem de bello e tudo quanto de bello ella me pode dar.

Sempre vivi dentro do Maravilhoso e da Imaginação. Quando tomo pé, a Realidade me faz mal. Então, mergulho novamente no meu sonho. Por isso, estou certa, soffrerei sempre. Nunca penetrei muito na vida. Sempre existi á parte.

Quando era menina, gostava dos contos de fadas. Jamais duvidei que a vara de condão tivesse vestido de rainha a pobre Borralheira. Acreditava em milagres e na resurreição de Lazaro, quando perdi uma irmãsinha adorada!...

Com toda a minha convicção infantil pedi a Deus — lembro-me bem — com intenso fervor que lhe reabrisse os olhos e esperei anciosa. Nada! Nada! Nada!

Nunca pude comprehender por que Deus não me attendeu á supplica, porque Deus foi surdo deante do meu pedido!...

Nós nunca mudamos completamente. Não acredito mais em milagres. Mas de tudo me ficou uma imaginação intensa, que é a vara de condão que enfeita e transforma todas as coisas para m'as apresentar melhor do que na realidade são.

E dahi eu, que tanto prezo e defendo tanto a minha liberdade, tenho esse modo ideal de encarar os casamentos.

Marietta

26 abril 1921
"Diario de Pernambuco"

De uns e de outros...

Um dos aspectos mais interessantes do nacionalismo é o que diz respeito á arte e á literatura. Uma e outra teem forçosamente que reflectir o meio em que vivemos e nos agitamos. As sensações verdadeiras provem da observação "d'après nature". Fora disso é o plagio, é a imitação, é o "pastiche". E' ridiculo estarmos agora a cantar os crepusculos cinzentos só porque Oscar Wilde falla á miudo delles, e crearmos um mundo ficticio com os livros e os auctores de fora que absorvemos.

E' intoxicação literaria que amortece a sensibilidade e cria um exercito de imitadores, sem personalidade e sem vida propria.

Leio de vez em quando versos que distillam a tristeza e o amor doente, que fallam em neves de inverno em melancolia de outomno quando em volta de mim o sol brilha forte, o ceu é azul e rutilante e o thermometro, no meu lado, marca de janeiro a dezembro 27 a 30 graus, imperturbavelmente.

Ora essa versalhada de pechisbeque não pode de modo nenhum ser o reflexo de minha terra nem interpreta o pensar e o sentir de minha gente. E como a arte é, segundo a formula de Zola, um recanto da natureza visto atravez de um temperamento, claro está que isso pode ser tido como arte, pois falta o recanto da natureza que é tudo. O temperamento tambem não existe: é emprestado. Vê-se por ahi que um movimento de idéas que venha romper com essa atmosphera artificial é digno de todos os applausos. E esse movimento, graças a Deus, existe. As edições da "Revista do Brasil" constituem uma bibliotheca nacional e toda uma phalange moça e ousada que nellas se enfileira. Desde os "Urupês" de Lobato até os "Caboclos" de Valdomiro Silveira, tudo é perfeitamente nosso. E não são apenas contos: são versos, romances, estudos sociaes. Não se publicou até aqui, em materia de sociologia brasileira, nada melhor que "As populações meridionaes do Brasil" por Oliveira Vianna tem dos ultimos volumes dessa serie é o livro de contos de João do Norte, "Casa de maribondos". O vigoroso paysagista da "Terra de Sol" e o agudo pyschologo de "Heroes e bandidos" continua a sua serie de contos locaes, calcados sobre factos mais ou menos veridicos, tomados da vida sertanja do Ceará. Nelles o auctor não se preoccupa muito em alimentar a vida de seus personagens. Traça apenas ligeiros episodios. Não são retratos rigorosamente interpretados. São "pochades", caricaturas em dois ou tres traços, pondo em relevo o lado humoristico, grotesco, ingenuo, perverso de seus typos. Em tudo vê-se, porem, a cor local que é justamente o que dá relevo ao livro.

João do Norte que é um dos mais operosos escriptores da nova geração tem em preparo não só novos estudos, chronicas, conferencias, como interessantes subsidios para o "folk lore" nortista.

A' "Casa de maribondos" seguir-se-ão a novella "Mula sem cabeça", "O Livro dos milagres" (contos), "Almas de lama e de aço" (estudos de bandidos) alem de outros volumes no prelo e que apparecerão brevemente.

O escriptor creou para si uma reputação tão firme que não se suppõe que a quantidade de suas producções soffra na sua qualidade.

O sr. João do Norte é sobretudo sincero e verdadeiro, na sua arte. E bastam esses predicados para dar á sua obra um caracter duradouro...

A. FERNANDES.

"Fon-Fon" 19 Março 1921

FON-FON EM PARIS

A nossa mui distincta patricia senhorita Marietta de Verney Campello que se acha actualmente na Europa, aperfeiçoando-se na sua difficil arte, é mais uma notavel cantora brasileira que começa a fazer figura fóra da sua patria. A senhorita de Verney Campello, ornamento da nossa sociedade, de tal modo se tem distinguido nas rodas de artistas da musica e do canto em Paris que está sendo constantemente convidada para tomar parte em concertos publicos, sob a presidencia de autoridades francezas. Temos á nossa vista os programmas de dois desses concertos em beneficio de obras de caridade. Num delles, organisado pela Commissão das Festas Corsas, realisado na séde da *mairie* do decimo districto municipal de Paris, a nossa conterranea cantou em companhia do tenor Camargo, da Opera, o duo de «Manon» (1° acto) e sosinha a aria de Lakmé. Noutro, que teve logar no quarto *arrondissement* da mesma capital, em favor das obras da aldeia de Tracy le Val, no Oise, devastada pela guerra, cantou a aria da Loucura de *Hamlet*. Em ambas as recitas, o nome da senhorita Campello figura entre os maiores artistas francezes actuaes, na especialidade: Mademoiselles Helene Bandy, da Opera Comica, Vandevelde, primeiro premio do Conservatorio de Paris, Anselme, do Theatro Real de Bruxellas, Madame Chiaverini, Messieurs Camargo, Barencey, do Odeon, e Pierre Reinier

A necessidade das "elites"

— Eu não acredito na victoria geral do bolschevismo no mundo, disse me um dia Claudio França. Eu não acredito no triumpho da vulgaridade. As victorias plebéas são passageiras e destruidoras. As victorias das aristocracias são duradouras e constructoras.

Silenciou; momentos depois, proseguio na mesma ordem de idéas, lenta e discretamente, as suas considerações:

— Não ha, nunca houve, não póde haver sociedade alguma capaz de existencia e de acção util sem uma *elite*. Não é possivel ser de outra maneira. Não ha corpos sem cabeça e a terra si se torna totalmente chata será inhabitavel. E todo o povo tem forçosamente, de reconhecer a necessidade duma olygarchia digna.

Sorri, um tanto incredulo. Elle concluio:

— Por certo. Não quero que essa *elite* seja composta pelos soldados, arrastando espadas, ruidosamente. Não a desejo como se dá no nosso paiz, synthese dos oradores de *carrefour* e chicanistas: récua de faladores vasios, prodigiosamente vasios. Mas a vejo com os olhos do espirito digna e inconfundivel: — reunião das intelligencias verdadeiras, claras e generalisadoras.

Sobre musica

Acabavamos de ouvir por uma notavel pianista, numa recepção elegante, um trecho de Gluck. Eu louvei o grande artista e recordei algumas de suas obras mais admiraveis. O meu amigo Claudio França concordou commigo e falou:

— Como a musica, de todas as manifestações intellectuaes, é aquella que melhor se acommoda á servidão espiritual, foi essa arte a unica que progredio na Austria, onde a tyrannia sempre dominou. E toda musica austriaca é uma reducção dos sentimentos geraes das varias raças da monarchia morta, bem combinados. A musica austriaca tem a claridade da melodia italiana, a profundez da harmonia germanica e a sensivel melancolia slava. Dessa chimica sahiram Mozart, Glück, Haydn, Beethoven, Solieri e Clementi.

Ao sahirmos, convidei Claudio a ir ceiar commigo no Assyrio. Elle perguntou-me a queima-roupa

— Lá tem orchestra?

— Tem.

— Então, não vou. Depois de Glück executado por aquellas mãos divinas, pallidas como marfim velho, não vou. E depois duma pausa:

— Não commetto sacrilegios.

As sibyllas

Não ha na historia da humanidade personagens mais celebres e mais constantemente falladas do que as sibyllas. Toda a antiguidade acreditou de tal modo nas suas prophecias e o christianismo nos seus primordios a estas tanto recorreu, que julgamos interessante explicar aos leitores quantas e quaes eram essas conhecedoras do futuro.

Foi Varrão quem primeiro as enumerou nas suas «Coisas divinas antigas». A primeira era a sibylla Persica, de que falla longamente Nicanor, historiador de Alexandre Magno. A segunda era a Libyca, de que falla Euripides no prologo das Lamias. A terceira, a Delphica, citada por Nevius nos seus livros a respeito da Guerra Punica e por Pisão nos «Annaes». A quarta era a da Erythréa, compatriota de Appollodoro, segundo elle proprio o affirmava, que predisse aos Gregos, ao partirem contra Ilion, que Troya cahiria e que Homero escreveria mentiras. A quinta, a Samiense, cujo oraculo Erasthothenes affirmava ter encontrado nos annaes do povo de Samos. A sexta, a Cumana, appellidada Amalthéa, Demophila ou Herophila, que levou os nove livros sibyllinos a Tarquinio o Antigo. A setima, a Hellespontina, nascida na Troada, na aldeia de Marpesso, perto da cidade de Gergithiusa, contemporanea de Cyro e de Solon, segundo Heraclide do Ponto. A oitava, a Phrygia, que prophetisava em Ancyra. A nona e ultima, a Tiburtina, chamava-se Albunéa e era venerada como divindade ás margens do Anio.

As sibyllas pagãs de Varrão, trazendo ás mãos symbolos catholicos immobilisam-se hoje em dia no lióz doirado pelo tempo dos porticos divinos das mais bellas cathedraes gothicas de França.

"Selecta" 9 abril 1921

A Republica de Ragusa

Nos ultimos tempos, devido ás divergencias entre a Yugo-Slavia e a Italia a proposito de terras banhadas pelo mar Adriatico, muito se falou na Dalmacia, que é a antiga Illyria dos romanos, e na sua celebre cidade de Ragusa. Não é, portanto, descabido dar aos leitores algumas notas a respeito dessa velha e interessante cidade.

Ragusa, que os slavos denominam Dubrovnik, foi fundada mais ou menos no setimo seculo da era christã por alguns colonos italianos e servios. Como as pequenas republicas da Italia, ella teve, após a queda do Imperio Romano, uma constituição aristocratica.

Desde o nono seculo, sua industria e seu commercio fôram muito florescentes. Seus governantes souberam dirigir-se com habilidade entre as ambições contrarias dos Venezianos e dos Principes da Servia, quando poderosos. Durante a Idade Media, no emtanto, teve de acceitar e supportar o protectorado da Serenissima Republica de Veneza. Depois, passou para debaixo da protecção da Hungria e pagou até um tributo aos turcos conquistadores da Peninsula Balkanica.

No decimo quinto seculo, chegou a alto grão de riqueza e importancia. Tinha consules e agentes em todas as escalas do Levante e possuia mais de trezentos navios de longo curso, com uma excellente marinhagem e officiaes competentes. Tudo isso fez, possuindo uma população de cerca de quarenta mil habitantes.

Em 1667, um terremoto derrubou metade de suas casas, matou-lhe umas cinco mil pessôas e causou-lhe prejuizos immensos. Acabou a sua ruina a intolerancia fanatica dos seus dirigentes, que eram catholicos ferrenhos, para com os mercadores da religião orthodoxa.

Afim de evitar a visinhança, por demais perigosa, dos venezianos avidos e ambiciosos, a Republica de Ragusa cedêra os dois territorios do Kletk e da Sutorina, que a isolavam da Dalmacia, ao Sultão da Turquia.

Vista panoramica de Ragusa.

Do decimo quinto ao decimo setimo seculo, Ragusa foi séde duma escola poetica slava, cujas obras são ainda hoje consideradas como classicas. Os principaes poetas representantes desse bello movimento litterario fôram os lyricos Mincetic e Darzic, os epicos Giorgie, João Gundulic, autor do poema «A Osmaniada», e Palmotic, autor da «A Christiada».

Ao tempo de Napoleão foi capital da Illyria e o marechal Marmont foi duque do seu nome.

Entre seus sabios, podem ser citados Banduri, que escreveu o «Imperium Orientale» e Boskovich, grande mathematico.

Ainda hoje Ragusa é o centro intellectual dos slavos do Sul.

A paz de Versalhes entregou-a, reduzida a poucos milhares de habitantes e decahida de seu antigo esplendor ao novo reino Serbo-Croata-Sloveno, cuja lingua os ragusanos fálam e a cuja raça pertencem.

"Fon-Fon" 19 Março 1921

Galanteria Eu encontrei a minha amiguinha Gladys, que é loura e muito bella, sentada sósinha num banco da praia do Russell, riscando com a ponteira de marfin do *en cas* o saibro fino do chão. Vestia um *Tailleur* côr de malva e puzera sobre o banco o seu chapeu preto, simples, modelo de *chez Laurry*, rue Saint Honoré. O vento da tarde brincava com o oiro magnifico dos seus cabellos. Um tom lilaz magoado e dôce envolvia ao longe a aspereza verde das montanhas. E um grande transatlantico sahia á barra, empennachado de fumo negro.

Beijei-lhe a ponta nervosa dos dêdos. Sentei-me ao seu lado. Conversamos. E ella contou-me toda a historia duma de suas ultimas paixões, que, como fôra a ultima, lhe parecia a mais forte de sua vida. E, como eu extranhasse que tão depressa ella e elle tivessem chegando áquella ardencia de amar, a minha amiga, após sorrir mysteriosamente, disse-me:

— Você não se lembra daquellas palavras de Bocaccio: «Nessas coisas o difficil é simplesmente começar.»

Anoitecia. Já passavam automoveis de lanternas accezas. E eu meditei sobre a frase maliciosa do *Decameron* repetida por aquelle labios de coral. De repente, me enchi de coragem. Convidei a minha amiga para uma volta de automovel até o Leblon. Acceitou. Dentro do carro, instintivamente, chegamos um para o outro, eu levado por um desejo antigo, de ha muito sopitado, ella pela necessidade de esquecer o *ultimo*.

E ambos desmentimos redondamente o velho Bocaccio: começamos com tanta facilidade que é de prevêr ser difficil acabarmos...

A hora lilaz Um de meus amigos veio conversar commigo outro dia, de tarde, no banco da praia do Flamengo em que eu, silenciosamente fumando o meu grande charuto, assistia á hora lilaz. Ha em Constantinopla a hora de oiro e a hora azul. O Rio tem a sua hora lilaz. E' por este tempo, ás seis e tanto. Todo o céo e todo o mar ficam arroxeados, magoados, tristes, e um vêo levemente violetado cobre a face dos morros e das casas.

O meu amigo veio conversar commigo e queixou-se amargamente de todo o mundo andar commentando um certo facto intimo de sua vida.

— Para que o contaste?

— Eu o contei a um camarada, por necessidade de expandir-me. Estava com aquillo me fazendo peso. Precisava communicar-me com alguem e o fiz com esse typo, que logo o foi espalhar por toda a parte. Miseravel!

— Quando a gente tem um segredo, não o diz nem a um buraco no chão como o barbeiro do rei Midas, porque as plantas que o souberem pela raiz poderão explical-o pelas fôlhas, tal qual aconteceu na fabula antiga, admiravelmente narrada por Petronio, no *Satyricon*.

— Tens razão. Mas eu cuidei que essa creatura fôsse digna...

— Meu caro, Ariosto já dizia no canto IV do *Rolando Furioso*, se me não engano, que sobre a terra não se conversa sempre com amigos e que a vida dos mortaes deflúe cercada de invejosos, verdadeiras aves de preza...

A' hora lilaz succedia a hora negra. A noite cahia e um vento frio arripiava as arvores.

— Vamos para a cidade?

— Vamos.

Nihil novum... Todo o mundo sabe da anecdota heroica que se conta de Henrique IV, rei de França, numa das batalhas em que tomou parte. Indicando o pennacho branco que lhe cobria o capacete, dizem que elle exclamara, dirigindo-se aos soldados:

— Segui de longe o meu pennacho branco e sempre o vereis no caminho da gloria!

A idéa é antiquissima. Quem a primeiro enunciou foi Theodorico, rei dos Ostrogodos, numa batalha contra os Gepidos, narrada por Amadeu Thierry. As phrases que se attribuem aos dois reis não são propriamente identicas, porém, no fundo, o episodio é o mesmo sem tirar nem pôr. Thierry o tirou do «Panegyrico de Theodosio», escripto em latim, na época, por Ennodius.

Vendo seus guerreiros hesitarem em avançar, o chefe godo fez trazer o seu estandarte e mandou-o desfraldar sobre sua cabeça, dizendo ás hostes:

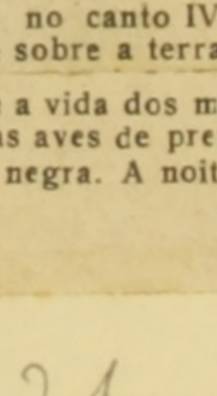
«— Eis o signal que nos indicará o caminho para o inimigo. Que os bravos o sigam, se querem saber onde e como a gente se bate com coragem!»

5 - Março - 1921

Analogias... No nosso paiz a cultura geral é tão rara e a falta de senso artistico é tão grande que, no seio luxuriante de nossa formidavel natureza, todas as obras dos homens parecem não sómente apoucadas como pavorosamente feias. E' verdade que ha coisas feias em toda a parte, porém a feiura das nossas é duma falta de gosto estupendo. As misturas de raças inferiores e a ignorancia produziram no Brasil coisas que, estheticamente, são verdadeiros attentados ás bôas regras que regem o dominio do bello.

Eu não exigiria para um povo novo como somos o atticismo completo, a simplicidade, o gosto da medida e da harmonia que immortalisaram a França. No emtanto, desejaria que desapparecessem as analogias de pessimo gosto, de linhas erradas, de coisas mal feitas, mal copiadas, complicada se abracadabrantes que existem na nossa terra e que são unicas no universo: entre a fachada de pesadelo das casas, o uniforme da «Grande Duchesse» dos soldados, o positivismo da Bandeira e os chapéos mirificos das mulheres...

A MODA



51

"Selecta" - 9 abril - 1921

O MEXICO PITTORESCO

Xochimilco — Canalículo de Flores — El Gran Canal

Xochimilco — Canalículo de Flores

Camino del Mercado

Santiago Pueblecillo a orillas del Lago de Xochimilco

Vendedoras al borde de un Canal

Esperando Embarcaciones para la "Isla de las Aguas"

E' o Mexico, quasi desconhecido para nós outros habitantes da America do Sul, o mais antigo dos paizes irmãos de colonização hespanhola e aquelle onde é maior o prestigio da tradição, sendo o mais original de todos.

As nossas gravuras mostram aspectos lindos e interessantes da sua natureza, uma das mais bellas do mundo, e do seu valente e audaz povo, desse povo que fez a guerra de Sant'Anna e offerece o seu peito glorioso aos golpes terriveis do mais avassalador imperialismo.

Aqui estão os homens dessa raça ardente e poetica, cheia de intelligencia e de hospitalidade, que sabe se bater por um ideal e morrer pela sua liberdade, heroicamente. Aqui estão elles na sua vida simples e bôa, á beira dos rios claros e ao lado dos cordeiros gigantescos, a caminho dos mercados das povoas e á porta de suas cabanas. Homens que «al grito de guerra» sabem aprestar «el acero e el bridon», promptos sempre para qualquer luta em pról do seu paiz ameaçado.

"Fon-Fon" 5 - Março - 1927

UM BEIJO

(Collaboração feminina)

Eu sonhava tornar a vel-o e esse sonho desabou como uma casa mal construida! Se ha um deus protector dos que amam, esse deus está decididamente contra mim.

Sinto o tempo passar com uma rapidez louca, estonteante, e as probabilidades de vel-o de novo diminuem. Desanimo quasi.

Felizmente, ás vezes me illudo e começo intensamente a pensar que elle me ama sempre. Apezar da distancia e do tempo, esse pensamento é tão profundo que crêa por si só a realidade. E conforta-me, então, sentir uma solida e duradoura amizade. Conforta me tanto o sentil-a mesmo em sonho, que parece que elle está pertinho de mim...

E' que, apezar de tudo, uma mulher que ama não se cança nunca de esperar. As Penelopes são menos raras do que se pensa. Ha qualquer coisa no fundo do meu ser que me diz que elle ainda virá. Eu o espero e toda a minha alma e todo o meu corpo o chamam com tal força que elle acabará vindo ter aos meus braços. Porque eu soffro terrivelmente longe delle! E, no meio dessa tortura e pela delicia que ella é em si propria, dou-lhe os meus labios para que nelle colha o beijo que o meu amor lhe offerece.

Mariette

O platano de Xerxes Entre as paixões anormaes que se têm tornado celebres na vida da humanidade não se póde deixar de incluir a de Xerxes, rei da Persia, por um platano. Contam os mais conceituados classicos que o rei dos reis rendeu culto a uma arvore dessa especie pela qual se tomou de amores, na Lydia, ornando os seus ramos de corôas, de braceletes preciosos e de anneis riquissimos.

Ha dias, encontrando, quando ia em companhia dum amigo, na praia do Leme, á tarde, conhecido almofadinha, guiando uma barata, todo bem vestido, com perola na gravata e argolão no dedo, ouvi, espantado, de quem me acompanhava estas palavras ironicas, que valem pelo mais perverso commentario:

— O Platano de Xerxes!

"Selecta" - 9 abril 1921

O MEXICO PITTORESCO

Arlequeo cerro de San Miguel

El Santuario (Aguascalientes) La capilla

El pocinho de Guadalupe

Dentre todas as republicas hispano-americanas no nosso continente o Mexico é aquella que guarda carinhosamente maior numero de tradições dos tempos coloniaes, além das riquezas monumentaes que lhes legou a velha e portentosa civilisação indigena destruida por Fernão Cortez.

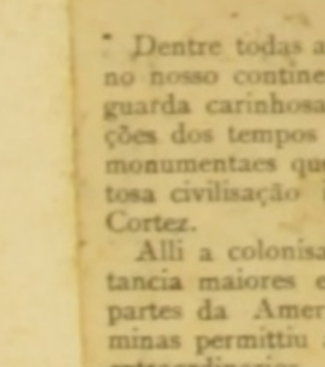
Alli a colonisação assumio aspectos e importancia maiores e mais originaes que em outras partes da America hespanhola e o ouro das minas permittiu a construcção de monumentos extraordinarios.

O Mexico não é o paiz desorganisado e anarchico que certas propagandas injustas e insidiosas procuram fazer crêr, especialmente por meio do cinematographo. E' um paiz excessivamente nobre e tradicionalista, digno da maior admiração e do maior respeito. Ás nossas gravuras de hoje mostram varias de suas grandes obras antigas e historicas: o cerro de São Miguel com as suas arruinadas e curiosas egrejas coloniaes de puro estylo da Renascença Meridional; a capella semi-mourisca e semi-hespanhola de Sacramento; e o pocinho de Guadalupe que é uma verdadeira maravilha architectural em que as columnas e platibandas do Renascimento enquadram a rica e variada ornamentação arabe que recorda a Alhambra encantadora ou o Alcazar de Sevilla. E tal é a força dessas reminiscencias historicas architectonicas que ellas crearam pela sua propria influencia no seu poderoso visinho os Estados Unidos o estylo de casas que os yankees chamam, para lhe negar a origem mexicana vinda da California e do Texas, *Spanish Style*.

"Fon-Fon" - 5 Março 1921

RUSGAS

A MODA



Dou-me intimamente com um jovem casal que tem tudo para ser feliz e até a ultima vez que jantei com o marido, meu amigo e meu collega, não encontrava explicação para o facto das rusgas constantes do mesmo. De tal modo isso me impressionou que nesse jantar resolvi perguntar ao meu amigo a razão das suas constantes desavenças com a mulher. Elle sorrio e respondeu:

— E' um plano.

— Plano como?

— Plano excellente, meu caro. Nós brigamos sempre de commum accordo.

— Muito bem. E?

— E fazemos isso baseados em Terencio e em Horacio, pois que nada mais agradavel do que fazer as pazes depois duma briguinha.

Eu acreditei. Não sei, no emtanto, se os senhores e especialmente as senhoras que porventura leiam esta nota acreditarão...

Animaes mestres dos homens

Os antigos classicos achavam que muita coisa os homens tinham aprendido com os bichos. Esta opinião lhes vinha de observações incompletas e especialmente das reminiscencias dos velhos totemismos, isto é das crenças das tribus primitivas na protecção que certos animaes lhes dispensavam.

Seneca e Plutarcho pretendiam que a humanidade aprendera com a andorinha a construir casas e com a aranha a tecer pannos. Dahi a lenda graciosa de Arachné, mulher e aranha ao mesmo tempo. Entretanto, houve escriptores gregos e latinos que refutaram essas e outras affirmações. Eliano, por exemplo, nos seus dois capitulos sobre as aranhas, que estão incluidos no seu livro «Historia dos Animaes», refuta o velho mytho oriental, assim como as asserções de que os referidos insectos conhecem a geometria, devidas á regularidade de suas teias.

Hoje em dia, na materialidade em que nos afogamos, essas coisas sómente servem para mostrar de quanto encanto quasi pueril se cercava a erudição dos nossos mais recuados antepassados.

53

"Fon-Fon" 5 Março 1921

FON-FON EM PRAGA

Agora que o governo brasileiro, respondendo ao gesto amigo da republica Tcheco-Slovaca que enviou como seu ministro no Rio de Janeiro o illustre diplomata Sr. Jan Harlasa, acaba de decretar a creação d'uma legação do Brasil em Praga, vem a proposito mostrar o valor que tem nesse novo e forte paiz a intellectualidade dos homens de Estado e como lá se aprecia a intelligencia. E' conveniente accrescentar que a nação Tcheco-Slovaca é formada pela Moravia, pela Silesia e pelo antigo reino da Bohemia.

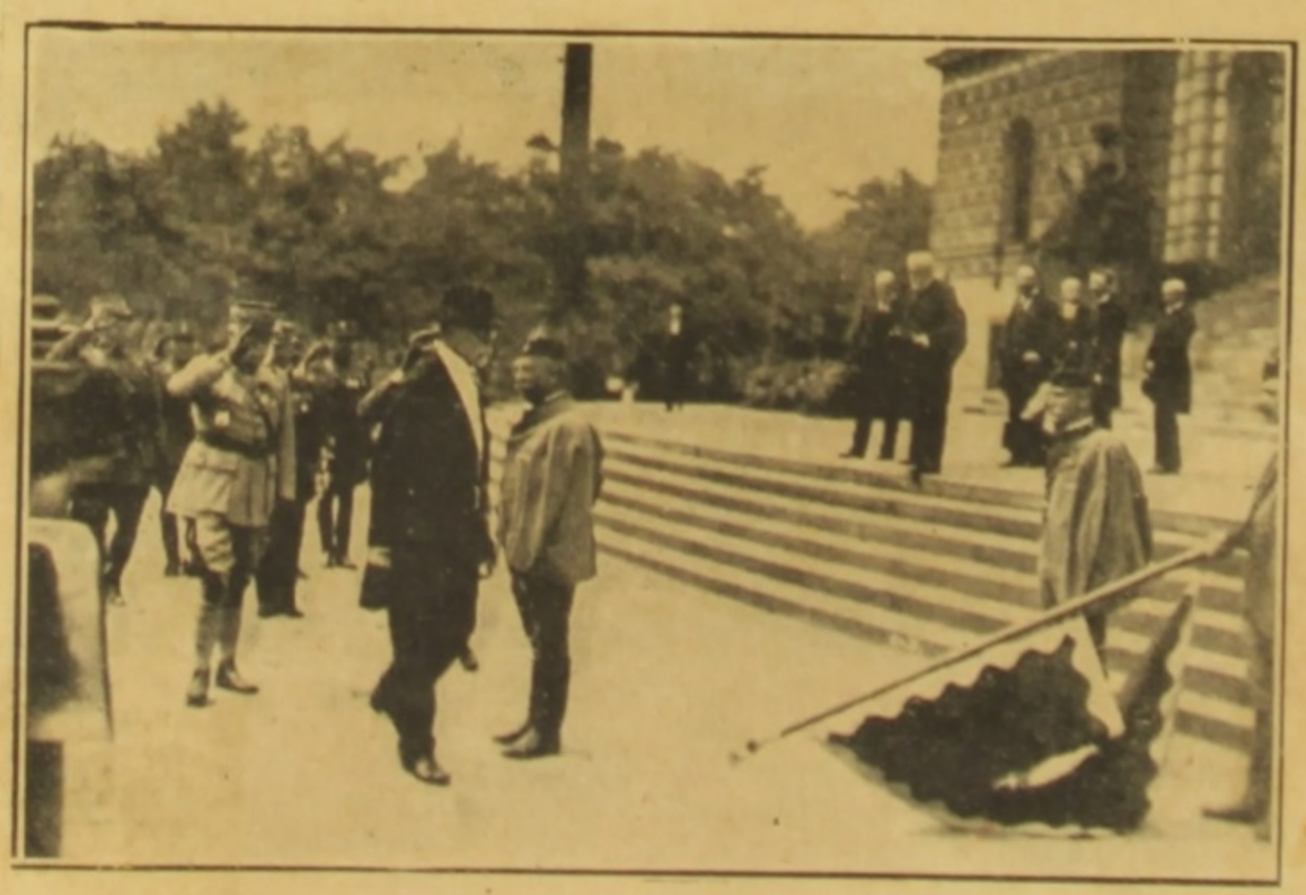
Ha dias o telegrapho noticiou que o Instituto Internacional de Sociologia de Paris elegêra seus vice-presidentes

os Presidentes Wilson, Poincaré e Bernardino Machado no mesmo dia em que homenageava o Professor Masaryk, presidente actual da Republica da Tcheco-Slovaquia com o alto cargo de seu presidente. O Professor Masaryk é, no momento presente, um dos homens de maior evidencia no mundo pela sua alta cultura e pelos seus notaveis trabalhos. Na sua nação, onde a maior recommendação para os mais importantes cargos publicos, é a do merito pelo estudo e pelo trabalho, a da publicação de obras de valor, elle chegou á suprema magistratura e o brilho de seu nome tem irradiado pelos paizes estrangeiros. Antes de ser escolhido presidente do celebre Instituto Internacional de Sociologia de Paris, elle recebêra com todas as honras, na capital do admiravel paiz, o diploma de doutor honorario pela universidade de Zagreb, a mais notavel da Yugo-Slavia. Uma delegação universitaria foi da Servia á Bohemia especialmente levar ao chefe da nação irmã esse honroso pergaminho.

As nossas photographias, tiradas em Praga, capital da Tcheco-Slovaquia, representam a entrega desse diploma pela delegação dos slavos meridionaes. Numa dellas o Presidente Masaryk, de pé, lê o seu discurso de agradecimento, vendo-se de costas, com a suâ béca de gola de arminho o reitor da universidade de Zagreb. Na outra, o Presidente, sentado, tendo á esquerda, o Dr. Benés, chanceller da Republica, examina o diploma que lhe foi offerecido.

"Fon-Fon" 5 Março 1921

NA BOHEMIA



Publicamos ha tempos uma pagina dupla sobre os celebres Sokols (Falcões da Bohemia), isto é, escoteiros maravilhosamente organisados da Tcheco-Slovaquia.

Hoje, a nossa photographia representa o general Pellé, chefe da Missão Militar Franceza no referido paiz, em companhia do Presidente Masaryk, chefe da joven nação slava, dirigindo-se ambos, em frente do Congresso Nacional de Praga, para saudar a gloriosa bandeira dos Sokols, após tel-os passado em revista.

A photographia é tanto mais interessante quanto mostra, no primeiro plano, o presidente Masaryk, homem de lettras e de sciencia, sabio eminente, cujo anniversario natalicio transcorreu no dia 7 do mez corrente e sobre o qual longamente falou, por esse motivo, a nossa imprensa diaria.

"Fon-Fon" 5 Março 1921

O Monstro Naquella curva maravilhosa da Avenida Atlantica ha um objecto de difficil determinação que enche de horror os olhos daquelles que amam o que é verdadeiramente bello. E' tão monstruoso que dá vontade de se arranjar uma bomba de dynamite, pôr debaixo delle e fazel o ir pelos ares em frangalhos!

E' um marco tosco de granito, rugoso, leprento, montado sobre um pedestal, onde ha varias compoteiras, felizmente vasias, cheio de placas e de lettreiros, que, parece, commemora a inauguração daquella linda via publica, digna de melhor sorte. Se ainda estivessemos na época do paganismo, no tempo em que os deuses Terminus marcavam os limites das terras, aquillo teria appellido digno dos epigrammas de Martial...

Eia, dynamiteiros das padarias do Rio, um gesto em pról dos nossos fóros artisticos! Agarrai uma das vossas bombas e em logar de com ella fazerdes arrebentar a porta duma padaria ou os *gabinetes* da Gloria, atirai-a numa daquellas compoteiras, para que desappareça do meio da Avenida Atlantica aquelle monstro de pedra bruta, aquella silenciosa *offense aux moeurs!*

A MODA

"Fon-Fon" 16 Abril 1921

Paciencia... Voltava de bonde, de Copacabana, pela manhã, com um amigo meu, de nacionalidade americana, negociante astuto e observador sagaz de nossas coisas. Como bom brasileiro, fallei mal de minha gente e do meu paiz. O yankee moita. Continuei a fallar mal do governo e dos jornaes. Silencio.

Já ao chegar á Gloria, o americano disse-me, com um claro sorriso ironico, estas palavras:

— Senhores brasileiros precisam muito mudar a divisa de sua bandeira. Apagar o *ordem e progresso*, escrevendo no mesmo lugar — *Paciencia! Será o que Deus quizer!*

Ahi quem silenciou fui eu. Ennumerára nossos erros deante dum homem que já observára os nossos dois maiores defeitos: a preguiça de agir que nos faz dizer a cada passo — Paciencia! e a especie de fatalismo estupido que della resulta: será o que Deus quizer!

"Selecta" - 5 Março 1921

OS FLAGELLADOS DA EUROPA

Ha tempos, publicamos um artigo, acompanhado de photographias, sobre a miseria que, em consequencia de guerra, reina em certos paizes do velho mundo, especialmente naquelles que tiveram a infelicidade de ser invadidos ou de soffrerem espantosas convulsões politicas e sociaes. Novos documentos a respeito nos chegam agora ás mãos, remettidos pela União Internacional de Soccorros ás Creanças, cuja séde é em Genebra, na Suissa, e que, sob os auspicios da Cruz Vermelha, está procurando salvar da fome e das doenças as victimas innocentes da Grande Guerra.

Meninos abandonados da Ukrania, da Polonia e da Russia recolhidos, depois de reduzidos pelo abandono e pela fome quasi a estado selvagem, ao orphelinato da Cruz Vermelha, em Brest Litovsk.

Para se avaliar da infelicidade em que se vêm envolvidos os pobres meninos dos paizes torturados pela guerra, bastará fazer notar que na Yugo Slavia (Servia, Croacia, Bosnia, Herzegovina, Slovenia) existem 500.000 orphãos, dos quaes 100.000 não têm mãe nem pae! Que na Gallicia, na Ukrania, na Pequena Russia ha milhares de creanças de ambos os sexos inteiramente abandonadas, vagando pelos mattos e pelos caminhos sem destino, núas e famintos! Que nas regiões devastadas da França, da Italia e da Belgica outros milhares de innocentes não têm leite sufficiente, nem roupas, nem habitações! Que na Hungria os meninos dormem em profusão no chão de casas arruinadas, expostos ao frio e á promiscuidade a mais horrivel! Que em Vienna elles morrem de fome pelas ruas.

As nossas photographias illustram inteiramente essa miseria terrivel e dolorosa. E os flagellados da Europa appellam por intermedio da Cruz Vermelha de Genebra para todas as almas compassivas do mundo, para todos aquelles que acceitem e propaguem o ensinamento misericordioso do Christo: « *Sinite parvulos ad me venire!* »

Orphãos miseraveis na Yugo-Slavia

Cosinhas americanas de soccorro, em Vienna, distribuindo alimento ás crianças.

Uma creança sem protecção acolhida pela Cruz Vermelha nas regiões devastadas da França.

Uma viuva e seus filhos, famintos e doentes, num canto de casa, em Buda Pesth.

"Fon-Fon" 16 Abril 1921

Contar estrellas... Noite alta. Iamos a passo, conversando, pela longa avenida do Leblon, estrellejada de luzes. Na escuridão do céo, por traz da escuridão do massiço da Gavea um clarão leve subia no espaço. E com elle surgio o crescente pallido da lua.

Eu murmurei:

« La déesse aux cornes d'argent,
Qui change dans un ciel changeant. »

Como se para aquillo contribuisse a tenue claridade lunar, todas as estrellas brilhavam com maior rigor na amplidão. O Cruzeiro refulgia. O boldrié luminoso de Orion scintillava ao poente. A cauda retorcida do Escorpião faiscava. Outros luzeiros chammejavam. E Claudio França recitou a meia voz aquella nossa maliciosa e encantadora quadra popular:

« Lembras-te de quando contámos,
Da noite envoltos no véo,
Eu — as areias da praia,
Tu — as estrellas do céo? »

Ambos começamos, embora caminhando, a rir bem alto. E o nosso riso perturbava nas vastas e claras areias aquelles e aquellas que as contavam, ou que contavam as estrellas.

Sedú e Lamassú Entrámos no Assyrio, para jantar. Depois de termos dado os chapéos e os sobretudos a guardar, e de termos endireitado os laços das gravatas e a gola das casacas ao espelho, eu e Claudio França nos sentámos a uma mesa discreta, entre dois dos Kerubs ou touros alados que sustentam o tecto.

Ao servir-nos o criado o champagne, Claudio falleu:

— Vamos ter sorte esta noite, porque nos sentámos entre o Sedú e o Lamassú.

— Como? Que queres dizer?

O meu amigo sorrio e explicou:

— Na Assyria antiga, diz o padre Dhorme (até hoje quem melhor estudou a sua religião), acreditava-se em duas categorias de genios protectores dos homens: os sedús e os lamassús. Dahi se collocarem á porta dos templos e dos palacios sempre um sedú e um lamassú, touros alados de sorriso grave e magestoso. Elles protegiam as casas e seus moradores. Por isso acredito que hoje nos protejam.

Dahi a minutos, duas lindas creaturas vieram jantar na mesa proxima. E taes foram os fluidos protectores emanados do Sedú e do Lamassú que, dentro de segundos, as bellas visinhas passaram-se para a nossa companhia...

55

"Selecto" 23 abril 1921

CARTAS A' LIA

Minha bôa amiga. — *Respondo hoje a tua ultima carta recebida hontem, pelo correio da tarde e satisfaço o teu «grande» pedido, enviando-te o livro —* Casa de Maribondos *de João do Norte. Tu que conheceste João do Norte, lendo as maravilhosas paginas de* Terra de Sol, Praias e Varzeas, e Heroes e Bandidos, *ficarás admirando o mais ainda hoje lendo as formosas paginas desse livro, onde, em cada uma dellas encontrarás um novo encanto, onde, em cada*

pagina verás espelhada, sob uma nova fórma, uma alma de artista verdadeiro, um temperamento delicado e emotivo.

Gustavo Barroso, é dos modernos escriptores, um dos mais perfeitos, no estylo e na linguagem. O seu ultimo livro é bem a affirmativa do que digo, a prova real desse conceito, que não é só meu, mas de todos os que têm a ventura de conhecel-o.

Esta pagina, dir-te-ha, melhor do que todos os meus qualificativos do valor desse trabalho litterario:

A BEATA

João Pelludo, mulato vêsgo e encapetado, era sacristão da egreja de Nossa Senhora do Perpetuo Soccorro. A padroeira, com o menino Jesus ao collo, envolta no manto negro, toda rodeada de velas e de flôres, passava por muito milagrosa, especialmente em questões de arranjar ou desmanchar casamentos. Por isso, principalmente, estava sempre o templo, á tardinha, depois dos officios, cheio de beatas ajoelhadas rente á grade do altar mór, as contas do rosario correndo entre os dedos magros, faces pallidas descahidas, balbuciando preces fervorosas.

João Pelludo conhecia-as uma por uma e á custa das gorgetas que com bôas labias lhes extorquia comprára o seu ultimo fato domingueiro. Os minguados proventos da sacristia mal lhe davam para morar e comer com a mulher e os oito filhos que Deus generosamente lhe concedera. Se lhe não valesse a esperteza nata, viveria na mais profunda miseria.

Uma das beatas nunca lhe dera um vintem, por mais que a engambellasse, e era a que mais se demorava na egreja, sahindo sómente depois de todas as outras, quando o sacristão meio enfesado lhe vinha dizer:

— São horas de fechar as portas.

Era ella d. Benedicta Góes, solteirona de quarenta e cinco annos, que ainda não perdera a esperança de casar e affirmava serenamente ter vinte e nove annos e nove mezes. Mostrando-se toda lamexa por tudo quanto cheirasse a frades, novenas e capellas, tinha mui pronunciada e especial devoção pela Senhora do Perpetuo Soccorro.

Uma feita, ouvio o Pelludo cahir-lhe dos labios esta supplica:

— Minha Nossa Senhora, permitti que eu não morra sem me casar! Fazei com que o Joaquim Limão, que mora lá defronte de caso, largue aquella mulata em cuja companhia vive em peccado mortal e case commigo, salvando a sua alma das garras de Satanaz!

E todas as tardes, desde então, occulto por detraz duma columna, o rato de egreja escutava o mesmo pedido, resmungando:

— A bicha anda arrancando para se casar, mas eu ainda lhe prego uma peça, tão bôa que ella sahirá daqui vendendo azeite ás canadas! Um demonio que nunca me deu um dez-réis!

O sacristão, uma vez que andava limpando as imagens, descobrio que o Menino Jesus, que a Virgem segurava nos braços, tinha a cabeça presa ao corpo por uma simples tarracha, já muito gasta pelo tempo, de maneira que, ao menor impulso, oscillava. Resolveu com aquella cabeça movel pregar uma peça á dona Benedicta.

No dia seguinte, amarrou um cordel no pescoço do pequeno Jesus e com uma das pontas na mão, escondeu se atraz do altar, logo que a beata ficou só na egreja meia escura.

Conforme o costume, a solteirona, ajoelhada em frente á imagem, fez a sua supplica. O Pelludo puxou o cordão e a cabeça do Jesus balançou para um lado e outro, fazendo que não. Dona Benedicta sobresaltou-se, pôz-se de repente de pé, olhos arregalados, sem poder pronunciar uma palavra. Era um milagre! Mas a pouco e pouco foi se acalmando. O Menino Deus continuava a abalar a cabeça. E a beata, tremula, mas indignada, não se conteve, explodio:

— Não estou pedindo nada a você, «seu» intromettido! Estou pedindo á sua mãe que é mulher como eu e sabe as «necessidades» que a gente soffre quando não se casa!...

Com um abraço e uma saudade do teu

Jacintho.

"Fon-Fon" 16 - abril - 1921

Tinturaria Em um dos nossos bairros mais elegantes ha um cinema frequentado pela gente da melhor sociedade, cinema esse cujo aspecto é dos mais curiosos desta cidade.

Imaginem que parece com um vagão de estrada de ferro colossal, tendo portas baixas e uma guarita de vender bilhetes de entrada, semelhante a um obuz de 350 de pé.

Essa architectura modernissima obrigou o seu autor a crear tambem um genero de ornamentação para a fechada do tal cinematographo. Já havia a escola cubista: o nosso architecto creou a losangular: e zás! pespegou no focinho da casa uma quantidade incontavel de losangos pretos, rôxos, amarellos, azues, brancos, verdes, cinzentos, pardos, alaranjados, purpurinos, argenteados.

Sabem qual o resultado? Todo o mundo no tal bairro elegantissimo não diz mais — Vou ao cinema — sim, com a mais terrivel ironia:

— Vou á tinturaria...

A dansa Atravessei com Claudio França a grande sala de baile dum dos nossos hoteis elegantes, uma noite destas. E ao vêr o agarramento dos almofadinhas e melindrosas, aquella *esfregação*, desculpem a palavra, qué todos nós conhemos, tonitroei condemnações terriveis contra as dansas modernas, dizendo que eram signal de degenerescencia e que se perdêra a nobreza, a elegancia e a honestidade das dansas antigas.

Claudio replicou-me:

— Nas gravuras se vêm essas qualidades. Mas na pratica os antigos dansavam tão maldosamente como nós.

Dias depois, indo á casa do meu amigo, elle tirou dum cofre um livro publicado em Langres, em 1588, a «Orchesographia» de Thoinot Arbeau, pseudonymo de Jean Tabourot, e deu-me a ler esta pagina, que traduzo, para gaudio dos nossos dansarinos, que talvez não entendessem bem o fraucez daquella época:

«As dansas se praticam para se poder saber se os namorados estão sãos e bem dispostos: no fim dellas é-lhes permittido abraçaram-se e beijarem-se, afim de poderem respectivamente sentir e cheirar uns aos outros, vendo se têm halito agradavel ou não, de modo que, além dessas facilidades ella é mais que necessaria á boa ordem da sociedade.»

Que os leitores commentem a opinião de Tabourot...

30 abril "Selecto" 1921

A CAPITAL DO MEXICO

É incontestavelmente uma das mais bellas cidades actuaes do mundo a populosa e elegante capital da Republica dos Estados-Unidos do Mexico. A sua admiravel posição topographica, as suas longas e largas avenidas bordadas de edificios sumptuosos, os seus floridos jardins, as suas magestosas alamedas, a limpeza de suas ruas, o encanto do seu céo e a hospitalidade do seu povo, tudo isso faz da capital mexicana uma cidade agradavel e attrahente.

Cidade muito antiga, que os castelhanos de Fernão Cortez encontraram ao penetrarem no Mexico deslumbrante de riquezas dos aztecas, mirando-se no calmo espelho dum lago admiravel, ella se tem transformado ao sabor dos annos duma maneira inesperada e encantadora. Da séde monumental e mysteriosa do governo dos Guatimozins e dos Montezumas passou a ser a cidade colonial e curiosa, onde vinham despejar rios de dinheiro, os felizes buscadores de ouro. Depois do cura Hidalgo, ella foi a metropole irrequieta dum joven paiz republicano. E agora se apresenta taful e rica, ostentando todas as galas e todo o conforto duma capital adiantada.

As nossas photographias mostram alguns aspectos de sua encantadora belleza. Vemos a sua ultra-modernisação nas immensas e amplas avenidas recentemente rasgadas e ainda não construidas, como as que se encontram na grande praça em que se ergue a estatua a cavallo dum rei hespanhol, na soberba construcção dum formoso theatro ou nos edificios admiraveis da avenida Juarez e do Centro Mercantil.

Contemplamol-a no seu amor á historia, tradicional e severa, naquelle magestoso monumento elevado á memoria de Guatimozin, o soberano assado na grelha pelos hespanhóes avidos de ouro, que murmurava sorrindo ao seu ministro que se lamentava por soffrer as mesmas cruciantes dôres: «Estarei porventura sobre um leito de rosas?» Ainda na imponente e assombrosa fachada de sua Cathedral, onde as legiões de santos se perfilam entre graciosos e cinzelados columnêlos, e tudo relembra a vida religiosa e guerreira, aventureira e fanatica da Colonisação.

E, por fim, podemos olhal-a moderna, mas guardando as tradições dos velhos estylos peninsulares na magestade architectural do Paço Municipal e da Escola de Engenharia.

A nossa capa de hoje tambem consta duma linda vista da capital do Mexico e para ella chamamos tambem a attenção de nossos queridos leitores. E' um dos monumentos mais interessantes do Continente em geral e de alta significação nacional para a nação amiga. E' a Columna da Independencia, rodeada de grupos historicos de marmore, entre os quaes o cura Hidalgo, com a bandeira nacional em punho, encimado por uma Victoria alada que corôa de louro e myrto a liberdade nascente do paiz irmão. Esse monumento foi erigido em 1910, quando se celebrou o primeiro centenario da Independencia Mexicana.

Selecto 30 abril 1921

O dr. Guilherme Studart, Barão de Studart, cujo retrato encima estas linhas, é um dos cearenses que mais relevantes serviços têm prestado ao seu torrão natal. Medico e consul da Inglaterra em Fortaleza, tem-se dedicado infatigavelmente ao ingrato labor de colleccionar os melhores documentos para a historia cearense, sendo nessa materia a maior autoridade, hoje em dia, no Brasil. Membro benemerito ou fundador de todas as sociedades litterarias e scientificas do seu Estado Natal e de quasi todas do seu paiz, pertence ao Instituto Historico Brasileiro, como benemerito, á Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, á Sociedade de Sciencias Medicas de Lisbôa, á British Medical Association de Londres, á Sociedade de Geographia de Paris, á Sociedade de Geographia de Lisbôa, á Sociedade de Geographia de Havre, á Sociedade Bibliographica de França, á Academia Nacional de Historia de Venezuela, á Academia Physico Chimica de Palermo e á Sociedade Academica de Historia Internacional de Paris. Tem representado o Ceará em varios congressos scientificos e já foi nomeado para representar o Instituto Historico e Geographico Brasileiro no Congresso de Historia Continental Americana a realisar-se no Rio, em 1922.

Entre os seus numerosos trabalhos publicados em revistas, jornaes, folhetos e livros, encontram-se os seguintes: "Tres mil datas para a Historia do Ceará", "Diccionario Bio-Bibliographico Cearense", "Martin Soares Moreno, o fundador do Ceará", Ineditos do Padre Antonio Vieira", "Jesuitas e Jesuitismo", "O padre mestre Ignacio Rolim".

"Fon-Fon" 16 abril 1921

A arvore das batalhas Li, outro dia, uma longa, arida, dogmatica parlenda ou sabbatina positivoide, pretenciosa, contra a guerra. Pensei com tristeza na gente que perde seu tempo a querer extirpar da humanidade paixões que com ella nasceram e com ella morrerão, que são, no fundo, razões fundamentaes de sua propria existencia. Quão melhor é ter para ellas um sorriso elegante de elegante ironia!

Mais alto que essa dissertação esteril e semi-idiota, eu ponho a graça singela e a verdade profunda duma figura que vi na Bibliotheca Real de Bruxellas, desenhada sobre velho pergaminho, nas paginas do celebre manuscripto de Honoré Bouet «A Arvore das Batalhas». Não li nada do livro, mas creio que a estampa é o resumo do que contem, e ella me ficou na memoria. O seu titulo é o mesmo do folio: arvore das batalhas. Representa uma arvore e sobre cada galho dois individuos se batem. Em baixo, dois servos e suas mulheres se agatanham e jogam páu. Mais alto, dois soldados esgrimem furiosamente. Ao lado, dois mesteiraes atiram seus instrumentos á cabeça um do outro. Sobre elles, dois burguezes se apunhalam e dois nobres, mais acima, terçam lanças. No cimo da arvore, dois reis se batem com os seus sceptros de ouro. E no alto do céo os deuses do paganismo e do christianismo lutam como os homens...

Os esmaltes da heraldica

Como o meu amigo Claudio França é um homem que passa a vida a lêr e estudar, procurando saber tudo, quando ignoro qualquer coisa vou perguntar-lhe logo. Outro dia, indaguei delle porque motivo as côres ou esmaltes dos brazões nobiliarchicos se exprimem por palavras differentes das mesmas côres fóra da heraldica. Assim, o azul é na sciencia do brazão *blau*; o preto, *saibro* ou *sable*; o verde, *sinopla*; o vermelho, *góles*.

Elle explicou-me:

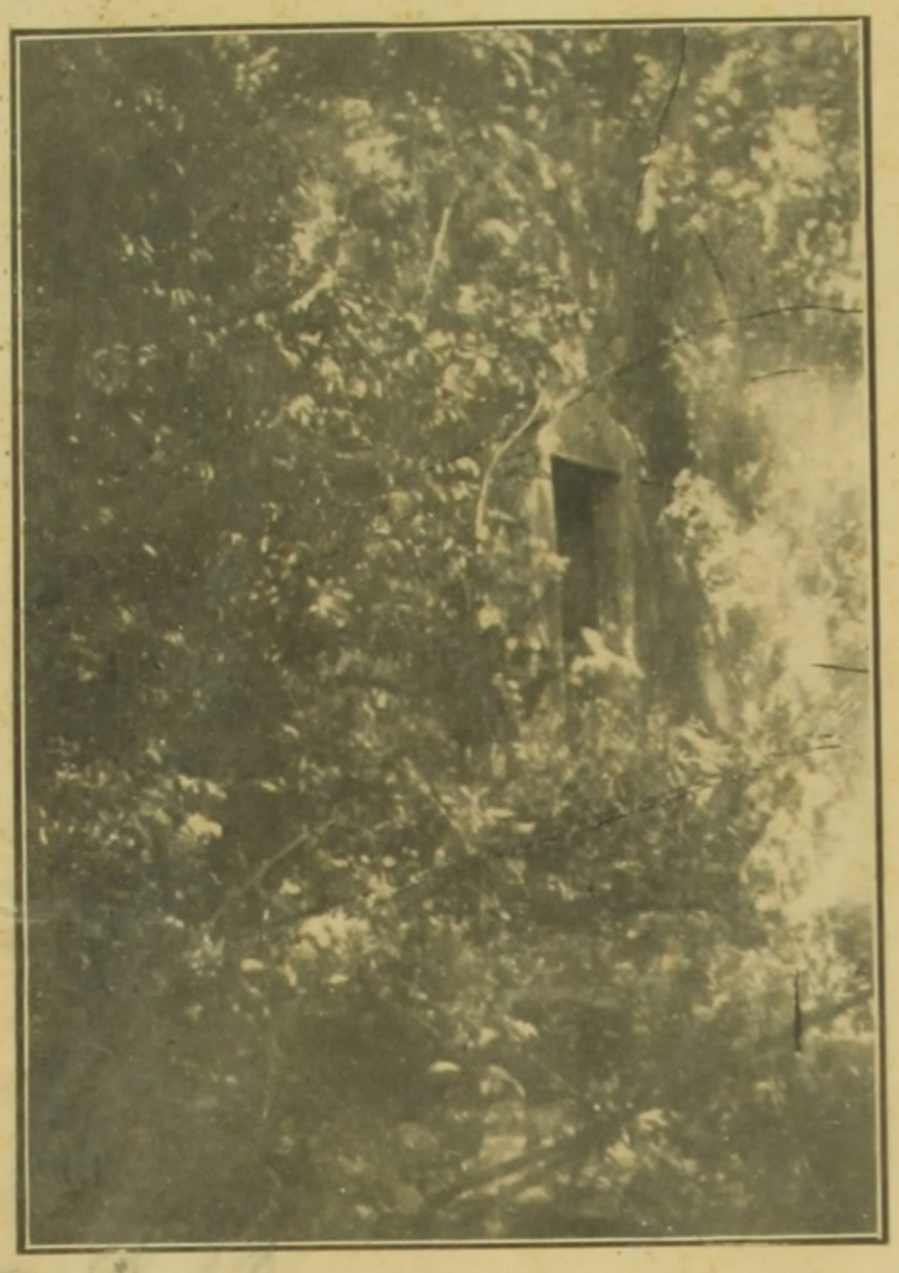
— A heraldica chegou ao seu apogeu com as cruzadas e os nomes de suas côres guarda a sua fórma antiga. Blau é fórma obsoleta de azul. Saibro ou sable quer dizer areia e o fundo preto dos escudos de armas representam o chão. Sinopla vem da cidade de Sinope na Asia Menor, de onde os cruzados trouxeram a materia prima que dava a mais bella côr verde então conhecida. O vermelho chama-se góles, porque os cavalleiros das cruzadas costumavam guarnecer o pescoço, a gola, portanto, com pelles tintas de encarnado: pelo menos é o que textualmente diz São Bernardo, apostolo da segunda cruzada: «*murium rubricatas pelliculas quas* gulas *vocant.*»

A cerveja e a mulher Emquanto os homens que escrevem em França se têm principalmente occupado da mulher sob esta ou aquella fórma, parece que os autores allemães se têm occupado mais da cerveja.

Esta reflexão nos cáe da penna deante das paginas dum livro allemão moderno — *O Subdito*, de Henrique Mann, sobre a guerra. Nelle um dos personagens do romance tudesco mostra a superioridade da cerveja. Diz elle:

«A cerveja não parece com as mulheres, que são voluveis. A cerveja é fiel. A cerveja é constante. Para bebel-a, não é preciso agir, querer e esperar como para obter a mulher... E a cerveja eleva de tal modo o homem acima delle proprio que elle chega a avistar Deus!»

Que as nossas patricias, lendo taes heresias germanicas, peçam a Deus que os homens de lettras do Brasil não se mettam um dia a preferir a nacionalissima caxaça ás suas graças estonteantes!...



Janella do antigo Convento dos Jesuitas, hoje em ruinas, perto de S. Lourenço, Rio Grande do Sul.

Imagens de santos que foram do antigo Convento dos Jesuitas em S. Lourenço.

O illustre sr. coronel Barot, digno e competente official do exercito francez, que desempenhou bello papel na guerra contra a Allemanha e, fazendo parte da Missão Militar Franceza, que tantos serviços nos está prestando, esteve recentemente em visita ao Estado do Rio Grande do Sul e de lá nos trouxe, como lembrança, as suas photographias, que temos o prazer de publicar e que fôram tiradas por elle proprio.

Uma dellas representa uma parte das ruinas do antigo convento dos jesuitas de São Lourenço, nas proximidades das nossas fronteiras meridionaes, na região onde os irmãos da Companhia de Jesus semearam vastas missões que parte dellas ficou sendo chamada Territorio das Missões. Entre a pujante vegetação creada pelo abandono do velho mosteiro se vê uma janella no gosto da Renascença meridional européa, já meia invadida pelos galhos das arvores. Outra mostra tres grandes imagens de santos de madeira pintada, muito estragadas pelo tempo, obras de arte colonial interessantissimas, que pouco a pouco serão destruidas, o que é verdadeiramente triste. Essas imagens provêm certamente da egreja do referido convento, pois que se acham nas proximidades delle, junto a uma venda, debaixo dum telheiro ordinario, expostas a todas as intemperies. E' até de admirar que ainda existam e que não tenham servido para assar o churasco dum vaqueano qualquer. As partes dessas figuras, que apparecem mutiladas na photographia, estão espalhadas pelo chão, em torno dellas.

Tanto as ruinas em questão como essas curiosas estatuas de santos se encontram a vinte e cinco kilometros da Estação de S. Luiz, no Estado do Rio Grande do Sul. Publicando as duas photographias que gentilmente nos deu o illustre coronel Barot, pedimos ao governo que não consinta se percam tão interessantes reliquias do nosso passado historico.

Presentemente, o senhor dr. Alfredo Pinto, ministro da Justiça, dizem que muito se esforça pela organisação dum museu historico para o centenario de nossa independencia. Não lhe custará muito, cremos, mandar recolher, ás salas de arte religiosa colonial do mesmo, as bellas imagens de madeira abandonadas em S. Lourenço. Chamamos por isso para o caso, confiantemente, a attenção do mesmo sr. ministro.

Gente rusalgar

A MODA

Eu ia um domingo destes por uma deserta e sympathica rua de Santa Thereza, em companhia dum nortista, meu patricio, homem aferrado aos usos, habitos e costumes de sua terra natal como nenhum outro tenho conhecido, apezar de já ter ido á Europa cinco vezes e de morar no Rio ha trinta annos.

A' nossa frente passou um sujeito baixote, gordo e rusolgar. O meu amigo benzeu-se repentinamente e murmurou:

— Vae para o Inferno, sarará!

Indaguei o que queriam dizer essas palavras e porque se persignára. Elle respondeu-me, sorrindo, que era um habito tão inveterado nelle que se não pudera conter.

— Então, você não sabe, continuou, que os sujeitos dessa côr, que no sertão cearense se chamam *sarards*, dão má sorte?

— Não, nunca soube.

— Pois dão, e terrivel! Não ha gente mais perigosa do que a rusalgar, a sarará. E' um horror! Meu avô jurava — e elle era do Cariry — que gente rusalgar posta de cabeça para baixo deita uma espuma que é veneno!

Eu disparei a rir...

Limpar fachadas

A MODA

Parei naquella praça ensolada, deante dos andaimes dos empregados da Prefeitura, que lavavam com sapolio uma das nossas mais bellas estatuas. Vandalismo! E deparei defronte com pedreiros que bruniam a escôpro os alizares de granito duma casa. Que horror! Claudio França, que vinha comigo achou graça que eu, morador antigo do Rio, ainda me espantasse da estupidez administrativa da cidade.

— Aqui — como em todo o paiz novo, pretencioso, ignorante, sem gosto e sem amor á tradição — tudo tem que ser polido, lavado, esfregado, areiado, de modo que a cidade jamais conseguirá o aspecto solemne das capitaes européas. Aqui se declarou guerra feroz ao mugre, á pátina. Quando o tempo doura as pedras dos edificios ou as sombreia de rôxo e negro, o prefeito manda esfregal-as. Quando os annos esverdêam as estatuas, faz ensaboal-as. Dizem que é horror ao sujo. E' simplesmente *besteira*...

Fomos andando e Claudio contou-me o seguinte caso:

— Um yankee inventou um apparelho para limpar fachadas e pedestaes de monumentos. Tirou patente de invenção e foi offerecer o seu invento por todas as cidades do mundo, depois de o ter impingido a todas as do seu paiz natal, facilmente. Começou a offerta por Paris, onde propôz á edilidade tornar limpa, novinha em folha a fachada da Opera. Os edis, horrorisados, recusaram aquillo como um sacrilegio. Limpar a fachada veneravel, solemne, assombrosa da Opera!! E o nosso americano sahio de Paris sem encontrar uma cas[illegible]par[illegible]ar dessa maneira.

Despedimo nos na esquina proxima e eu findei assim a conversa:

— Meu caro Claudio, si sabes o endereço desse limpador manda-o ao Carlos Sampaio, para que o chame para pôr o Rio novo e *clinquant*, horrorosamente novinho em folha... Até parece que o Carlos Sampaio nunca esteve em Paris... ou, se esteve, não vio...

O automovel de Troya

A MODA

Todo o mundo sabe, certamente, porque se costuma dizer em latim «Timeo Danaos et dona ferentes», receio os gregos e os seus presentes. Todo o mundo sabe da historia homerica do cavallo de páu deixado pelos gregos em retirada ás portas de Troya, como presente. Os troyanos o recolheram e, de noite, do seu bucho sahiram os guerreiros que alli estavam escondidos, os quaes abriram as portas da praça, nella introduzindo os que dez annos a sitiaram. Pois a historia que vou contar, passada entre dois amigos meus, nada mais é do que a edição ultra moderna daquelle episodio historico-lendario narrado pelos velhos rhapsodos da Hellenia.

Um desses meus amigos, tendo de partir para a Europa e devendo grandes favores, immensos favores mesmo, ao outro, offereceu-lhe um bello *coupé* Panhard-Levasseur que este ambicionava havia longo tempo. Mas imaginem que a «carrosserie» do carro estava comida de cupins e que esses terriveis insectos destruidores estão dando agora cabo de moveis, molduras e soalhos da casa do infeliz, onde nunca tinham apparecido e penetraram levados por esse presente grego.

Sabendo do caso, averiguei com horror que o primeiro amigo, quando deu o auto ao segundo, sabia muito bem o que dava... E é por isso que eu chamo a esse *coupé* o automovel de Troya...